UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS

CAMILA BOZZO MOREIRA

**Sobre o conceito de intradutibilidade na teoria da linguagem presente
no *Ensaio sobre o entendimento humano*, de John Locke**

São Paulo

2017

CAMILA BOZZO MOREIRA

**Sobre o conceito de intradutibilidade na teoria da linguagem presente no
Ensaio sobre o entendimento humano, de John Locke**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Mestre em Letras

Área de Concentração: Estudos da
Tradução

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Lindo

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Moreira, Camila Bozzo.

M827s Sobre o conceito de intradutibilidade na teoria da
 linguagem presente no *Ensaio sobre o entendimento humano*, de
 John Locke/ Camila Bozzo Moreira; orientador Luiz Antônio Lindo.
 - São Paulo, 2017.
 365 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Modernas. Área de concentração:
Estudos da Tradução.

1. John Locke - Teoria da Linguagem. 2.
Intradutibilidade - Estudos da Tradução. 3. Filosofia da
Linguagem. I. Lindo, Luiz Antônio, orient. II. Título.

Nome: MOREIRA, Camila Bozzo

Título: Sobre o conceito de intradutibilidade na teoria da linguagem presente no
Ensaio sobre o entendimento humano, de John Locke

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Mestre em Estudos
da Tradução

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À Universidade de São Paulo pela oportunidade de realizar o meu mestrado.

Ao Prof. Dr. Luiz Antônio Lindo pela orientação dedicada e que nestes anos de convivência, muito me ensinou, contribuindo para meu crescimento científico e intelectual.

Ao Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves pela gentileza de participar da banca da minha qualificação com anotações precisas que contribuíram de forma essencial para a minha pesquisa e por compor novamente a banca na minha defesa.

Ao Prof. Dr. John Milton pela gentil participação na banca da minha qualificação destacando aspectos importantes a serem aprofundados na minha pesquisa.

Aos Prof. Dr. João Azenha Jr. E João Paulo Pimenta por ministrarem as disciplinas que foram fundamentais para os primeiros passos da minha pesquisa de forma excepcional.

Aos Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho e Márcio Luiz Moitinha Ribeiro por aceitarem o convite de, como parte da banca examinadora da minha defesa, contribuir para o meu crescimento intelectual.

Aos Prof. Dr. Ângela Maria Zucchi, Douglas Emiliano Batista e Eduardo de Almeida Navarro pela contribuição direta ou indireta ao desenvolvimento da minha pesquisa.

À minha família pelo simples fato de sê-lo.

A todos que incentivaram, influenciaram e instigaram o meu desenvolvimento pessoal e intelectual.

RESUMO

BOZZO, C. **Sobre o conceito de intradutibilidade na teoria da linguagem presente no *Ensaio sobre o entendimento humano*, de John Locke.** 2017. 365ff. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Esta dissertação reserva-se à análise do conceito de intradutibilidade presente na teoria da linguagem desenvolvida por John Locke, no Livro III, *das palavras*, de seu *Ensaio sobre o entendimento humano*, de 1690. Essa teoria visa rejeitar conceitos em voga no séc. XVII, especialmente o inatismo, advogando em favor do argumento de que o entendimento é adquirido por meio da experiência sensorial, sendo esta particular a cada indivíduo. Nesse sentido, a forma como as ideias são apreendidas na mente de cada indivíduo é também particular; a linguagem, portanto, é vista pelo autor como o instrumento responsável por socializar essas ideias particulares e permitir a comunicação. Entretanto, somada à crítica ao inatismo, Locke, no Livro III, questiona i. o emprego abusivo das palavras no contexto científico, ao elencar uma série de ações realizadas por debatedores para impressionar seu ouvinte muito mais do que transmitir um conhecimento e refletir sobre a Verdade e ii. a natureza imperfeita das palavras que compõem a linguagem especialmente devido ao seu comportamento arbitrário, ou seja, sua relação com as ideias que devem representar não é natural, mas imposta pelo homem. Ademais, Locke afirma, também como contraposição às discussões da época, haver duas essências: a nominal, acessível à nossa apreensão e delimitada pelas palavras, e a real, cuja totalidade é inapreensível pela experiência e, por extensão, pelas palavras. Assim, ao defender a intradutibilidade, argumenta em favor de um novo método de investigação filosófica, que leva em consideração a particularidade do falante, a arbitrariedade na relação entre as palavras e as ideias e a impossibilidade de

se acessar a realidade em sua totalidade. A afirmação da intradutibilidade não exclui a prática da tradução, reconhecida por John Locke no mesmo livro III, defende apenas o supracitado. Por isso, esta dissertação também apresenta uma tradução desse Livro III para uma demonstração prática da teoria predicada por esse autor e uma reflexão das escolhas realizadas no intuito de adequar-se aos argumentos levantados e analisados ao longo de toda a dissertação.

Palavras-chave: John Locke – intradutibilidade – teoria da linguagem – Estudos da Tradução

ABSTRACT

BOZZO, C. **On the concept of translatability in John Locke's theory of language present on his *Essay concerning the human understanding***. 2017. 365ff. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

It is intended to analyse the concept of translatability in John Locke's theory of language, which is developed in the Book III, *of words*, of his *Essay concerning human understanding*, in 1690. He rejects the 17th century scholars and the inatism theory claiming that the knowledge is apprehended by sense experiences, which are particular to each one. Hence the ideas are also particular, the language, by that means, is the main instrument used by the humans to convey their thoughts and whose chief end is communication. Locke also rejects other two things: i. the abuse of words causing obscure discourses whose only purpose is to impress the hearer, not to present the truth and ii. the imperfection inherent to the nature of words, because its relation to the ideas is arbitrary and not based on any pattern in nature. Thus, Locke arguments that there are two types of essences: a nominal defined by words and a real, which is impossible to describe, because we have only access to reality through our senses. By defending intranslatability Locke is actually defending a new philosophical method which includes the fact that language is particular to each speaker, the arbitrary relation between words and ideas and the impossibility to comprehend thoroughly reality. However it does not excludes translation itself, recognized by Locke in the same Book III; translating it portrays his theory and proposes a debate concerning the choices made to better convey his view.

Keywords: John Locke – translatability – theory of language – Translation Studies

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Sobre o autor escolhido.....	11
1.2. O porquê desta pesquisa.....	18
1.3. Organização da pesquisa.....	21
2. DO LIVRO III, DAS PALAVRAS, DO ENSAIO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO	23
2.1. Do desenvolvimento do Livro III.....	23
2.2. Das ideias.....	29
3. DA TEORIA DA LINGUAGEM NO ENSAIO	37
3.1. Da rejeição ao inatismo.....	37
3.2. Do mentalismo em Locke.....	41
3.3. Da teoria da linguagem.....	45
3.3.1. Da arbitrariedade.....	49
3.3.2. Da liberdade do indivíduo.....	50
4. DA NATUREZA E SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS	54
4.1. Da natureza das palavras.....	54
4.2. Da significação das palavras.....	63
4.3. Da teoria da retificação.....	67
4.3.1. Para as ideias simples.....	69
4.3.2. Para as ideias complexas.....	70
4.3.2.1. Modos (simples e mistos)	70
4.3.2.2. Substâncias.....	72
5. DA INTRADUTIBILIDADE	77
5.1. Das essências.....	77
5.1.1. Essência real.....	82
5.1.1.1. Como isso implica na tradução.....	84

5.1.2. Essência nominal.....	86
5.1.2.1. Como isso implica na tradução.....	90
5.2. Da arbitrariedade e instabilidade.....	93
5.3. Dos problemas da teoria da retificação.....	96
5.4. Das imperfeições e dos abusos das palavras.....	99
6. DA TRADUÇÃO DO LIVRO III, <i>DAS PALAVRAS</i>	106
6.1. Quanto aos termos.....	108
6.1.1. Postura anti-aristotélica.....	109
6.1.2. Teoria da significação.....	116
6.2. Quanto à sintaxe.....	122
6.2.1. Relações anafóricas.....	124
6.2.2. Extensão dos períodos.....	125
7. CONCLUSÃO	130
8. REFERÊNCIAS	139
9. APÊNDICE: Tradução do Livro III, <i>das palavras</i>	144
10. ANEXO: Book III, <i>of words</i>	144

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende trazer à baila a importância da teoria da linguagem proposta por John Locke no *Ensaio sobre o entendimento humano*, em 1690, para as discussões acerca das reflexões teóricas da tradução. Para tanto, pretende-se analisar a relação mútua entre os argumentos propostos pelo autor para contestar a teoria aristotélica defendida no séc. XVII e o conceito de intradutibilidade, identificável ao longo do *Ensaio* e pontualmente no parágrafo oitavo do capítulo quinto do livro III, *dos nomes dos modos mistos e relações*. Como será possível verificar, esse conceito não retrata uma postura aparentemente ingênua do autor de negar a possibilidade de tradução. Mais do que isso, representa mais um forte argumento para a mudança de posicionamento assumida por ele e por outros filósofos de seu meio intelectual que influenciou os séculos seguintes.

Nesse sentido, julgou-se igualmente necessário propor uma tradução inédita desse Livro III de modo a demonstrar, por meio do próprio conceito de intradutibilidade a ser analisado nesta dissertação, os argumentos defendidos por Locke. Porém, antes que se possa propor estratégias de análise dessa obra, é preciso conhecer¹ e entender o porquê da escolha desse autor.

1.1. Sobre o autor escolhido

John Locke, um dos maiores filósofos europeus do séc. XVII, nasceu em 29 de agosto de 1632, em Somerset, Inglaterra, em uma família burguesa. Graças aos contatos de seu pai no governo local, Locke ingressou em 1647 na *Westminster School*, escola de maior prestígio naquela época. Segundo Milton (2006: 5), a educação focava-se basicamente nas línguas antigas, latim e grego; os alunos mais proficientes academicamente avançavam depois para o aprendizado do hebreu.

¹ A biografia que segue não se pretende abrangente, apenas descreve os pontos da vida de Locke que são relevantes para esta pesquisa

Em 1652, graças ao seu desempenho de destaque, transferiu-se para o *Christ Church College de Oxford*, a melhor universidade da época. Durante os anos em que lá estudou, Locke entrou em contato com a filosofia aristotélica a qual acabou revelando-se-lhe desinteressante: “ele adquiriu um imenso desgosto pelo método escolástico de disputas e de sutilezas lógicas e metafísicas” (MILTON: 2006, 6)². Assim, derivou seus estudos para a filosofia natural. Por volta da mesma época, John Wilkins, fundador da *Royal Society*³, havia assumido a direção do Wadham College⁴. Este também buscava alternativas para os métodos tradicionais escolásticos/ aristotélicos em voga nas universidades, as quais se voltavam mais ao estudo da natureza do que dos livros. Não há documentos que comprovem uma conexão de Locke com o grupo formado e liderado por Wilkins, sabe-se apenas que foi durante seus estudos na universidade que iniciou seus estudos na medicina e na filosofia experimental também investigada pelos *virtuosi* em Wadham (UZGALIS: 2012).

Com a mudança de Wilkins para Londres, em 1660, John Boyle⁵ assumiu a liderança da *Royal Society* e exerceu uma enorme influência na formação filosófica de Locke. Este, depois de ler as teorias de Boyle, entrou em contato com a teoria de Descartes, que também propunha uma alternativa à filosofia aristotélica. Embora com um olhar crítico, são essas leituras⁶ que nortearão os princípios que regem o *Ensaio*, obra de interesse aqui. Como será detalhado oportunamente, ela foi produzida ao longo de vinte anos, entrecortada por outros escritos de igual importância, porém, trazendo questões provenientes dos diferentes contextos de que o autor participou.

² 50 anos antes dele, Thomas Hobbes também havia se decepcionado com esse currículo, que pouco havia se alterado nesse espaço de tempo.

³ Uma das mais importantes e mais antigas instituições destinadas à promoção do conhecimento científico. Sua formalização ocorreu em 1660 com a Carta-Régia do Rei Carlos II.

⁴ Uma das faculdades dentro da Universidade de Oxford.

⁵ De acordo com Uzgalis (2012), Boyle era um filósofo mecânico que entendia o mundo como matéria em movimento.

⁶ J. R. Milton cita que a partir de 1660, Locke incrementou seus estudos com a leitura dos seguintes textos: de Boyle, o *New Essays Physico-Mechanical touching the Spring of Air*, de Descartes, *Diotropics* e *Meteors*, na tradução latina deste, *Principia Philosophiae*; e de Gassendi, *Syntagma Philosophicum* (MILTON: 2006, p. 7)

Outro momento de grande influência na vida Locke ocorreu em 1666, quando conheceu Lord Ashley, que viria a ser o Conde de Shaftesbury⁷ em 1671. Este viera a Oxford para ser tratado de uma doença por David Thomas, com quem Locke compartilhava um laboratório. Estima-se que o contato tenha sido criado aí, afinal, logo depois do tratamento bem sucedido, Locke recebeu um convite para ser o médico pessoal de Lord Ashley em Londres, para onde se mudou em 1667. Essa mudança possibilitou a Locke conviver em meio aos principais acontecimentos políticos entre as décadas de 1670 e 1680 (MILTON: 2006, pp.8-9).

Em Londres, Locke conheceu e teve a oportunidade de trabalhar com o médico Thomas Sydenham, cujo trabalho rendeu-lhe inúmeras anotações, com destaque para *Anatomia*, de 1668, e *De Arte Medica*, de 1669.

Esses dois artigos são de grande importância por si só, como destacam Peter Anstey e John Burrows⁸ (2009: 1), pelas contribuições na medicina. Além disso, é possível identificar a partir das colocações feitas neles o desenvolvimento intelectual de Locke que culminou na primeira versão do que mais tarde se tornaria o *Ensaio*⁹: Locke rejeita o levantamento de hipóteses e especulações médicas. Anstey observa que:

Depois da declaração inicial relativa à importância inquestionável de se encontrar um método correto para a medicina, Locke volta-se às falhas tanto de escritores passados quanto presentes na medicina. A bem da verdade, o ensaio quase não contém uma doutrina positiva, excetuando os comentários gerais a respeito da importância da observação - a qual, sem dúvida, deveria ser desenvolvida nas seções inacabadas do trabalho [*De Arte Medica*]. Ao invés disso, o ensaio contém uma crítica justificada à visão especulativa da medicina (ANSTLEY: 2013, p.38).¹⁰

⁷ Segundo Ayers (AYERS: 2000, p.9), Anthony Ashley Cooper, Lorde Ashley, foi o primeiro a ocupar esse cargo, além de ser o fundador do partido Whig, de orientação liberal e reformista, cujos membros defendiam a autoridade do Parlamento.

⁸ É nesse artigo também que a autoria dos dois textos citados são atribuídos definitivamente a John Locke. Até então havia uma dúvida se o verdadeiro autor seria ele ou Sydenham.

⁹ O capítulo “Do Livro III, *das palavras*, do *Ensaio sobre o entendimento humano*” desta dissertação abordará com mais detalhes a evolução dos escritos até o *Ensaio*.

¹⁰ ANSTLEY, P.R. **John Locke and Natural Philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 2013 (p.38): “After the opening statement concerning the unquestionable importance of finding a correct method for physic, Locke turns to the failings of both past and present writers on medicine, In fact, the essay contains hardly anything of positive doctrine, apart from the most general comments about the importance of observation - which, no doubt, was to be developed in the unfinished sections of the work. Instead, the essay contains a sustained critique of the speculative approach to medicine”.

Milton (2006, p.10) sugere que, na época em que Locke produziu esses artigos, suas atenções estavam voltadas às questões da medicina, ciência natural, viagem e teologia. Dos registros desses anos que sobreviveram, muito poucos revelam leituras sobre epistemologia ou metafísica. Por outro lado, na *Epístola ao Leitor*, do *Ensaio*, Locke confessa ter sido direcionado às questões do entendimento humano em uma reunião com um grupo de cinco ou seis amigos cujo foco era outro:

Cinco ou seis amigos encontravam-se em minhas acomodações e discorriam sobre um assunto bastante distante do que trato aqui, quando rapidamente notaram os mais variados tipos de dificuldades que surgiram à medida que discutiam. Depois de debatermos por um tempo sem nos aproximarmos de uma solução para as dúvidas que nos desnorream, ocorreu-me que tomáramos um caminho inadequado: antes de propormo-nos investigações dessa natureza, era necessário examinarmos nossas habilidades e identificarmos com quais objetos nosso entendimento estava ou não apto para lidar. Propus isso aos meus companheiros, que logo assentiram; concordamos que seria essa a nossa primeira investigação. (LOCKE: 1979, p.10.)¹¹

Locke ainda comenta que essa primeira investida ocorreu de forma precipitada e irregular, entrecortada por períodos de abandono. Esses primeiros registros datam de 1671, quando das anotações que geraram os *Draft A* e *B*, os quais serão oportunamente comentados (MILTON: 2006, p.11).

Locke ascendeu em Londres à medida que Lorde Ashley, agora, Conde de Shaftesbury, ascendia. Em 1668, sua principal função era a de Secretário da Junta de

Todas as citações traduzidas de todos os autores citados nesta pesquisa são de minha autoria. As citações de textos já traduzidos não terão sua versão na língua de origem reproduzidas em nota de rodapé e os respectivos tradutores serão assinalados nas referências.

¹¹ “Were it fit to trouble thee with the history of this Essay, I should tell thee, that five or six friends meeting at my chamber, and discoursing on a subject very remote from this, found themselves quickly at a stand, by the difficulties that rose on every side. After we had awhile puzzled ourselves, without coming any nearer a resolution of those doubts which perplexed us, it came into my thoughts that we took a wrong course; and that before we set ourselves upon inquiries of that nature, it was necessary to examine our own abilities, and see what objects our understandings were, or were not, fitted to deal with. This I proposed to the company, who all readily assented; and thereupon it was agreed that this should be our first inquiry.”

Comércio e Plantações e Secretário Titular dos Lordes das Carolinas, aproximado-se de discussões sobre economia e política¹².

Com a conturbada saída de Shaftesbury do poder em 1674¹³, Locke também foi destituído de suas obrigações. Foi quando passou três anos e meio na França, país que já visitara anteriormente. Durante esse período suas investigações filosóficas tomaram forma - Milton ainda comenta que foi durante essa época que se dedicou a registrar suas experiências rigorosamente num diário, atividade que manteve até o final de sua vida (MILTON: 2006, p.12). Em Montpellier, suas atenções se voltavam a assuntos essencialmente filosóficos, inclusive, contratou um tutor que lhe ensinasse francês diariamente durante uma hora para que pudesse ler os livros nesse idioma.

Antes de voltar à Inglaterra, em 1678, Locke passou uma temporada em Paris “a fim de trabalhar com filosofia, listando criteriosamente as versões francesas das obras de Descartes e copiando em seu diário um longo memorando contendo comentários críticos aos escritos de vários seguidores de Descartes” (MILTON: 2006, p.12).¹⁴ Paralelamente, seu trabalho com o *Ensaio* continuava.

Em 1679, o cenário inglês para o qual Locke retornou era de crise política. É desse ano que data o complô papista¹⁵. Temendo que um rei católico chegasse ao poder, o Conde de Shaftesbury articulou seus contatos políticos para que fosse aprovada a Lei da Exclusão na Câmara dos Comuns, mas, por conta da grande desaprovação do rei Carlos II, foi rejeitada na Câmara dos Lordes¹⁶. Depois da terceira tentativa frustrada de aprovar a lei, o partido Whig fragmentou-se: alguns dos moderados trocaram de lado e os radicais, liderados pelo Conde, consideraram uma

¹² Uzgalis (2012), e Milton (2006, p. 10) chamam a atenção para a provável participação de Locke na confecção das diretrizes que comporiam a Constituição das Carolinas nos EUA.

Nos anos que passou em Londres, Locke escreveu *Essay concerning Toleration* e *Some of the Consequences that are like to follow upon Lessening of Interest to 4 Per Cent*, embora não os tenha publicado.

¹³ Em 1676, Shaftesbury foi preso por defender os interesses do Parlamento que se opunham aos do Rei Carlos II.

¹⁴ “In Paris Locke continued, at least intermittently, to work on philosophy, drawing up a list of French versions of Descartes’s works, and copying into his journal a long memorandum containing critical comments on the writings of Descartes’s various followers.”

¹⁵ Complô inventado por Titus Oates que atingiu os reinos da Inglaterra e da Escócia. Ele alegou haver uma conspiração católica que visava o assassinato do rei Carlos II e substituí-lo por seu irmão católico Jaime II.

¹⁶ Isso na segunda tentativa do Conde, em 1681, Milton (Ibidem, p. 13) detalha que na primeira tentativa, em maio de 1679, o rei dissolveu o Parlamento.

insurreição. Ele foi preso novamente em 1681 acusado de traição, mas conseguiu se livrar graças à decisão do júri. Esse clima de insegurança motivou sua fuga para Holanda, onde morreu em 1863.

Locke foi igualmente obrigado a fugir para a Holanda, embora seu envolvimento nesses eventos seja incerto. Milton (2006, p.14) comenta que o modo como a fuga se deu é desconhecida. Naquele país, como anota Uzgalis (2012), terminou o *Ensaio* “e publicou uma nota de cinquenta páginas em francês pré-anunciando-o (o objetivo era prover o mundo intelectual no continente com o máximo de informação sobre o *Ensaio*, até que surgisse a tradução francesa de Pierre Coste)”¹⁷ (UZGALIS:2012, s/p). Desse período também datam os *Two Treatises of Government*¹⁸, quando manteve contato com outros exilados políticos ingleses.

Ele continuou seus estudos na medicina, mas com um foco maior na filosofia, o que significa uma dedicação maior à produção do *Ensaio*, cuja cópia enviou anonimamente e em partes para a Inglaterra e o qual assumiu a forma semelhante à que se tem hoje por volta de 1686. Milton (MILTON: 2006, p.16) registra, porém, que esse trabalho foi momentaneamente interrompido para a escrita da *Epistola de Tolerantia*, durante o inverno de 1685-1686.

Somente quando do seu retorno à Inglaterra, em 1689, depois da Revolução Gloriosa, é que o *Ensaio* foi publicado e, com ele, os *Two Treatises* e uma tradução inglesa da *Epistola*¹⁹. Ele voltou na mesma expedição que trazia Maria II, esposa de Guilherme de Orange.

Nesse mesmo ano, conheceu Isaac Newton - eleito um dos membros do parlamento da Universidade de Cambridge - de quem se tornou amigo e com quem

¹⁷ “While in exile Locke finished *An Essay Concerning Human Understanding* and published a fifty page advanced notice of it in French. (This was to provide the intellectual world on the continent with most of their information about the Essay until Pierre Coste's French translation appeared.)”

¹⁸ Milton aponta para a falta de acordo entre os comentadores de Locke quanto ao *Second Treatise* (MILTON:2006, p. 14).

¹⁹ A tradução inglesa não foi inicialmente autorizada por Locke, pois sua publicação original fora anônima. As primeiras cópias foram vendidas rapidamente e geraram um alvoroço. Milton (Idem, p. 18) conta que um clérigo de Oxford, Jonas Proast, publicou vários ataques em 1690, o que levou Locke a responder com *A Second Letter concerning Toleration*, ainda mantendo o anonimato como um terceiro, concordado com o autor da primeira carta. Outro ataque de Proast em 1691, provocou uma resposta ainda maior, *A Third Letter concerning Toleration* em 1692, à qual não houve resposta. Ainda segundo Milton, a demora para a terceira carta se deu por conta do envolvimento de Locke com outros assuntos relativos a questões econômicas. Em 1691, publicou *Some Considerations of the Consequences of the Lowering of Interest and Raising the Value of Money*.

trocava, com alguma frequência, correspondências. Esse contato permitiu que revisasse outra obra a ser publicada sua segunda edição em 1693 e a qual já vinha sendo trabalhada desde o período de exílio: *Some Thoughts concerning Education*, como consequência de sua leitura atenta do *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica*, daquele autor.

Enquanto preparava a versão final dessa obra, Locke reunia material para uma segunda edição do *Ensaio*, a ser publicada em 1694, cujas mudanças mais evidentes partiram de seu contato com William Molyneux; essa nova edição agora incluía o que veio a ser conhecido como problema de Molyneux²⁰.

Em 1695, publicou sua primeira obra escrita integralmente depois de seu retorno do exílio, *The Reasonableness of Christianity*, também de autoria anônima, e um panfleto *Short Observations on a Printed Paper* defendendo uma reforma no sistema monetário, por conta da grande queda do valor do ouro, este que evoluiu para *Further Considerations concerning Raising the Value of Money*. Nesse mesmo ano, uma terceira edição do *Ensaio* foi publicada, sem grandes alterações da versão anterior.

Uma quarta edição foi publicada em 1699, com alterações provenientes da rusga com Stillingfleet²¹: dois novos capítulos no livro II, *das ideias*.

Os últimos anos de Locke foram de maior reclusão dado seu estado de saúde debilitado; logicamente continuou produzindo artigos e obras sobre os tópicos que mais abordara ao longo de sua vida²². Ele morreu em 28 de outubro de 1704.

²⁰ O problema consiste, grosso modo, na questão de se um homem cego que recupera a visão teria condições de identificar os objetos por suas características estritamente visuais, sem o suporte do tato. Milton anota um detalhe comportamental de Locke, sugerindo que este tendia a estimar a capacidade filosófica de alguém de acordo com a proximidade desse pensamento com os seus, daí sua admiração por Molyneux muito maior do que por John Norris, seu primeiro biógrafo, por exemplo, que também teria feito alguns comentários a respeito do *Ensaio* (MILTON:2006, pp. 19-20).

Aarsleff (2006) quando comenta sobre a influência de Locke, dá destaque a essa discussão como um dos pontos de grande repercussão no séc. XVIII.

²¹ Locke reagiu em uma troca de cartas com o próprio arcebispo ao seu *Discourse in Vindication of the Doctrine of the Trinity*, publicado em 1696.

²² É possível acompanhar as obras produzidas por Locke em seus últimos anos de vida em Milton (Ibidem, pp 23 -25).

1.2 O porquê desta pesquisa

O interesse no debate sobre a linguagem a partir da discussão sobre a intradutibilidade presente no *Ensaio* se dá pela grande influência que a teoria ali contida exerceu no pensamento do séc. XVIII até algumas discussões atuais. Qualquer trabalho acerca dessa obra e, como um todo, de Locke reconhece a posição de vanguarda ocupada pela teoria da linguagem apresentada.

Norman Kretzmann (1976), por exemplo, destaca a importância do livro III para o séc. XVII para o desenvolvimento de uma filosofia semântica junto à teoria do conhecimento. Ele comenta que

Investigações semânticas durante a Idade Média e o Renascimento eram intimamente associadas à lógica e à gramática. A nova orientação epistemológica da semântica, aparente até mesmo nos livros de lógica do Iluminismo, foi estabelecida explicitamente pela primeira vez no *Ensaio* de Locke (KRETZMANN: 1976, p.331)²³.

Kretzmann deixa claro que a teoria proposta por Locke não era inédita, apesar da enorme influência que teve desde o período em que foi publicada, Locke tampouco teria feito tal alegação.

Concordando com a colocação acima citada, Michael Ayers (2000) menciona que o *Ensaio* propôs uma teoria alternativa ao essencialismo aristotélico e à escolástica. Ele afirma que

junto com os *Principia* de Newton, os argumentos do *Ensaio* decidiram efetivamente a questão na batalha entre “deuses” e “gigantes”. Esses adversários, hoje conhecidos como “racionalistas” e “empiristas”, eram, de um lado, os proponentes da nova abordagem mecanicista à física, principalmente os cartesianos [...] e, de outro, os que

²³ “Semantic inquiries during the Middle Ages and the Renaissance had been intimately associated with logic and grammar. The new epistemological orientation of semantics, apparent even in the logic books of the Enlightenment, was first explicitly established in Locke’s *Essay*”.

adaptaram a nova física a uma teoria de conhecimento menos teológica e mais sensorial e naturalística. (AYERS: 2000, p.10)

Como se nota, Locke, parte do grupo dos “empiristas”, propõe uma abordagem que se desdobrará em teorias como o idealismo e o sensualismo estético, pregadas no séc. XVIII.²⁴

William Uzgalis (2007), por outro lado, estende a influência do *Ensaio* não apenas a filósofos “como Berkeley e Hume, mas também Voltaire, Condillac, Jonathan Edwards, Dr Johnson, Jonathan Swift e Laurence Sterne.” (UZGALIS: 2007, p.130) Isso, porque, segundo o autor,

o trabalho de Locke, de fato, envolve consideravelmente mais do que apenas remover o detrito intelectual escolástico e os erros cartesianos. Entre outras coisas, ele nos fornece um retrato de nossas próprias habilidades e de nossos próprios poderes, assinala nossa modesta posição na vastidão do universo e descreve o papel da razão e da investigação no desenvolvimento completo do indivíduo, juntamente com o florescimento humano nesta vida e nas próximas. (UZGALIS: 2007, p.12)²⁵

Walter Ott (2008) também evidencia a importância do *Ensaio* já na época em que foi publicado para o pensamento filosófico comentando que

²⁴ A influência de Locke, por si só, já constituiria uma nova pesquisa. Dedicar apenas alguns parágrafos para essa reflexão não só seria muito superficial, como incorreria a inadequações teóricas graves. Assim, para uma primeira discussão sobre esse assunto, aconselha-se a consultar, por exemplo, Ayers (2000, 2005), Ayers & Snowdon (2001), Harrys & Taylor (1997). Esta dissertação, de todos os modos, abordará de forma superficial como é possível entender Locke como uma empirista

²⁵ “Locke’s labours really involve considerably more than just removing scholastic intellectual rubbish and Cartesian mistakes. He is, among other things, providing us with an account of our own abilities and powers, pointing out our modest station in the vastness of the universe and describing the role of reason and inquiry in the full development of the individual, along with human flourishing in this life and for the next”. A expressão “detrito intelectual” não é de autoria de Uzgalis, mas uma paráfrase do que se encontra na Epístola ao Leitor, nas palavras do próprio Locke.

Embora seja possível encontrar discussões sobre a linguagem em outros filósofos modernos mais antigos, John Locke é o primeiro a apresentar uma discussão detalhada e sistemática sobre a linguagem e sua relevância à filosofia. Filósofos como Galileu e Bacon já haviam apontado para a tendência da escolástica em presumir que cada nome ou adjetivo indicaria uma substância ou qualidade correspondente como fonte para a sua confusão. De fato, a frustração com a verborragia escolástica resultando num excesso ontológico é um tema constante para a maioria dos modernos. Entretanto, uma explicação da linguagem e um diagnóstico de onde as outras perspectivas tendem ao erro teriam de aguardar por Locke. Sua “virada linguística” colocou a filosofia da linguagem no coração do empirismo. (OTT: 2008, p.291)²⁶

Uma obra com um papel tão central deve, portanto, receber a devida atenção e ser analisada com o devido cuidado. Assim, tanto Uzgalis quanto Ayers insistem em que o *Ensaio* foi escrito para o público de sua época, que o compreendia. Não se deve deslocá-lo do ponto histórico que ocupa e forçá-lo em uma interpretação do séc. XXI. É de suma importância entender seu *status* naquele período e seu desdobramento nos séculos subsequentes. Como propõe Ayers, para que se tenha algo sobre o qual valha a pena comentar, é preciso ler e “tentar reconstruir o contexto no qual a obra foi escrita” de modo a “reconhecer alusões, empréstimos, oposições, princípios ideológicos”, ademais, “não devemos nos restringir nossa leitura ao que tange as pré-concepções do que ‘filosofia’ é” (AYERS: 2005, p.2). Não é possível fazer qualquer tipo de alegação a respeito dos temas contidos no *Ensaio*, menos ainda no Livro III, sem tentar, ainda que superficialmente, apresentar um exame do que se produzia no séc. XVII que justifique a obra ser o que é e ocupar o papel que ocupa.

Isso significa um trabalho minucioso envolvendo a aquisição do conhecimento; e essa aquisição passa obrigatoriamente pela reflexão acerca da linguagem, como o próprio Locke destaca:

²⁶ “While one can find discussions of language in other early modern philosophers, John Locke is the first to present a detailed and systemic discussion of language and its relevance to philosophy. Philosophers like Galileo and Bacon had already pointed to scholastics’ tendency to assume that each noun or adjective indicates a corresponding substance or quality as a key source of their confusion. Indeed, frustration with the scholastics’ verbiage and resulting ontological excess is a constant of theme of most moderns. But a well-developed positive account of language, and a diagnosis of just where other views go wrong, had to await Locke. His ‘linguistic turn’ put philosophy of language at the heart of empiricism.”

Formas vagas e insignificantes de discurso, e o abuso da linguagem, há muito foram tidas como mistérios da ciência; e palavras duras ou mal empregadas, com pouco ou nenhum significado, obtiveram por essa prescrição o direito de serem confundidas com um aprendizado profundo e auge de especulação de modo que não será fácil persuadir tanto quem as fala quanto quem as ouve de que elas são o abrigo da ignorância e o entrave para o verdadeiro conhecimento. Penetrar no santuário de vaidade e ignorância, será, suponho, trabalho do entendimento humano: embora poucos estejam aptos a pensar, eles enganam, ou são enganados no uso das palavras.” (LOCKE:1979, p.10)²⁷

Esta pesquisa pretende, portanto, como dito acima, contribuir para que se evidencie a importância da teoria da linguagem proposta por Locke não só no período em que o *Ensaio* foi publicado e amplamente discutido, mas também nos dias de hoje, com foco no conceito da intradutibilidade. Essa teoria está massivamente concentrada no Livro III, *das palavras*, daí a restrição desta pesquisa a esse livro.

Obviamente que não há espaço para pensar essa teoria em sua totalidade. Para os Estudos da Tradução, o recorte a partir daquele conceito mostrou-se o mais adequado como norteador para uma reflexão mais ampla a respeito dos aspectos que concernem os principais fundamentos para o pensamento atual sobre o papel da linguagem na tradução. A discussão sobre algumas dificuldades na tradução do Livro III também fornecerá argumentos que corroborarão a demonstração da importância desse autor também para as reflexões atuais sobre tradução.

1.3. Organização da pesquisa

Esta pesquisa se organiza da seguinte maneira: um primeiro capítulo reservado à importância do Livro III, *das palavras*, do *Ensaio*, de John Locke. Somente este livro foi selecionado por dois grandes motivos, o primeiro deles é o fato de que ele, como já citado, concentra toda a discussão sobre a linguagem e o conceito de intradutibilidade,

²⁷ “Vague and insignificant forms of speech, and abuse of language, have so long passed for mysteries of science; and hard and misapplied words, with little or no meaning, have, by prescription, such a right to be mistaken for deep learning and height of speculation, that it will not be easy to persuade either those who speak or those who hear them, that they are but the covers of ignorance, and hindrance of true knowledge. To break in upon the sanctuary of vanity and ignorance will be, I suppose, some service to human understanding; though so few are apt to think they deceive or are deceived in the use of words.”

foco de interesse aqui. Os outros livros serão apenas superficialmente tratados no momento em que complementam o desenvolvimento da argumentação. Em segundo lugar, o recorte se justifica pelo caráter do trabalho. O *Ensaio sobre o entendimento humano* propõe discussões que excedem o pequeno espaço reservado a uma dissertação de mestrado; o trato sobre a linguagem é apenas um dos diversos temas discutidos ali.

Focar em apenas um livro permite articular melhor a relação temática existente, filtrando de forma consciente e minuciosa os aspectos pertinentes à pesquisa. Além disso, ficará claro que somente esse terceiro livro já será o suficiente para discutir as questões sobre o conceito de intradutibilidade e explicitar a grande influência desempenhada por Locke em sua época e nos séculos subsequentes.

O segundo capítulo será dedicado à discussão específica do papel da linguagem para Locke. Pretende-se entender como a teoria proposta por Locke se estrutura, passando pela noção de “ideia” e pela importância desse conceito no emprego das palavras.

O terceiro capítulo, consequência do segundo, terá seu foco voltado às palavras. Não apenas pelo fato de o terceiro livro receber esse título, mas especialmente, como se notará mais adiante, porque a natureza e o uso das palavras são basilares na investigação de Locke e na problemática da tradução.

O quarto capítulo, por sua vez, debruçar-se-á sobre a questão da intradutibilidade como um desdobramento da relação palavra - ideia - coisa, privada em cada indivíduo, mas socialmente compartilhada. Esse paradoxo aparente é o cerne do problema da tradução para Locke.

O último capítulo concentrará todas as discussões a respeito da prática da tradução do Livro III, as escolhas, as dificuldades, os questionamentos e os princípios que regeram a atividade conferida ao longo da pesquisa e, em sua íntegra, nos anexos. É nele também que será possível entender por que se escolheu traduzir e não optar por traduções já existentes para a língua portuguesa.

Espera-se, como já dito, contribuir com o esforço retomado no séc. XX de reestabelecer o local de referência mais do que merecido de John Locke.

2 DO LIVRO III, *DAS PALAVRAS*, DO *ENSAIO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO*

Este capítulo contém o primeiro recorte da pesquisa: analisar, da obra *Ensaio sobre o entendimento humano*, o Livro III, *das palavras*, de que modo as questões nele contidas adquiriam uma importância tal a ponto de haver a necessidade de dedicar-lhes um tomo inteiro. Assim, pretende-se apresentar um breve panorama de sua estruturação conforme Locke desenvolvia suas reflexões ao longo dos *Draft A* e *B*.

Para tanto, não se pode deixar de lado as reflexões sobre o conceito de ideia, expostos no Livro II, *das ideias*: como ele é definido, como se relaciona com as nossas experiências, de um lado, e com as palavras, de outro.

2.1 Do desenvolvimento do Livro III

O Livro III, *das palavras*, é dedicado à discussão da linguagem, a qual já desponta desde o Livro II, *das ideias* e a qual já fora mencionada também na *Epístola ao leitor*. Isso se dá pelo já citado fato de Locke considerar as questões acerca da linguagem de suma importância para a aquisição do conhecimento. Ele afirma:

Quando iniciei este discurso sobre o entendimento, e um bom tempo depois, não me passou pela cabeça que seria necessária qualquer consideração acerca das palavras. Mas, quando, depois de abordar a origem e a composição de nossas ideias, comecei a examinar a extensão e a certeza de nosso conhecimento, descobri uma ligação tão próxima com as palavras que, a menos que sua força e modo de significação fossem considerados desde o início, pouco poderia ser dito de forma clara e pertinente a respeito

do conhecimento, o qual, tratando unicamente da verdade, está sempre encerrado às proposições. (III.ix.21²⁸).

Hans Aarsleff (1964: p.167) comenta como as palavras e a sua significação assumiram para Locke um papel crucial no seu pensamento já nos dois rascunhos de 1671 que precederam a publicação do *Ensaio*, em 1690.

O primeiro deles, conhecido como *Draft A do Ensaio sobre o Entendimento Humano*, remonta às primeiras tentativas de Locke de abordar as questões referentes ao entendimento e à linguagem.²⁹ Peter Anstey (2009) identifica nesse rascunho já um distanciamento da filosofia natural que serviu de pano de fundo para suas reflexões na medicina até então. Ele cita que esse texto “preocupa-se em desenvolver uma teoria de ideias que dê conta da aquisição do conhecimento do mundo externo, bem como da matemática e da moralidade; e de desenvolver uma explicação para a relação entre as palavras e as ideias”³⁰ (ANSTEY: 2009, p. 41).

Locke já identifica a complexidade dessa relação esboçando o problema, ao qual depois dedicará um capítulo inteiro no Livro III, do abuso das palavras. Nesse *Draft A*, ele, na seção 4, cita que:

Começa-se pelo fim, aprendendo-se primeiro e com perfeição as palavras e depois adquirindo-se, imperfeitamente, as noções a que são aplicadas. Isso explica por que homens que falam a língua de seu próprio país ou que a falam de acordo com a gramática e as regras estipuladas não farão senão tagarelar se as noções que as suas palavras, como signos, deveriam representar não estiverem consentidas e determinadas. (LOCKE: 2013, p.14)

²⁸ As citações dos trechos do *Ensaio* seguem a seguinte notação: Livro – capítulo – parágrafo. Assim, III.ix.21, refere-se ao trecho localizado no Livro III, capítulo nono, parágrafo 21 dessa obra.

²⁹ Há uma relação do pensamento explicitado nas obras *Anatomia* e *De arte médica* e o *Ensaio*, como já anotado na introdução desta dissertação. O foco, entretanto, sempre será o Livro III e o seu conteúdo.

³⁰ “The draft is concerned to develop a theory of ideas that accounts for the acquisition of knowledge of the external world as well as of mathematics and morality, and to develop an account of the relation between words and ideas”.

Essa queixa é uma denúncia ao método escolástico, que conduziria a debates vazios e fomentaria uma significação indeterminada e duvidosa das palavras. Mais adiante, na seção 27, ela é retomada:

A maioria dos autores, longe de nos instruir quanto à natureza e ao conhecimento das coisas, utiliza as palavras de maneira frouxa e incerta em vez de utilizá-las com constância e estabilidade, sempre com a mesma significação de modo a tornar claras e plenas as deduções de uma palavra a partir de outra e a tornar coerente e claro seu próprio discurso (por menos instrutivo que seja) [...] (LOCKE: 2013, p. 65)³¹

Nessa versão, porém, não há ainda uma sistematização das questões que estruturam o *Ensaio* nos quatro livros de sua versão final, embora as reflexões já estejam assinaladas. Para Bento Prado Neto, no posfácio à tradução brasileira, isso revelaria uma hesitação importante quanto a uma demarcação entre o que Locke entende por *termos* e *proposições*³², conceitos caros ao autor e base de seus argumentos, especialmente no Livro IV. Segundo Neto,

³¹ Aqui também já seria possível entender por que para Locke a tradução seria impossível: o mau uso das palavras, seja por desconhecimento das ideias a elas anexadas, seja pela relação instável que se cria entre elas, seja por interesse do falante em tornar seu discurso obscuro, seria um dos motivos que impossibilitaria verter um texto de uma língua para outra.

³² Na seção 2, Locke usa pela primeira vez de forma explícita o verbete *proposição*, entendo-o por *juízo*, um *ato mental*, quando exemplifica o desejo de saber se um morcego é um pássaro ou não. O que interessa é “saber se uma criatura que tem uma coleção de qualidades tal que conhecemos sob o nome morcego deve ou não ser chamada por um nome que cabe a criaturas de outro gênero ou que têm uma coleção de outras qualidades sensíveis. Mas tratando-se aqui de uma proposição, discutirei isso mais à frente, quando considerar o gênero [*kind*] de nossos conhecimentos a respeito de proposições” (LOCKE: 2013, 8-9, grifos do autor). Na seção 7, tem-se a primeira ocorrência também explícita do verbete *termo* como sinônimo para *palavra* no momento em que Locke afirma ter feito uma “descoberta inovadora e inusitada” a qual denomina “*conhecimento de termos simples e de suas ideias*” (Ibidem, p.20, grifos do autor). Entretanto, é possível verificar o que Neto afirma na seção 4, por exemplo, quando Locke, depois de discorrer sobre ideias das coisas e de relações, se atém à ideia “sobre a retidão das ações”. Ele diz: “O juízo a respeito é uma comparação da ação com a regra, é a ordenação de uma grande quantidade de ideias simples, tantas quantas forem necessárias. [...] Por exemplo, assassinar é matar alguém voluntária e deliberadamente, isto é, tenho ideias de querer uma coisa, de pensar nela e de propô-la de antemão a respeito de um homem, da vida, do poder de mover e de perceber, e de outras ideias simples sensíveis, e de realizar uma ação que privará outro homem dessas ações. Essas ideias simples são compreendidas sob a palavra *assassinato* (quando constato que essa ação concorda ou discorda de algo que concebo como uma lei, designo-a boa ou má) e remetem, em última instância, a uma conexão ou a um complexo de ideias simples” (Ibidem, pp.13-14). Na seção 8, porém, Locke restringe o julgamento às ideias, não às palavras: “o erro de juízo ocorre quando a mente, tendo moldado uma ideia, conclui que ela concorda com uma coisa e é a ideia dessa coisa, comumente chamada por esse nome, ao passo que essa coisa, assim chamada, não corresponde a essa coisa. O equívoco é aplicar o nome errado à ideia,

Nas seções iniciais, Locke chega a caracterizar certos termos (ideias complexas) como consistindo em proposições; na seção 8 tal caracterização é explicitamente abandonada, e Locke opõe de forma definitiva termos a proposições. Mas nas seções anteriores a linha de demarcação parecera se mostrar menos nítida, flutuando entre o plano das ideias e o plano da linguagem. Essa primeira hesitação está diretamente vinculada à constatação de que, tratando do conhecimento humano, não podemos nos furtar do exame das palavras e distinguir o entendimento das palavras do conhecimento das coisas. Ela está, em consequência, na origem do livro III. (LOCKE: 2013, pp.:104-105)

Essa distinção entre os dois conceitos importa na medida em que Locke afirma, no primeiro capítulo do Livro III, estar o conhecimento relacionado às proposições (os termos estariam contidos nelas), ou seja, ao que se afirma ou ao que se nega a respeito das coisas. Nesse sentido, justifica-se a necessidade de “encontrar o uso correto das palavras; as vantagens naturais e os defeitos da linguagem; e os remédios que devem ser usados a fim de evitar as inconveniências de obscuridade ou incerteza na significação das palavras” (III.i.6). Do contrário, “é impossível discursar com clareza ou ordem sobre aquilo que tange o conhecimento” (III.i.6).

O *Draft B*, por outro lado, retoma os mesmos conteúdos do primeiro *Draft*, mas expande-os e sistematiza-os de modo a já configurarem o que seriam os livros que formam o *Ensaio*. Walmsley (2008) rastreia essas questões e identifica que o que configurará o Livro III já ocorre de modo concentrado entre as seções 64 a 93f. A crítica quanto ao abuso das palavras também é contundente, Locke retoma as críticas feitas no *Draft A* e complementa ao dizer que as pessoas “em suas discussões com outras, progridem muito pouco na descoberta de verdades úteis e do conhecimento das coisas já que são encontradas nestas e não em suas imaginações” (LOCKE: 1990, p.194)³³.

e não a ideia ao nome errado, ou em julgar que algo deve existir de que isso é a ideia, o que consiste numa falsidade da proposição, não da ideia” (Ibidem, p.22).

³³ “By their argueing one with another make but small progress in the discovery of usefull truths and the knowledge of things as they are to be found in themselves and not in our imaginations”. Walmsley também comenta que essa visão crítica à escolástica de Locke vem já desde *De arte medica*, mas que no *Draft B*, ela é exacerbada no modo como debates intelectuais são conduzidos (WALMSLEY:2008, p.157).

Ele também desenvolve o raciocínio quanto à noção de espécie, abordando as diferenças entre essências real e nominal³⁴. Principal para o autor é que esse conceito é convencional, ou seja, determinado pelo ser humano e não pela natureza; Walmsley parafraseia explicando que, “já que essas coleções de ideias³⁵ [as espécies] são feitas pelo homem, não haveria nada que determinasse onde uma “espécie” inicia e onde termina: tudo depende da noção de um definidor” (WALMSLEY:2008, p.160)³⁶. Assim, Locke entende que “nossas palavras não representam, tampouco são usadas para representar as naturezas estabelecidas e determinadas das coisas, mas são os sinais dos quais todo homem faz uso para representar suas próprias ideias complexas particulares”³⁷ (LOCKE:1990, p.184).

É importante que fique claro, especialmente para uma leitura mais consciente do *Ensaio* e, no caso, do livro III, que os principais argumentos contidos ali têm como motivação a contestação ao modelo escolástico/aristotélico. Isso fica claro nos dois pontos levantados acima: o abuso das palavras e a arbitrariedade do emprego delas³⁸. Locke entende essa filosofia como obscura e duvidosa especificamente por causa da forma como os debates são conduzidos por meio de palavras cuja significação é incerta. Isso, para ele, é um desvio do propósito da aquisição do conhecimento, como comenta:

Embora a filosofia peripatética seja a que mais se destaca nesse sentido, outras vertentes também não encontraram um caminho mais claro. Dificilmente se encontra, entre eles, alguém que não esteja enroscado em alguma dificuldade (tão imperfeito é o

³⁴ Essas serão tratadas no capítulo *Da intradutibilidade* desta dissertação.

³⁵ Isso não significa que a natureza não possui uma regularidade, mas que o ser humano, ao fazer o recorte daquela espécie, pode unir ideias que não representam aquilo que ocorre na natureza.

³⁶ “Since these collections of ideas were man-made, there was nothing that determines where any ‘species’ started or ended: all depended upon the notion of a definer”

³⁷ “I think our words stand not for, neither are used to express the settled distinct complete natures of things but are signs that ever man makes use of to stand for his own particular complex idea”. Aqui encontra-se mais um argumento para se questionar a possibilidade da tradução: as palavras representam ideias particulares, de que modo então seria possível acessar esse particular e vertê-lo para outro idioma? O capítulo “*Da intradutibilidade*” abordará essa e outras questões mais detidamente.

³⁸ Essas questões serão tratadas ao longo desta dissertação. Existem, obviamente, outros pontos igualmente essenciais no *Ensaio*, que marcam a rejeição de Locke pelos modelos de pensamento correntes mas que não serão tratados aqui. Para outras análises, é possível consultar Ayers (1981), Ott (2004), Walmsley (2008), Anstley & Burrows (2009).

conhecimento humano), a qual tenta esconder com termos obscuros e confundir a significação das palavras - como uma névoa ante os olhos das pessoas -; essa estratégia evita que suas doutrinas mais frágeis sejam expostas. (III.x.6)

Mais adiante no Livro III, Locke retoma essa crítica - do mau uso das palavras com o intuito primeiro de impressionar com uma fala difícil, como se fosse sinônimo de grande erudição - e acrescenta a que se refere à arbitrariedade das palavras, uma contestação clara às formas naturais aristotélicas:

Quem, daqueles criados na filosofia peripatética, não crê que os “Dez Nomes”, sob os quais seguem hierarquizadas as “Dez Categorias”, correspondem em sua totalidade à natureza das coisas? Quem dessa Escola não foi persuadido de que as formas substanciais, almas vegetativas, repúdio ao vácuo, *species* intencionais etc seriam algo real? Essas mesmas palavras, os homens aprenderam-nas quando do imediato ingresso a esse conhecimento e receberam grande ênfase por parte de seus mestres e sistemas mesmo assim, não conseguem rejeitar a opinião de que elas se conformam à natureza e são representações de alguma coisa que realmente existe. Os platônicos se valem da “alma do mundo” e os epicuristas de seu “dever para com o movimento” em seus átomos em repouso. Quase não se encontra uma vertente filosófica que não criou sua própria coleção de termos distintos que não são compreendidos. Todavia, esse palavrório - o qual, na fragilidade do entendimento humano, é tão oportuno na prevenção da ignorância humana e como amparo a seus erros - coloca-se como a parte mais importante da linguagem e os termos mais significativos entre todos, por conta mesmo do emprego comum entre aqueles da mesma tribo. (III.x.14)

Dessa forma, entende-se a importância dada por Locke à investigação adequada das ideias, das palavras e da relação entre elas, resultando nos Livros II e III do *Ensaio*. Não é possível, como se vê, refletir sobre as palavras e a (im)possibilidade da tradução sem passar pela definição e classificação das ideias estabelecidas naquele livro.

2.2 Das ideias

Locke abre o Livro II afirmando que “ideia é o objeto do pensamento” (II.i.1), a qual provém da sensação e da reflexão³⁹. Ele retoma um tópico que já havia destacado no livro I, *nem os princípios nem as ideias são inatos*, quando determinava o objeto de sua investigação - o entendimento - e de que métodos se valeria para tal. A ressalva dele segue:

Porém, antes de proceder naquilo que pensei sobre esse assunto, preciso, logo aqui no início, pedir licença ao meu leitor pelo emprego frequente da palavra ideia, com a qual se deparará neste tratado. Esse termo, em minha opinião é o que melhor representa o que quer que seja o objeto do entendimento quando um homem pensa; eu o usei para expressar o que é significado por “fantasma”, “noção” “*species*” ou o que pode ser empregado pela mente no pensamento; e não pude evitar seu frequente uso.⁴⁰ (I.i.8)

Locke, como destaca Yolton (1993), estava ciente da herança cartesiana referente aos problemas com esse termo, por isso teria uma preocupação na definição de ideia que evitasse um atrito vocabular, pois “acredita que se tivermos ideias precisas e determinadas como referentes para as palavras, disputas verbais podem ser minimizadas [...]”⁴¹ (YOLTON:1993, p.89).

³⁹ A superficialidade da discussão nesse aspecto se dá em virtude de o foco deste trabalho ser a linguagem, as palavras e o desdobramento desses conceitos na tradução muito mais do que uma análise das ideias e de como elas são apreendidas pela mente. Uma discussão mais aprofundada sobre o tema pode ser lida no livro II do *Ensaio, das ideias*.

⁴⁰ “But, before I proceed on to what I have thought on this subject, I must here in the entrance beg pardon of my reader for the frequent use of the word idea, which he will find in the following treatise. It being that term which, I think, serves best to stand for whatsoever is the object of the understanding when a man thinks, I have used it to express whatever is meant by phantasm, notion, species, or whatever it is which the mind can be employed about in thinking; and I could not avoid frequently using it.”

⁴¹ “He believes that if we have precise, determinate ideas as the referent for words, verbal disputes can be minimized, doubts and controversies can be at an end”.

E. J. Lowe (2002) atenta também para o cuidado que se deve ter com esse termo, seja no múltiplo emprego que teve no séc. XVII seja no emprego feito por Locke. Ele comenta o seguinte:

Um jeito em que Locke *não* usa o termo “ideia” é no sentido platônico, denotando uma forma transcendente (e quando é entendida nesse sentido, evita-se a confusão grafando “Ideia” com letra maiúscula). Para Locke, as ideias são fenômenos subjetivos e mentais – apesar de ele reconhecer (II.viii.8) que às vezes emprega o termo “ideia” de modo negligente para denotar uma *qualidade* de um objeto físico que existe externamente à mente. (Não devemos perder esse uso de vista, muito embora o próprio Locke o repudie, porque os empiristas tardios – notavelmente o “idealista” Berkeley – defendiam uma *identidade* entre ideias e qualidades, negando que estas fossem, como Locke pensava, propriedades de objetos que independem da mente)⁴² (LOWE: 2002, p.19, grifos do autor).

Lowe aponta ainda para o uso ambíguo que Locke faz do termo quando o define como “tudo aquilo que a mente percebe em si mesma, ou é objeto imediato da percepção, pensamento ou entendimento” (II.viii.8).⁴³ Ideia seria interpretada como algo que se refere a dois fenômenos mentais distintos: percepção e concepção, como pontua neste trecho:

Por exemplo, quando uma pessoa que enxerga sem deficiências vê um objeto vermelho e verde à luz do dia, ele ou ela gozará de qualidades distintas de experiência de cor – “qualia” no jargão moderno – que estarão ausentes da experiência perceptual de uma pessoa daltônica nas mesmas circunstâncias. Locke parece, ao menos em alguns

⁴² “One way in which Locke does not use the term ‘idea’ is in the Platonic sense, to denote a transcendent Form (and when it is understood in this sense, confusion is best avoided by writing ‘Idea’ with a capital I). For Locke, ideas are subjective, mental phenomena—although he acknowledges (2.8.8) that he sometimes carelessly uses the term ‘idea’ to denote a *quality* of a physical object existing external to the mind. (We should not lose sight of this usage, even though Locke himself repudiates it, because later empiricists — notably, the ‘idealist’ Berkeley — were to argue for an identity between ideas and qualities, denying that the latter are, as Locke thought, properties of mind-independent objects.)”

⁴³ ‘Whatsoever the Mind perceives in itself, or is the immediate object of Perception, Thought or Understanding’ (II.viii.8)

momentos, empregar o termo “ideia” para se referir a esse qualia experiencial. Entretanto, há momentos em que ele também emprega esse termo para se referir àquilo que atualmente denominamos *conceito* – ou seja, os componentes significativos dos pensamentos que contemplamos privativamente e tentamos comunicar a outro por meio da linguagem⁴⁴. (LOWE:2002, pp.19-20; grifos do autor)

Lowe alerta também para o fato de que, embora essa possibilidade de dupla interpretação do termo exista, não se deve supor ingenuamente que haja algum tipo de confusão entre o entendimento de percepções e concepções por parte de Locke. Muito pelo contrário, essa suposta ambiguidade revelaria o verdadeiro projeto do *Ensaio*: “forjar uma ligação entre a experiência perceptual e nossos recursos intelectuais” (LOWE: 2002, p.20), ou seja, Locke deseja demonstrar como o material de nosso pensamento e entendimento tem origem na experiência perceptual⁴⁵.

De todo modo, resta esclarecer o que Locke entende quando usa “objeto imediato” para definir ideias. Para Lowe, essa aproximação significaria que as ideias seriam “coisas de algum tipo” com as quais a mente estabeleceria alguma forma de relação. Ele questiona: “ao falar delas como objetos *imediatos*, estaria ele [Locke] sugerindo que a nossa consciência de *outros* objetos ‘externos’ seria *mediada pela* nossa consciência de ideias que, portanto, constituiriam algum tipo de tela ou véu entre nós e esses outros objetos?” (LOWE:2002, p. 21)⁴⁶ Para Lowe, é inadequado pensar que Locke entende as ideias como “semelhantes a coisas”; seriam, antes, vistas sob o prisma do empirismo – deixando clara a falta de um termo mais adequado – que contemplaria, ao mesmo tempo o atomismo – por conta da divisão proposta por Locke

⁴⁴ “For example, when a normally sighted person sees a red and a green object in ordinary daylight, he or she will enjoy distinctive qualities of colour experience — ‘qualia’, in the modern Locke’s uses of the term ‘idea’ jargon — which will be absent from the perceptual experience of a red-green colour-blind person in the same circumstances. Locke seems at least sometimes to be using the term ‘idea’ to refer to such experiential qualia. However, he also uses the term at times to refer to what we would now call *concepts* — that is, the meaningful components of the thoughts we entertain privately and attempt to communicate to one another in language.”

⁴⁵ Lowe cita ainda argumentos contra essa visão sustentados por filósofos modernos, como ele denomina, de que a existência de *qualia* sensoriais seria questionável. Além disso, concepções seriam antes habilidades de se utilizar palavras de forma apropriada para gerar a comunicação.

⁴⁶ “Again, in speaking of them as *immediate* objects, is he implying that our awareness of *other*, ‘external’ objects is *mediated by* our awareness of ideas, which thus constitute some sort of screen or veil between us and those other objects?”

em ideias simples e compostas – e o construtivismo – pelo fato de Locke afirmar que nossas ideias derivam da experiência.

Partindo dessa premissa, Locke divide, então, as ideias em simples, complexas, de substâncias, de modos e de relações. Grosso modo, ideias simples seriam as representações das operações mentais e objetos de nossos sentidos. Para Locke,

Os homens [...] têm disponível menos ou mais ideias simples externas dependendo se os objetos com os quais estão familiarizados possuem maior ou menor variedade; e das operações internas de suas mentes dependendo se elas refletem-nos mais ou menos⁴⁷ (II.i.7).

Ou seja, verificar-se-á o argumento de que as ideias derivam, em última instância, da experiência. Ulrich Ricken (2002) comenta esse aspecto: as ideias originam-se todas da experiência. Esta é entendida de duas formas: as impressões sensoriais do mundo e o processamento intelectual das ideias providas pelos sentidos⁴⁸ (RICKEN: 2002, p. 71).

É possível ainda combinar essas ideias simples em ideias complexas. Locke aponta três atos da mente responsáveis por realizar essa combinação:

(1) Por meio da combinação de várias ideias simples em uma só composta; e, assim, todas as ideias complexas são produzidas. (2) O segundo é juntar duas ideias, sejam simples ou complexas, e substituí-las por outra, de modo a observá-las de uma só vez, sem uni-las em uma; dessa forma obtém-se a totalidade de suas ideias de relação. (3) O terceiro é separá-las de todas as outras ideias que as acompanham em sua real

⁴⁷ Men then come to be furnished with fewer or more simple ideas from without, according as the objects they converse with afford greater or less variety; and from the operations of their minds within, according as they more or less reflect on them. (II.i.7)

⁴⁸ Assim, para o autor há duas formas de conhecimento: a sensação e a reflexão. Essa questão será retomada mais adiante.

existência: a isso denomina-se abstração; é assim que todas as suas ideias gerais são produzidas. (II.xii.1)⁴⁹

Quando as mesmas ideias simples são reunidas em uma ideia composta, essa união recebe o nome de modo simples. No entanto, quando diferentes ideias simples, ou ainda, ideias simples e compostas são reunidas, a união se subdivide em dois outros grupos: ideias de substâncias e de modos mistos.

A ideia de substância, para Locke, refletiria o conjunto de ideias que aparecem sempre juntas na natureza. Entretanto, pelo fato de não ser possível imaginar “como essas ideias simples podem subsistir por si mesmas, acostumamo-nos a supor a existência de um substrato no qual elas de fato subsistem e do qual elas de fato resultam, a que, portanto, chamamos substância” (II.xxiii.1)⁵⁰. Isso significa que seria impossível identificar todas as ideias simples que compõem uma substância.

Lowe explica que haveria uma concordância inicial com a tradição aristotélica ao chamar de substância coisas concretas, individuais e constantes, como árvore, pedra ou homem (LOWE: 2002, p.72). Entretanto, a semelhança acaba quando Locke afirma que a forma desses objetos físicos não corresponde à sua realidade, isto é, ao elencar as qualidades sensíveis de uma árvore, por exemplo, não se chegará às ideias que compõem sua existência, mas à constituição atômica da árvore que não contém qualquer rastro do que seria a árvore em sua essência⁵¹. Aqui, Lowe chama a atenção mais uma vez para a forma como “ideia” deve ser interpretada para uma compreensão

⁴⁹ (1) Combining several simple ideas into one compound one; and thus all complex ideas are made. (2) The second is bringing two ideas, whether simple or complex, together, and setting them by one another, so as to take a view of them at once, without uniting them into one; by which way it gets all its ideas of relations. (3) The third is separating them from all other ideas that accompany them in their real existence: this is called abstraction: and thus all its general ideas are made. (II.xii.1)

⁵⁰ “because, as I have said, not imagining how these simple ideas can subsist by themselves, we accustom ourselves to suppose some substratum wherein they do subsist, and from which they do result, which therefore we call substance” (II.xxiii.1). Vale ressaltar a complexidade existente na definição do que se entende por substância; a discussão por si só já renderia uma outra dissertação. Yolton (1993), por exemplo, chama a atenção para o fato de que desde a Antiguidade esse conceito é debatido ao inserir a definição de Locke junto com as definições oferecidas por Descartes e Spinoza. Lowe (2002) sublinha a complexidade com que esse tema é tratado no *Ensaio* por Locke comentando que há inclusive pontos de inconsistência aparente, mas que, por fim, propõem uma explicação bastante coerente daquilo desejado por ele.

⁵¹ O que Locke entende por essência será discutido no capítulo *Da intradutibilidade* desta dissertação.

correta da definição oferecida por Locke. Assim, comentando o trecho do *Ensaio* acima citado, ele diz que

quando ele [Locke] diz, nessas passagens, que concebemos *ideias* como carentes de algo que lhes dê suporte ou em que subsistam ou a que se “conectam”, não está apontando (muito embora também concordasse com isso) para o fato de que *estados mentais* devam ser estados de uma substância de algum tipo (provavelmente de um “espírito” ou “alma”), mas para o fato de que *qualidades* de objetos físicos que causam essas ideias em nós demandam um apoio de algum “substrato” *material* “externo”⁵². (LOWE: 2002, p.74; grifos do autor)

Substrato, nesse caso, envolveria a combinação de duas noções distintas: “uma é a noção de haver uma relação de dependência ontológica entre qualidades e as substâncias individuais ou ‘coisas’ de que são qualidades, e a outra é a noção algo dúbia de ‘matéria prima’” (LOWE:2002 p. 74). Essa “matéria prima” seria o que conecta as qualidades, mas que não pode ser definido, identificado ou rastreado. Para o momento, entretanto, basta esse entendimento mais abrangente.

Os modos mistos, por outro lado, seriam ideias complexas agrupadas pela mente, e dela dependentes, diferente das substâncias. Yolton (1993, p.142) resume as três formas de se gerar os modos mistos: pela experiência e observação, pela invenção e pela explicação dos nomes de ações. Isso significa que seria possível rastrear as ideias simples que os compõem, pois “as ideias simples que compreendem um modo misto são com frequência específicas para cada sociedade e sempre relacionadas ao que é julgado como importante e digno de um nome particular” (YOLTON: 1993, p.142).

Ademais, Locke reconhece que há ideias que são obtidas por meio da comparação entre duas outras ideias, as chamadas ideias de relação. Nesse caso, “o

⁵² “Thus when he says, in these passages, that we conceive of *ideas* as needing something which supports them or in which they subsist or ‘inhere’, he is not pointing out (though he would in fact agree with this also) that *mental states* must be states of a substance of some kind (probably of a ‘spirit’ or ‘soul’), but rather that the *qualities* of physical objects which cause these ideas in us require support by some ‘external’, *material* ‘substratum’.”

entendimento, na consideração de qualquer coisa, não está confinado àquele objeto específico: ele pode conter uma ideia como se ela estivesse fora dele, ou ao menos além dele, de modo a verificar sua conformidade com qualquer outro” (II.xxv.1)⁵³. No entanto, tal como ele mesmo pontua,

há uma relação tão próxima entre ideias e palavras, e as nossas ideias abstratas e palavras gerais possuem uma relação tão constante umas com as outras, que é impossível falar de forma clara e distinta do nosso conhecimento, o qual consiste em sua totalidade de proposições, sem considerar primeiro a natureza, o uso e a significação da linguagem.(II.xxxiii.19)⁵⁴

Assim, fica claro que, para se discorrer sobre o conhecimento, é necessário, antes, deter-se à análise da linguagem e, por extensão, das palavras, instrumento por meio do qual aquele pode ser comunicado. E é essa a justificativa para Locke se dedicar à natureza e ao uso das palavras no Livro III.

Ao se deparar com o problema no uso delas para a classificação das categorias de ideias acima apresentada, Locke rejeita que haja uma classificação única de coisas na natureza. Para ele, como relata Uzgalis (2012: p.13), haveria diversas maneiras para classificar o mundo, cada uma variando a partir de um propósito particular. Diferindo da doutrina aristotélica que afirmava que haveria uma classificação natural das coisas, Locke entende que não há “limites fixos na natureza para serem descobertos, ou seja, não há pontos de demarcação claros entre espécies”⁵⁵ (UZGALIS: 2012: p.13). Uma convenção coletiva em cada comunidade pautaria a classificação de ideias, ao representá-las por palavras específicas. Isto é, haveria uma arbitrariedade determinada

⁵³ The understanding, in the consideration of anything, is not confined to that precise object: it can carry an idea as it were beyond itself, or at least look beyond it, to see how it stands in conformity to any other (II.xxv.1).

⁵⁴ there is so close a connexion between ideas and WORDS, and our abstract ideas and general words have so constant a relation one to another, that it is impossible to speak clearly and distinctly of our knowledge, which all consists in propositions, without considering, first, the nature, use, and signification of Language; which, therefore, must be the business of the next Book.(II.xxxiii.19)

⁵⁵ Esse aspecto é de grande importância na tória teoria de Locke e, por isso, será retomado no capítulo *da natureza e significação das palavras*.

pelo uso específico da linguagem na forma de se organizar as coisas da realidade. Seguindo essa lógica, conhecer os mecanismos de funcionamento dessa linguagem auxiliaria na compreensão da aquisição e da organização dessas ideias que fundamentam o conhecimento humano.

3 A TEORIA DA LINGUAGEM NO *ENSAIO*

Os aspectos levantados no capítulo anterior direcionam a reflexão para os argumentos que sustentam a teoria da linguagem desenvolvida por Locke no Livro III do *Ensaio*. Assim, este capítulo pretende apresentar um breve panorama da discussão que rejeita o inatismo, base para a teoria de Locke. A seguir, pretende-se delinear o conceito de mentalismo atribuído a esse autor para, aí sim, entender adequadamente a teoria da linguagem por ele apresentada.

3.1 Da rejeição ao inatismo⁵⁶

Um dos marcos que tornam o *Ensaio* como um todo bastante inovador é a rejeição às ideias inatas, explicitamente defendida logo no título do Livro I, *nem os princípios nem as ideias são inatos*. Locke, depois de apresentar sobre o que tratará e como conduzirá a investigação acerca do entendimento, afirma que:

É uma opinião estabelecida entre alguns homens que no entendimento há alguns princípios inatos: noções primárias, ou caracteres de noções comuns [koinai énnōiai]⁵⁷, como se estivessem estampadas na mente humana, as quais a alma recebe em sua primeira existência e carrega consigo no mundo. Basta, a fim de convencer leitores sem preconceitos quanto à falsidade dessa suposição, que me seja possível demonstrar (como espero fazê-lo nas outras partes deste discurso) como os homens, apenas pelo uso de suas faculdades naturais, podem reter todo o conhecimento que possuem sem o auxílio de alguma impressão inata; e pode alcançar a certeza sem essas noções ou princípios gerais.⁵⁸ (I.i.i)

⁵⁶ Segundo Abbagnano, “Doutrina segundo a qual no homem existem conhecimentos ou princípios práticos inatos, ou seja, não adquiridos com a experiência ou pela experiência e anteriores a ela” (2007, p.559). A rejeição a esse princípio ocorre já desde o *Draft A*, de 1671, como questionamento à escolástica e ao aristotelismo.

⁵⁷ Referência ao conceito contido no início do tratado “Os Elementos” de Euclides que se refere à definição de “axiomas” (BUCKERT, W. **Kleine Schriften: Philosophica**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2008, p.118).

⁵⁸ It is an established opinion amongst some men, that there are in the understanding certain innate principles; some primary notions, koinai ennoiai, characters, as it were stamped upon the mind of man;

Locke, ao negar essa noção, rejeita um princípio cartesiano que atribuía ao intelecto a função de interpretar as sensações antes que se constituísse a “experiência de um material substancial e permanente sofrendo mudança” (AYERS: 2000, p.14). Há também uma mudança quanto à reflexão, como explica Ayers: “tradicionalmente, tanto na filosofia aristotélica como na cartesiana, a consciência reflexiva que a mente tem de sua própria atividade, consciência que origina conceitos de diferentes tipos de pensamento é uma função do intelecto, não do sentido” (AYERS: 2000, p.14). Para Locke, a reflexão é parte da experiência. Num longo trecho, cuja reprodução na íntegra é bastante válida, ele se coloca de modo muito claro quanto a isso:

Em primeiro lugar, é evidente que todas as crianças e idiotas não têm a menor apreensão ou o menor pensamento de si. E a falta disso basta para destruir essa asserção universal que deve, sem exceção, ser concomitante a todas as verdades inatas: **parece-me muito mais uma contradição dizer que há verdades gravadas na alma não percebidas ou entendidas. Gravar, se isso significa algo, não passa de tornar perceptíveis certas verdades.** Ora, gravar alguma coisa na mente sem que esta o perceba soa-me pouco inteligível. Se, portanto, crianças e idiotas são dotados de alma, mente, com essas impressões em si, é inevitável que as percebam e necessariamente saibam dessas verdades e consintam-nas. Se não o fazem, é evidente que não existem essas impressões. Se não são noções naturalmente gravadas, como poderiam ser inatas? E, se não noções gravadas, como poderiam ser desconhecidas? Dizer que uma noção está gravada na mente e, ao mesmo tempo, que esta lhe é ignorante e nunca notá-la é fazer com que essa impressão não seja nada (l.i.5, grifos meus).

Locke é bastante claro e enfático para, primeiro, negar a existência das ideias inatas, justificando não ser possível para a mente ter uma noção em si e não se aperceber dela; haveria aí uma contradição, como continua:

which the soul receives in its very first being, and brings into the world with it. It would be sufficient to convince unprejudiced readers of the falseness of this supposition, if I should only show (as I hope I shall in the following parts of this Discourse) how men, barely by the use of their natural faculties, may attain to all the knowledge they have, without the help of any innate impressions; and may arrive at certainty, without any such original notions or principles.

Não é possível dizer que uma proposição está na mente sem que esta o soubesse, sem que não estivesse consciente dela. Pela mesma razão, alguém poderia dizer que todas as proposições que são verdadeiras e com as quais a mente é capaz de concordar sempre poderiam estar na mente e nela gravadas. Afinal, se alguém pode dizer que está na mente o que esta desconhece, só é possível porque ela é capaz de sabê-lo, logo, a mente é formada por todas as verdades que sempre conhecerá. Tampouco, portanto, verdades que a mente nunca gravou podem sê-lo jamais conhecidas. Um homem vive muito e morre ignorante a no mínimo muitas verdades as quais sua mente seria capaz de conhecer - e isso com certeza. Logo, se a capacidade de saber for a impressão natural em disputa, todas as verdades que um homem pode vir a saber, por esse raciocínio, serão, cada uma delas, inatas; e esse ponto importante não contribui para mais nada, evidencia apenas um modo bastante inadequado de falar. Enquanto alega assentir o contrário, não diz nada diferente daqueles que negam os princípios inatos.(l.i.5)

A contradição é exposta no trecho acima à medida que Locke argumenta dizendo que se as ideias nos são inatas, logo, todas elas já nascem gravadas em nossas mentes, ou seja, o entendimento é limitado. Entretanto, como ele mesmo diz “um homem vive muito e morre ignorante a no mínimo muitas verdades as quais sua mente seria capaz de conhecer”, essa é uma afirmação com a qual os favoráveis ao inatismo concordam, como não conhecer as verdade já gravadas na mente? Assim, haveria uma negação do próprio princípio, se as verdades podem ser adquiridas. Locke prossegue explicitando esse ponto:

Creio que ninguém nunca negou que a mente fosse capaz de conhecer várias verdades. A capacidade, dizem, é inata, o conhecimento, adquirido. Mas então para que essa disputa por certas máximas inatas? Se as verdades podem ser gravadas no entendimento sem serem percebidas, não vejo em que medida haveria diferença entre quaisquer verdades que a mente é capaz de conhecer em relação ao seus originais. Elas devem todas ser inatas ou todas adquiridas: em vão um homem tentará distingui-las. Quem, portanto, fala de noções inatas no entendimento, não pode (se pretende com isso um grupo de verdades distintas) tomar essas verdades inseridas no entendimento como se nunca fossem percebidas e das quais ainda é totalmente ignorante. Pois, se essas palavras “inseridas no entendimento” têm alguma propriedade, significam ser entendidas. Logo, estar inserido no entendimento e não ser entendido, estar inserido na mente e nunca ser percebido é a mesma coisa que dizer que algo está e não está na mente ou no entendimento. Se, portanto, essas duas proposições “o que é, é” e “é impossível que a

mesma coisa seja e não seja” são, por natureza, gravadas, a crianças não lhes podem ser ignorantes: infantes e todos que são dotados de alma devem necessariamente tê-las em seus entendimentos, saber suas verdades e concordar com elas. (I.i.5)⁵⁹

Segue, portanto, que para Locke, o pensamento não é claro para si, porque a reflexão é parte da experiência, por meio da qual adquirimos as ideias. Ayers complementa que “assim como os sentidos nos dão apenas um conhecimento superficial e grosseiro dos objetos externos, do mesmo modo a ‘reflexão’ nos torna conscientes do nosso pensamento, mas não da natureza última do pensamento” (AYERS:2000, p.14). O nível mental, como se vê, é o que regula a produção da linguagem no indivíduo, como a seção seguinte detalhará.

⁵⁹ For, first, it is evident, that all children and idiots have not the least apprehension or thought of them. And the want of that is enough to destroy that universal assent which must needs be the necessary concomitant of all innate truths: it seeming to me near a contradiction to say, that there are truths imprinted on the soul, which it perceives or understands not: imprinting, if it signify anything, being nothing else but the making certain truths to be perceived. For to imprint anything on the mind without the mind's perceiving it, seems to me hardly intelligible. If therefore children and idiots have souls, have minds, with those impressions upon them, they must unavoidably perceive them, and necessarily know and assent to these truths; which since they do not, it is evident that there are no such impressions. For if they are not notions naturally imprinted, how can they be innate? and if they are notions imprinted, how can they be unknown? To say a notion is imprinted on the mind, and yet at the same time to say, that the mind is ignorant of it, and never yet took notice of it, is to make this impression nothing. No proposition can be said to be in the mind which it never yet knew, which it was never yet conscious of. For if any one may, then, by the same reason, all propositions that are true, and the mind is capable ever of assenting to, may be said to be in the mind, and to be imprinted: since, if any one can be said to be in the mind, which it never yet knew, it must be only because it is capable of knowing it; and so the mind is of all truths it ever shall know. Nay, thus truths may be imprinted on the mind which it never did, nor ever shall know; for a man may live long, and die at last in ignorance of many truths which his mind was capable of knowing, and that with certainty. So that if the capacity of knowing be the natural impression contended for, all the truths a man ever comes to know will, by this account, be every one of them innate; and this great point will amount to no more, but only to a very improper way of speaking; which, whilst it pretends to assert the contrary, says nothing different from those who deny innate principles. For nobody, I think, ever denied that the mind was capable of knowing several truths. The capacity, they say, is innate; the knowledge acquired. But then to what end such contest for certain innate maxims? If truths can be imprinted on the understanding without being perceived, I can see no difference there can be between any truths the mind is capable of knowing in respect of their original: they must all be innate or all adventitious: in vain shall a man go about to distinguish them. He therefore that talks of innate notions in the understanding, cannot (if he intend thereby any distinct sort of truths) mean such truths to be in the understanding as it never perceived, and is yet wholly ignorant of. For if these words “to be in the understanding” have any propriety, they signify to be understood. So that to be in the understanding, and not to be understood; to be in the mind and never to be perceived, is all one as to say anything is and is not in the mind or understanding. If therefore these two propositions, “Whatsoever is, is,” and “It is impossible for the same thing to be and not to be,” are by nature imprinted, children cannot be ignorant of them: infants, and all that have souls, must necessarily have them in their understandings, know the truth of them, and assent to it”.

3.2 Do mentalismo em Locke

Segundo Abbagnano (2007), mentalismo pode ser entendido de acordo com a seguinte definição:

Vocábulo usado na maioria das vezes por escritores filosóficos anglo-saxões para indicar coisas bem diferentes: ou como sinônimo de "subjetivismo" e "idealismo subjetivo" (do tipo de Berkeley) ou como sinônimo de psicologismo, ou seja, a tendência combatida pela Lógica hodierna, mas ainda tenazmente persistente, de considerar as formas, as figuras e as estruturas da Lógica como formações, representações e operações mentais (psicológicas), e de considerar as regras da Lógica como "leis do pensamento". (ABBAGNANO: 2007, p.660)

A partir dessa acepção primária, alguns comentadores procuram analisar a teoria de Locke com algumas variações. Ott (2008), por exemplo, afirma o seguinte:

Locke compartilha com seus predecessores um compromisso com o que eu gostaria de chamar de "mentalismo": a visão de que o nível linguístico herda seu significado do mental. O trabalho de intencionalidade⁶⁰ ou de relações semânticas ocorrem no nível do mental; as palavras surgem, por convenção, para servir como "sinais" dos conteúdos mentais.⁶¹ (OTT:2008, pp.291-2)

Locke é inserido nas discussões das quais participou ou pelas quais foi influenciado. Nega-se o inatismo, logo, a função exercida pela mente assume um papel maior, é nela que as ideias provindas da experiência são registradas.

⁶⁰ Entende-se intencionalidade como "referência de qualquer ato humano a um objeto diferente dele: p. ex., de uma ideia ou representação à coisa pensada ou representada, de um ato de vontade ou de amor à coisa querida ou amada, etc." (ABBAGNANO: 2007, pp.576-7). Abbagnano anota que "o conceito só ganhou destaque quando, entre o fim do séc. XIII e o começo do séc. XIV, começou-se a duvidar da doutrina da espécie como intermediária do conhecimento e deixou-se de ver no ato cognitivo uma "semelhança", uma cópia ou imagem da coisa" (Ibidem) A compreensão do termo varia ao longo dos séculos de modo que é preciso entender a passagem com cuidado para que não se produza uma interpretação anacrônica.

⁶¹ "What is more important, Locke shares with his predecessors a commitment to what I shall call 'mentalism': the view that the linguistic inherits its meaning from the mental. The work of intentionality or aboutness is done at the level of the mental; words come by convention to serve as 'signs' of mental contents."

Em outro momento, Ott dedica parte das atenções a esse ataque ao aristotelismo como justificativa para o argumento de que tudo o que existe é particular, ou seja, encontra-se dentro da mente do falante, o que poderia enquadrá-lo como um filósofo nominalista⁶². Ele, porém, alega ser uma via que pode tender ao erro, preferindo entendê-lo da seguinte forma: “Locke é um nominalista restrito no que se refere às classes naturais, mas um realista no que se refere às propriedades constituídas como fundações de semelhanças objetivas no nível corpuscular”⁶³ (OTT:2004, p.72). Ou como o próprio Locke coloca,

Que não me tomem por ter esquecido, menos ainda negado, que **a Natureza, na produção de coisas, fá-las muitos semelhantes**: não há nada mais óbvio, especialmente na raça dos animais e em todas as coisas propagadas por semente. Ainda assim, creio que podemos afirmar que **seu agrupamento sob nomes é obra do entendimento, valendo-se da similitude que observa existir entre as coisas para gerar ideias abstratas gerais**, e montá-las na mente com nomes a elas afixados como padrões ou formas (pois, nesse sentido, a palavra “forma” tem uma significação bastante própria) com os quais concordam enquanto coisas particulares existentes, logo, acabam por pertencer àquela *species*, possuir aquela denominação, ou serem inseridas naquela *classis*. (III.iii.13, grifos meus)

Ou seja, observa-se objetivamente que as coisas na natureza são semelhantes, mas as qualidades que determinam essas semelhanças são estabelecidas seguindo uma convenção mental e humana⁶⁴.

⁶² Ott é cuidadoso com o termo, pois como ele mesmo comenta, o termo pode se referir a posições as mais variadas. Platão e Aristóteles também o seriam se o princípio é entender que tudo é particular, por isso propõe a seguinte restrição: “I propose to use the term instead to refer to those views that hold that there is no mind- or language-independent justification for grouping things or qualities under a single heading. Even within this camp, we can distinguish the **restricted nominalist, who imposes extra-linguistic or extra-mental limits on the nature and number of kinds we construct**, from what we might pejoratively call the rabid nominalist, who accepts no such constraints.” (OTT: 2004, p.72, grifos meus) Não cabe aqui discutir em que medida Locke seria um nominalista restrito ou se seria pensá-lo, como propõe Ott, como realista no que se refere às classes naturais.

⁶³ “Locke is a restricted nominalist with regard to natural kinds, but a realist with regard to proper- ties construed as foundations of objective resemblances at the corpuscular level.”

⁶⁴ No capítulo 6, *dos nomes das substâncias*, Locke aprofunda essa questão por conta da problemática do acesso à essência nominal mas não à real, ponto a ser tratado no capítulo *Da intradutibilidade* desta dissertação. Ayers (1981, p.249) também cita a teoria ideacional de Locke, ali como reação à tradição aristotélica como será esclarecido ao longo desta dissertação.

Lycan, do mesmo modo, aponta Locke como o “bode expiatório” da teoria ideacional⁶⁵ no sentido de ter sido ele um dos primeiros a sustentar que “os significados das expressões linguísticas são ideias na mente” do falante (LYCAN: 2008, p.66). Sob esse prisma, os fatos significativos⁶⁶ seriam expressos com maior precisão seguindo uma via intuitiva. Característico dessa teoria seria a importância dos estados mentais em que o falante se encontra no momento em que produz esses fatos significativos, os quais são estados e tempos particulares (LYCAN: 2008, p.66).

Há, porém, como anota Lycan, algumas objeções a essa teoria – a qual não conta com uma grande popularidade. A primeira questiona o que seriam de fato as “ideias”: faltaria uma clareza em entender que tipo de entidades mentais representariam⁶⁷. A segunda objeção concerne às palavras que não possuem nenhum conteúdo mental, ou seja, não representariam uma “ideia”, mas uma relação, como no caso das partículas⁶⁸. Em terceiro lugar, Lycan destaca um fator notado por Locke: o significado é um fenômeno social, enquanto que as ideias são particulares, variam de acordo com o estado mental do falante⁶⁹. Por fim, Lycan ainda aponta para o fato de haver sentenças significativas que não corresponderiam a quaisquer entidades mentais: “há sentenças que são ou seriam perfeitamente significativas, mas cujos conteúdos nunca foram pensados por ninguém ou nunca ocorreram a ninguém” (LYCAN: 2008, p.68)⁷⁰.

⁶⁵ Lososnky (2007, p.289) ressalta que a teoria assim expressa em Locke foi proposta por W. P. Alston, em 1964.

⁶⁶ Conjunto de marcas ou sons que expressam alguma coisa (LYCAN: 2008, pp.67-8).

⁶⁷ Elas não são imagens na mente do falante, pois imagem, segundo Lycan, é mais detalhada do que significado; pensá-las enquanto conceito também na bastaria, pois um conceito não pode ser falseável, logo, não serviria como significado de uma sentença. Entendê-las como um pensamento também não é a solução, pois “nem toda sentença expressa o pensamento real de alguém” (LYCAN:2008, 67)

⁶⁸ Locke dedica um breve capítulo do Livro III exclusivamente às partículas, o sétimo. Além de apontar sua importância na composição das proposições que compõem o conhecimento, destaca a particularidade inerente a essa classe de palavras, já que assumem um significado de acordo com o contexto em que estão inseridas. Dessa forma, traduzi-las nem sempre é uma tarefa realizável. Mais sobre essas questões será desenvolvido nos capítulos *Da natureza e significação das palavras* e *Da intradutibilidade* desta dissertação.

⁶⁹ Essa objeção em Locke explicitaria o fato de acessarmos apenas a essência nominal das coisas, jamais a essência real (especialmente no caso das substâncias); isso tornaria as palavras instáveis porque associadas a noções particulares que devem necessariamente se conformar com um crivo social - novamente, a tradução seria uma prática que evidencia essa deficiência, por isso seria uma impossibilidade.

⁷⁰ Lycan desenvolve seu texto a fim de apresentar um panorama das teorias de significado não necessariamente opta por uma vertente em específico, como também não é o caso desta dissertação.

Lowe segue a mesma linha de Lycan ao considerar a teoria da linguagem de Locke “teoria ideacional do pensamento” (2002, p.147) e ao apresentar algumas ressalvas quanto ao que se deve entender por ideias quando o filósofo afirma:

Embora o homem possua uma grande variedade de pensamentos, dos quais outros e ele mesmo podem se beneficiar e gozar, todos eles estão dentro de seu próprio peito, invisíveis e escondidos de outros; tampouco podem manifestar-se por conta própria. E, como o conforto e o progresso da sociedade não poderiam existir sem a comunicação dos pensamentos, **foi necessário que o homem encontrasse sinais sensíveis externos, por meio dos quais essas ideias invisíveis, das quais seus pensamentos são feitos, pudessem tornar-se conhecidas por outros** (III.ii.1, grifos meus).

Haveria uma ambiguidade no entendimento de ideias quando se as toma como material de que os pensamentos são feitos: elas poderiam ser entendidas como uma percepção ou como um conceito, embora essa última atribuição distancie do caráter sensualista das ideias, já que são adquiridas pela experiência (LOWE: 2002, p.147). Lowe complementa o raciocínio reforçando que “não é sua intenção [de Locke] dizer que pensar é apenas uma percepção-sensual: de todo modo, porém, ele pretende representar essa ação como um processo proximamente relacionado à percepção-sensual” (Idem). Assim, seria possível entender que pensar envolveria o exercício da imaginação⁷¹.

⁷¹ “When Locke talks of *thoughts* being ‘made up of ideas’, he clearly does not want to say that thinking just is sense-perception: but he nonetheless evidently wants to represent it as a process closely related to sense-perception”. A discussão acerca da imaginação foi reavivada na segunda metade do séc. XVII, em contraposição à visão racionalista de Descartes da linguagem. Hobbes e Gassendi propuseram uma interpretação sensualista que considerava a imaginação como um nível intermediário entre a percepção sensorial e o pensamento abstrato - ou seja, entre corpo e alma -, argumento incorporado por Locke em sua teoria, de acordo com Ricken (2002, p.52). Imaginação, como ele explica, seria “entendida como a faculdade de renovar impressões dos sentidos já recebidos na ausência dos objetos que as originaram” (Idem, p.82) [“the faculty of renewing sense impressions already received in the absence of the objects from which they arose”]. Lowe também argumenta em favor da imaginação como processo integrante da teoria ideacional de Locke (2002, p.148; pp.165-70). Imaginação, portanto, participaria da etapa que Locke denomina de reflexão. Excede, porém, o espaço desta pesquisa aprofundar a reflexão sobre como esse conceito foi debatido no século citado

3.3 Da teoria da linguagem

Para Locke haveria, portanto, duas fontes de conhecimento: a sensação e a reflexão⁷². Todas as ideias seriam originadas da experiência, resumida às impressões sensoriais recebidas do mundo ao processamento intelectual das ideias e geradas pelos sentidos. A linguagem, vista sob esse prisma, ocorreria num segundo momento, de acordo com Ricken:

somente no terceiro livro Locke enfatizou que até mesmo as designações de conceitos abstratos possuíam originalmente um significado sensorial e que a referência original dessas palavras a coisas concretas seria mais outra indicação de que todos os objetos do pensamento se originaram nos sentidos⁷³ (RICKEN:2002, p.71).

Mais uma vez, é a experiência sensorial que determina o que será registrado na mente, inclusive em se tratando das ideias abstratas, as quais Locke menciona no seguinte trecho, cuja citação em sua íntegra é muito valiosa:

Podemos nos aproximar um pouco mais da origem de todas as nossas noções e nossos conhecimentos **se repararmos como as nossas palavras são dependentes das ideias sensíveis comuns, das quais essas palavras usadas para representar ações e noções bastante desprovidas de sentido, surgem. Então, a partir das ideias sensíveis óbvias, suas significações são deslocadas para outras mais abstrusas e elas forçadas a representar ideias que não chegam ao conhecimento de nossos sentidos.** Por exemplo, “imaginar”, “apreender”, “abranger”, “aderir”, “conceber”, “insinuar”, “repugnar”, “perturbação”, “tranquilidade” etc. são todas palavras tomadas de operações das coisas sensíveis e aplicadas a certos modos de pensar. “Espírito”, em sua significação primária, é “sopro”; “anjo”, um mensageiro. E não tenho dúvidas de que, se pudéssemos rastreá-los até sua fonte, encontraríamos, em todas as línguas, nomes

⁷² Nidditch, na introdução ao *Ensaio* comenta que apesar de Hobbes ser o primeiro a propor uma filosofia da mente e da cognição com bases no empirismo, Locke foi pioneiro ao realizar um “rastreamento sistemático de nossas ideias à sua origem empírica” (LOCKE: 1979, p.ix), teria sido ele quem arquitetou um conceito original de “experiência” dividida, como se vê, em interna e externa.

⁷³ “Only in the third book did Locke emphasize that even the designations of abstract concepts originally had a sensuous meaning and that the original reference of these objects of thought originated in the senses”.

usados para representarem coisas que não se enquadram nos nossos sentidos com seu primeiro surgimento derivado das nossas ideias sensíveis. (III.i.5, grifos meus)

Locke propõe que até mesmo conceitos abstratos derivam de experiências sensoriais, ou seja, a conotação seria uma transferência de significação de ideias sensíveis óbvias, como sopro derivando-se em espírito etc. Esse exercício retomaria as primeiras tentativas dos iniciantes das línguas em expressar seus pensamentos, como ele prossegue:

Por isso, podemos ser levados a supor que tipo de noções foram, e de onde derivaram, o que preencheu as mentes dos primeiros iniciantes das línguas e como a natureza, até mesmo no nome das coisas, inconscientemente sugeriu aos homens os originais e os princípios de todo conhecimento deles. Por outro lado, encontrar nomes que possibilitasse aos outros conhecerem quaisquer operações sentidas em si mesmos, ou quaisquer outras ideias que passaram despercebidas pelos seus sentidos, obrigá-los-ia a emprestarem palavras das ideias de sensação usualmente conhecidas. Desse modo, a concepção dessas operações que eles experimentaram em si mesmos, mas sem qualquer manifestação externa sensível, seria facilitada para os outros. E, assim, quando eles conhecessem e concordassem com nomes para significar essas operações internas de suas próprias mentes, estariam suficientemente equipados a tornar conhecidas por meio de palavras todas as suas outras ideias; **já que elas consistem apenas em percepções sensíveis externas ou em operações internas a suas mentes sobre elas**. Pois não temos, como já se provou, nenhuma ideia, senão o que originalmente provém tanto de objetos sensíveis externos, quanto do que sentimos dentro de nós, a partir dos mecanismos interiores do nosso espírito, dos quais temos consciência dentro de nós mesmos. (III.i.5, grifos meus)

Interessante é a sugestão dos prováveis procedimentos efetuados quando da criação das primeiras palavras para justamente expressar as operações da mente do falante a fim de verificar se haveria uma concordância com outros usuários da mesma língua. Esse é, inclusive, um dos trechos mais acessados no terceiro livro, pois é justamente nele em que é possível identificar uma das primeiras discussões a respeito da origem da linguagem⁷⁴.

⁷⁴ Condillac, em seu *Ensaio sobre a Origem do Conhecimento Humano*, desenvolve mais esse raciocínio, reforçando influência da teoria da linguagem de Locke. Esse trecho é também muito citado como

Michael Losonsky (2007) é um dos autores que deixa clara a importância da linguagem para Locke e de como o entendimento da noção de ideia é necessário para compreender a sua teoria:

[O *Ensaio*] inclui uma preocupação com a linguagem que ocupa um lugar significativo na história da filosofia. Locke não apenas associa o conceito de uma ideia para explicar percepção e conhecimento, como também o usa para desenvolver uma teoria da linguagem (LOSONSKY: 2007, p.286)⁷⁵.

Haveria um adiamento consciente no trato sobre o entendimento humano – o qual ocorre mais solidamente apenas no Livro IV – pelo fato de Locke perceber ser inadiável a discussão sobre a linguagem. Novamente, Losonsky traz uma explicação para isso:

Fica claro por que ele se dedica à linguagem. Depois de discutir as origens e tipos de ideias que possuímos, Locke, num primeiro momento, quis se dedicar ao papel que as ideias desempenham na cognição humana e o que os seres humanos podem esperar saber dada a natureza das nossas ideias. Entretanto, ele adiou essa discussão sobre o conhecimento humano e optou por se ater à linguagem porque ele concluiu que a linguagem desempenha um papel central na cognição humana. (LOSONSKY: 2007, p. 287)⁷⁶

O trecho II.xxxiii.19, já citado e comentado no capítulo anterior, localiza o argumento de Locke ao explicitar a proximidade que há entre as palavras e as ideias: as palavras dependem das ideias que são sensíveis, ou seja, apreendidas por meio dos sentidos e daí se desenvolvem, por meio da reflexão, em significações que não passam por nosso conhecimento consciente até atingir o significado acessado pelas palavras. É

argumento para a origem metafórica das palavras, especialmente no séc. XVIII. (HARRIS & TAYLOR: 1997, p.135)

⁷⁵ “It also includes a turn to language that has a significant place in the history of philosophy. Locke not only relies on the concept of an idea to explain perception and knowledge, but also uses it to develop a theory of language”.

⁷⁶ “It is also clear why he turns to language. After having discussed the origins and types of ideas we have, Locke initially wanted to turn to the role ideas play in human cognition and what human beings can expect to know given the nature of our ideas. However, he postponed this discussion of human knowledge and turned to language instead because he concluded that language plays a central role in human cognition”.

nesse trecho ainda que se percebe a relação necessária com o mundo exterior na aquisição de conhecimento e, por consequência, da linguagem. Sem a experiência, não há registro, não há comunicação⁷⁷.

Losonsky acrescenta ainda que Locke, ao aprofundar sua discussão sobre a aquisição do conhecimento, insere um novo termo que não fora citado nos rascunhos anteriores à versão final do *Ensaio*: a significação da linguagem, de onde se fundamenta aquela proximidade apontada já no final do livro II (LOSONSKY: 2007, pp.287-8). Esse termo é introduzido no segundo capítulo do Livro III, *da significação das palavras*, no qual Locke argumenta, como já citado, “foi necessário que o homem encontrasse sinais sensíveis externos, por meio dos quais essas ideias invisíveis, das quais seus pensamentos são feitos, pudessem tornar-se conhecidas por outros.” (III.ii.1) Esses sinais externos seriam as palavras, por isso, insiste em que

devemos compreender como as palavras, que se adaptaram tão bem a esse propósito, vieram a ser utilizadas pelos homens como sinais de suas ideias; mas não por alguma conexão natural que há entre sons articulados particulares e certas ideias - senão, haveria apenas uma única língua entre todas as pessoas - mas por uma imposição espontânea em que uma determinada palavra se torna arbitrariamente a marca de uma determinada ideia. O uso das palavras consiste, portanto, em que sejam marcas sensíveis das ideias; e as ideias por elas representadas são sua própria e imediata significação (III.ii.1).

É importante reforçar que a relação entre as palavras e as ideias é convencional e arbitrária, não há nada na natureza, de acordo com a teoria, que revele uma predisposição para que ela ocorra. Se assim o fosse, como Locke comenta, haveria apenas uma língua⁷⁸.

⁷⁷ Vale também apontar que é nesse trecho em que se identifica a clara relação do conhecimento com os sentidos. Daí se desenvolve o sensacionismo do séc. XVIII derivado do mecanismo da imaginação, como comentado na nota 71 acima.

⁷⁸ A problemática da tradução ficaria sugerida aqui também à medida que se entende que as palavras, e por extensão as línguas, são convenções humanas porque passam pelas percepções possibilitadas pela experiência sensorial subjetiva, socialmente compartilhadas. Apenas uma língua sugeriria uma pré-determinação natural para que as experiências fossem semelhantes, a tradução nesse caso seria dispensável. Mas, porque “uma determinada palavra se torna arbitrariamente a marca de uma

Ademais, fica claro que há, para Locke, dois tipos de sinais – entendidos como marcas com algum tipo de significado: as ideias e as palavras. As ideias seriam entendidas como sinais para as sensações das coisas e as palavras para essas ideias. A teoria da linguagem de Locke lança suas bases exatamente nesse princípio, “**as palavras** em sua significação primária ou imediata, nada **representam** , além **das ideias na mente daquele que as usa**” (III.ii.2, grifos meus), repetido mais adiante como “as palavras, da forma como são usadas pelos homens, [podem] significar própria e imediatamente apenas as ideias que estão na mente do falante” (III.ii.4), ou “uma coisa é certa, sua significação [das palavras], na utilização que ele [homem] faz delas, é limitada às suas ideias, e elas não podem ser sinais de nada mais” (III.ii.8).

Há aqui pontos chave para que se possa compreender por que essa máxima fez a teoria de Locke inovadora: dois tipos de sinais, a arbitrariedade da relação entre eles, e o protagonismo do indivíduo na construção dessas relações.

3.3.1 da arbitrariedade

Sylvain Auroux (1998) comenta que a questão da arbitrariedade não é inédita, mas teria sido Locke quem primeiro defrontou esse problema em toda a sua complexidade (AUROUX:1998, p.114). Isso pelo fato mesmo de identificar dois tipos de sinais interdependentes, como já destacado acima, assim, o arbitrário das palavras promove o arbitrário também das ideias, como consta em II.viii.7:

não pensemos (como geralmente acontece) que elas [as ideias] são exatamente as imagens e semelhanças de alguma coisa inerente ao objeto; a maioria dessas ideias de sensação estão na mente de modo semelhante a algo que existe fora de nós, da mesma

determinada ideia”, há um recorte consciente que é colocado em debate com outros recortes no mesmo momento da tradução.

forma os nomes que as representam são semelhantes às nossas ideias, estas que nos são excitadas pela disposição daqueles quando os ouvimos.⁷⁹

Ou seja, as ideias são percepções na mente do falante causadas por modificações na matéria observada - daí que, no caso das substâncias, por exemplo, as qualidades notadas por uma pessoa quando se depara com ouro podem não ser as mesmas notadas por outra. E somente porque essas percepções recebem um nome é que podem ser comunicadas. “Assim, a palavra pode valer pela ideia, mas também pela qualidade sensível” (AUROUX:1998, p.115), a palavra representa a ideia que representa a qualidade.

3.3.2 da liberdade do indivíduo

Para Locke, “cada homem possui uma liberdade tão inviolável de fazer com que as palavras representem quaisquer ideias que desejar, que ninguém tem o poder de fazer com que outros tenham as mesmas ideias em suas mentes que ele tem, quando eles utilizam aquelas mesmas palavras que ele.” (III.ii.8). Isso significa, de acordo com Auroux, que “o homem possui a mesma liberdade que a de Adão no que concerne à construção das ideias complexas” (AUROUX:1998, p.114); essa seria base da revolução linguística do *Ensaio*. Locke, nas passagens III.vi.44 a 51, aborda dois momentos da linguagem: Adão quando da primeira atribuição de um nome às coisas que encontra na natureza - especialmente no caso dos nomes de substâncias e de modos mistos - e, depois, seus filhos e de outros homens, em situações posteriores ao estabelecimento da língua, na mesma posição daquele; sua conclusão é que “a liberdade que Adão teve de partida para produzir quaisquer ideias complexas de modos mistos sem seguir nenhum padrão além de seus pensamentos é a mesma que têm

⁷⁹ that so we may not think (as perhaps usually is done) that they are exactly the images and resemblances of something inherent in the subject; most of those of sensation being in the mind no more the likeness of something existing without us, than the names that stand for them are the likeness of our ideas, which yet upon hearing they are apt to excite in us.

todos os homens desde sempre.” (III.vi.51). Isso por causa do propósito maior da comunicação, com a exceção de que, diferente de Adão, que representa os iniciadores das línguas. No caso de línguas já estabelecidas,

os homens já são guarnecidos de nomes para suas ideias e o uso comum já possui nomes conhecidos apropriados a certas ideias; uma aplicação afetada ou mal sucedida deles só pode soar ridículo. Quem tiver novas noções poderá se arriscar eventualmente na cunhagem de novos termos para expressá-las, mas isso é visto como uma ousadia e não há certezas de que o uso comum incorporará o termo como corrente. Mas na comunicação com outros, é necessário que adaptemos as ideias que fazemos as palavras vulgares de quaisquer línguas representarem às suas próprias e conhecidas significações (ponto sobre o qual já discorri largamente), ou então dar a conhecer essa nova significação que empregamos. (III.vi.51)

Auroux identifica uma postura diferente do sujeito com relação aos dois tipos de sinais: ele é passivo quando deve conformar suas ideias às ocorrências externas ou seja, respeitar a co-ocorrência das qualidades sensíveis com as quais se depara (no caso das ideias simples ou das ideias de substâncias); e ativo diante das palavras, porque é livre para instituir sua significação. Essa liberdade de fazer das palavras sinais para suas ideias é entendida como *liberalismo linguístico*⁸⁰:

tese em que consiste em assertar que na base de todo ato de linguagem há a liberdade inviolável de cada indivíduo. [...] Daí evidentemente uma *imperfeição* na natureza da linguagem, em relação à sua finalidade, que é a de comunicar com outrem: a liberdade individual na qual ela tem origem pode fazer com que se empregue a linguagem sem conseguir exercer sua função. (AUROUX:1998, p.116, grifo do autor)

⁸⁰ Auroux aproxima nesse aspecto a filosofia da linguagem de Locke com sua filosofia política, tanto pelo uso dos mesmos termos, quanto pelo respeito ao mesmo raciocínio: da mesma forma que ninguém pode ser submetido ao poder político de outrem, se ele mesmo não o consentiu, nenhuma palavra pode ter sentido se ele não consente (AUROUX:1998, p.118).

Locke, por esse motivo, é cuidadoso ao estabelecer o papel das palavras logo no início do livro III e, por consequência, da linguagem. Ele esclarece que

posto que o uso que os homens fazem dessas marcas consiste tanto em registrar os próprios pensamentos, como assistência à sua própria memória, quanto, por assim dizer, em expressar suas ideias e expô-las à visão dos demais, as palavras, em sua significação primeira ou imediata, nada representam além das ideias na mente daquele que as usa, por mais imperfeita ou descuidada que seja a forma como essas ideias são colhidas das coisas as quais elas deveriam simbolizar. (III.ii.2)

Locke é incisivo quanto ao respeito desses princípios. Inclusive, mais adiante, reitera a necessidade de atentá-los, definindo-os novamente:

Os propósitos da linguagem em nossos diálogos com outros são principalmente estes três: Primeiro, fazer com que os pensamentos ou as ideias de um homem possam ser conhecidos. Segundo, fazer isso da forma mais fácil e rápida possível. E terceiro, dessa forma transmitir o conhecimento sobre as coisas: a linguagem ou sofre abusos ou é deficiente quando não cumpre com algum desses três. (III.x.23)

Nesse mesmo parágrafo, como forma de alerta, Locke resume o que provocaria essa deficiência, associada ou à imperfeição natural das palavras ou ao abuso que se faz decorrente do mau emprego delas. Ele cita as seguintes situações como uma ameaça:

1. Quando os homens possuem palavras em suas bocas sem ideias determinadas em suas mentes das quais são sinais; ou 2. Quando aplicam os nomes comuns recebidos de quaisquer línguas a ideias às quais o uso comum dessa língua não aplica; ou 3. Quando aplicam-nas com muita instabilidade, de modo que num instante representam uma ideia e, com o passar do tempo, outra. (III.x.23)

Essas falhas evidenciam – para além da crítica de Locke aos escolásticos – o atrito entre o caráter particular da linguagem – as palavras representam as ideias **na mente do falante** – e o social – o significado das palavras é acordado socialmente, uma palavra empregada de modo diferente daquele compartilhado por uma comunidade falha no seu propósito maior de transmitir os pensamentos do falante para outra pessoa.

Locke “considera seu uso na comunicação *primário*, todos os outros usos derivariam do uso comunicativo” (KRETZMANN: 1979, p.337; grifo do autor). O uso comunicativo prevê, como já dito, a transmissão das ideias de um indivíduo para outro e, para que ele ocorra adequadamente, é preciso compreender a natureza das palavras, ou seja, como elas vieram a se tornar sinais das ideias. Para tanto, tal como aponta Ashworth (1984, p.50), Locke enfatiza a importância de aprimorarmos o nosso conhecimento do mundo – indo além das regras gramaticais e estudando a história natural – para, assim, tornar as nossas palavras mais precisas. E, como aponta Ott (2008, p.292), Locke, ao buscar explicar o modo como as ideias acabam por representar seus objetos, também contribui para garantir que não estaríamos, em princípio, excluídos dos significados uns dos outros. A tradução, por exemplo, seria uma forma de comprovar essa comunicação ainda no nível do pensamento, como complementa Aurox, com a “hipótese segundo a qual a linguagem é uma tradução do pensamento” (AUROUX: 1998, p.116)⁸¹. O próximo capítulo, portanto, será dedicado às reflexões referentes à natureza e a significação das palavras previstas pela teoria de Locke.

⁸¹ Essas questões servem de argumento para Aurox afirmar que Locke não poderia ser um idealista: “para que a comunicação seja possível, é preciso postular a existência de um mundo externo e i) uma ligação constante entre as qualidades sensíveis e as ideias de cada homem, ii) uma ligação constante entre as palavras e as qualidades sensíveis” (AUROUX: 1998, p.117)

4 DA NATUREZA E SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Este capítulo tem como foco as discussões propostas por Locke referentes às palavras e ao que ele interpreta por significação. Depois de entendido como o Livro III se insere no contexto do *Ensaio*, e como a teoria da linguagem está fundamentada na rejeição ao inatismo e no conceito de ideia definido no Livro II, é preciso refletir sobre o papel das palavras enquanto sinais das ideias para Locke, para, aí sim, compreender por que, para ele, a tradução é impossível.

Assim, os argumentos aqui presentes estão organizados em três momentos: primeiro, a natureza das palavras, ou seja, como elas vieram a ser entendidas como o melhor instrumento que pudesse transmitir os pensamentos, internos ao falante, ao meio externo. Em seguida, será discutido como Locke entende a noção de significação e como esse princípio é base da teoria da linguagem proposta por ele. Por fim, será apresentado como Locke propõe garantir o uso adequado das palavras. Os problemas gerados pelas questões levantadas aqui serão tratados no próximo capítulo.

4.1 Da natureza das palavras

Kretzmann (1976) parte da máxima “as palavras representam ideias” [words stand for ideas] para refletir sobre a origem daquelas. Porém, antes de analisá-la, deixa claro que “representam” [stand for] não é um termo técnico para Locke, sendo empregado como sinônimo de “são sinais de” [are the signs of], “são nomes de” [are the names], “marcam” [mark], “são anexadas a” [are annexed to], “são marcas de” [are marks of], “significam” [signify] e “correspondem a” [correspond to] (KRETZMANN: 1976, p.334). Apesar dessa constatação, a noção expressa pelo verbo “representar” em específico é bastante cara à interpretação da teoria de Locke realizada por esse autor.

Entretanto, ainda segundo Kretzmann, antes de se refletir sobre a formulação inicial partindo do verbo empregado, haveria dois importantes aspectos no argumento de Locke que deveriam ser levados em conta: em primeiro lugar, a afirmação não dá conta de explicar a função de todas as palavras: as sincategoremáticas⁸² – ou seja, partículas, cópulas e a palavra “não”, além dos verbos, seriam excluídos. Aquelas, segundo Locke, não representam ideias na mente do falante, mas a conexão entre elas. Sua função, portanto, seria fundamental para o bom discurso e a transmissão adequada das ideias que o falante tem em sua mente. Ele comenta que:

Para o bem pensar, não basta que um homem tenha ideias claras e distintas em seus pensamentos, tampouco que observe a concordância ou discordância entre algumas delas. Ele deve pensar seguindo uma linha de raciocínio e observar a dependência que há entre seus pensamentos e reflexões. E, a fim de expressar bem tais pensamentos metódicos e racionais, ele deve possuir palavras que mostrem que tipo de conexão, restrição, distinção, oposição, ênfase etc. ele atribui a cada parte respectiva de seu discurso. Cometer erros em alguma delas é confundir ao invés de informar seu ouvinte. (III.vii.2)

Locke não se detém muito na análise dos verbos, logo, não inclui nem exclui essa classe da sua teoria. Entretanto, o trecho a seguir – referente ainda às partículas –, sugeriria também uma justificativa do porquê não os consideraria como palavras que indicam ideias na mente do falante:

Todas elas são marcas de alguma ação ou de algum prenúncio da mente. Também não satisfaz traduzi-las [as partículas], como costuma ocorrer em dicionários, por palavras em outras línguas que mais se aproximam de sua significação, para explicar essas palavras: normalmente o que é significado por elas é difícil de entender tanto numa quanto noutra língua. Todas elas são marcas de alguma manifestação ou de algum prenúncio da mente. Por isso, para que se possa entendê-las corretamente, é preciso estudar com cuidado os diferentes pontos de vista, as várias posturas, posições, variações, limitações

⁸² Essa nomenclatura é usada por Kretzmann e outros, Locke usa o termo “partículas” para essa categoria, já que “sincategoremático” é um termo da escolástica.

e exceções e vários outros pensamentos da mente para os quais não temos um nome, ou o temos de modo muito deficiente. Deles há uma grande variedade, muitos excedendo o número de partículas que grande parte das línguas têm para expressá-las: não surpreende que grande parte dessas partículas possua várias significações, às vezes, até quase opostas. Em hebraico, há uma partícula que se constitui de apenas uma letra, para a qual são reconhecidas, se me recordo bem, setenta – estou certo de que são acima de cinquenta – significações variadas. (III.vii.4, grifos do autor)

Significar ação não representa uma ideia na mente do falante, mas “alguma manifestação” ou “algum prenúncio da mente”. Ora, os verbos⁸³ têm essa função, não representam uma ideia, mas uma ação da ideia ou sobre a ideia. Esse trecho, portanto, retoma o problema que foi colocado no capítulo V, *dos nomes dos modos mistos e de relações*, e que será foco do próximo capítulo desta pesquisa: a intradutibilidade. Tanto as partículas quanto as “marcas de ação” são operações envolvendo as ideias que o falante tem em sua mente. Essas operações são socialmente determinadas e, como Locke enfatiza, “é preciso estudar com cuidado os diferentes pontos de vista, as várias posturas, posições, variações, limitações e exceções e vários outros pensamentos da mente para os quais não temos um nome, ou o temos de modo muito deficiente”. Não há, muitas vezes, uma correspondência entre os diferentes pontos de vista, posições, variações etc. em duas línguas diferentes. Um exemplo disso é a conjunção “mas” (“but”, no inglês), explorada em III.vii.5: o mesmo termo desempenha funções diferentes em diferentes contextos o que implica numa necessidade de adequação na tradução, pois nem sempre o conteúdo da relação expressa por uma partícula na língua fonte pode ser expresso por aquela que seria sua correspondência na língua de chegada. No caso dos verbos não é diferente, já que eles representam um recorte de uma situação, segundo uma perspectiva cultural⁸⁴.

Outro aspecto no argumento de Locke que deve ser atentado, segundo Kretzmann, é quanto ao uso intercambiável entre os termos “nomes” e “palavras”.

⁸³ Locke também não usa o termo “verbos”, mas modos simples de ação (II.xviii.2).

⁸⁴ Para que esse tópico não se alongue demais, basta tomarmos como exemplo os verbos “ser” e “estar” no português que representam situações distintas para essa língua, mas que para o inglês representam uma mesma situação, marcada pelo verbo “to be”.

Esses pontos ajudariam a entender melhor a quais palavras Locke se atém e com quais se preocupa em sua teoria⁸⁵.

Assim, ao afirmar que “as palavras representam ideias”, Kretzmann entende que, em seu uso primário, as palavras se relacionam semanticamente com as ideias na mente do falante, ou seja, a relação entre esses dois elementos se dá a partir do significado. Ele toma como base este trecho do *Ensaio*: “as palavras, em sua significação primeira ou imediata, nada representam além das ideias na mente daquele que as usa” (III.ii.2) e parafraseia-o inicialmente no modelo a seguir: “as palavras, em sua significação primeira ou imediata, não **significam** nada exceto as ideias na mente daquele que as usa”⁸⁶ (KRETZMANN: 1976, p.334; grifo meu). Essa interpretação divide o argumento de Locke novamente em duas partes.

A primeira parte é exatamente esta: as palavras, em sua significação imediata, se referem às ideias do falante para a comunicação dessas mesmas ideias. Comunicação aqui seria “a revelação das ideias de um para outro” [the disclosure of one’s idea to another] (KRETZMANN: 1976, p.335). Entretanto, não é possível uma comunicação **imediate** dessas ideias, por isso a necessidade da criação de sinais que pudessem fazer essa mediação entre o interior – as ideias na mente do falante – e o exterior – o meio social de comunicação. A comunicação representaria, portanto, o primeiro uso das palavras, mas não o único. Dela seriam derivados os outros usos: registro das ideias como assistência à memória e para o pensamento sobre as próprias ideias (KRETZMANN: 1976, pp.336-7).

Seguindo essa linha de raciocínio, Kretzmann afirma que é somente em seu uso imediato que as palavras se referem às ideias na mente do falante. Em seu uso secundário, elas se referem às coisas representadas pelas ideias, a segunda parte do argumento. A essa parte, ele atribui a denominação de “doutrina das ideias representativas” que daria suporte ao que ele denomina teoria semântica de Locke que

⁸⁵ Kretzmann, em nota, chama a atenção para o fato de que, na abertura do Livro III, “nomes” é tão frequente quanto “palavras” quando se trata do tópico central do livro (KRETZMANN: 1976, p.335; nota 12). Ott (2008, p.293) também destaca essa questão como um cuidado a ser tomado ao se pensar sobre a natureza das palavras – não seriam todas elas as contempladas.

⁸⁶ “Words in their primary or immediate signification signify nothing but the ideas in the mind of him that uses them”.

daria conta dos pontos descobertos pelo argumento do uso das palavras (KRETZMANN: 1976, pp. 338-9). Kretzmann justifica da seguinte forma:

Essa teoria fortalece a visão tradicional da tese ao introduzir uma negação da *possibilidade* de qualquer outra significação imediata para as palavras. As palavras *de fato* significam as ideias na mente daquele que as usa e *em sua significação primária ou imediata não podem* significar *nada além* das ideias na mente daquele que as usa⁸⁷. (KRETZMANN: 1976, pp. 338-9, grifos do autor)

Em resumo, o que Kretzmann afirma é que Locke toma o cuidado para que se entenda que, ao usar uma palavra para representar uma ideia, dá-se um significado a essa palavra. Dessa forma, empregar essa palavra à qual um significado foi atribuído significa usá-la para se referir somente às qualidades que compõem o significado dessa palavra. Essas qualidades são *representadas* por ideias, daí o nome da doutrina. O autor explica:

O emprego que eu faço (ou a minha tentativa de emprego) de uma palavra para significar qualquer outra coisa que não uma ideia minha pressupõe que eu tenha uma ideia dessa coisa associada a essa palavra. Se eu não faço ideia dessa coisa, não poderia torná-la objeto da minha atenção ou de qualquer ação minha. Assim, sempre que eu genuinamente uso e não meramente vocalizo uma palavra, à moda de um papagaio, esse meu pronunciamento significa *imediatamente* alguma ideia minha não importa o significado que eu possa atribuir ou pense atribuir à palavra.⁸⁸ (KRETZMANN: 1976, p. 340, grifo do autor)

⁸⁷ “Moreover, it strengthens the standard version of the thesis by introducing a denial of the *possibility* of any other immediate signification for words. Words *do* signify ideas in the mind of him that uses them and *in their primary or immediate signification they can* signify *nothing but* the ideas in the mind of him that uses them”.

⁸⁸ “That is, my applying (or attempting to apply) a word to signify something other than an idea of mine presupposes that I have an idea of that thing associated with that word. If I had no idea of that thing I could not make it the object of my attention or of any action of mine. Thus, whenever I genuinely use and do not just mouth a word, parrot fashion, that utterance of mine signifies *immediately* some idea of mine, whatever other meaning I may give or think I give to the word”.

Ideias representativas teriam como originais – ou seja, seriam sinais de – não ideias. Isso não significa a ausência de ideias, mas a impossibilidade de apreender todas as qualidades de uma ideia, como no caso das ideias de substâncias, como se verá no tópico seguinte; essa impossibilidade gera uma instabilidade na significação - e, por extensão, de uma tradução –, por isso são representações. Tendo isso claro, entende-se por que Kretzmann insiste no argumento de que

é apenas *imediatamente* que as palavras não significam *nada a não ser* as ideias do falante; fica claro também que quando as ideias imediatamente significadas são *por si mesmas* sinais – isto é, ideias representativas – seus originais devem ser *mediatamente* significados por essas palavras⁸⁹. (KRETZMANN: 1976, pp.339-40, grifos do autor).

Isto é, imediatamente, as palavras se referem às ideias na mente do falante, mas mediatemente, significariam as coisas representadas por essas ideias⁹⁰.

Esse argumento é questionado por Ashworth (1984). Segundo a autora, Locke propôs uma teoria do significado diferente da exposta acima, dadas as teorias correntes nos séc. XVI e XVII que influenciaram filósofos lidos por ele; e a ele mesmo. Ela afirma que:

Devo deixar claro que concordo com os críticos de Locke que afirmam que as ideias não podem ser identificadas com significados pelo fato de que a presença de ideias como unidades mentais identificáveis não é necessária nem suficiente para o uso significativo da linguagem. [...] Dar o significado de uma palavra não é nomear um item, seja ele uma

⁸⁹ “It is only *immediately* that words signify *nothing but* the user’s ideas, it is clear also that where the ideas immediately signified are *themselves* signs - that is, are representative ideas - their originals may *mediately* signified by those words”.

⁹⁰ Essa perspectiva assumida por Kretzmann sugeriria um paralelo com a distinção posteriormente postulada por Frege entre *Sinn* e *Bedeutung*. Alguns teóricos consideram essa aproximação dele inadequada, como Ott (2008), Ashworth (1984) e Losonsky (2007), discutir essas questões aqui fugiria do recorte estabelecido por esta dissertação.

ideia, um objeto físico ou uma série de respostas comportamentais. (ASHWORTH: 1984, p. 54)⁹¹

Dizer, então, que “as palavras significam ideias na mente do falante” sugeriria uma aproximação entre significar⁹² e representar. Locke, ao afirmar que as palavras representam, ou significam ideias, emprega o termo “significar” [signify] de acordo com uso corrente de sua época, ou seja, “representar alguma coisa, ou algumas coisas, de algum modo ao poder cognitivo”, em que ‘de algum modo’ foi introduzido a fim de cobrir o caso dos termos sincategoremáticos como ‘tudo’ e ‘nada’⁹³ (ASHWORTH: 1984, p.60). Ashworth ressalta que “faz muito mais sentido histórico sugerir que Locke foi influenciado pelo seu contexto do que dizer que foi completamente inovador em todos os aspectos de seu pensamento” (ASHWORTH: 1984, p.55)⁹⁴. Dessa forma, parte-se

⁹¹ “I should make it quite clear that I agree with those critics of Locke who argue that ideas cannot be identified with meanings on the grounds that the presence of ideias as identifiable mental units is neither necessary nor sufficient for the meaningful use of language. [...] To give the meaning of a word is not to name some item, whether it be an idea, a physical object, or a set of behavioral responses”. Ashworth concorda com Kretzmann quanto à questão de uso de termos técnicos: Locke teria pouca preocupação com isso, o que acaba intensificando interpretações concorrentes. Concordam ainda em que haveria uma preocupação maior com um vocabulário técnico semântico, ou seja, centrado nos termos “sinal” [sign], “significar” [signify] e “significação” [signification]. Esses, sim, segundo a autora, seriam “um termo genuinamente técnico na literatura escolástica do período e, de fato, em todos os escritos medievais centrados na teoria da linguagem”. (ASHWORTH: 1984, p.55) (“it was a genuinely technical term in the scholastic literature of the period, and indeed, in all medieval writings concerned with the theory of language”).

⁹² Losonsky (2007, p.290), em seu comentário sobre Ashworth, afirma que “significar” para essa autora contemplaria tanto o sentido e a referência de um termo quanto os estados psicológicos do falante. Esses estados psicológicos estão associados àquilo que o falante tem em mente, ou, como ela põe, “conceitos”: Ashworth ocupa uma boa parte de seu texto com a contextualização do termo “conceito” em filósofos como Smiglecius, que entendia que as palavras significam primeiro coisas e, por extensão, um conceito. Du Trieu, Sanderson e Burgersdijck, por outro lado, preferiam a visão de que imediatamente as palavras significam conceitos, somente mediatamente se referem às coisas. Para ela, Locke se enquadraria nessa segunda visão, as ideias seriam os objetos imediatos da linguagem bem como do conhecimento, assim como as coisas seriam seus objetos mediatos. (ASHWORTH:1984, pp.62-64) Por isso, seria possível que um termo signifique sua denotação total (por homem, alguém pode significar Platão, Sócrates, Cícero etc.), porque é o que o falante tem em mente.

⁹³ “By the early sixteenth century the standard definition of ‘*significare*’ was to ‘represent some thing or some things or in some way to the cognitive power’, where ‘in some way’ was introduced in order to cover the case of such syncategorematic terms as ‘all’ and ‘none’.

⁹⁴ “It also makes a good deal more historical sense to suggest that Locke was influenced by his background, rather than being a complete innovator in every aspect of his thinking”. Vale sempre reforçar que Locke não se propunha inovador, mas se valia de uma análise crítica de todo arcabouço teórico de que dispunha para refletir acerca da aquisição do conhecimento. Ashworth dedica-se ao detalhamento do contexto em que Locke estava inserido, inclusive das leituras que ele teria feito desde Oxford que proporcionaram o desenvolvimento de sua teoria.

de uma primeira distinção entre sinais não linguísticos – como fumaça ou pegadas – e sinais linguísticos, estes subdivididos em sinais convencionais e naturais, cuja distinção ocorre da seguinte maneira:

Um tipo de sinal linguístico natural seria uma vocalização inarticulada (i.é, uma que não pudesse ser escrita de modo conveniente) como um riso ou um urro, mas, por extensão, conceitos também poderiam ser sinais naturalmente significativos. Diferente de risos e urros, os conceitos seriam classificados como formalmente significativos, pois sua verdadeira natureza seria representar; e assumiu-se que seriam iguais para todos os homens, pelo menos para todos os homens com experiências similares. Sinais linguísticos articulados com uma significação convencional seriam classificados como instrumentalmente significativos, porque eles representam apenas em virtude de uma conexão estabelecida entre o sinal e aquilo representado⁹⁵. (ASHWORTH: 1984, p.61)

Ou seja, os sinais linguísticos naturais integram a linguagem por também servirem para o fim da comunicação, mas não servem para comunicar as ideias na mente do falante. Para isso, é preciso que se criem acordos entre os falantes na forma dos sinais linguísticos convencionais, que devem necessariamente ser significativos, isto é, representar uma ideia, como Locke pontua: “da mesma forma que as palavras devem ser empregadas e significadas, também há uma conexão constante entre o som e a ideia e uma designação de que um representa o outro; sem isso, elas não são nada além de um monte de barulho insignificante (III.ii.7).

Assim, a teoria do significado de Locke teria uma preocupação com o uso significativo da linguagem. Ashworth afirma, como consequência desse princípio, que “a principal mensagem [do *Ensaio*] é que deveríamos evitar ideias confusas”, muito

⁹⁵ “One kind of natural linguistic sign was an inarticulate utterance (i.e one which could not be conveniently written) such as a laugh or a groan; but by extension concepts were also allowed to be naturally significative sounds. Unlike laughs and groans, concepts were classified as formally significative, because their very nature was to represent; and it was assumed that they were the same for all men, or at least for all men with similar experiences. Articulate linguistic signs with conventional signification were classified as instrumentally significative, because they represent only by virtue of an established link between the sign and whatever it is that is represented”.

embora a confusão das ideias se dê por causa do uso da linguagem. (ASHWORTH: 1984, p.64).⁹⁶

Ott, entretanto, afirma ter uma leitura diferente dessa e inclui Lowe como alguém que compartilha sua oposição. Ambos entendem as palavras como “sinais no sentido de indicadores ou sinais de conteúdos e atos mentais” (OTT: 2008, p. 294)⁹⁷. Logo, não seria correto dizer que as palavras se referem a algo, pois referência não remete ao ato de indicar. Entendê-las como sinais, segundo Ott, concordaria com a acepção já presente em Port Royal e em Thomas Hobbes⁹⁸, como afirma,

As palavras, então, são indicadores convencionais de atos mentais e de eventos. Diferente de sinais naturais como as nuvens, as palavras não possuem qualquer conexão causal autônoma com o que significam. Isso, obviamente, é o que as torna passíveis de ambiguidade. A perspectiva de indicador enfatiza, tanto quanto seus competidores (ou

⁹⁶ Ashworth fala do princípio da dupla conformidade (ASHWORTH: 1984, p.65) para evitar essa confusão: uma conformidade das ideias do falante com as ideias de outros usuários da linguagem e uma conformidade com a realidade das coisas, que será tratado no tópico 3.3 deste capítulo.

⁹⁷ “words are signs in the sense of indicators or signals of mental contents and acts”.

⁹⁸ Ott se refere à definição de Hobbes para sinais: “Agora, essas coisas a que chamamos SINAIS são os *antecedentes de seus consequentes e os consequentes de seus antecedentes, à medida que os observamos precederem ou sucederem da mesma maneira*. Por exemplo, uma nuvem densa é um sinal de chuva próxima, e chuva um sinal de que uma nuvem passou, apenas por essa razão que raramente vemos nuvens sem a consequência de chuva ou chuva em qualquer momento sem que uma nuvem não tenha passado antes. E quanto aos sinais, alguns são *naturais*, esses já exemplifiquei, outros são *arbitrários*, a saber, aqueles que escolhemos por vontade própria, como um arbusto pendurado significando que naquele estabelecimento é vendido vinho; uma pedra colocada no chão, os limites de um campo; e palavras conectadas de tal e tal modo significando as cogitações e movimentações da nossa mente.” (*De Corpore* I.ii.2, 1:14–15)

[Now, those things we call SIGNS are the *antecedents of their consequents, and the consequents of their antecedents, as often as we observe them to go before or follow after in the same manner*. For example, a thick cloud is a sign of rain to follow, and rain a sign that a cloud has gone before, for this reason only, that we seldom see clouds without the consequence of rain, nor rain at any time but when a cloud has gone before. And of signs, some are *natural*, whereof I have already given an example, others are *arbitrary*, namely, those we make choice of at our own pleasure, as a bush hung up, signifies that wine is to be sold there; a stone set in the ground signifies the bound of a field; and words so and so connected, signify the cogitations and motions of our mind.]

Para Ott, faz mais sentido aproximar Locke da tradição que vem de Santo Agostinho e passa por Port Royal e Hobbes do que inseri-lo na tradição dos escolásticos tardios, proposto por Ashworth (2008, p. 294). Essa discussão não será desenvolvida nesta dissertação.

mais), o mentalismo de Locke: a intencionalidade ocorre no nível das ideias, não das palavras⁹⁹. (OTT: 2008, p.294)

Entender as palavras como indicadores também justificaria a teoria ideacional de Lycan, comentada no capítulo anterior: para ser significativa, a palavra deve ser associada a uma ideia e é no nível das ideias que as experiências – a relação de atos mentais com eventos – são registradas, daí a afirmação de que é nesse nível em que ocorre a intencionalidade¹⁰⁰.

4.2 Da significação das palavras

Essa relação suscita, como se prevê, a discussão sobre o que Locke entenderia como significação das palavras. Paul Guyer (1994) identifica dois trechos a partir dos quais ela se desenvolve - ambos os já foram citados: III.ii.2, “As palavras, em sua significação imediata, são sinais sensíveis daquele que as usa” e III.x.23, em que cita os três propósitos da linguagem - expressar os pensamentos de forma rápida e clara a fim de comunicar o conhecimento. Entretanto, atenta para o seguinte cuidado:

Devemos ter em mente um aspecto não destacado pelos debatedores mais recentes de Locke. Embora Locke acredite claramente que as nossas palavras referem-se a objetos, não apenas a ideias, e que esse é um uso fundamental delas, ainda que não a sua “significação primária”, transmitir informações sobre esses objetos também é uma parte

⁹⁹ “Words, then, are conventional indicators of mental acts and events. Unlike natural signs like clouds, words have no autonomous causal connection with what they signify. This, of course, is what makes them liable to ambiguity. The indicator view emphasizes, as much as (or more than) its competitors, Locke’s mentalism: intentionality takes place at the level of ideas, not words”.

¹⁰⁰ Vide nota 60.

central de sua tese de que a conexão das palavras às coisas é indireta ou secundária, ao invés de primária. (GUYER: 1994, p.121)¹⁰¹

Assim, Guyer comenta que “significar” não pode ser entendido da forma como se faz atualmente, como “referência”, mas de um modo mais generalizado, seguindo o argumento de Ashworth acima colocado. Locke estaria, sim, inserido na tradição do séc. XVII ao entender que a significação primária das palavras seriam as ideias na mente do falante. Segundo Guyer,

Sua justificativa [de Locke] seria, portanto, que as palavras que, em nossos sentidos, poderiam muito bem *referir-se* às coisas o fazem, porém, ao *tornar conhecidas* quais ideias um falante possui, ou seja, ideias das coisas às quais as palavras se referem; e de fato é somente por meio desse processo que elas tornam conhecidos os objetos aos quais o falante tende a se referir – assim, a significação das ideias é primária e a das coisas secundária, de modo que aquela é o meio para esta¹⁰². (GUYER: 1994, p.122, grifos do autor)

Guyer também se vale da doutrina das ideias representativas proposta por Kretzmann quando analisa a significação das palavras: “abrimo-nos à possibilidade de um erro gravíssimo se simplesmente assumirmos que as nossas palavras significam

¹⁰¹ “we must keep in mind a point that Locke's most recent defenders have not stressed. Although Locke clearly does believe that our words refer to objects, not just ideas, and that it is a fundamental use of them, even if not their “primary signification”, to convey information about such objects, it is also a central part of his thesis that the connection of words to things is indirect or secondary rather than primary”. Guyer complementa ainda com a possibilidade de uma leitura cética desse argumento: não poderíamos ter certeza de que significamos a mesma coisa que nosso ouvinte, porque nossas palavras significam imediatamente as nossas ideias e representam indiretamente os objetos e as ideias dos outros. Segundo ele, é exatamente essa lição que Locke deseja que aprendamos com sua investigação (GUYER: 1994, p.121).

¹⁰² “His claim would then be that words which in our sense may well refer to things nevertheless by so doing make known what ideas a speaker has, namely, ideas of the things to which the words refer, and indeed that it is only by so doing that they make known the objects which the speaker intends to refer to - thus the signification of ideas is primary and that of things secondary, in the sense that the former is the means to the latter. But Locke would not be implying either that a speaker typically means explicitly to refer to his own ideas, and certainly not that he can refer to nothing but his own ideas”.

para os outros o mesmo que para nós e que elas expressam, não a existência, mas a natureza real das coisas”¹⁰³ (GUYER: 1994, p.125).

Assim, é possível afirmar que a tese de Locke sobre a significação das palavras estaria pautada em dois princípios: primeiro, não seria possível dizer nada sobre as coisas sem termos ideias sobre elas e, segundo, o que podemos dizer sobre as coisas é determinado por quais ideias podemos ter delas. Em várias passagens do *Ensaio* isso fica claro, como por exemplo em:

Além de sons articulados, portanto, foi também necessário que o homem fosse capaz de usar esses sons como sinais de concepções internas; e torná-los marcas para as ideias dentro da sua própria mente, por meio das quais aqueles mesmos sons poderiam ser conhecidos por outros, e os pensamentos da mente dos homens, transmitidos entre eles. (III.i.2)

O uso das palavras consiste, portanto, em que sejam marcas sensíveis das ideias; e as ideias por elas representadas são sua própria e imediata significação. (III.ii.2)

aquele que tem, em sua mente, palavras de qualquer língua que não contêm ideias distintas para as quais as aplica apenas balbucia sons sem sentido ou significação em suas conversas. (III.x.26)

aquele que tem ideias complexas sem um nome particular para elas não estaria numa posição melhor do que um livreiro que possui em seu depósito volumes soltos, sem títulos, os quais só poderia fazer com que outros os conheçam mostrando suas folhas uma a uma e comunicando-os apenas em sua totalidade. (III.x.27)

Quem tem nomes sem ideias, carece de significado em suas palavras e fala apenas sons vazios. (III.x.31)

¹⁰³ “we open ourselves to the possibility of grievous error if we just assume that our words mean the same to others as they do to ourselves and that they express, not the existence, but the real nature of things”.

Seria possível destacar outros vários trechos, além desses citados e do próprio capítulo II, *da significação das palavras*, do Livro III, em que Locke discorre em detalhe sobre a significação primária e secundária das palavras. Os supracitados, contudo, já registram a insistência do autor em defender esse argumento, e retomam a interpretação de Lycan a respeito deste: o que faz uma palavra significativa é a capacidade de ela expressar um conteúdo mental, no caso, as ideias; do contrário, são apenas sons vazios.

Losonsky, em contrapartida, procura entender a teoria da significação a partir de outro ponto de vista. Para ele essa teoria deve ser compreendida como uma teoria do significado linguístico¹⁰⁴, ou seja, o interesse é explicar o que torna a linguagem distinta de um aglomerado de sons articulados (LOSONSKY: 2007, p.292). É justamente o significado atribuído às palavras que permite essa diferenciação, que nada mais é do que a capacidade de representar as ideias na mente do falante. Losonsky afirma que a preocupação de Locke com o significado das palavras se confirma pelo fato de ele apresentar uma teoria da comunicação (III.ii.1).

Há, nesse sentido, uma aproximação com o que Kretzmann (1976, p.337) afirma ser a *raison d'être* das palavras e, por extensão, das palavras para Locke: a comunicação. Isso se verifica facilmente logo na abertura do livro III:

Deus, ao projetar o homem para ser uma criatura sociável, fê-lo não apenas com um desejo e uma necessidade de compartilhar uma vida em comum com os da sua espécie, mas também o dotou da **linguagem**, a qual se tornou **o grande instrumento e o vínculo coletivo da sociedade**. O homem, portanto, teve seus órgãos talhados pela natureza de tal forma que pudessem estruturar sons articulados, a que chamamos palavras. Porém, isso não bastava para produzir linguagem, já que os papagaios, e vários outros pássaros, são ensinados a proferir sons articulados suficientemente distintos entre si, mas que de modo algum são capazes de uma linguagem. (III.i.1, grifos meus)

¹⁰⁴ “Linguístico” neste argumento de Losonsky deve ser entendido como “da palavra”; em nenhum momento o autor defende uma interpretação que exceda a discussão desenvolvida nesta dissertação. Entender “linguístico” como referente à Linguística seria uma interpretação absolutamente anacrônica da teoria de Locke.

Vê-se no trecho acima a necessidade da comunicação como justificativa para a origem das palavras. Mas, simplesmente tê-las não é o suficiente para que se obtenha uma linguagem – esta só se configura a partir do momento em que há uma relação entre esses elementos e as ideias na mente do falante que deseja torná-las públicas, ou seja, a partir do momento em que as palavras são significativas. Locke afirma, portanto, que

foi necessário que o homem descobrisse algum sinal sensível externo, por meio do qual essas ideias invisíveis, das quais seus pensamentos são feitos, pudessem tornar-se conhecidas por outros. Para esse propósito não houve nada mais apropriado, tanto pela abundância quanto pela celeridade, quanto esses sons articulados que ele percebeu ser capaz de produzir com tanta facilidade e variedade. Dessa forma, devemos compreender como as palavras, que se adaptaram tão bem a esse propósito, vieram a ser utilizadas pelos homens como sinais de suas ideias. (III.ii.1)

As ideias na mente do falante só podem, portanto, ser externadas se houver um instrumento para esse fim. Esse instrumento, por sua vez, só terá sua finalidade adequadamente definida se for capaz de realizar essa tarefa, ou seja, se a linguagem for significativa, como já descrito anteriormente. Para que isso, a comunicação, seja garantido, Locke propõe alguns métodos que pretendem regular o uso desse instrumento.

4.3 Da teoria da retificação

Segundo Losonsky, a teoria da comunicação de Locke não teria apenas a significação como princípio, mas integraria também o que ele entende por teoria da

retificação¹⁰⁵: as ideias devem conformar-se aos objetos externos, bem como às ideias que as outras pessoas possuem (LOSONSKY: 2007, p.293). Retificação, segundo o autor, “é o processo de determinar quando as nossas ideias se adéquam às ideias dos outros” cuja estratégia básica “é fixar a significação de um termo tomando como base um padrão na natureza”¹⁰⁶ (LOSONSKY: 2007, p.293). Esse seria um dos processos que garantiriam que as palavras não são empregadas erroneamente. Locke sugere:

os nomes também devem se conformar às coisas tal como existem; sobre isso, contudo, terei oportunidade de discorrer mais amplamente ao longo do texto. Essa exatidão é absolutamente necessária em investigações que buscam conhecimento filosófico, e em discussões sobre a verdade (III.xi.10).

Essa regulamentação interessa especificamente às substâncias, mas Locke não se restringe apenas a elas. O último capítulo do Livro III é dedicado aos remédios que garantiriam a comunicação apesar da imperfeição natural da linguagem, isto é, a um uso adequado das palavras que representam quaisquer tipos de ideias para que o discurso do falante seja claro e inteligível e não confunda o ouvinte. Dessa forma ele propõe as seguintes atitudes:

¹⁰⁵ Essa teoria estaria subjugada ao princípio da dupla conformidade: as ideias são verdadeiras ou falsas de acordo com o exercício da mente em verificar se elas se conformam à coisa representada por elas (II.xxxii.4-5). Mais adiante, Locke explica: “portanto é o fato de que os homens prosseguem em supor que as ideias abstratas que têm em mente são as que concordam com as coisas existentes em seu exterior, as quais são referidas; e são as mesmas também para os nomes que lhes são atribuídos pelo uso e pela propriedade da língua a que pertencem. Ora, sem essa dupla conformidade, eles [falante e ouvinte] percebem que ambos devem pensar de modo incorreto sobre as próprias coisas e falar delas de forma ininteligível” (II.xxxii.8). [hence it is that men are so forward to suppose, that the abstract ideas they have in their minds are such as agree to the things existing without them, to which they are referred; and are the same also to which the names they give them do by the use and propriety of that language belong. For without this double conformity of their ideas, they find they should both think amiss of things in themselves, and talk of them unintelligibly to others.] Alguns questionamentos a esse princípio serão levantados no próximo capítulo.

¹⁰⁶ “Rectification is the process of determining when our ideas conform to the ideas of others” e “the basic strategy of rectification is to fix the signification of a term by a standard in nature”.

4.3.1. Para as ideias simples

Para verificar se a ideia simples de um falante confere com a de outro usuário da língua, é necessário que ambos sintam a mesma coisa quando expostos àquilo que gera uma ideia simples determinada, porque uma ideia simples não pode ser conhecida por meio da definição. Isso, Locke já havia colocado no capítulo IV: “os nomes das ideias simples não são capazes de qualquer definição; os nomes de todas as ideias complexas, sim.” (III.iv.4)¹⁰⁷. Sua justificativa para essa impossibilidade é o fato de que

os vários termos de uma definição, ao significarem várias ideias, não podem, nenhum deles, de modo algum, simbolizar uma ideia que não possui uma estrutura. Portanto, uma definição, que não é propriamente outra coisa senão mostrar a acepção de uma palavra por meio de várias outras que individualmente não significam a mesma coisa, não pode ter cabimento em se tratando dos nomes das ideias simples. (III.iv.7)

Ou seja, uma definição só ocorre quando é possível expressar o que a palavra significa por meio da somatória de outras; ora, o nome de uma ideia simples, contém apenas uma ideia, uma qualidade, que não é desdobrável em outras. Como Locke explica, as ideias simples “podem somente ser captadas por aquelas impressões que os próprios objetos geram nas nossas mentes, pelas devidas vias adequadas para cada grupo” (III.iv.11). O único meio de apreender o significado desse tipo de palavra é pela experiência; Locke sugere essa ação no seguinte trecho:

Primeiro, às vezes, nomear um objeto no qual é possível encontrar essa ideia pode fazer com que seu nome seja entendido por aqueles familiarizados com esse objeto e

¹⁰⁷ Locke afirma que não é possível ainda saber quais palavras seriam ou não passíveis de definição, o que gera uma confusão nos debates. Há uma pequena digressão para entender o que é “definição”, pois saber o que o termo significa e quais palavras poderiam ser explicadas por esse processo poderia eliminar alguns debates infrutíferos. Locke alega, então crer “haver concordância no fato de que uma definição não é nada além de mostrar a acepção de uma palavra por meio de outros termos não sinônimos” (III.iv.6).

conhecem-no por esse nome. Portanto, para fazer com que um camponês entenda o que “cor de folha morta” [*feuille morte*] significa, talvez baste dizer-lhe que é a cor das folhas secas que caem no outono. Em segundo lugar, **a única maneira segura, porém, de tornar conhecida a significação do nome que qualquer ideia simples é apresentar-lhe aquele objeto que pode gerá-la em sua mente e, de fato, fazer com que ele tenha a ideia a qual a palavra representa.** (III.xi.14, grifo meu)

4.3.2. Para as ideias complexas

No caso das ideias complexas, a retificação é mais complicada, pois varia de acordo com o tipo de ideia complexa - classificadas como já visto como modos e de substância. Ademais, a arbitrariedade na reunião das ideias que compõem essas complexas é um agravante no sucesso desse procedimento, especialmente quando se trata das palavras que representam as ideias de substâncias.

4.3.2.1. Modos (simples e mistos)

A primeira diferença que se verifica nos modos é a sua constituição. Diferente das ideias simples - para as quais “a mente não tem o poder para gerar uma dessas, recebe apenas o que lhe é apresentado pela existência real das coisas que operam sobre aquela” -, as ideias que os compõem “são geradas pelo entendimento” (III.v.2). Assim, “a mente toma a liberdade de não respeitar exatamente a existência das coisas. Ela une e retém coleções, bem como tantas quantas ideias específicas distintas” (III.v.3) sem partir um padrão ou fazer referências a qualquer coisa existente. Esse processo, entretanto, não ocorre de forma aleatória, mas arbitrado de acordo com as necessidades da comunicação de um determinado grupo de falantes (III.v.7).

Assim, para esse tipo de ideias complexas, sim, a retificação ocorre por meio da definição. E a justificativa está justamente na constituição dos modos, como comenta Locke:

Eles são combinações de várias ideias que a mente humana compilou, sem referência a qualquer arquétipo. Por isso, os homens podem, se lhes for do agrado, saber exatamente quais ideias constituem cada composição, e utilizam essas palavras numa significação determinada e indubitável; além de terem condições de asseverar, se for o caso, o que elas representam. (III.xi.15)

É somente por meio da enumeração das ideias simples que foram reunidas para formar os modos que é possível ter acesso ao seu verdadeiro significado. Locke insiste nesse argumento alguns parágrafos adiante, quando trata especificamente dos modos mistos:

Outra razão que torna a definição dos modos mistos tão necessária, especialmente em palavras do âmbito da moral é o que eu mencionei há pouco, que é o único meio pelo qual se pode conhecer com certeza o significado da maioria deles. **Pois é a mente por si só que coleta as ideias e lhes dá a união de uma ideia, assim, aquelas que eles representam são, em grande parte, ideias cujas partes componentes não existem juntas em nenhum outro lugar, mas pulverizadas e misturadas com outras.** E é apenas por meio das palavras, ao enumerarmos as várias ideias simples que a mente uniu, que podemos dar a conhecer ao outros o que seus nomes representam. **A assistência dos sentidos, ao apresentar-nos os objetos sensíveis, não nos ajudará a mostrar as ideias que os nossos nomes desse grupo representam,** como o fazem no caso dos nomes de ideias simples sensíveis, e também, em algum grau, naqueles de substâncias. (III.xi.18, grifos meus)

A única forma de garantir que falante e ouvinte empregam uma palavra para representas uma mesma ideia de um modo, simples ou misto, é enumerar as ideias que

o compõem, pois, diferente das ideias simples e das substâncias, a natureza não produz nenhum elemento que sirva de padrão para essas ideias complexas.

4.3.2.2. Substâncias¹⁰⁸

No caso das substâncias, contudo, a retificação é ainda mais complicada. A primeira razão é exatamente por conta daquilo que Locke critica na teoria aristotélica: a natureza sugere um padrão na produção das criaturas, mas não apresenta limites claros de estabelecimento das espécies. Assim, as substâncias, como os modos simples e mistos, são uma reunião arbitrária de qualidades sensíveis, com a diferença de que essas qualidades não são todas rastreáveis e sua coleção varia da experiência de indivíduo para indivíduo¹⁰⁹. Além disso, no caso das substâncias, que têm um padrão gerado pela natureza, há um esforço da mente para respeitá-lo – do contrário o que se produz é uma palavra que representa um modo e não uma substância. Os indivíduos, portanto, percebem que algumas ideias ocorrem sempre juntas e, de acordo com sua percepção, produzem as coleções. Locke explica esse procedimento da seguinte forma:

a mente, ao produzir suas ideias complexas de substâncias, apenas segue o que a natureza faz; não reúne nenhuma que não possua uma cuja união é pressuposta na natureza. Ninguém junta a voz da ovelha com a figura de um cavalo, ou a cor do chumbo com o peso e a fixidez do ouro para que forme as ideias complexas de alguma substância real; a não ser que tenha uma mente para encher de quimeras, e um discurso, de palavras ininteligíveis. Os homens, ao observarem que certas qualidades aparecem existindo sempre unidas, copiam a natureza e, a partir de ideias assim juntas, produzem as complexas de substâncias (III.vi.28).

¹⁰⁸ A título de curiosidade, o capítulo VI, do Livro III, dedicado às substâncias, é o mais longo desse Livro, com 51 parágrafos no total. É curioso, pois é por meio da análise das substâncias que o principal argumento de Locke contra a teoria aristotélica se fundamenta, a saber, a rejeição ao inatismo e, por extensão, à pressuposição de que a natureza divide as coisas em gêneros e em espécies.

¹⁰⁹ Locke justifica essa variação pelas essências nominal e real, cuja discussão envolve o argumento da impossibilidade de tradução, tratado no próximo capítulo.

A esse padrão observado dá-se o nome de arquétipo¹¹⁰, pois engloba de modo mais generalizado as diferentes qualidades encontradas numa substância – do contrário, a cada nova qualidade, surgiria a necessidade de um novo nome, o que tornaria a comunicação inviável. Os falantes regulariam suas palavras a partir desses arquétipos, como Locke sugere que Adão fez na criação da linguagem:

ao formar sua ideia sobre essa nova substância, ele seguiu outro curso: aqui havia um padrão criado pela natureza e, portanto, ao criar uma representação dessa substância para si, a partir da ideia que tinha dela, mesmo em sua ausência, não acrescentou nenhuma ideia simples à sua complexa que não tenha se originado da percepção que teve da própria coisa. Ele cuida para que sua ideia esteja de acordo com esse arquétipo e pretende que o nome represente uma ideia igualmente adequada. (III.vi.46)

Locke explica que essa regulamentação é necessária para que se respeite o propósito da comunicação, principal objetivo da linguagem. Apesar de as pessoas serem livres para reunirem as ideias das formas que quiserem, é preciso respeitar esse critério obrigatoriamente. Este trecho justifica essa necessidade:

Pois, apesar de eles poderem gerar as ideias que quiserem, e atribuir-lhes os nomes que desejarem, ainda assim, se for para serem entendidos quando falam de coisas que realmente existem, devem, em algum grau, conformar suas ideias às coisas sobre as quais fariam; de outro modo, a língua humana seria semelhante a Babel – e cada palavra humana, inteligível apenas para si, não mais seria adequada para o diálogo e os afazeres cotidianos da vida, se as ideias as quais essas palavras representam não responderem às aparências comuns e concordâncias das substâncias tal como realmente existem (III.vi.28).

¹¹⁰ Soubbotnik (2003) fornece uma análise mais aprofundada a respeito dos arquétipos em Locke.

Nesse caso, então, a retificação deve ocorrer de duas formas: demonstração e definição. Às vezes a definição de uma substância basta para que o ouvinte consiga entender a que o falante se refere, às vezes somente a apresentação do objeto servirá para esse fim. De acordo com Locke, as características predominantes¹¹¹ da substância determinarão o método adequado (III.xi.19) no caso de animais e vegetais, e de alguns objetos inanimados, o melhor método, por exemplo, seria a demonstração como afirma:

Pois o formato de um cavalo ou um casuar¹¹² será apenas rude e imperfeitamente impressas na mente por meio de palavras; a visão desses animais será mil vezes mais eficiente. E a ideia da cor particular do ouro não será obtida por nenhuma descrição, mas apenas pelo frequente exercício da visão, como fica evidente entre aqueles que estão acostumados a esse metal e saberão, com frequência, distinguir o verdadeiro do falso, puro do adulterado, com o bater dos olhos, enquanto outros (que têm bons olhos, mas não desenvolveram a habilidade do uso de perceber a ideia sutil precisa daquele amarelo peculiar) não notarão qualquer diferença. (III.xi.21)

Locke dá vários exemplos, além do cavalo, do casuar ou do ouro que comprovam que a demonstração nesses casos é a melhor saída para se conhecer o significado das palavras. Por outro lado, há substâncias cuja definição já basta para que se conheça o objeto sobre o qual se fala, como é o caso do triângulo (III.xi.23). O autor, entretanto, alerta para o seguinte:

Vale ressaltar que não basta, a fim de evitar inconveniências no discursos e nas discussões sobre corpos naturais e coisas essenciais, ter aprendido por meio da propriedade da linguagem, a ideia comum, embora confusa e muito imperfeita, em que

¹¹¹ Definidas por Locke como: “Essas qualidades predominantes sensíveis são aquelas que compõem os principais ingredientes das nossas ideias específicas, e conseqüentemente as partes mais observáveis e invariáveis nas definições dos nossos nomes específicos, bem como atribuídos aos grupos das substâncias que chegam ao nosso conhecimento” (III.xi.20). Num geral, são a forma ou a cor do objeto.

¹¹² Denominação comum às grandes aves não-voadoras, da fam. dos casuariídeos, gên. *Casuaris*, com distribuição restrita a Austrália e Nova Guiné, que possuem uma grande crista óssea na fronte, patas com três dedos e cabeça e pescoço sem penas e de coloração azul ou púrpura. (Disponível em: <http://www.aulete.com.br/casuar>; último acesso: 22/01/17). Interessante que o dicionário, além da definição, oferece a ilustração da ave.

cada palavra é empregada e mantê-las àquela ideia em nosso uso. Devemos, sim, ao familiarizarmo-nos com a história desse grupo de coisas retificar nossas ideias complexas e estabelecê-las como pertencentes cada uma a um nome específico. No discurso com os outros (se acharmos que nos confunde) devemos dizer qual ideia complexa fazemos ser representada por aquele nome. (III.xi.24)

O procedimento da retificação garantiria que os falantes se expressassem de forma clara, contudo, exigiria um esforço constante deles para constantemente confirmar que suas ideias são compreendidas e, por parte dos ouvintes, o esforço de solicitar que o falante explique-se. Isso porque, para Locke, “o uso comum é uma regra muito incerta” (III.xi.25); pressupor um consenso nem sempre garantirá o sucesso da comunicação.

É evidente que essas e outras estratégias sugeridas por Locke serviriam idealmente para uma comunicação perfeita, como ele sugere ao finalizar o livro III:

E apesar quase não haver espaço para digressões e uma definição em particular quando da progressão de um discurso, por mais que a significação de um termo varie, o teor do discurso, quase em sua totalidade, se nenhuma falácia se desenhar ali, conduzirá confortavelmente leitores sinceros e inteligentes ao seu verdadeiro significado; porém, quando não for o suficiente para guiar o leitor, cabe ao escritor explicar seu significado e deixar claro em qual sentido ele emprega o termo. (III.xi.27)

Entretanto, seria completamente impreciso – para dizer o mínimo – crer que a teoria de Locke é carregada de tamanha ingenuidade. Esses remédios, como ele coloca, além de sugestões, são idealizações para solucionar o problema de incerteza inerente à linguagem:

Não sou tão narcisista de achar que qualquer um pode fingir uma tentativa de reforma perfeita das línguas do mundo, tampouco de seu próprio país, sem fazer o papel de ridículo. Exigir que os homens usem suas palavras constantemente com o mesmo sentido e apenas para ideias determinadas e uniformes seria crer que todos os homens

devessem possuir as mesmas noções e falar somente daquilo de que têm ideias claras e distintas – o que não é esperado por ninguém que não seja pedante o suficiente de achar que pode triunfar sobre homens por ser muito sábio ou muito taciturno. E deve ser muito pouco habilitado no mundo aquele que crê que uma língua loquaz deva acompanhar apenas um bom entendimento, ou que os homens falem muito ou pouco deva ser proporcional apenas ao seu conhecimento. (III.xi.2)

A questão é mais complexa como se verá no capítulo a seguir. Para nomear alguns dos problemas que a teoria de Locke aventa: a natureza não categoriza as coisas – se o faz, não condiz necessariamente com a nossa forma de fazê-lo –, nosso recorte de ideias para serem representadas por um nome tem necessariamente uma carga subjetiva, porque é arbitrário, não é possível acessar a essência real das coisas, os debates filosóficos preocupam-se mais em impressionar com um discurso obscuro do que buscar o verdadeiro conhecimento, de modo a não atentar para o emprego adequado das palavras. Isso cria uma instabilidade na linguagem que a torna impossível de ser traduzida.

5 DA INTRADUTIBILIDADE

Depois de uma breve análise da teoria da linguagem contida no *Ensaio*, entendendo por que as palavras, sua natureza, sua função na linguagem e sua relação com as ideias, são tão fundamentais para o argumento de Locke contra a teoria aristotélica, é possível, então, justificar por que ele não acredita que a tradução seja possível e por que toda essa discussão continua, e deve continuar, contribuindo com as teorias de tradução desenvolvidas desde o séc. XVIII.

Assim, as questões deixadas em aberto no final do capítulo anterior nortearão as reflexões realizadas aqui. Primeiro, será apresentado o que Locke entende por essências, que levará aos problemas referentes à teoria da retificação, segundo ponto abordado. Por fim, a questão da arbitrariedade será novamente evocada para complementar a posição assumida por Locke, essa que, como já comentado anteriormente é uma das razões pelas quais seu pensamento influenciou largamente o século seguinte - e, por que não, ainda que indireta e sutilmente, inclusive atualmente.

5.1. Das essências

O primeiro aspecto que é preciso levar em consideração acerca da noção de essência para Locke é, novamente, a posição de ruptura com a visão aristotélica segundo a qual é sempre possível acessar a essência de um objeto por meio da definição¹¹³. John J. Jenkins (1985) explica que, segundo a teoria aristotélica, acessar a

¹¹³ Não se pretende alongar aqui nesse aspecto. Ayers (1981) apresenta uma comparação bastante cuidadosa entre a teoria ideacional de Locke e a teoria da definição real que remonta à teoria aristotélica das essências. Grosso modo, o que é relevante para a discussão é o foco nas substâncias em Aristóteles que teriam sua constituição real acessada por meio da definição. Assim, como alega Ayers “todos concordavam com o princípio aristotélico de que a substância e a essência são a mesma coisa” (AYERS:1981, p.253) [“ Everyone agreed with Aristotle's principle that the substance and the essence are one and the same”]. Com a contestação dos universais por Hobbes e Descartes - e obviamente por Locke a partir do argumento de que a linguagem é arbitrária - colocou-se em cheque a assunção da possibilidade desse acesso à essência real dos objetos, em especial das substâncias.

constituição interna de um objeto é semelhante a tomar conhecimento das engrenagens internas de um relógio - mesmo exemplo selecionado por Locke para contrapor esse argumento, a ser aprofundando a seguir. Nesse sentido, seria possível ordenar os objetos físicos em classes naturais, ou, como Jenkins coloca, “as classes ou grupos existem na natureza para que os observemos e, com base nela, formulemos nossos termos universais correspondentes. A constituição interna das coisas na natureza nos garante de toda informação de que precisamos”¹¹⁴. (JENKINS: 1985, p.179)

Locke, contudo, defende que o acesso à verdadeira constituição das coisas e sua definição a partir disso é impossível, porque apreendemos a realidade apenas pela experiência que dela temos por meios de nossos sentidos. Ele apresenta o seguinte argumento:

Tampouco podemos organizar e agrupar as coisas, e conseqüentemente denominá-las (que é afinal a finalidade do agrupamento) por suas essências reais, porque as desconhecemos. Nossas faculdades não conseguem nos levar para além do conhecimento e da distinção das substâncias, apenas até uma coleção dessas ideias sensíveis que observamos nestas, ações que, embora feita com a maior diligência e exatidão de que somos capazes, são ainda tão distantes da verdadeira constituição interna das quais essas qualidades emanam [...] (III.vi.9).

Ou seja, Locke não nega a existência de uma constituição real das coisas, apenas afirma não ser possível acessá-la em sua plenitude pelo fato de sermos limitados às nossas experiências. E é exatamente esse raciocínio que o exemplo dos mecanismos de um relógio ilustra:

Yolton (1993, pp.67-8) comenta que Locke também contesta a noção proposta por Descartes de que o pensamento seria a essência da mente ou do espírito, porque o pensamento flutua e a essência deve ser sempre constante (“se as essências são tomadas por ideias estabelecidas na mente, com nomes incorporados a elas, deveriam manter-se solidamente as mesmas, independentemente das mutações passíveis de ocorrer nas substâncias particulares” III.iii.19), do contrário a própria existência do ser seria alterada. Locke também acredita que o pensamento não é propriedade essencial da mente, pois não pensamos constantemente (o exemplo seriam os sonhos sem sonhos). Essas afirmações, segundo Yolton, foram muito radicais, assim como suas colocações acerca das substâncias que serão tratadas a seguir.

¹¹⁴ “The classes or sorts are there in nature for us to observe and on the basis of which to formulate our universal terms accordingly. The internal constitution of things in nature provide us with all information we need”.

Um relógio silencioso e um barulhento pertencem a uma única *species* àqueles que possuem apenas um nome para eles; quem, porém, atribui “relógio” a um e “carrilhão” a outro, e a cada um ideias complexas distintas, a estes eles são de *species* diferentes. Pode ser que se afirme que os mecanismos internos e a constituição são o que se difere nos dois e sobre os quais um relojoeiro conhece claramente. Ainda assim, fica claro que, para aquele, são uma *species*, pois tem à sua disposição apenas um nome para eles (III.vi.39).

Ora, se a experiência de cada um determina – e, com esse exemplo, o contexto sócio-cultural também – a necessidade ou não de atribuir nomes diferentes a objetos semelhantes, fica claro para Locke que não haveria “espécies naturais”, mas grupos criados pelos humanos por meio da linguagem. Assim, antes de demonstrar o que entende por essência, procura romper com a noção dos universais; ele prefere a noção de “termos gerais”. Para Locke, “as palavras convertem-se em gerais por se tornarem sinais de ideias gerais: e as ideias se tornam gerais quando se suprime as circunstâncias de tempo e de espaço e de quaisquer outras ideias que podem determiná-las a essa ou àquela existência particular” (III.iii.6). Ou seja, pela eliminação de qualidades particulares, a mente constrói ideias mais generalizadas de um grupo mais amplo de objetos – isso pelo princípio da comunicação: se tudo o que existisse tivesse um nome específico (cada exemplar de cadeira, por exemplo, recebesse um nome particular), ela não seria possível.

Locke afirma que esse procedimento ocorre desde a nossa infância (III.ii.7): observamos que nossas mães, pais, enfermeiras, professores etc. têm características comuns, além daquelas que os tornam seres particulares, e retemos apenas essas características comuns de modo a abstrairmos a noção de “homem” e assim sucessivamente em diferentes contextos. Ele ressalta, portanto, que:

Tal nova ideia é criada não por alguma nova adição, mas unicamente como antes, pelo abandono da forma e de algumas outras propriedades significadas pelo nome “homem”

e, mantendo somente um corpo com vida, sentidos e movimentação espontânea, compreendido sob o nome “animal”¹¹⁵ (III.iii.8).

Assim, Locke comprova seu raciocínio de que as nomenclaturas propostas pela filosofia aristotélica não passam de um exercício de abstração, ou seja, do abandono das qualidades particulares e da retenção apenas das gerais. A crítica dele acerca dessa visão é bastante explícita neste trecho:

Concluindo: **todo esse mistério de *genera* e *species*, que gera tanto ruído nas escolas e aos quais se dá, com justiça, tão pouca atenção, não passa de ideias abstratas, mais ou menos abrangentes, com nomes afixados a elas.** Em tudo o que foi mencionado, isto é constante e invariável: que cada termo mais geral representa uma ideia que não é senão uma parte de qualquer uma dessas contida sob ele. (III.iii.9, grifo meu)

Essas ideias abstratas, representadas por termos abstratos, são fruto, portanto do entendimento, não existem na natureza, são geradas por meio das operações de observação, reflexão e abstração. Assim, rejeita-se a noção de universais como Locke pontua:

A universalidade, porém, não pertence às próprias coisas, as quais são todas elas particulares em sua existência, inclusive aquelas palavras e ideias que, em sua significação, são gerais. Por isso, **quando abandonamos os particulares, os gerais que sobram são somente criaturas de nossa fabricação;** sua natureza geral resume-se à capacidade que lhes é atribuída pelo entendimento de significar ou simbolizar diversos particulares. Pois **a significação que eles possuem é apenas uma relação que, por meio da mente humana, lhes é adicionada.** (III.iii.11, grifos meus)

¹¹⁵ Esse exercício sugerido por Locke é o que possibilitaria chegarmos à ideia de Deus (III.vi.11), tópico de grande interesse em sua filosofia, mas que não será tratado nesta dissertação.

Todavia, esse procedimento revela uma dificuldade em se determinar a significação de um termo: ora, de que forma é possível determiná-la positivamente, ou seja, sem tomar como base os particulares que foram abandonados (ou seja, aquilo que a coisa não é)? Locke responde dizendo que “o que as palavras gerais significam é um grupo de coisas; e cada uma delas o faz sendo um sinal de uma ideia abstrata na mente.” (III.iii.12). Verifica-se se um objeto contém características que concordam com um grupo específico de coisas para que ele receba o nome daquele grupo, ou seja, leva-se em conta as qualidades compartilhadas pelas coisas denominadas pelo mesmo termo. Dessa forma, descobre-se que o que faz com que ele pertença a esse grupo é o que se entende por essência, isto é, as ideias abstratas compartilhadas por um grupo de objetos, como Locke explica a seguir:

Pois, como a posse da essência de qualquer *species* é o que faz com que qualquer coisa seja dessa *species* – e, como a conformidade à ideia à qual o nome é anexado é aquilo que dá direito àquele nome – a posse da essência e a posse dessa conformidade devem necessariamente ser a mesma, já que pertencer a qualquer *species* e ter o direito ao nome dessa *species* é uma coisa só. Por exemplo, ser um homem, ou da *species* homem e ter o direito ao nome “homem” é a mesma coisa. (III.iii.12)

Locke usa o termo aristotélico “espécie”¹¹⁶ mais com um fim didático do que para demonstrar sua necessidade enquanto um conceito: o objetivo é deixar claro que aquilo que os aristotélicos entendem por espécie nada mais é do que o agrupamento de coisas que compartilham qualidades em comum e recebem todas um mesmo nome geral. Assim, demonstra que, por exemplo, um ser que é incluído no grupo denominado “homem” compartilha as qualidades desse grupo, logo é também “homem”. Ser “homem” significa, por fim, ter as qualidades do grupo como essência. Vê-se que a essência é estabelecida por meio de operações mentais – ou seja, não é natural – baseadas na observação, isto é, a mente nota que a natureza gera objetos

¹¹⁶ Nos trechos traduzidos, o termo ocorre anotado sempre como *species*. No capítulo seguinte, essa escolha será justificada. Yolton (1993, p.71) afirma também que, com exceção da discussão sobre a essência de “homem”, Locke emprega “espécie” sem realmente ter intenções de discutir espécies biológicas.

semelhantes entre si e, a partir dessas semelhanças sensíveis, organiza os grupos da forma que lhe for conveniente (III.iii.13). É por isso que, para Locke, a palavra “essência” se subdivide em duas modalidades: real e nominal.

5.1.1. Essência real

Locke define a essência real como aquilo de que realmente as coisas são formadas, um conjunto de qualidades cuja totalidade é inacessível aos nossos sentidos, como é possível verificar neste trecho:

Em primeiro lugar, essência deve ser tomada pelo puro ser de qualquer coisa, em razão do qual ele é o que é. E, assim, a constituição interna real, porém geralmente desconhecida (em substâncias), das coisas, de que suas qualidades descobríveis dependem, pode ser chamada de sua essência. Essa é a definição original própria da palavra, como é evidente a partir de sua formação; *essentia*; em sua notação primitiva, significando, devidamente, ser. E, nesse sentido, ainda é usada quando falamos da essência de coisas particulares, sem atribuir-lhes qualquer nome (III.iii.15).

Nas ideias complexas de substâncias¹¹⁷ essa essência real é inacessível porque os nomes criados para elas são nomes gerais a partir das operações que a mente realiza ao observar determinadas semelhanças na natureza. Essas mesmas semelhanças seguem um crivo subjetivo, como no mesmo caso do relógio: para um camponês, basta que todos os diferentes mecanismos com os quais se depara se chamem relógio, para um relojoeiro não. O nível de abstração varia de acordo com o contexto, se ele varia, significa que não há a rigor uma demarcação natural que demonstre quando um grupo termina e quando outro começa.

¹¹⁷ Os próximos tópicos deste capítulo concentrarão os argumentos de Locke referentes à reflexão acerca da essência dos outros tipos de ideias.

Para que seja possível acessar essa essência real, Locke propõe algumas condições: “em primeiro lugar, deve-se assegurar que a natureza, na produção das coisas, sempre as desenvolve de modo a fazerem parte de certas essências reguladas e estabelecidas, as quais devem ser os modelos de todas as coisas que serão produzidas” (III.vi.15). Isso sempre tendo em mente que contamos apenas com a nossa experiência sensorial para afirmarmos ou negarmos qualquer coisa. Essa afirmação acerca do *modus operandi* da natureza partirá necessariamente de uma perspectiva subjetiva, de modo que não há como garantir objetivamente a precisão do evento observado. De todos os modos, Locke prossegue com a segunda condição:

Em segundo lugar, seria necessário saber se a natureza sempre se atém àquela essência que desenvolve na produção das coisas. Os nascimentos monstruosos e irregulares que foram observados em diversos grupos de animais sempre nos darão razão de duvidar de uma dessas condições, ou de ambas. (III.vi.16)

A inconsistência suscitada já na primeira condição é mais explicitada aqui, ou seja, quais qualidades exatamente determinariam o pertencimento a esse ou àquele grupo? Quem avaliaria qual qualidade deveria ser incluída ou excluída? Os nascimentos ditos monstruosos pelo autor estariam enquadrados no mesmo grupo dos nascimentos regulares ou constituiriam um novo grupo? Saber essas respostas seria a terceira condição.

“Em quarto lugar, a essência real dessas coisas que distinguimos em *species*, e assim distinguimos os nomes, deve ser conhecida, i. é, devemos ter ideia dela” (III.vi.18). Logo, porque desconhecemos essa essência – não temos ideia dela –, não somos capazes de cumprir as quatro condições anteriores.

Por fim, “em quinto lugar, a única ajuda imaginável nesse caso seria que nós deveríamos, depois de compor as ideias complexas perfeitas das propriedades das coisas que emanam de suas respectivas essências reais, distingui-las, por esse motivo, em *species*” (III.vi.19). Como não é possível, como já dito, conhecer todas as propriedades que formam essa ideia complexa, não é, portanto, possível ter certeza se

a adição ou exclusão de uma qualidade gerará um novo grupo ou se afetará o grupo já existente de alguma forma.

5.1.1.1. Como isso implica na tradução¹¹⁸

Essa impossibilidade de acessar a essência real de um objeto, segundo a teoria de Locke, suscita uma hesitação na tradução. O simples fato de palavras que fazem parte do nosso cotidiano não poderem ter sua significação totalmente determinada gera um esforço por parte do tradutor em assimilar o recorte pressuposto daquela substância. Um exemplo disso é o caso de como a percepção das diferentes fases da água pode variar de uma cultura para outra. Locke menciona-o no seguinte trecho:

Se eu fosse perguntar a qualquer um se gelo e água seriam duas *species* distintas de coisas, não duvido que receberia uma resposta afirmativa; e não se pode negar: quem diz que são duas *species* distintas está correto ao fazê-lo. Porém, se um inglês criado na Jamaica que talvez nunca tenha ouvido falar em gelo vem para a Inglaterra no inverno, verá que a água colocada em sua bacia à noite estará quase toda congelada pela manhã. Sem saber que há um nome particular para isso, deverá chamá-la de “água endurecida”; aí questiono se ela constitui numa nova *species* para ele, diferente da água. (III.vi.13)

Nesse caso, o idioma base é o inglês, de modo que se esse indivíduo que vive na Jamaica aprender que para o estado de “água endurecida” dá-se o nome gelo – no caso, “ice” – a questão seria resolvida. Entretanto, a questão é mais complexa do que apresentar um termo a uma pessoa que é empregado de forma recorrente por um grupo de falantes daquela mesma língua. O que Locke deseja enfatizar é que os grupos se formam a partir da observação humana, que age de maneira claramente arbitrária,

¹¹⁸ A contrapartida a essas situações de impossibilidade serão apresentadas ainda neste capítulo.

pois separa gelo de água, mas não o faz com outros objetos que teriam qualidades em comum em quantidades semelhantes a essas duas substâncias, como anota a seguir:

Creio que nesse caso poder-se-ia responder que não seria para ele [o homem jamaicano] uma nova *species*, não mais do que gelatina congelada, quando fria, é de uma *species* distinta da mesma gelatina fluida e quente; ou então ouro líquido na fornalha ser considerado de uma *species* distinta do ouro sólido nas mãos de um artífice. (III.vi.13)

O que nos faz atribuir um nome diferente para os diferentes estados da água, mas manter o mesmo nome para diferentes estados de outras substâncias? Evidentemente a necessidade da comunicação tornou essa distinção necessária – assim como no caso do relojoeiro, é essencial distinguir relógio de carrilhão. A tradução, nesse sentido, seria afetada exatamente porque não se tem acesso à essência real dos objetos: não é possível ter certeza de que as mesmas qualidades foram reunidas e representadas por termos correspondentes em duas línguas diferentes, porque não é possível desde o princípio ter certeza de que entre falante e ouvinte de uma mesma língua há um compartilhamento dessas mesmas qualidades. Ora, segundo Locke:

Não podemos nunca saber qual é o número preciso de propriedades que dependem da essência real de ouro; apenas uma que seja excluída, a essência de ouro, e consequentemente o ouro, já não são mais identificados, a não ser que soubéssemos a própria essência real de ouro; e com isso tivéssemos determinado aquela *species*. Pela palavra “ouro” aqui, devo ser entendido como a desenvolver uma peça particular de matéria, como o último guinéu cunhado. Se ele representasse aqui, em sua significação cotidiana, aquela ideia complexa que eu ou qualquer outro designe “ouro”, i. é., a essência nominal de ouro, teríamos um jargão. **É tão difícil demonstrar os significados mais variados e as imperfeições das palavras quando temos apenas essas mesmas palavras para fazê-lo.** (III.vi.19, grifo meu)

Um jargão é exatamente esse tipo de termo empregado por um grupo específico de pessoas e cuja significação pode ser de difícil acesso. Se nem mesmo entre falantes da própria língua é possível ter a clareza da significação de um termo, o que dizer da tradução desse mesmo termo? É por esse motivo que, segundo Locke, o acesso que temos é à essência nominal dos objetos, não à sua constituição real¹¹⁹.

5.1.2. *Essência nominal*

Segundo Locke, a essência nominal é a reunião de qualidades feita pelo nome atribuído ao objeto observado. Por isso, às palavras é atribuído um papel tão fundamental em sua teoria, são elas as responsáveis por manter sempre unidas as qualidades observadas pela mente humana a partir da experiência sensorial. Locke procura explicar o que entende por essência nominal, diferente da real, neste trecho em que critica novamente o emprego quase esvaziado de significado dos termos “gênero” e “espécie”:

o aprendizado e a discussão das escolas se ocuparam bastante de *genus* e *species*; a palavra “essência” quase perdeu sua significação primária e, ao invés da constituição real das coisas, foi usada quase totalmente como constituição artificial de *genus* e *species*. É verdade, usualmente presume-se uma constituição real dos grupos de coisas; e não há dúvidas de que deve haver uma constituição real, da qual qualquer coleção de ideias simples coexistindo deve depender. Porém, **é evidente que as coisas são ordenadas sob nomes dentro de grupos ou *species*, somente quando concordam com certas ideias abstratas, às quais anexamos aqueles nomes**, a essência de cada *genus*, ou grupo, vem a ser nada além dessa ideia abstrata que o nome geral, ou grupal

¹¹⁹ Ayers (2000) comenta sobre essa questão quando fala sobre a teoria geral do significado: os indivíduos (sejam eles eruditos ou ignorantes) são conectados por uma rede de semelhanças cruzadas cuja distinção pode ocorrer em graus imperceptíveis, assim que gêneros e espécies seriam construtos humanos (AYERS:2000, pp.51-2). “Consequentemente, palavras não podem ser usadas, como implica a teoria aristotélica, para nomear diretamente essências específicas no mundo, e a definição de um termo não pode ser nada além do desempacotamento de uma concepção humana, uma ‘ideia abstrata’ formada com base em semelhanças observadas” (Ibidem, p.53).

(se me for permitido chamar assim a partir de grupo, tal como faço com geral de *genus*), representa. E isso, deveremos descobrir, será o que é importado pela palavra “essência” em seu uso mais familiar. (III.iii.15, grifo meu)

Locke não rejeita, como já dito e como se vê no trecho, a existência da essência real – ou a realidade das coisas. Para ele, porém, essa constituição nos é inacessível porque contamos apenas com os nossos sentidos para apreender as qualidades dos objetos. Observamos que a natureza produz seres ou objetos com características semelhantes e é a partir delas que formamos os grupos – as espécies –, mas não há nada na natureza que determine que o agrupamento deva ocorrer dessa ou daquela maneira. Essas características, portanto, são as que comporão a essência nominal desses seres ou objetos – essência adquirida pelo nome atribuído, “pois é exclusivamente isso que o nome, marca do grupo, significa” (III.vi.7). Locke continua, “é impossível, portanto, que qualquer coisa sirva para determinar os grupos de coisas, as quais nós organizamos em nomes gerais, que não aquela ideia da qual o nome é designado para ser marca; que é aquilo, como já foi mostrado, que chamamos de essência nominal” (III.vi.7).

Voltando ao caso da água e do gelo, é apenas por uma imposição humana que esses dois estados da água são considerados grupos diferentes, nada na natureza determina que se faça essa separação¹²⁰. Locke repete esse mesmo posicionamento mais adiante:

fica claro que nossas *species* distintas são apenas ideias complexas distintas, com nomes distintos a elas anexado. É verdade que toda substância existente tem uma

¹²⁰ Isso não implica necessariamente que a percepção, no caso entre um homem inglês e um jamaicano, seja necessariamente diferente, apenas o recorte cultural, pois, embora o idioma de ambos seja o inglês, a língua falada em cada país sofre alterações específicas. Um jamaicano, seguindo a visão de Locke, reconhece que gelo e água são elementos diferentes, porém, para ele talvez não haveria a necessidade de cunhar um novo termo para representar “gelo”, assim que referir-se a “água endurecida” talvez já bastasse para em suas situações comunicativas diversas. Umberto Eco (2007) apresenta um exemplo interessante quando discute sobre esse aspecto na tradução: os termos “nephew”, “niece” e “grandchild” do inglês recortam um contexto que em italiano é representado por um termos apenas, “nipote”, o que não significa que os italianos não compreendam que há uma diferença entre sobrinho, sobrinha e neto(a), mas que o ponto de vista assumido para fazer o recorte é diferente,

constituição particular da qual essas qualidades sensíveis e os poderes que nela observamos depende, a organização, porém, das coisas em *species* (que não passa do agrupamento delas em vários títulos) é feita por nós, de acordo com as ideias que nós temos delas. (III.vi.13)

E é por esse motivo que as palavras acabam sendo tão incertas em seu uso, “se fossem obra da Natureza, não poderiam ser tão variadas e diferentes nos mais variados homens” (III.vi.26) e é por esse motivo também que a significação dos termos que representam substâncias é tão incerta. Locke evoca diversos exemplos que nos colocam em situações em que não é possível chegar a um consenso, como o caso de um feto mal formado, nesse mesmo trecho – sua vida deve ou não ser poupada? Ele deve ou não ser considerado parte da espécie “homem”? Enfim, questões que ainda hoje fazem parte de debates bastante acalorados. Com isso, traz à tona a dúvida sobre o que de fato nos permite afirmar que um ser é um “homem”. Em sua opinião, Locke crê que “nenhuma das definições para a palavra ‘homem’ que possuímos, ou descrições desse tipo de animal, sejam tão perfeitas e exatas de modo a satisfazer uma pessoa inquiridora que aprecia considerar bem as coisas” (III.vi.27).

Há, contudo, que se ter claro que essa dificuldade – proveniente da diferença quanto ao que é abarcado pela essência real e pela nominal – se dá especificamente no caso das substâncias. Quando Locke trata das ideias simples e dos modos – simples e mistos –, entende que as essências nominal e a real concordam e são igualmente representadas pelo nome atribuído a elas (III.iii.18). As ideias simples se referem à realidade das coisas¹²¹, porque são as percepções provindas dos sentidos. Assim, sua apreensão e sua significação tendem a ser mais exatas, pois “elas nunca se referem a alguma outra essência, apenas àquela percepção que imediatamente significam; tal referência é causa que torna a significação dos nomes de substâncias naturalmente tão confusa e dão vazão a tantos debates” (III.ix.18). Locke ainda afirma que as palavras que representam ideias simples também são empregadas com maior precisão: “‘Branco’ e ‘doce’, ‘amarelo’ e ‘amargo’, carregam consigo um significado

¹²¹ “a mente não tem o poder de gerar uma [ideia simples], recebe apenas o que lhe é apresentado pela existência real das coisas que operam sobre ela”. (III.v.2) Dessa forma, a tradução de palavras que representam as ideias simples não seria tão problemática, como será comentado novamente.

bastante óbvio compreendido com precisão por todos ou cuja ignorância daquele [de um falante] é facilmente notada, para assim buscar informações a respeito” (III.ix.18).

No caso dos modos simples e mistos, ambas as essências coincidem, pois é a mente humana que os cria, que seleciona o conjunto de ideias simples, ou complexas, no caso dos modos mistos, que será representado por um determinado nome, como Locke anota neste trecho:

é o nome que parece preservar essas essências e provê-las de sua duração permanente. Donde, a conexão entre partes soltas dessas ideias complexas feita pela mente - conexão essa que não possui nenhuma fundação particular na natureza - cessaria novamente, se não houvesse algo que de fato as mantivesse, por assim dizer, juntas e impedisse essas partes de dispersarem. Apesar de ser a mente que produz a coleção, é o nome que age como se fosse o laço que a une firmemente. (III.v.10)

Ou seja, mais uma vez a necessidade da comunicação faz com que os termos sejam cunhados. Nesse caso, contudo, sem que se tome a natureza como padrão, a mente reúne as ideias simples e, “uma vez que um nome é afixado a ela, de modo que as partes dessa ideia complexa possuam uma união permanente e determinada, a essência é, por assim dizer, então estabelecida e a *species* observada, completa” (III.v.11). Locke, mais para frente insiste nesse argumento:

os nomes dos modos mistos sempre significam (quando possuem uma significação determinada) **a essência real de suas *species***. Já que, pelo fato de essas ideias abstratas serem obra da mente e não se referirem a nenhuma existência real das coisas, **não se supõe nenhuma outra coisa significada por esse nome, apenas essa ideia complexa que a própria mente formou**, o que é tudo o que ela expressaria com aquele nome; e é disso que todas as propriedades das *species* dependem e é somente daí que todas elas brotam. **Assim, neles, as essências real e nominal são a mesma**. (III.v.14, grifos meus)

Essa peculiaridade dos modos mistos e simples acaba por interferir necessariamente na tradução das palavras que os representam, ainda que a

complexidade seja menor do que se comparada com o caso das palavras que representam as substâncias.

5.1.2.1. Como isso implica na tradução

As essências nominais, em todos os casos apresentados, explicitam o fato de que as ideias precederiam historicamente as palavras, como é dito neste trecho: “ao produzir uma nova ideia complexa, produz-se também, ao atribuir-lhe um novo nome, uma nova palavra” (III.v.13). Para esse argumento Locke usa como exemplo Adão ao se deparar com a necessidade de criar um novo termo para reunir em uma só unidade as ideias às quais reuniu por meio da experiência sensorial, a saber, “kinneah” e “niouph” referentes a “ciúme” e “adultério” respectivamente (III.vi.44-51). Entretanto, a esse procedimento, Locke impõe uma condição: “o emprego dos nomes para tornar as nossas ideias, dentro de nós, conhecidas aos outros, não pode ser feito, a não ser que o mesmo sinal representasse a mesma ideia em duas pessoas que comunicariam seus pensamentos e conversariam entre si” (III.vi.45). Ora, não basta que tenhamos ideias em nossas mentes e as combinemos da maneira que desejamos, é preciso que essa união, ou seja, a coleção de ideias unidas por um nome – logo, o estabelecimento da essência nominal – passe pelo crivo do uso comum, ou seja, pelo uso social.

Percebe-se, então, o rumo para o qual Locke direciona o raciocínio: a linguagem, que é o que une a sociedade, surgiu por uma necessidade de externar aquilo que reside internamente ao falante. Essa necessidade, porém, é de **ordem social** e determina a natureza das ideias. Cada sociedade, portanto, colheria as ideias sensíveis de acordo com a necessidade comunicativa que é suscitada nas conversas dos membros que nela se inserem; a natureza das ideias e, por extensão, da linguagem seriam socialmente determinadas. Dessa forma, surgiriam termos específicos internos a cada idioma, restritos a certo grupo de falantes, além de termos gerais específicos àquele idioma como um todo, ou seja, termos específicos compartilhados por todos os falantes, não apenas um grupo. Locke tem o cuidado de levar em consideração essa particularidade neste trecho:

Uma relativa proficiência em línguas diferentes facilmente deixará qualquer um satisfeito sobre a verdade disso, visto ser mais do que evidente observar **um grande repertório de palavras em uma língua sem nenhuma correspondência na outra. O que mostra claramente que os habitantes de um país, por seus costumes e modos de vida, tiveram a oportunidade de produzir várias ideias complexas, e dar-lhes nomes, que outros nunca reuniram em ideias específicas.** Isso não poderia ter ocorrido se essas *species* resultassem da obra permanente da natureza e não agrupamentos produzidos e abstraídos pela mente a fim de nomear e pela conveniência da comunicação. (III.v.8, grifo meu)

Como já dito acima, os agrupamentos das ideias simples – para formar qualquer tipo de ideia complexa – são de ordem humana e não natural, é evidente que cada comunidade linguística terá uma necessidade particular de comunicação¹²². Por isso, Locke continua,

Os termos da nossa lei, os quais não constituem sons vazios de sentido, dificilmente encontrarão palavras que lhes correspondam no espanhol ou no italiano, estas nada pobres; menos ainda, creio eu, alguém poderia traduzi-los nas línguas caribenhas ou de Westoe. Assim como a *versura*¹²³ dos romanos, ou o *corbã*¹²⁴ dos judeus não têm palavras em outras línguas que lhes correspondam; a razão para tanto se esclarece por aquilo que já foi dito. Ora, se penetrarmos um pouco mais esse assunto e compararmos com exatidão línguas diferentes, veremos que, apesar de elas possuírem palavras que nas traduções e nos dicionários devem corresponder uma à outra, no entanto, raramente

¹²²Georges Mounin (1975) relata exatamente essa problemática neste trecho: “ao falarmos em duas línguas, jamais estamos falando exatamente do mesmo mundo: daí a impossibilidade teórica de passar de uma língua para outra, quando essa passagem linguística postula uma outra passagem - na verdade inexistente - de um mundo da experiência para outro (de uma experiência de mundo para outra” (MOUNIN: 1975, p.77). Mounin discute a complexidade da estrutura do léxico nas diferentes línguas e cita alguns teóricos que defendem que as palavras formam campos conceituais que recobrem as noções apreendidas pela experiência humana, o que é basicamente o que se discute aqui (Ibidem pp.75-94). Para o autor, é relevante evocar essa problemática, pois cabe à tradução manejar essas questões, já que a prática tradutória antecede “toda a teoria sobre a tradução e sobrevive a qualquer teoria que negue a possibilidade de traduzir [...] (Ibidem, p.94)

¹²³ Acesso ao *proscênio*, *parte anterior do palco*, de um teatro.

¹²⁴ Corban ou corbã é uma palavra hebraica que se refere a sacrifício, uma oferta a Deus. Está presente na Bíblia em Marcos, 7:11, por exemplo, quando Jesus discute o valor da tradição, no caso, se refletindo no quinto mandamento de honrar pai e mãe, acudindo-os. A hipocrisia ocorria no abandono dessa prática sob a justificativa da obrigação de fazer ofertar aos sacerdotes.

encontra-se um entre dez nomes de ideias complexas, em especial de modos mistos, que represente a mesma e precisa ideia que a palavra expressa nos dicionários. (III.v.8)

O fato de se abrir um dicionário e buscar o termo que aparece como tradução daquele que se deseja expressar em outra língua não significa que a tarefa o tradutor está completa¹²⁵. A rede de significados, isto é, a coleção de ideias simples, culturalmente determinada e unida por aquele mesmo termo deve ser levada em consideração ao se traduzir. E é exatamente por isso que, para Locke, o esforço acima culminará na impossibilidade da tradução: cada grupo social é um particular, cada indivíduo é um particular, traduzir seria uma prática que iria exatamente ao encontro dessa posição, pois parte do princípio de que aquilo que é particular seria, na verdade, comum. Esse raciocínio é desenvolvido pelo autor a seguir:

Não há ideias mais comuns e menos compostas que as medidas de tempo, extensão e peso; e os nomes latinos *hora*, *pes*, *libra* são, sem qualquer dificuldade, expressos em inglês pelos nomes *hour* [hora], *foot* [pé] e *pound* [libra]. Ainda assim, não há nada mais evidente do que o fato de que as ideias atribuídas por um romano a esses nomes latinos eram muito diferentes daquelas expressas em inglês por um inglês. Se qualquer um deles viesse a fazer uso das medidas que os usuários da outra língua designaram por meio de seus nomes, ele faria delas um relato totalmente distinto. Essas provas são demasiado evidentes para serem questionadas. **E sê-lo-ão muito mais nos nomes de ideias mais abstratas e compostas, como a grande parte das ideias que compõem os discursos de moral, cujos nomes, em sua minoria, correspondem exatamente em toda a extensão de sua significação quando os homens, por curiosidade,**

¹²⁵ É muito interessante que há alguns parágrafos, Locke, ao refletir sobre o que seria “definição”, faz questão de distinguir o ato da tradução: **“Isso é traduzir, e não definir, quando trocamos duas palavras de mesma significação uma pela outra**, o que, quando uma é mais bem entendida que outra, pode ser útil para descobrir que ideia a desconhecida representa, mas está muito longe de uma definição, a não ser que digamos que toda palavra em inglês no dicionário seja a definição da palavra latina à qual ela responda, e que movimento é a definição de *motus*” (III.iv.9, grifo meu). Locke não é ingênuo ao falar sobre a impossibilidade de tradução. Ela acontece, e as pessoas se comunicam por meio dela - ele mesmo acompanhou a tradução do *Ensaio* para o francês -; a questão, como se pontuou, não está na prática da tradução, tampouco na teoria sobre a prática da tradução, mas nesse processo enquanto conceito de uma teoria da linguagem que prevê um uso particular das palavras: como já foi dito, a tradução expõe esse caráter, pois não há garantias de que os falantes têm acesso às mesmas ideias, por isso, no nível da prática, obtêm-se traduções diferentes de um mesmo texto produzidas por tradutores diferentes. Não fosse isso, não se teria, para um texto, traduções diferentes, em diferentes épocas.

comparam-nos com aqueles para os quais estão traduzidos em outras línguas.
(III.v.8; grifos meus)

Como se vê, esse trecho concentra o interesse central desta pesquisa. O conceito de intradutibilidade em Locke não se aplica à superfície da linguagem, ou seja, o resultado final, as palavras sintaticamente concatenadas em um idioma tendo de ser vertidas em outro idioma. A questão é muito mais complexa, pois evidencia um conflito no nível das ideias¹²⁶, em que essas são representadas por palavras que não têm a capacidade abarcar sua essência real, apenas expressam o recorte proposto por um indivíduo em uma sociedade. Vê-se, portanto, que novamente a arbitrariedade é um fator de grande influência nesse problema.

5.2. Da arbitrariedade e da instabilidade

Locke, além de insistir sempre no fato de que as palavras, ao representarem as ideias na mente do falante, o fazem apenas de modo imperfeito, reforça a questão de que elas, sendo um instrumento humano, não podem representar nada além daquilo que a observação permite, como se conclui a partir da noção da essência nominal. Além disso, haveria um outro problema: não só as palavras são arbitrariamente formadas para arbitrariamente representarem (uma coleção de) ideias simples, como também seu significado altera com as alterações da sociedade. Ele afirma isso neste trecho: “mudanças de costumes e de opiniões trazem consigo novas combinações de

¹²⁶ Locke já havia mencionado esse problema no Livro II, quando comenta: “pois **os vários modos, costumes e as várias maneiras de uma nação produzem várias combinações de ideias familiares e necessárias a si** que outras pessoas nunca tiveram a oportunidade de produzir, ou talvez nem as tenham notado, logo os nomes vieram a ser anexados às ideias para evitar longas perífrases em coisas da conversação diária” (II.xxii.6, grifo meu) [For the several fashions, customs, and manners of one nation, making several combinations of ideas familiar and necessary in one, which another people have had never an occasion to make, or perhaps so much as take notice of, names come of course to be annexed to them, to avoid long periphrases in things of daily conversation]. Os nomes, as palavras, carregam em si essa problemática numa aparência estável, afinal, é somente quando investigamos as relações de significados de cada termo que nos deparamos com esse nível obscuro da linguagem. Na superfície, ou seja, numa leitura casual de um texto, essas questões dificilmente são suscitadas.

ideias, sobre as quais, com frequência, é preciso pensar e falar, assim novos nomes são anexados a elas a fim de evitar longas descrições, dessa forma tornam-se uma nova *species* de modos complexos¹²⁷ (II.xxii.7).

Segundo Uzgalis (2012, p.14), a tradição de uso das palavras se modifica – já que a sociedade também se modifica –, do contrário, o conhecimento e o entendimento não seriam aprimorados. Ashworth destaca ainda o interesse público dos falantes na criação e/ou modificação dos termos para suprir necessidades particulares que não corresponderão completamente à linguagem para um grupo equivalente de outra comunidade linguística (ASHWORTH: 1984, p.51).

Amândio A. Coxito (1995), por sua vez, atribui a arbitrariedade à análise sincrônica da linguagem na teoria proposta por Locke¹²⁸, ou seja, pela análise das palavras a partir “sua função significativa” (COXITO: 1995, p.286), isto é, entendê-las na medida em que representam as ideias que a mente formula por meio da experiência sensorial na tentativa de compreender a realidade. Contudo, como a significação é convencional, não haveria uma conexão real com o objeto – como acontece com a fumaça indicando fogo, por exemplo –, logo, ela assumiria uma dimensão dinâmica:

daí que a escolha conceptual que constitui os significados não seja estável nem exaustiva (não se apoia numa intuição da essência real das coisas), mas, ao contrário, varia com as necessidades de comunicação (que levam a pôr em evidência certos aspectos daquilo que se fala em vez doutros), com os hábitos linguísticos do meio cultural ou da classe social dos interlocutores etc. (COXITO:1995, p.288)

¹²⁷ “change of customs and opinions bringing with it new combinations of ideas, which it is necessary frequently to think on and talk about, new names, to avoid long descriptions, are annexed to them; and so they become new species of complex modes”.

¹²⁸ Coxito (1995, p.286) cita Aarsleff (1964, p.179), ao afirmar que Locke opta por uma análise sincrônica da linguagem, já que seu foco é a função significativa das palavras, diferente, por exemplo, de Leibniz, autor de interesse no artigo de Aarsleff por conta da influência que sofreu de Locke, pelo menos nas questões que concernem à linguagem. Leibniz teria optado por uma análise diacrônica, já que valoriza a investigação filológica. Segundo Aarsleff, essa seria uma diferença fundamental entre as teorias desses dois autores.

A significação, portanto, produz-se em função da experiência dos falantes, ou seja, é esta que regularia a relação entre palavra e ideia num determinado contexto. Isso fica evidente neste trecho do Livro II, do *Ensaio*:

[os homens] produziram muito bem ideias de ações modificadas, e atribuíram nomes a essas ideias complexas que lhes facilitasse a memorização e o discurso sobre aquelas coisas com as quais estavam diariamente familiarizados, sem grandes rodeios e circunlóquios - dessa forma, as coisas sobre as quais continuamente davam e recebiam informações poderiam ser mais fácil e rapidamente entendidas. O fato de isso ocorrer como descrito e de **os homens**, ao estruturarem diferentes ideias complexas e atribuir-lhes nomes, **serem regidos em grande parte pelo propósito geral do discurso** (que é uma forma bastante curta e rápida de transmissão de seus pensamentos para outro) fica evidente nos nomes que foram descobertos em várias artes e aplicados a várias ideias complexas de ações modificadas que pertencem aos seus comércios variados, com o propósito da emissão em seus direcionamentos ou em suas conversas sobre elas. Tais ideias não são geralmente formuladas nas mentes de homens que não estão familiarizados em essas operações. E portanto, as palavras que as representam não são entendidas pela maioria dos homens falantes da mesma língua¹²⁹. (II.xxii.7, grifos meus)

As diferentes comunidades linguísticas, como bem aponta Locke e como já foi comentado neste capítulo, ocorrem também numa mesma língua, de modo que haveria – como acontece em várias situações de tradução – uma necessidade primária de uma tradução intralinguística, valendo-se de termos sinônimos, paráfrases etc. para, no nível

¹²⁹ “they made ideas of actions very nicely modified, and gave those complex ideas names, that they might the more easily record and discourse of those things they were daily conversant in, without long ambages and circumlocutions; and that the things they were continually to give and receive information about might be the easier and quicker understood. That this is so, and that men in framing different complex ideas, and giving them names, have been much governed by the end of speech in general, (which is a very short and expedite way of conveying their thoughts one to another), is evident in the names which in several arts have been found out, and applied to several complex ideas of modified actions, belonging to their several trades, for dispatch sake, in their direction or discourses about them. Which ideas are not generally framed in the minds of men not conversant about these operations. And thence the words that stand for them, by the greatest part of men of the same language, are not understood.”

seguinte, se concretizar a tradução interlinguística que nem sempre encontra o mesmo tipo de observação para uma mesma experiência.

Em outro momento, Locke explicita uma visão dinâmica da linguagem¹³⁰ a partir de uma aproximação diferente, no trecho já citado III.i.5, no qual afirma que os nomes que temos são todos originados das nossas experiências sensíveis (“Espírito, em sua significação primária, é sopro; anjo, um mensageiro”), de modo que sua significação original sofreu uma alteração com o passar do tempo. Assim, precisar a significação da uma palavra, ou seja, decompô-la a essência nominal dos termos para que se encontre um correspondente na língua traduzida que também contenha uma essência semelhante, é uma tarefa com mais um complicador. O que também expõe as falhas da teoria da retificação propostas por Locke apresentada no capítulo anterior.

5.3. Dos problemas da teoria da retificação

Ashworth (1984) aponta algumas fragilidades quando reflete sobre os mecanismos que garantiriam sucesso na atribuição de nomes às ideias categorizadas por Locke. A iniciar pelos modos mistos, estes cujas essências real e nominal coincidiriam e que, exatamente por esse motivo, teriam seu entendimento e uso mais acertados. Segundo a autora, os modos mistos seriam “arquétipos sem padrão”, porque não teriam um modelo na natureza, e também só o seriam graças ao nome que une arbitrariamente as ideias selecionadas para significá-lo. Ela reflete criticamente sobre um dos exemplos de Locke para os modos mistos neste trecho:

O que conta como exemplo de “justiça” ou “triângulo” depende apenas de nós; nós inventamos as noções e no caso de haver algum prejuízo na correlação, cabe ao mundo

¹³⁰ Coxito comenta que essa concepção dinâmica “recusa que as palavras sejam a simples tradução verbal de significações estabelecidas. Foi esse o ensinamento que a filosofia das Luzes recebeu de Locke” (COXITO:1995, p.292). Essa afirmação implica na assunção do caráter subjetivo incidindo na comunicação e é esse aspecto, grosso modo, que encontra grande vazão nos Estudos da Tradução atuais, vide Venutti (1995), por exemplo.

conformar às nossas definições muito mais do que o oposto. Nossas ideias não podem evitar essa conformidade à realidade, já que a única realidade é aquela tal qual determinamos.¹³¹ (ASHWORTH:1984, p.65)

Porque somos nós que inventamos as noções, não há padrões na natureza, como já dito. Não havendo um padrão na natureza não haveria nada em que poderíamos nos basear para confirmar a atribuição do nome à mesma ideia. Ora, se não há um padrão externo, na natureza, como garantir que acessamos as mesmas ideias? Como garantir que expressamos as mesmas ideias, na mesma língua, em línguas diferentes? Como garantir o sucesso da teoria da retificação?

Essas questões evocam a reflexão também sobre como garantir que as ideias simples que compõem os modos mistos são apreendidas igualmente pelos falantes de uma língua, já que é o conjunto delas que proverá os modos de um significado. Segundo Locke, nosso acesso a elas se dá pelos nossos sentidos, logo, a significação dos nomes das ideias simples seriam verificados, como se comentou, ao expor os falantes às mesmas experiências que suscitariam as mesmas sensações nessas pessoas. Entretanto, como bem pontua Ashworth, “nós nunca seremos capazes de saber se esse é o caso, já que não podemos entrar na mente de outro homem”¹³² e, por isso não é possível garantir “que a ideia dele será similar à minha em seu conteúdo sensorial”¹³³ (ASHWORTH:1984, p.68). Ela complementa seu raciocínio ao comentar que, para essa problemática, Locke teria duas respostas:

Em primeiro lugar, se as ideias simples são concebidas como “Marcas de Distinção”¹³⁴, e os outros fazem as mesmas distinções que nós, podemos afirmar que as nossas ideias

¹³¹ What counts as an instance of ‘justice’ or ‘triangle’ is up to us; we have invented the notions, and in so far as there is any onus of match it is on the world to conform to our definitions rather than the reverse. Our ideas cannot avoid conformity to reality here, since the only reality is as determined by us”.

¹³² “We could never know this to be the case, since we cannot enter into another man’s mind”

¹³³ “I cannot ensure that his idea will be similar to mine in its sensory content”.

¹³⁴ “Pois Deus, em sua sabedoria, determinou-as [as ideias simples] como marcas de distinção nas coisas. É por meio delas que somos capazes de discernir uma coisa da outra e, assim, escolhe uma delas para nosso uso quando for o caso. A natureza das nossas ideias simples não se altera se pensamos que a ideia de azul encontra-se na própria violeta ou apenas em nossa mente e somente o

se conformam, sim, às ideias simples deles com base na tese de critério público. Em segundo lugar, se quisermos saber se nossas ideias são qualitativamente similares às deles, a resposta seguiria: “talvez não, mas também não importa”¹³⁵ (ASHWORTH:1984, pp.67-8).

Os nomes das substâncias também não escapam ao questionamento, especialmente pelo fato de sua essência real não ser apreensível em sua completude, como já foi explicado. Ashworth lembra que de modo algum conseguimos obter classificações definitivas porque as nossas definições não são capazes de captar as distinções reais entre as coisas, o que se torna mais evidente no caso das substâncias. Ela complementa esse argumento da seguinte forma:

É por isso que Locke enfatiza continuamente que as nossas definições de termos de substâncias resulta nas essências nominais e não nas essências reais, seja no sentido escolástico, seja no de Locke. Descrever uma essência nominal é simplesmente descrever como escolhemos empregar uma palavra; expor essas marcas que escolhemos que seriam as marcas de um homem ou de um pedaço de ouro¹³⁶ (ASHWORTH:1984, p.69).

poder de produzi-lo por meio da textura das partes dessa flor, ao refletir as partículas de luz segundo certo método é o que se verifica mesmo na violeta. Essa textura no objeto, segundo uma operação regular e constante que produz a mesma ideia de azul em nós é-nos útil para distinguirmos, por meio da visão, essa coisa de qualquer outra, seja essa marca distintiva, tal como ocorre na violeta, apenas uma textura peculiar das partes ou ainda aquela cor específica cuja ideia (que está em nós) é a representação exata” (II.xxxii.14). [For God in his wisdom having set them as marks of distinction in things, whereby we may be able to discern one thing from another, and so choose any of them for our uses as we have occasion; it alters not the nature of our simple idea, whether we think that the idea of blue be in the violet itself, or in our mind only; and only the power of producing it by the texture of its parts, reflecting the particles of light after a certain manner, to be in the violet itself. For that texture in the object, by a regular and constant operation producing the same idea of blue in us, it serves us to distinguish, by our eyes, that from any other thing; whether that distinguishing mark, as it is really in the violet, be only a peculiar texture of parts, or else that very colour, the idea whereof (which is in us) is the exact resemblance.]

¹³⁵ “In the first place, if simple ideas as thought of as ‘Marks of Distinction’ and others make the same distinctions that we do, we can say that our ideas do conform to theirs simply of the basis of these public criteria. In the second place, if we ask whether our ideas are qualitatively similar to theirs, the answer is: ‘Perhaps not, and in any case it doesn’t matter’”.

¹³⁶ “This is why Locke continually emphasizes that our definitions of substance terms give nominal essences and not real essences in either the scholastic or the Lockean sense. To describe a nominal essence is simply to describe how we have chosen to use a word; to lay out those marks that we decided shall be the marks of a man or of a piece of gold”.

Novamente, a concatenação de sons articulados em palavras é arbitrária, assim como a relação entre palavra e ideia o é. A tradução, portanto, se torna instável, ou seja, há vários resultados possíveis para um mesmo texto de partida, como se refletiu acima, graças a esse caráter convencional da linguagem. Percebe-se que nesse aspecto, tradução e comunicação aproximam-se; se esta é de difícil determinação, se lhe falta clareza ou certeza nas ideias que são veiculadas, a tradução necessariamente sofrerá do mesmo mal. E isso nos leva ao próximo complicador: o mal uso das palavras.

5.4. Das imperfeições e dos abusos das palavras

Paul Guyer (1994) comenta o desejo de Locke em buscar clareza na linguagem, pois a obscuridade do discurso é uma fonte frequente, ainda que evitável, de confusão teórica. Isso já estaria colocado desde a *Epístola ao Leitor*, onde se lê:

Violar o santuário de presunção e ignorância, já é, acredito, de alguma serventia ao entendimento humano; haja vista que muito poucos são os que pensam que tendem a enganar ou ser enganados no uso das palavras, ou que a linguagem da seita que integram contenha deficiências que deva ser examinada ou corrigida. Espero ser perdoado se me detive extensivamente nesse assunto no Terceiro Livro, e me empenhei em fazê-lo tão integralmente que nem a persistência do dano tampouco a prevalência do costume sejam usadas como desculpas por aqueles que não tomam cuidado com o significado de suas próprias palavras, e não toleram uma investigação da significação de suas expressões¹³⁷. (LOCKE:1979, p.10)

¹³⁷ To break in upon the sanctuary of vanity and ignorance will be, I suppose, some service to human understanding; though so few are apt to think they deceive or are deceived in the use of words; or that the language of the sect they are of has any faults in it which ought to be examined or corrected, that I hope I shall be pardoned if I have in the Third Book dwelt long on this subject, and endeavoured to make it so plain, that neither the inveterateness of the mischief, nor the prevalency of the fashion, shall be any

Entretanto, muito mais do que um simples mau uso, Locke veria como inerente à linguagem a possibilidade de gerar confusão. Por isso, busca formas de remediar esses problemas. Nesse sentido, Guyer afirma que “a discussão teórica de Locke sobre a natureza e a categorização da linguagem e a sua discussão sobre a imperfeição da linguagem e os seus remédios não são dois temas separados, mas partes de um único argumento”¹³⁸ (GUYER:1994, p.116). A estratégia de Locke seria, portanto, expor a falsa visão a respeito da linguagem, especialmente no que concerne à categorização das ideias, mostrando que uma verdadeira visão dela revelaria “deficiências inerentes no ideal de comunicação perfeita” (GUYER:1994, p.116).

Locke dedica um capítulo inteiro do livro III à discussão de como, para além da imperfeição natural das palavras, à qual outro capítulo é reservado integralmente, o verdadeiro conhecimento é impossibilitado pelo uso inadequado das palavras. Ora, se o falante não cuida para que seu discurso seja preciso, suas ideias não serão adequadamente veiculadas, por extensão, a comunicação/tradução seria inviabilizada. Segundo o autor, “o principal propósito da linguagem na comunicação é ser entendido, as palavras, porém, não servem para esse fim, nem no discurso civil tampouco no filosófico, se nenhuma delas incita no ouvinte a mesma ideia que representa na mente do falante” (III.ix.4). Assim, mais do que um problema **nas** palavras, cuja significação é arbitrariamente imposta, haveria uma imperfeição nas ideias que não são claras na mente do falante.

Assim, Locke enumera algumas questões que inviabilizariam a transmissão adequada do pensamento quando das palavras que representam ideias complexas – modos mistos e substâncias –:

excuse for those who will not take care about the meaning of their own words, and will not suffer the significancy of their expressions to be inquired into.

¹³⁸ Locke's theoretical discussion of the nature of language and classification and his discussion of the imperfection of language and their remedies are not two separate themes, but parts of a single argument”.

Em primeiro lugar, as ideias as quais as palavras representam são muito complexas e formadas a partir de um grande número de ideias reunidas.

Em segundo lugar, é fato que as ideias as quais elas representam não possuem uma conexão determinada na natureza e, portanto, nenhum padrão pré-determinado em qualquer lugar existente na natureza para que se retifiquem e se ajustem a partir dele.

Em terceiro lugar, há casos em que a significação da palavra é referida a um padrão, porém esse padrão é de difícil conhecimento.

Em quarto lugar, é fato que a significação da palavra e a essência real da coisa não são exatamente os mesmos. (III.ix.5)

Já no caso das palavras que representam as ideias simples, a imperfeição ocorre quando “um homem não tem os órgãos ou as faculdades para apreendê-las – como o caso das cores para um cego, ou sons para um surdo”, ou seja, o problema está muito mais no indivíduo que carece das condições básicas para apreender a ideia simples do que da própria ideia e, por isso, as dificuldades relativas a essas ideias “não precisam ser mencionadas” (III.ix.5). Desse modo, estas estariam menos propensas ao mau uso e não são o foco principal dos questionamentos¹³⁹, logo, a tradução desses termos constituiria uma exceção à teoria proposta por Locke.

O mesmo raciocínio se aplica às palavras que representam as ideias de modos simples, como Locke afirma neste curto parágrafo:

os nomes dos modos simples estão próximos àqueles das ideias simples, menos suscetíveis a dúvida e incerteza; especialmente aqueles de figura e número, sobre os quais os homens têm ideias bastante claras e distintas. Quem é que, em posse da capacidade de entendê-los, alguma vez confundiu o significado de sete ou de triângulo? Num geral, as classes com ideias menos compostas têm nomes menos duvidosos. (III.ix.19)

¹³⁹ “as ideias que eles [os nomes] representam, porque são cada uma apenas uma percepção, são muito mais facilmente adquiridas e apreendidas de forma muito mais exata que as mais complexas e, portanto, não são suscetíveis à incerteza que normalmente acomete esses compostos das substâncias e modos mistos, nos quais o número preciso de ideias simples que os constitui não encontram uma concordância fácil nem prontamente retidas na mente. Segundo, elas nunca se referem a alguma outra essência, apenas àquela percepção que imediatamente significam; tal referência é causa que torna a significação dos nomes de substâncias naturalmente tão confusa e dão vazão a tantos debates.” (III.ix.18).

Locke não gasta muito tempo refletindo sobre ideias simples e modos simples, pois, como comenta acima, dificilmente são elas causadoras de problemas na comunicação/ tradução, pois sua verificação é mais acertada do que a de ideias mais complexas. Ele, contudo, adverte para o fato de que, embora a linguagem tenha um caráter público, este não é basta para evitar falhas na comunicação:

O emprego cotidiano regula muito bem o significado das palavras para a conversa cotidiana, porém, porque ninguém tem autoridade de estabelecer a significação precisa das palavras ou de determinar a quais ideias elas devem ser anexadas, o emprego cotidiano não basta para ajustá-las aos discursos filosóficos. (III.ix.8)

Ou seja, o caráter privado se sobrepõe a qualquer tentativa pública de determinar uma significação e isso fica explícito no âmbito das discussões filosóficas: as palavras podem ser empregadas indistintamente por diferentes falantes, entretanto, “a ideia complexa coletiva que cada um crê, ou pressupõe, por esses nomes aparentemente é muito diferente entre homens usando o mesmo idioma” (III.ix.8)¹⁴⁰. Não somente para indivíduos de um mesmo idioma, mas também, e especialmente, para línguas e épocas diferentes, como é citado neste trecho:

Tenho certeza de que a significação das palavras em todas as línguas traz inevitavelmente uma grande carga de incerteza aos homens que falam a mesma língua num mesmo país, pois dependem muito de seus pensamentos, suas noções e ideias daquele que as emprega. Isso fica tão evidente nos autores gregos que quem for atrás de seus escritos encontrará em quase todos eles linguagens diferentes, apesar do emprego das mesmas palavras. (III.ix.22)

A dimensão dinâmica da linguagem, citada acima, também é um aspecto que a torna imperfeita. E não só isso, Locke admite que o caráter subjetivo também contribui

¹⁴⁰ Em III.ix,16, Locke cita uma situação em que debatia com colegas também médicos e reparou que a discussão não envolvia diferentes pontos de vista sobre o assunto, mas uma interpretação diferente para o termo “fluido”. Daí conclui que, para as conversas cotidianas, as palavras, caso mal empregadas não afetam tão gravemente a comunicação. Diferente é o caso do debate filosófico, por isso a necessidade de se atentar ao emprego que se faz dos termos - disso surgem os remédios listados no capítulo XI do Livro III, descritos no capítulo anterior nesta dissertação.

para que se entenda com precisão o que foi pretendido por determinado discurso, ainda mais se este está temporalmente distante:

quando dessa dificuldade natural em todos os países, crescem-se ainda os diferentes países e as épocas remotas: os falantes e autores tinham noções, temperamentos, costumes, ornamentos, figuras de linguagem etc. muito diferentes, cada um dos quais influenciou a significação de suas palavras, apesar de agora nos serem desconhecidas e terem se perdido. (III.ix.22)

Logo, Locke sugere que se compartilhe as interpretações individuais, para que se possa aproximar com maior segurança àquilo pretendido pelo texto, especialmente se este for de temática moral ou religiosa. Tomando esses cuidados e seguindo esses procedimentos, o que resta são situações em que há o verdadeiro abuso das palavras. De um modo geral, são estes os abusos:

I. “o emprego das palavras sem ideias distintas e claras, ou, o que é pior, sem que nada seja significado” (III.x.2). Isso faz com que as escolas ensinem sons vazios, porque ou as ideias foram anexadas sem cuidado ou não houve de fato qualquer coleção de ideias anexada à palavra¹⁴¹;

II. “a inconstância de seu emprego” (III.x.5). Ou seja, ora empregar uma palavra com um significado, ora com outro, um absurdo, em mais um comentário mordaz de Locke: “o ato intencional [usar as palavras conscientemente] só pode ser imputado a nada além de uma grande burrice ou desonestidade maior ainda” (III.x.5)¹⁴²;

¹⁴¹ Locke é irônico em sua crítica: “Se o leitor deseja estar melhor equipado, os grandes mestres primorosos desses tipos de termos, a saber, os Escolásticos e Metafísicos (dentro dos quais creio serem abrangidos os filósofos que debatem a natureza e a moral dessas últimas eras), serão de muita valia para uma ilustração”(III.x.2).

¹⁴² Locke insiste na grande desonestidade desse ato: “a cifra 3 representa às vezes três, às vezes quatro, e, às vezes ainda, oito, tal como procede em seus discursos ou em suas reflexões, em que a mesma palavra representa diferentes coleções de ideias simples. Se é assim quando estão em seu juízo, pergunto-me quem os contestaria? Alguém que discorresse sobre as relações e os negócios do mundo e entendesse 8 às vezes por sete e às vezes nove, seguindo o que lhe for mais vantajoso, teria assumido um dos dois nomes que enojam as pessoas. E ainda, em discussões e atestações de aprendizado, o mesmo tipo de procedimento é empregado comumente como forma de raciocínio e aprendizado. Para mim, entretanto, soa como uma desonestidade muito maior do que um erro no cálculo da dívida de um devedor; e a trapaça muito maior, porque a verdade tem muito mais valor e importância do que qualquer quantia de dinheiro” (III.x.5).

III. “uma obscuridade afetada, seja empregando palavras antigas com significações novas ou incomuns, seja introduzindo termos novos e ambíguos, sem defini-los; ou ainda unindo-as e tal forma de modo a confundir seu significado cotidiano” (III.x.6). Segundo Locke, esse abuso se dá entre aqueles que pretendem impressionar seus ouvintes por meio de um discurso difícil, como se isso representasse sabedoria¹⁴³;

IV. “tomá-las pelas coisas” (III.x.14), especialmente no caso das substâncias. A crítica ainda é direcionada aos peripatéticos que crêem em que a constituição interna destas é acessível, ainda que Locke identifique esse problema em outras vertentes¹⁴⁴;

V. “colocá-las no lugar de coisas que elas de modo algum significam, ou absolutamente não podem fazê-lo” (III.x.17), novamente, em especial no caso das substâncias. Por que não se conhece a essência real delas, sua significação é imprecisa, de modo que muitas vezes toma-se uma qualidade que não lhe é essencial como se o fosse. Novamente aqui, o objetivo claro de Locke é criticar as filosofias praticadas até então que pressupõe haver um padrão na natureza que delimita as espécies¹⁴⁵;

¹⁴³ A culpa, segundo Locke, desse abuso recai especialmente sobre os seguidores da filosofia peripatética. Sua acidez é grande: “Vemos que outros homens sábios e bem intencionados, cuja educação e cujas doutrinas não incorporam essa “agudeza”, conseguiram expressar-se de forma inteligível; e em seu emprego pleno das palavras beneficiaram a linguagem. Entretanto, embora homens incultos entendessem bem o suficiente as palavras “branco” e “preto” etc. e tivessem noções constantes quanto às ideias significadas por essas palavras, houve filósofos que tiveram educação e sutileza o bastante para provar que a neve era preta, ou seja, para provar que branco era preto. Por meio disso, tiveram a oportunidade de destruir os instrumentos e meios do discurso, da conversação, da instrução e da sociedade, ao passo que em posse de grande arte e sutileza não fizeram mais do que desorientar e confundir a significação das palavras e assim tornar a linguagem mais inútil do que os defeitos reais dela foi um presente que os iletrados não guardaram para si” (III.x.10). Esse abuso é talvez um dos mais graves para o autor, porque é disseminado entre os acadêmicos.

¹⁴⁴ “Quem, daqueles criados na filosofia peripatética, não crê que os “Dez Nomes”, sob os quais seguem hierarquizadas as “Dez Categorias”, correspondem em sua totalidade à natureza das coisas? Quem dessa Escola não foi persuadido de que as formas substanciais, almas vegetativas, repúdio ao vácuo, *species* intencionais etc. seriam algo real? [...] Os platônicos se valem da “alma do mundo” e os epicuristas de seu “dever para com o movimento” em seus átomos em repouso. Quase não se encontra uma vertente filosófica que não criou sua própria coleção de termos distintos que não são compreendidos” (III.x.14).

¹⁴⁵ “por que não teria Platão feito a palavra *anthropos*, ou “homem”, representar sua ideia complexa, formada pela ideia de um corpo, distinto de outros por um formato específico e outras aparências externas, assim como Aristóteles faz com a ideia complexa, à qual atribuiu o nome *anthropos*, ou “homem”, de corpo e faculdade de raciocínio unidas? Ou será que se pressupunha que o nome *anthropos*, ou “homem”, representasse algo diferente daquilo que de fato significa e substituiu alguma outra coisa além da ideia que um homem diria expressar com ela?” (III.x.17)

VI. “Ao agir partindo do pressuposto de que as palavras que empregamos possuem uma significação certa e evidente, a qual obviamente será entendida por outros” (III.x.22). Esse não seria um abuso tão grave quanto os outros, mas impede o verdadeiro conhecimento, porque se pressupõe ideias na mente do ouvinte que não necessariamente estão lá, o que acaba gerando conflitos desnecessários.

Locke retoma tudo o que disse de modo a resumir seu argumento (III.x.31) de que se fala sons vazios quando não se toma o cuidado necessário ao anexar as palavras às ideias que se tem na mente para o fim da comunicação, pior ainda é fazê-lo intencionalmente como crítica de modo incisivo. Esses abusos tornam uma tradução instável, pois não é possível acessar o conteúdo significativo de forma clara e adequada, nesse caso, porque haveria um falante na língua de partida mal intencionado, no sentido colocado por Locke.

Percebe-se que a incapacidade das palavras em representar as ideias na nossa mente soma-se à impossibilidade de garantir que as ideias são as mesmas entre dois falantes distintos. A isso acresce a incapacidade de alguns falantes em anexar adequadamente as palavras de sua língua às ideias que têm em sua mente, de modo a expressarem-se de forma inadequada, e a má intenção de outros falantes que desejam apenas impressionar o ouvinte com um discurso vazio e empregam palavras sem o uso previsto para ela. Afirmar que a tradução é impossível, ou, em outras palavras, que a intradutibilidade é um argumento dentro da teoria de Locke significa expor todos esses problemas de ordem teórica e não prática. O objetivo de Locke com o *Ensaio* é, entre outros, negar a teoria aristotélica que resumiria todas as práticas de investigação filosófica condenadas pelo autor e a justificativa dessa contestação é exatamente as questões que são reunidas no próprio conceito da intradutibilidade. Assim, metaforicamente falando, negar a possibilidade da tradução permitiu a Locke propor um novo olhar para linguagem. E, tentando respeitar esse posicionamento assumido por esse autor é que a tradução do Livro III foi realizada e alguns aspectos foram destacados no capítulo a seguir como relevantes para toda essa reflexão realizada até aqui.

6 DA TRADUÇÃO DO LIVRO III, *DAS PALAVRAS*

O *Ensaio* não é uma obra inédita em língua portuguesa, já recebeu traduções totais ou parciais, tanto no Brasil como em Portugal. Contudo, este capítulo não pretende comparar as traduções já existentes, mas refletir sobre alguns pontos no texto de Locke considerados relevantes tanto para a discussão da tradução quanto para a teoria desse autor. O que não significa que essas traduções tenham sido ignoradas; elas, bem como as traduções para o francês (1998), espanhol (1999) e alemão (1872), serviram de base para as escolhas que resultaram na versão que se apresenta aqui.

Ademais, ao optar por uma nova tradução, criou-se a possibilidade de se obter a própria prática como parte integrante da análise da teoria da linguagem e da noção de intradutibilidade de John Locke, como será possível verificar nos comentários presentes neste capítulo. Fazer uso de uma tradução já existente não traria a consistência de estudo necessária, de modo que a discussão partiria de uma perspectiva de mera crítica à atividade e que soaria acomodada para os objetivos estabelecidos para esta dissertação – o esforço de destrinchar cada ponto do texto de Locke, identificar suas dificuldades e sua construção parece ser conquistado somente com a prática tradutória.

Essa postura concorda com autores como Thomas Givón (1989), para quem o exercício da tradução “é de fato um dos melhores *testes de caso* que temos para entender expressões linguísticas” (GIVÓN:1989, p.324, grifos do autor) porque tradução pode ser definida como “transferência de conhecimento através dos principais limites linguístico-culturais” (GIVÓN:1989, p.324)¹⁴⁶. Ora, para a adequada interpretação e, por extensão, tradução de um texto, é fundamental conhecer o contexto em que ele foi produzido, porque, como defende o autor, “na língua humana, nenhum significado pode ser 100% convencionalizado” embora “sempre permaneça um resíduo de dependência contextual na interpretação de expressões linguísticas, independentemente de grau de convencionalização que possam ter” (GIVÓN:1989, p.323)¹⁴⁷.

¹⁴⁶ “Translation - or paraphrase - is indeed one of the best *test cases* we have for understanding linguistic expressions.”; “The transfer of knowledge across major linguistic-cultural boundaries”.

¹⁴⁷ “In human language no meaning can be one hundred percent conventionalized [...] Thus, a residue of context dependence in interpreting linguistic expressions always remains, regardless of how conventionalized they may be”. Esses comentários aproximam-se do argumento de Coxito, quando afirma

Os capítulos anteriores desta pesquisa já trataram dessa instabilidade na significação das palavras cuja discussão deve ser brevemente retomada neste instante a título de argumento para sustentar as escolhas feitas na tradução do Livro III, do *Ensaio*. Locke demonstrou sua preocupação quanto a esse aspecto da natureza desses sinais ao alegar que “o modo como inúmeros homens letrados empregam seus pensamentos são provas mais do que suficiente para demonstrar o tipo de atenção, estudo, sagacidade e reflexão são exigidos para descobrir o verdadeiro significado dos autores antigos” (III.ix.10). Ao evocar os autores antigos, demonstra justamente as alterações na significação das palavras, de modo a também sugerir a importância de se atentar para o contexto em que um determinado escrito foi produzido. E alerta:

Mesmo aqueles que determinaram suas noções com mais cuidado dificilmente evitam a inconveniência de elas [as palavras] representarem ideias complexas diferentes daquelas para as quais outros, inclusive homens inteligentes e estudiosos, tornam um sinal. Onde se encontraria um debate controverso ou uma conversa informal sobre honra, fé, graça, religião, igreja etc. em que não se observa diferentes noções que os homens têm delas? **Isso demonstra apenas que eles não estão de acordo com a significação dessas palavras, tampouco possuem em suas mentes a mesma ideia complexa as quais aquelas representam**, logo, todas as disputas subsequentes nada mais são do que sobre o significado de um som. (III.ix.9, grifo meu)

É preciso, portanto, entender antes a linguagem e a visão de mundo na qual se insere para que a tradução ocorra. Eugene Nida (1966), por exemplo, é um dos teóricos da tradução que expressa esse tipo de preocupação ao afirmar a necessidade de se considerar os problemas que emergem no processo tradutório devido à variedade em classe de palavras, às categorias gramaticais e aos arranjos de palavras (NIDA:1966, p.20).

No caso da tradução do Livro III, como se verá, foram levantadas questões que perpassam exatamente essas reflexões no nível lexical, sintático e semântico.

que na teoria de Locke, a significação é dinâmica, ou seja, produz-se em função da experiência dos falantes, de modo a recusar “que as palavras sejam a simples tradução verbal de significações estabelecidas” (COXITO: 1995, p.292)

6.1 Quanto aos termos

Locke, no Livro III, não cunha termos¹⁴⁸ para estruturar as bases conceituais de seus argumentos, o que não significa que não haja uma preocupação com as palavras empregadas. Isso talvez se explique pelo fato de que não há um interesse de sua parte em criar uma nova corrente de pensamento ou uma nova disciplina, como fica claro já na *Epístola ao Leitor*:

Não tenho pretensões de publicar este Ensaio para a informação de homens de pensamentos vastos e rápidas apreensões; a esses mestres do conhecimento declaro-me um aprendiz e adianto-lhes que não criem expectativas além do que se tem desenrolado do meu fluxo de pensamentos - adequado a homens de porte igual ao meu, a quem talvez não seja inaceitável meu esforço em tornar-lhes algumas verdades, que desenvolveram preconceitos, mais claras e familiares, ou a própria abstração das ideias, que pode gerar dificuldades (LOCKE: 1979, p.11)¹⁴⁹.

Até mesmo a modéstia de que Locke faz uso para se caracterizar deve ser reconhecida como estratégia para sua argumentação. Esse recurso reveste toda a estrutura teórica do *Ensaio*. Há uma clara tomada de posicionamento quando Locke se distancia desses “homens de pensamentos vastos e rápidas apreensões”, ou seja, todos aqueles a quem as críticas inseridas no *Ensaio* se dirigem. A ele não interessa o que esses pensam de seu texto, interessa-lhe seus pares, aqueles que igualmente não estão preocupados em impressionar por meio das palavras, por isso não produzem textos intrincados, cheios de raciocínios retorcidos e considerações obscuras. Daí seria possível afirmar é que advém seu trato aparentemente mais informal com as reflexões. Entretanto, essa despreocupação com uma rigidez formal teórica – ou como Locke registra: “escrita a partir de partes incoerentes e, depois e longos intervalos de

¹⁴⁸ Pode-se dizer que Locke aplica no Livro III as definições apresentadas especialmente do Livro II para os diferentes tipos de ideias (simples, complexas, modos e substâncias). A exceção seriam as essências real e nominal cuja definição se dá no Livro III, como foi destacado no capítulo anterior desta pesquisa.

¹⁴⁹ “I pretend not to publish this Essay for the information of men of large thoughts and quick apprehensions; to such masters of knowledge I profess myself a scholar, and therefore warn them beforehand not to expect anything here, but what, being spun out of my own coarse thoughts, is fitted to men of my own size, to whom, perhaps, it will not be unacceptable that I have taken some pains to make plain and familiar to their thoughts some truths which established prejudice, or the abstractedness of the ideas themselves, might render difficult”.

negligência, novamente reunidas tal qual meu humor ou a ocasião permitiam¹⁵⁰” (LOCKE: 1979, p.10) - é, como dito, aparente e pode levar o tradutor a inadequações. Assim que, por trás desse discurso que soa casual, há uma rigidez quanto ao emprego de termos-chave para sua teoria e Locke os emprega de forma consciente, demonstrando metalinguisticamente aquilo que defende no texto. Portanto, é fundamental, de início, identificar, no Livro III, de que maneira seu posicionamento teórico conduz as escolhas semânticas respeitadas do primeiro ao último capítulo.

6.1.1 Postura anti-aristotélica

O principal objetivo do *Ensaio*, como já se sabe, é tratar do entendimento humano¹⁵¹ por meio da contestação das correntes teóricas pregadas no contexto de Locke no séc. XVII, evidente já no Livro I, em que o conceito de ideias inatas é rejeitado. Ao longo do Livro III, de forma às vezes sutil, às vezes mais explícita estruturando o raciocínio de todo um capítulo, essa rejeição aos princípios aristotélicos pode ser identificada.

Já no primeiro capítulo, por exemplo, tem-se:

dado que todos os nomes (com a exceção dos nomes próprios) são gerais e, por isso, não representam essa ou aquela única coisa em particular, mas grupos e categorias de coisas, será necessário considerar, num próximo nível, o que os grupos e os tipos (*sorts* e *kinds*), ou, se preferirem os nomes latinos, *species* e *genera* das coisas são, em que consistem e como são formulados. (III.i.6)

Locke já demonstra não compactuar com o pensamento vigente na época ao não fazer questão de empregar os termos comumente empregados “espécie” e “gênero” e optar por palavras inglesas “sorts” e “kinds”. Aqui é bastante evidente que

¹⁵⁰ “written by incoherent parcels; and after long intervals of neglect, resumed again, as my humour or occasions permitted”

¹⁵¹ “Familiariza-se pouco com o assunto deste tratado - o ENTENDIMENTO - quem não sabe que, como a faculdade mais elevada da alma, é empregado com um encanto maior e mais constante do que qualquer outra” (LOCKE: 1979, p.7) [he is little acquainted with the subject of this treatise — the UNDERSTANDING— who does not know that, as it is the most elevated faculty of the soul, so it is employed with a greater and more constant delight than any of the other.]

por trás dessa indiferença quanto ao termo a ser escolhido pelo leitor, há uma demonstração indireta de que os conceitos representados pelos termos ligados à teoria contestada são questionáveis e não descrevem a realidade da maneira como ele acredita. Cuidando para preservar essa distinção, optou-se por “grupos” e “tipos” como tradução dos termos ingleses e, todas as vezes em que os termos latinos fossem empregados, manteve-se tal como se vê no trecho acima ao invés de “espécie” e “gênero” a fim de manter o distanciamento proposto por Locke – a tradução para o português desses termos latinos incorporaria os vocábulos e apagaria a postura de distanciamento assumida pelo autor de forma tão contundente.

Ademais, reforçando o que já foi dito, para Locke, o agrupamento das qualidades observáveis das coisas num nome ocorre de forma arbitrária, não é dada pela natureza; utilizar “espécies” para falar desses casos necessariamente evocaria o conceito já cunhado pela filosofia combatida por ele, tanto na época em que o *Ensaio* foi escrito quando nos séculos seguintes. Locke, inclusive, emprega esse termo sempre que deseja refletir sobre os postulados que deseja desconstruir para que o leitor perceba a relação, quando apresenta seus argumentos opta, então, por “grupos” e “tipos”¹⁵², como os exemplos a seguir demonstram:

todo esse mistério de *genera* e *species*, que gera tanto ruído nas escolas e aos quais se dá, com justiça, tão pouca atenção, não é nada além de ideias abstratas, mais ou menos abrangentes, com nomes afixados a elas. (III.iii.9)

Daí é fácil observar que **as essências dos grupos de coisas** e, conseqüentemente, o agrupamento das coisas **é obra do entendimento** que abstrai e gera essas ideias gerais. (III.iii.12)

¹⁵² É interessante inclusive um aumento na ocorrência do termo “grupos” (sorts) a partir do quinto capítulo, embora “species” seja bastante frequente em todo o Livro III. A partir desse capítulo é que a teoria de Locke ganha mais estrutura: ele apresenta a noção de intradutibilidade; nos capítulos seguintes, discorre sobre as essências real e nominal, aspectos importantes em seus argumentos, partículas - em contraposição aos termos sincategoremáticos -, ideias abstratas - que comporiam as “species”, imperfeições e abusos das palavras, bem como remédios para evitar estes. Ou seja, cada capítulo concentra um aspecto que de alguma maneira se opõe àquilo pregado na época.

E quais são as essências dessas *species* delimitadas e marcadas por nomes senão aquelas ideias abstratas na mente, que são, por assim dizer, os laços entre coisas particulares que existem e os nomes sob os quais eles devem ser ordenados? (III.iii.13)

o aprendizado e a discussão das escolas se ocuparam bastante de *genus* e *species*; a palavra “essência” quase perdeu sua significação primária e, ao invés da constituição real das coisas, foi usada quase totalmente como constituição artificial de *genus* e *species*. (III.iii.15)

A outra opinião, e a mais racional, é a de quem reconhece que todas **as coisas naturais têm uma constituição real, mas desconhecida**, de suas partes insensíveis; é delas que decorrem as qualidades sensíveis que nos servem para **distinguir estas mesmas coisas umas das outras, de acordo com a possibilidade de ordená-las em grupos, sob denominações comuns**. (III.iii.17)

fica claro como os grupos de modos mistos são criaturas do entendimento, no qual possuem um ser como subserviente para todos os fins da verdade real e do conhecimento, tanto quando eles realmente existem. (III.v.4)

A razão por que eu me atenho a isso em particular é que não podemos nos enganar sobre *genera* e *species*, e suas essências, como se fossem coisas produzidas com regularidade e constância pela natureza e tivessem uma existência real de coisas. (III.v.9)

Seria, portanto, desejável, que os homens versados em investigações físicas, e familiarizados com os diferentes **grupos de corpos naturais**, estabelecessem essas ideias simples com aquilo que observam os indivíduos de cada grupo concordar constantemente. (III.xi. 25)

Percebe-se, neste último trecho, que há uma substituição até mesmo do emprego do termo “espécie” no âmbito das ciências naturais, área pouquíssimo abordada por Locke no *Ensaio*¹⁵³. Em menor proporção ocorre o emprego de “gênero” e “tipo”, entretanto a oposição que se cria segue os moldes acima descritos.

¹⁵³ Ele sinaliza isso também em III.vi.34: “Entretanto, quando me foi dito que o nome dessa ave é *cassuaris*, devo, então, empregar esse nome em minha falar para representar toda a minha ideia complexa mencionada na descrição, apesar de que essa palavra - agora um nome específico - não suscita em mim um conhecimento maior da essência ou constituição real desse **grupo de animais** do

Essa separação, como se vê, é de grande importância para a teoria de Locke, de modo que há uma necessidade de se respeitar as ocorrências dos termos e tratá-los como conceitos diferentes - fator nem sempre atentado nas traduções consultadas. No dicionário organizado por Yolton (1991) para reunir os termos que são de importância nas obras de Locke como um todo, há a entrada para o verbete “sorts”, mas não para “species”, o que fortalece o argumento desta pesquisa de se ter em mãos dois conceitos diferentes que devem ser traduzidos por termos diferentes. Assim, “sort” é definido por Yolton como “uma ideia complexa que representa um conjunto de qualidades coexistentes” (YOLTON: 1991, p.264), ou seja, para Locke, o conceito representado pelo termo “sort” necessariamente se conecta à noção de termos gerais que significam ideias abstratas.

Contudo, em III.iii.12, no trecho “fica evidente que as essências dos **grupos, ou, se a palavra latina agradar mais, species de coisas**, resumem-se a essas ideias abstratas”, o autor parece sugerir que “sort” e “species” são termos intercambiáveis, assim como fez em III.i.6, citado acima. Essas colocações poderiam levar o leitor a supor tratar da mesma coisa aquilo que Locke se dedica a mostrar não ser. Ao afirmar “se preferir o nome latino”, ele se vale da ironia, recurso ao qual recorre com frequência, especialmente quando pretende refutar as teorias em vigor na sua época, para assumir novamente a posição de modéstia como já havia feito desde a Epístola, quando afirmou não se propor a criar algo novo ou a escrever para os “homens de pensamentos vastos e rápidas apreensões”. O livro III, porém, comprovará que os conceitos de ideia abstrata, termo geral e grupos não podem ser compreendidos sob o termo “espécie”, pois este desencadeia relações de significados com as quais Locke não compactua. Mais uma vez, a tradução deve ser cuidadosa em perceber que há uma ironia ao tratar desse termo.

Outro termo que também merece atenção é o uso de “mind”, geralmente traduzido por “espírito” no português. O *Dicionário de Filosofia*, de Abbagnano, define “espírito” da seguinte forma:

que me ocorria antes” e em III.x.32: Quem, num país recém-descoberto, vier a encontrar vários **grupos de animais e vegetais** até então desconhecidos pode conseguir ideias tão verdadeiras sobre eles como de um cavalo ou de um veado macho, mas apenas pode falar deles por meio de uma descrição até que empreste o nome usado pelos nativos atribua-lhes ele mesmo um nome.

*1º Alma racional ou intelecto (v.) em geral; esse é o significado predominante na filosofia moderna e contemporânea, bem como na linguagem comum.[...] o único estritamente vinculado à problemática da filosofia moderna é o primeiro. Foi Descartes quem introduziu e impôs esse significado. [...] Locke, como se disse, usava o termo *mind* no mesmo sentido (ABBAGNANO: 2005, pp.354-5, grifos do autor).*

Há ainda outras quatro definições para o verbete, mas que não interessam à discussão aqui. Para “mente”, por outro lado, o dicionário apresenta a seguinte definição:

MENTE (*lat. Meus*). 1. O mesmo que *intelecto* (v.). 2. O mesmo que espírito: conjunto das funções superiores da alma, intelecto e vontade (v. ESPÍRITO). 3. O mesmo que doutrina. Nesse sentido, diz-se (ou melhor, dizia-se, porque esse significado é antiquado) “M. de Aristóteles” para designar a doutrina de Aristóteles sobre um assunto qualquer (ABBAGNANO: 2005, p.660, grifos do autor).

O dicionário faz ainda referência ao seguinte trecho do *Ensaio* para justificar a afirmação de que Locke emprega o termo seguindo o significado proposto por Descartes: “Objetos externos guarnecem a mente com as ideias de qualidades sensíveis - todas as diferentes percepções que provocam em nós - e a mente guarnece o entendimento com ideias de suas próprias operações”¹⁵⁴ (II.i.5). “Mind” seria, portanto essa “alma racional” que coordenaria as faculdades intelectuais, entre elas o entendimento. Entretanto, a questão não é tão simples assim. Yolton (1991) argumenta que Locke não emprega “mind” em nenhum título de suas obras; seu interesse é o entendimento:

As referências à mente no *Ensaio* são quase tão frequentes quanto as ao entendimento. Tanto a mente quanto o entendimento possuem ideias e pensamentos; ambos são ativos ao executarem determinadas operações, embora a mente seja responsável por mais

¹⁵⁴ “External objects furnish the mind with the ideas of sensible qualities, which are all those different perceptions they produce in us; and the mind furnishes the understanding with ideas of its own operations.”

funções do que o entendimento. Seria difícil extrair do *Ensaio* uma distinção clara entre mente e entendimento¹⁵⁵ (YOLTON: 1991, p.137).

Ademais, há passagens em que os termos são intercambiáveis, mas sempre preservando o papel ativo e consciente da mente, como fonte de diversos poderes e responsável por articular as faculdades intelectuais. Yolton ainda complementa que ela desempenha um papel tão central que tanto Locke quanto alguns autores de sua época colocam o indivíduo num segundo plano, embora seja ele o responsável por pensar e agir (YOLTON: 1991, p.137). O argumento central de Yolton é o cuidado que se deve ter ao tratar o conceito de “mente” em Locke, pois ele não desenvolveu uma teoria da mente:

Locke não estava preocupado com o problema mente-corpo, diferente de Descartes, Malebranche ou Leibniz. Ele aceitou uma teoria casual de percepção enquanto admitia não saber como as ideias ou os pensamentos podem ser gerados por processos físicos e fisiológicos. Seu interesse era descrever os esforços da mente na sensação, percepção, pensamento e disposição. **Não havia um vocabulário fixo** para essa descrição psicológica, por isso **Locke teve de fazer uso de metáforas e analogias, além de neologismos para suas considerações sobre a mente**¹⁵⁶ (YOLTON: 1991, p.137, grifos meus).

Assim, traduzir “mind” em Locke por “espírito”, como tradicionalmente se faz, poderia desencadear uma série de relações de significados, de conceitos e de teorias não pretendidas no *Ensaio*. Assim, as primeira e segunda acepções oferecidas por Abbagnano para “mente” concordam com a intenção do autor ao tratar desse assunto,

¹⁵⁵ “References to the mind in the *Essay* are about equal in number to those of the understanding. Both mind and the understanding have ideas and thoughts; both are active in performing certain operations, although the mind may be assigned more functions than the understanding”.

¹⁵⁶ Locke was not much concerned with the mind-body problem, unlike Descartes, Malebranche, or Leibniz. He accepted a casual theory of perception while admitting that he did not know how ideas or thoughts can be caused by physical and physiological processes. His interest was in describing the workings of the mind in sensing, perceiving, thinking and willing. A fixed vocabulary for such psychological description was lacking, so Locke had to use metaphor and analogy as well as new words in his account of the mind”.

aproximando-se mais da relação com o entendimento, objetivo central do *Ensaio*¹⁵⁷, por isso foi esse o termo adotado na tradução.

Vale ressaltar também que Locke trata de espírito (“spirits”) no Livro III sempre quando se refere a entidades como Deus e os anjos - Yolton comenta também que há passagens em que “espírito” e “alma” (“soul”) são termos intercambiáveis (YOLTON: 1991, p.274). Isso fica claro em:

Pois a mente apreende, apenas ao refletir sobre suas próprias operações, essas ideias simples que são atribuídas aos espíritos, assim, não tem nem pode ter outra noção de espírito a não ser ao atribuir todas as operações que encontra em si a um grupo de coisas, sem maiores considerações quanto à matéria. E até mesmo a noção mais avançada que temos de Deus se dá pela atribuição das mesmas ideias simples que apreendemos pela reflexão sobre aquilo que encontramos em nós mesmos e as quais concebemos como possuidoras de maior perfeição em si que o seria em sua ausência; ao atribuirmos, afirmo, essas ideias simples a Ele de modo ilimitado.[...] **Todas as ideias particulares de existência, conhecimento, vontade, poder, movimento etc. são ideias derivadas das operações das nossas mentes, assim, atribuímo-las todas a todos os grupos de espíritos, apenas diferindo em grau;** o máximo que podemos imaginar, inclusive infinitude, quando fôssemos compor o melhor que poderemos uma ideia de Ser Primordial, que é, sem dúvidas, ainda mais infinitamente distante, na real excelência de sua natureza, o mais elevado e perfeito dos seres que o maior homem, o mais puro serafim, é a parte de matéria mais desprezível e conseqüentemente deve exceder o que nossos entendimentos limitados podem conceber dEle.(III.vi.11, grifos meus)

É impressionante como não temos noção, a mínima ideia, dos espíritos separados dos corpos (cujo conhecimento e ideias dessas coisas são, com certeza, mais perfeitos que os nossos). Toda a extensão do nosso conhecimento ou imaginação não vai além das nossas ideias limitadas às nossas formas de percepção. Apesar ainda de ainda não ser possível duvidar que os espíritos de uma grau mais elevado que aqueles imersos na carne podem ter ideias da constituição radical das substâncias tão clara quanto a que temos de um triângulo, e assim perceber como todas as suas

¹⁵⁷ Das traduções analisadas, apenas as traduções para o espanhol e a para o português de 1983 optam por traduzir “mind” por “mente”. A tradução de 1872 para o alemão utiliza “Seele” - cuja tradução para o português se aproxima mais do significado de “alma” - ao invés do esperado “Geist” que contemplaria também aquela primeira definição de “espírito” anotada acima. As traduções para o português consultadas empregam “espírito”.

propriedades e operações emanam daí: mas a maneira como chegam a esse conhecimento excede nossas concepções. (III.xi.23, grifos meus)

A mente faz um exercício de abstração para chegar a essas formas mais elevadas, de modo que fica claro que para Locke são dois conceitos bem diferentes¹⁵⁸.

6.1.2. Teoria da significação

Já foi dito anteriormente que Locke toma um cuidado para empregar o mesmo conjunto de termos para estruturar seus argumentos, especialmente quando concerne ao que ele entende por significação. Kretzmann (1976), Ashworth (1984), Pritchard (2013) entre outros destacam os termos caros ao autor: *meaning*, *signify*, *signification*, *sign*, *stand for*, *mark*¹⁵⁹. Embora as questões envolvendo a tradução desses termos não sejam da mesma complexidade dos acima discutidos, foi importante levar em consideração os seguintes aspectos:

Os três primeiros termos são traduzidos para o português respectivamente como: significado, significar e significação¹⁶⁰, opções adequadas para respeitar a teoria de Locke. Diferente ocorre no caso dos três últimos termos. Pritchard chama a atenção para os termos que se referem à relação palavra-coisa, separando em dois grupos: significar e denominar (PRITCHARD: 2013, p.500); “mark”, segundo ele, seria um termo que abrange as duas categorias, “stand for” integraria o primeiro grupo, “sign” poderia abranger também as duas categorias, embora não há uma especificação clara no texto.

¹⁵⁸ A tradução alemã opta por “Geist” para “spirit”.

¹⁵⁹ Vide o capítulo *Da natureza e significação das palavras* desta dissertação.

¹⁶⁰ A tradução portuguesa alterna “significado” e “sentido” para “meaning”. Porém, Locke também fala de sentido (“sense” e “senses”), de modo que optou-se respeitar também essa distinção na tradução, já que ele preza pelo aspecto sensualista da experiência. Além do mais, há uma relação bastante importante entre “meaning” e “signification” no *Ensaio*, como destaca Pritchard (2013, p.489), de modo que o significado é retratado como a significação das palavras, ou seja, afixar ideias às palavras. Ele cita trechos como III.ix.8: “**O emprego cotidiano regula muito bem o significado das palavras** para a conversa cotidiana, porém, porque **ninguém tem autoridade de estabelecer a precisa significação das palavras** ou de determinar a quais ideias elas devem ser afixadas, o emprego cotidiano não é o suficiente para ajustá-las aos discursos filosóficos”(grifos meus); ou III.x.6: “um outro abuso da linguagem é uma obscuridade afetada, seja **empregando palavras antigas com significações novas ou incomuns**, seja introduzindo termos novos e ambíguos, sem defini-los; **ou ainda unindo-as e tal forma de modo a confundir seu significado cotidiano.**” (grifos meus)

Importante é sempre ter a consciência de que Locke, embora tenha dito na *Epístola ao Leitor* que o *Ensaio* é a reunião de partes incoerentes e sem uma preocupação teórica formal – daí o “ensaio” no título e não “tratado”, por exemplo –, não usa os termos que estruturam seus argumentos despropositadamente. Assim, a tradução deve cuidar com a identificação dessa escolha lexical e o respeito a ela. Optou-se, portanto, por “marca” e “marcar” para o substantivo e o verbo “mark” em inglês¹⁶¹: em todas as ocorrências do termo, Locke procura destacar a ideia de uma sinalização (denominação) específica inerente à coisa (portanto, que significa algo) representada pela palavra. Há algo de natural nessa operação como se nota nos trechos a seguir:

É impossível, portanto, que qualquer coisa sirva para determinar os grupos de coisas, as quais nós organizamos em nomes gerais, que não aquela ideia da qual o nome é designado para ser **marca; que é aquilo, como já foi mostrado, que chamamos de essência nominal**. (III.vi.7, grifos meus)

Será que apenas a diferença de pelo na pele deve ser **uma marca de uma constituição interna específica** diferente entre uma criança trocada e um mandril enquanto concordam em formato e falta de raciocínio e fala? (III.vi.22, grifos meus)

Se for assim, então todas as outras propriedades, descobertas graças a novas investidas nessa matéria, devem, pelo mesmo motivo, fazer parte dos ingredientes da ideia complexa representada pelo nome “zahab” e, dessa forma, **compor a essência da species marcada por esse nome**. (III.vi.47)

atribuímos o nome específico àquela coisa na qual é possível encontrar **essa marca característica que tomamos como a ideia mais distintiva da species**. (III.xi.19, grifos meus)

Apesar de o som “homem”, por sua própria natureza, poder significar uma ideia complexa feita de animalidade e racionalidade unidas no mesmo objeto, pode também significar

¹⁶¹ As outras traduções para o português não têm uma rigidez, ora “mark” aparece traduzido como “marca”, ora como “característica”, ora como “sinal”. A tradução espanhola opta por “señal” e para “sign”, “signo”, já a alemã entende os dois termos como “Zeichen”.

qualquer outra combinação. Contudo, **utilizadas como uma marca para representar um grupo de criaturas que contamos como pertencente ao nosso tipo**, talvez a forma exterior seja tão necessária ser considerada na nossa ideia complexa, significada pela palavra “homem”, quanto qualquer outra característica que nela encontramos. (III.xi.20, grifos meus)

Por outro lado, o uso de “sign” ocorre como que para reforçar, em primeiro lugar, a relação arbitrária entre coisa e ideia e entre palavra (por extensão, os sons combinados para formá-la) e ideia, como uma insígnia ou um símbolo. Pelo argumento reforçado entre os debatedores¹⁶² de Locke de que o conceito de indicador é inerente à ideia quando representando a coisa e à palavra quando representando a ideia, os termos acima citados não parecem uma escolha adequada para traduzir o termo inglês, por sugerirem significados que ultrapassam o propósito da teoria agregando um plano figurativo indesejado. Além disso, “sign” reforça um trabalho mental que não necessariamente surge da observação de qualidades naturais dos objetos – as palavras que representam os modos, por exemplo, não seguem nenhum padrão verificável na natureza, como já se discutiu –, como o termo “marca” registra. “Sign” seria, nesse sentido, uma reflexão posterior à identificação de “marcas”.

A tradução mais usual, “signo”, por sua vez, já carrega em si todas as relações do Estruturalismo, resultando numa interpretação anacrônica e inadequada não só do termo, mas especialmente de todo o argumento inserido no Livro III. Nesse sentido, “sinal”¹⁶³ é o termo que responde melhor às intenções de Locke quando discorre sobre a relação coisa-ideia-palavra, como já discutido anteriormente. Os trechos a seguir evidenciam como, para Locke, marca e sinal são coisas diferentes:

¹⁶² Kretzmann (1975), Ashworth (1984), Losonsky (2007), Ott (2008), Pritchard (2013), entre outros.

¹⁶³ A tradução portuguesa e a brasileira de 2012 também optaram por “sinal”, ao invés de “signo”. Vide as definições para ambos os termos: **SIGNO - 1.** Símbolo, marca, sinal: “O véu do luar nos céus revoltos/Cheios de signos de desgraça...” (Cecília Meireles, “*Agitato*”, in *Espectros*.) [...] **4. Ling. Associação de um significante e um significado (signo linguístico).** 5. Qualquer coisa ou fenômeno que designe algo distinto de si mesmo ou us. em seu lugar, p. ex., um cigarro atravessado por uma linha oblíqua significa ‘é proibido fumar’, a cor verde no trânsito representa ‘siga’, a cruz simboliza o cristianismo. [...] (disponível em: <<http://www.aulete.com.br/signal>>, último acesso: 10/02/2017, grifos meus)

SINAL - 1. Vestígio, marca que se inscreve em alguém ou em algo (concreto ou abstrato), simbolizando alguma coisa: *Aquelas ruínas eram sinais da guerra: Não conseguia apagar de seu rosto os sinais do tempo* [NOTA:Nesta acp., mais us. no pl.] [...] **16. Ling. Objeto, forma ou fenômeno que se associa a algo diferente de si mesmo, passando a substituí-lo em determinadas situações;** SIGNO [...] (disponível em: <<http://www.aulete.com.br/sinal>>, último acesso: 10/02/2017, grifos meus)

Aquilo, então, de que as palavras são marcas são as ideias do falante: **não é possível ninguém usá-las, de imediato, como marcas de qualquer outra coisa a não ser das ideias que ele mesmo teve**. Pois isso seria fazê-las sinais das suas próprias concepções e, ainda assim, usá-las em outras ideias, o que seria convertê-las em sinais e não sinais de suas ideias ao mesmo tempo e, como resultado, não careceriam de significação. As palavras como sinais espontâneos não podem ser sinais espontâneos impostos por ele a coisas que ele mesmo desconheça. **Isso seria convertê-las em sinais de nada, sons sem significação**. (III.ii.2, grifos meus)

Porém, o emprego dos nomes para tornar as nossas ideias, dentro de nós, conhecidas aos outros, não pode ser feito, a não ser que **o mesmo sinal represente a mesma ideia em duas pessoas** que comunicariam seus pensamentos e conversariam entre si. (III.vi.45, grifos meus)

não haverá nenhuma imperfeição nelas [nas palavras], se ele empregar o mesmo sinal para a mesma ideia, afinal, não há como não ter sua significação entendida, nisso consiste o emprego correto e a perfeição da linguagem. (III.ix.2, grifos meus)

Por fim, o verbo “stand for”, bastante presente ao longo do Livro III complementando a teoria de significação proposta por Locke, revela uma incompatibilidade entre o inglês e o português: não é possível, em português, produzir verbos por meio do acréscimo de preposições que exerceriam a função de sufixo ao radical, o que garante uma flexibilidade lexical maior à língua inglesa.

Há, nesse sentido, uma necessidade de interpretação do termo dentro dos argumentos apresentados na teoria de Locke. Isso remete ao que teóricos como Nida (1966), Givón (1989), Eco (2007) entre outros propõem: para que uma tradução entre línguas seja possível, deve também haver uma tradução transcultural, ou seja, uma comunicação entre duas visões de mundo diferentes. Essa proposta também é compartilhada por Esteves (2016) que defende o ato de tradução como uma “entidade irreduzivelmente cultural” (ESTEVES: 2016, p.695)¹⁶⁴.

¹⁶⁴ Tanto Givón quanto Esteves argumentam em favor de uma análise da tradução partindo dos filósofos da linguagem John Langshaw Austin (1962) e George W. Grace (1986), este que propõe o que se entende por “tradução perlocucionária”, ou seja, uma tradução “cujo objetivo é promover algum tipo de

E é nesse aspecto que se pode colocar em cheque as considerações de Locke: em nenhum momento, quando pensa na questão da tradução, ele pensa no discurso, a intradutibilidade ocorre quando se tenta buscar correlatos numa língua para as palavras geradas em outra. Entretanto, sua teoria da linguagem abrange discursos que são vagos e obscuros, ou seja, unidades maiores de pensamento. É evidente que ele atribui os problemas às palavras que são empregadas de forma vaga e busca remédios para resolvê-los a fim de que o discurso como um todo se torne claro. Ora, se essa relação entre diferentes níveis está presente na construção do argumento, ela deve também ocorrer quando da reflexão acerca da possibilidade ou não da tradução. Comunica-se para expressar ideias, não sons vazios, assim que a tradução deve expressar essas ideias por meio dos sons significativos que a elas foram atribuídos independentemente da língua¹⁶⁵.

Seguindo esse raciocínio, entende-se que (1) o verbo em português para “stand for” deve explicitar a relação palavra-coisa a partir do viés da significação, (2) o verbo em português deve buscar as mesmas relações que no inglês. Kretzmann (1976) afirma que “stand for” é um “ingrediente crucial” na máxima de Locke em III.ii.2: “words, in their primary or immediate signification, stand for nothing but the ideias in the mind of him that uses them”:

entendimento (em que “entendimento” de deve ser interpretado de modo amplo o suficiente para que inclua efeitos que possam ou não ser comumente pensados como entendimento) num público ao invés da produção de um texto”. [We may use the term “perlocutionary translation” to refer to a translation whose aim is to produce some kind of understanding (where “understanding” is to be interpreted broadly enough to include effects that might not ordinarily be thought of as understanding) in an audience rather than to produce a text.]

¹⁶⁵ É interessante que já na *Epístola ao Leitor* Locke registra sua visão acerca dessas questões: “Sei que não há palavras o suficiente em qualquer língua que responda à variedade de ideias que se inserem nos discursos e nos raciocínios dos homens. Entretanto, esse fato não impede que, quando alguém emprega um termo, tenha em mente uma ideia determinada, da qual ele se torna o sinal e à qual deve ser sempre anexado ao longo do discurso presente. Quando o falante não o faz, ou não pode fazê-lo, em vão almeja ideias claras e distintas: fica claro que as dele não o são e, portanto, não se pode esperar nada além de obscuridade e confusão sempre que esses termos são empregados sem uma determinação precisa” (LOCKE: 1979, p.7) [I know there are not words enough in any language to answer all the variety of ideas that enter into men’s discourses and reasonings. But this hinders not but that when any one uses any term, he may have in his mind a determined idea, which he makes it the sign of, and to which he should keep it steadily annexed during that present discourse. Where he does not, or cannot do this, he in vain pretends to clear or distinct ideas: it is plain his are not so; and therefore there can be expected nothing but obscurity and confusion, where such terms are made use of which have not such a precise determination.]

É preciso colocar o fato de [esse verbo] não ser um termo técnico no emprego de Locke em perspectiva, comparando-o com várias outras declarações similares no *Ensaio* – declarações nas quais Locke, sem ter a intenção de estabelecer distinções semânticas pode ser visto dizendo, por exemplo, que as palavras são sinais de, ou são marcas de, ou são nomes de, ou significam, ou marcam, ou correspondem a, ou são anexadas a ideias (KRETZMANN:1976, p.334)¹⁶⁶.

A solução encontrada foi empregar o verbo “representar”¹⁶⁷, que mantém as relações sugeridas pelo verbo no inglês, além de respeitar o viés significativo quando se fala da relação palavra coisa. Qualquer trecho do Livro III que contenha esse termo basta para explicitar isso:

As palavras não possuem uma significação natural, logo, a ideia a qual cada uma representa deve ser aprendida e apreendida por aqueles que pretenderiam trocar pensamentos e manter um discurso Inteligível com outros, em qualquer idioma. Contudo, isso é o mais difícil de conseguir, pois,

Em primeiro lugar, **as ideias as quais elas representam são muito complexas** e formadas a partir de um grande número de ideias reunidas.

Em segundo lugar, é fato que **as ideias as quais elas representam não possuem uma conexão determinada na natureza** e, portanto, nenhum padrão pré-determinado em qualquer lugar existente na natureza para que se retifiquem e se ajustem a partir dele. (III.ix.5)

Locke pretende uma relação duradoura entre ideias e palavras, embora admita que ela possa variar, já que o significado da palavra pode se alterar com o tempo, “representar” pode reforçar esse caráter dinâmico mais do que o autor deseja. Por outro lado, como foi dito, o verbo em português é capaz de recuperar todos os sentidos enumerados de significar, ser marca de, etc já analisados nesta pesquisa, além de

¹⁶⁶ “One obviously crucial ingredient in this statement is the phrase ‘stand for’. That it is not a technical term in Locke’s use of it may be seen in a comparison of it with various similar statements in the *Essay* - statements in which Locke, without intending to draw any semantic distinctions, can be found saying, for example, that words are signs of, or are marks of, or are names of, or signify, or mark, or correspond to, or are annexed to ideas”.

¹⁶⁷ Essa solução é compartilhada também pela tradução portuguesa, que também atenta ao emprego constante de “representar” para as ocorrências de “stand for”, a tradução de 1983 não se atenta para essa questão, traduzindo o verbo das formas mais variadas dependendo do trecho.

incorporar os outros pontos também discutidos na teoria, como essa relação dinâmica, arbitrária e com algum caráter figurativo entre palavra e ideia.

Ademais, como se vê no caso da tradução desse *phrasal verb*, há questões que excedem o nível lexical no momento da tradução e que merecem atenção ao se discutir a tradução de Locke.

6.2 Quanto à sintaxe

Givón ressalta alguns aspectos da língua inglesa que podem resultar em problemas na tradução, como se tem comentado. Entre eles, há o emprego de orações subordinadas adverbiais, bastante recorrentes no *Ensaio*, que podem ocorrer antepostas ou pospostas à oração principal – o que também é possível no português. Locke emprega com frequência a subordinação anteposta, o que, segundo Givón, sugere “uma conexão referencial e temática mais forte com o discurso precedente, e uma conexão referencial/ temática muito mais fraca com a sua oração principal (apesar da relação *semântica* óbvia com esta)”¹⁶⁸ (GIVÓN: 1989, p.333, grifo do autor). Somam-se a isso outros recursos anafóricos, além da frequência de períodos muito longos; uma tradução adequada deve levar em consideração em que medida a extensão do período incide no argumento e como a relação anafórica nos padrões acima citados é imprescindível na concatenação das ideias que compõem a teoria da linguagem de Locke. O trecho a seguir, já citado no capítulo anterior na versão traduzida, servirá de base para essa análise:

Whereof the intranslatable words of divers languages are a proof. A moderate skill in different languages will easily satisfy one of the truth of **this, it being so obvious to observe great store of words in one language which have not any that answer them in another. Which** plainly shows that those of one country, by their customs and manner of life, have found occasion to make several complex ideas, and given names to them, which others never collected into specific ideas. This could not have happened if these

¹⁶⁸ “Pre-posed adverbial clauses seem to have stronger referential and thematic connections to the preceding discourse, and much a looser referential/thematic connection to their main clause (in spite of their obvious *semantic* relation to the latter)”.

species were the steady workmanship of nature, and not collections made and abstracted by the mind, in order to naming, and for the convenience of communication. **The terms of our law, which are not empty sounds, will hardly find words that answer them in the Spanish or Italian, no scanty languages; much less, I think, could any one translate them into the Caribbee or Westoe tongues: and the versura of the Romans, or corban of the Jews, have no words in other languages to answer them; the reason whereof is plain, from what has been said.** Nay, if we look a little more nearly into this matter, and exactly compare different languages, we shall find that, though they have words which in translations and dictionaries are supposed to answer one another, yet there is scarce one of ten amongst the names of complex ideas, especially of mixed modes, that stands for the same precise idea which the word does that in dictionaries it is rendered by. There are no ideas more common and less compounded than the measures of time, extension and weight; and the Latin names, hora, pes, libra, are without difficulty rendered by the English names, hour, foot, and pound: but yet there is nothing more evident than that the ideas a Roman annexed to these Latin names, were very far different from those which an Englishman expresses by those English ones. And if either of these should make use of the measures that those of the other language designed by their names, he would be quite out in his account. **These are too sensible proofs to be doubted; and we shall find this much more so in the names of more abstract and compounded ideas, such as are the greatest part of those which make up moral discourses: whose names, when men come curiously to compare with those they are translated into, in other languages, they will find very few of them exactly to correspond in the whole extent of their significations** (III.v.8, grifos itálicos dos autor, negritos meus).

Somente esse trecho já contém em si questões que são recorrentes ao longo de todo o Livro III, a saber: (1) o uso de pronomes cuja função é criar uma relação anafórica iniciando o período; (2) o uso da subordinada adverbial – aqui posposta, mas respeitando a mesma construção quando anteposta em outros trechos –; e (3) o uso de períodos de grande extensão. No trecho acima, foram destacados exatamente todas as ocorrências desses três pontos. Percebe-se, portanto, que o recurso anafórico é bastante apreciado por Locke. Onde, faz-se necessária uma análise mais aprofundada dessa estratégia.

6.2.1 Relações anafóricas

Locke, ao longo do Livro III – obviamente também ao longo de todo o *Ensaio* –, respeita rigorosamente a mesma estrutura lógica: uso constante de anáforas com a intenção de deixar claro para o leitor que os seus argumentos derivam da mesma origem, a máxima repetida várias vezes de que o objetivo central da linguagem é a comunicação. É possível, por exemplo, partir dessa afirmação direto para o argumento iniciado no trecho destacado acima graças ao pronome “whereof” encabeçando o título do parágrafo, embora, logicamente ele se refira ao que foi dito no parágrafo anterior¹⁶⁹.

A tradução deve, portanto, buscar a manutenção dessas relações anafóricas, o português, porém, nem sempre aceita a incidência explícita da anáfora como deve ocorrer no inglês; no trecho, há inclusive uma situação em que a ocorrência do pronome coincide com o início de uma subordinada adverbial: “A moderate skill in different languages will easily satisfy one of the truth of **this**, **it** being so obvious to observe great store of words in one language **which** have not any **that** answer **them** in another. **Which** plainly shows that those of one country [...]”¹⁷⁰ (III.v.8). Nesse caso, “this” estabelece uma relação anafórica, de modo que há possibilidades maiores que evitariam o uso de um pronome em português, como por exemplo, ao invés do uso de “isso”, “o que foi dito” ou “o supramencionado” e similares.

“It” da oração seguinte, por outro lado, é um exemplo metalinguístico do que Locke afirma nesse trecho: há palavras em uma língua sem correspondência nenhuma na outra. Na língua portuguesa não se diz: “[...] a verdade disso, isso sendo tão óbvio de observar [...]”. Além de o pronome perder o propósito da anáfora, inicia-se uma estrutura que não faz sentido nesse idioma e que ainda pode ficar mais comprometida ao se tentar manter a mesma quantidade de indicadores anafóricos presentes e possíveis no inglês. Se isso ocorresse, a tradução somente do período em destaque

¹⁶⁹ Há traduções que não contêm esses títulos cuja função é resumir o que será desenvolvido no parágrafo, talvez pela consulta a outras edições, como o caso da tradução portuguesa que se baseia na edição organizada em 1959 por Alexander Campbell Fraser. Essa versão não suprime esses títulos, coloca-os à margem, ao início de cada parágrafo. (Disponível em: <babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.31158004686159;view=1up;seq=8> último acesso: 20/02/2017)

¹⁷⁰ Locke também tem um apreço muito grande pela repetição de “which” em diferentes contextos, outro complicador na tradução.

geraria algo como: “[...] a verdade **nisso, isso** sendo tão óbvio de observar um grande repertório de palavras em uma língua **que** não têm nenhuma **que** responda **a elas** em outra”. Locke tem razão nesse trecho: há termos num idioma sem correspondência noutra, não apenas, como ele afirma, porque as ideias são reunidas e nomeadas de acordo com diferentes experiências, mas, além disso, porque também a lógica sintática é específica a cada idioma. O que implica em que a não correspondência no nível lexical pode ser apenas aparente, ou seja, a correspondência ainda existe, as mesmas ideias são reunidas, mas o que numa língua resulta em uma palavra enlaçando-as, noutra resulta numa estrutura sintática. É o caso do “it”, por exemplo, que indica, no contexto analisado, um sujeito inexistente; o português o faz, mas com a ausência de marcadores e um verbo impessoal: ambas as línguas reconhecem o mesmo conjunto de ideias, mas a correspondência ocorre no nível sintático, não no nível lexical. A solução encontrada na tradução continua, como se percebe a seguir, respeitando a relação anafórica, mas obedecendo a sua estrutura, não se deformando para receber a sintaxe inglesa: “Uma proficiência regular em diferentes línguas bastará para convencer qualquer um quanto a **essa** verdade, haja vista ser mais do que óbvio haver um grande repertório de palavras em uma língua sem nenhuma correspondência na outra” (III.v.8).

Ademais, no português é possível também a realização de subordinadas reduzidas – na maioria dos casos esse formato é preferível às desenvolvidas – de modo que a relação anafórica ocorre de forma implícita. Não se pode, nesse sentido, argumentar que o português não é capaz de reproduzir esse mecanismo com a mesma redundância que acontece no inglês, a redundância se dá de forma implícita.

6.2.2 Extensão dos períodos

Partindo do raciocínio supracitado, é evidente por que a língua inglesa permite períodos extensos como se verifica ao longo do *Ensaio*: o emprego constante e necessário de pronomes implica na concatenação maior de sentenças. O português não aceita tão bem longos períodos, embora eles sejam realizáveis em alguns

contextos, desde que seja possível retomar os antecedentes sem que haja ambiguidade. O período a seguir é um bom exemplo:

The terms of our law, **which** are not empty sounds, will hardly find words **that** answer **them** in the Spanish or Italian, no scanty languages; much less, I think, could any one translate **them** into the Caribbee or Westoe tongues: and the versura of the Romans, or corban of the Jews, have no words in other languages to answer **them**; the reason **whereof** is plain, **from what has been said** (III.v.8, grifos meus).

Novamente há um excesso de pronomes criando a relação anafórica. E novamente identifica-se uma estratégia argumentativa no emprego desse recurso: como se vê ao final do período, Locke insiste no exercício de retomada de tudo o que já foi dito para que se acompanhe o raciocínio até então; esse procedimento de circularidade é intensificado pelo uso constante das mesmas palavras: nesse trecho, por exemplo, a repetição é do pronome anafórico “them” referindo-se a “terms of our law” nas três ocorrências. A expressão ocorre no início do período e é constantemente retomada até o final de sua extensão; a distância entre referente e referido é cada vez maior, de modo que se corre o risco de se perder o tópico sobre o qual se falava – ou de se abrir uma brecha a uma ambiguidade indesejada – de modo que uma nova leitura do período se faz necessária. Obviamente que Locke não tem a intenção – pelo menos é o que seu texto alega – de tornar seu discurso obscuro; a tradução, portanto, deve respeitar esse intento.

Soma-se a isso o respeito à sintaxe da língua traduzida: como se viu, o português permite – e prefere – a supressão de marcadores anafóricos. Essa supressão, por vezes torna necessário um encurtamento do período, por isso, a tradução para esse idioma insere cortes inexistentes no texto fonte. Embora a unidade seja quebrada, o princípio da anáfora permanece, inclusive respeitando a redundância do texto inglês. Novamente, ater-se à quantidade de palavras por período seria reduzir a mensagem declarada na teoria. Dessa forma, obteve-se a seguinte tradução:

Os termos da nossa lei, os quais não se constituem de sons vazios, dificilmente encontrarão palavras que lhes correspondam no espanhol ou no italiano, línguas bastante

ricas; muito menos, creio eu, alguém poderia traduzi-los nas línguas caribenhas ou de Westoe. Da mesma forma, a *versura* dos romanos, ou o *corbã* dos judeus não têm palavras em outras línguas que lhes correspondam. E, a partir do que já foi dito, fica fácil de ver a razão (III.v.8).

Três períodos foram formados, o que implica num agrupamento de ideias diferenciado, entretanto permanecem as ideias previstas por Locke revestidas do mesmo instrumento – a linguagem – adaptado para uma outra sociedade. A mesma coisa acontece com o outro trecho destacado no início do capítulo, a saber:

These are too sensible proofs to be doubted; and we shall find **this** much more so in the names of more abstract and compounded ideas, such as are the greatest part of **those which** make up moral discourses: **whose** names, when men come curiously to compare with **those they** are translated into, in other languages, **they** will find very few of **them** exactly to correspond in the whole extent of **their** significations (III.v.8).

Encontra-se também o emprego excessivo de pronomes anafóricos, inclusive repetidos – “those” e “they” ocorrendo duas vezes cada um – e iniciando o período. Como já dito, manter essa mesma quantidade de pronomes em português é impraticável, pois o princípio anafórico se perde e o resultado é um discurso confuso e truncado, descumprindo com o objetivo do autor. Assim, a tradução resulta no seguinte;

Essas provas são demasiado evidentes para serem questionadas. E sê-lo-ão muito mais nos nomes de ideias mais abstratas e compostas, como a grande parte das ideias que compõem os discursos de moral, cujos nomes, em sua minoria, correspondem exatamente em toda a extensão de sua significação quando os homens, por curiosidade, comparam-nos com aqueles para os quais estão traduzidos em outras línguas (III.v.8).

Nesse caso, além de fragmentar o período em dois, foi necessário inverter a ordem das sentenças a fim de que as relações fossem preservadas e a mensagem fosse transmitida de forma clara e objetiva, como propôs Locke.

Essa análise corrobora com os argumentos de Givón (1989) e Esteves (2016), naquele de forma explícita, que concordam com Grace (1986) ao afirmar a possibilidade da tradução perlocucionária, na qual para cada sentença numa língua há uma

correspondência noutra, não necessariamente no mesmo nível linguístico¹⁷¹. Interessa, nessa visão, o objetivo do discurso, não sua composição aparente, ou seja, as palavras ordenadas numa determinada sequência, mas o que essa ordenação gera enquanto significado¹⁷².

Como já foi dito, a teoria de Locke não se preocupa em analisar explicitamente a linguagem num nível mais amplo do que o lexical, muito embora perpassasse as palavras para conseguir abordar o que lhe interessa no âmbito do conhecimento: as proposições. Estas necessariamente são sentenças as quais também necessariamente devem ser compreendidas não na unidade das palavras, mas em sua totalidade ou, quando muito, seccionada em sintagmas. Ora, e o que se faz numa tradução se não lançar um olhar com esse mesmo refinamento? Percebe-se, portanto, que talvez a defesa da intradutibilidade em Locke não seja tão radical ou polêmica quando analisada com o devido cuidado, como se argumentou ao final do capítulo anterior¹⁷³. Assim, o

¹⁷¹ “Qualquer coisa (i.e. qualquer coisa dizível) pode se tornar compreensível a qualquer um por meio da própria língua dessa pessoa” (GRACE: 1986, s/p) [anything (i.e., anything sayable) can be made understandable to anyone by means of that person's own language.] A tradução nesse sentido é vista como uma *transação comunicativa*.

¹⁷² O ato perlocucionário, segundo Austin, é “produzir certos efeitos consequenciais sobre os sentimentos, pensamentos ou as ações do público, do falante ou de outras pessoas” quando de qualquer fala (AUSTIN: 1962, p.101) [“saying something will often, or even normally, produce certain consequential effects upon the feelings, thought, or actions of the audience, or of the speaker, or of the other persons”]. Essa teoria se mostra bastante adequada para a análise feita nesta dissertação porque Austin considera como convencional o ato ilocucionário, ou seja, a intenção do ato da fala. A palavra não é uma consequência do proferimento de um som, segundo o autor, é preciso que haja um efeito produzido (Ibidem, pp.114-115). Ora, Locke repete diversas vezes que as palavras nada mais são do que instrumentos para externar as ideias dentro da mente do falante, não mera reunião de sons - do contrário agiríamos como papagaios: “Deus, ao projetar o homem para ser uma criatura sociável, fê-lo não apenas inclinado e sujeito necessariamente a compartilhar uma vida em comum com os da sua espécie, mas também **o dotou da linguagem, a qual se tornou o grande instrumento e o vínculo coletivo da sociedade. O homem, portanto, teve seus órgãos talhados pela natureza de tal forma que estivessem aptos a estruturar sons articulados**, a que chamamos palavras. Porém, **isso não bastava para produzir linguagem, já que os papagaios, e vários outros pássaros, são ensinados a proferir sons articulados suficientemente distintos entre si, mas que de modo algum são capazes de uma linguagem**” (III.i.1, grifos meus). A proposta da tradução perlocucionária vai ao encontro dessa visão, pois não se prende à mera reprodução de palavras específicas de um língua em outra, mas aos efeitos que elas produzem, isto é, às ideias que elas pretendem transmitir.

¹⁷³ Apenas a título de ilustração, seria possível evocar outros grandes nomes para os Estudos da Tradução, a saber, São Jerônimo (SÃO JERÔNIMO, **Letter LVII. To Pammachius on the Best Method of Translating**. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/3001057.htm>> (último acesso: 09/02/17)) ou Leonardo Bruni (BRUNI, L. De interpretatione recta. (trad. Mauri Furlan). **Scienza Traductionins**, n.10, 2011. (pp.16-48)), cada uma à sua época, a respeito do melhor método de tradução. Vale lembrar que ambos também negam a possibilidade de se encontrar correspondências para todas as palavras em uma língua em outra, o que não significa que neguem a possibilidade da tradução.

argumento do próprio Locke, presente na *Espístola ao Leitor*, serve de conclusão para as reflexões aqui propostas, de modo a reforçar o movimento de circularidade de sua teoria:

Nesse aspecto, pensei em que as ideias determinadas fossem um meio de falar menos suscetível a erros do que ideias claras e distintas; e sempre que os homens conseguirem essas ideias determinadas sobre tudo o que raciocinam, investigam ou discutem, notarão que grande parte de duas dúvidas e disputas cessam. Grande parte das questões e das controvérsias que desnorteiam a humanidade dependem do emprego duvidoso e incerto das palavras ou (que é a mesma coisa) ideias indeterminadas as quais representam¹⁷⁴ (LOCKE:1979, p.11).

Logo, ter ideias determinadas e veiculá-las com a clareza que o contexto possibilita permitirá uma tradução bem sucedida; empregar uma palavra de forma inadequada é não ter certeza da ideia representada por ela, nesse sentido a tradução é inviabilizada. Sim, há palavras em uma língua sem correspondência em outra, mas não ideias, essas sim devem ser o foco da tradução, pois são elas as quais o falante deseja comunicar, não a combinação de sons articulados.

¹⁷⁴ “Upon this ground I have thought determined ideas a way of speaking less liable to mistakes, than clear and distinct: and where men have got such determined ideas of all that they reason, inquire, or argue about, they will find a great part of their doubts and disputes at an end; the greatest part of the questions and controversies that perplex mankind depending on the doubtful and uncertain use of words, or (which is the same) indetermined ideas, which they are made to stand for.”

7 CONCLUSÃO

Antes mesmo do seu estabelecimento enquanto uma disciplina, muito já foi escrito e debatido nos Estudos da Tradução sobre tradução. As discussões desta dissertação não são inéditas tampouco exclusivas à teoria de John Locke, entretanto, o aspecto de maior relevância nessa trajetória é reforçar a localização dessa área dentro dos estudos da linguagem em primeiro lugar – fala que também não é inédita.

Mounin (1975), Nida (1966, 2001), Jakobson (1966), Renner (1989), Eco (2005) entre outros, já argumentam em favor à discussão dos aspectos tradutórios com foco, sobretudo, na análise linguística.

Mounin, por exemplo, toma como princípio o contato entre línguas, por acreditar que a tradução seja essencialmente esse contato, “um fato de bilinguismo” (MOUNIN: 1975, p.16). Afirma também que “o tradutor é real e incontestavelmente o lugar de um contato entre duas (ou mais) línguas empregadas alternativamente por um mesmo indivíduo, mesmo que o sentido em que ‘emprega’ alternativamente as duas línguas seja, então, algo peculiar” (MOUNIN: 1975, p.16), o que implica necessariamente o estudo da linguística comparada. Sua crítica, porém, ainda bastante atual, é o fato de que a tradução “tem estado sempre ausente da ciência linguística registrada em nossos grandes tratados de linguística” (MOUNIN: 1975, pp.19-20). Apesar de contribuições valorosas – como as citadas acima – e do próprio estabelecimento da disciplina, a discussão da tradução enquanto parte dessas questões maiores acerca da linguagem ainda se mantém marginalizada. Mounin apresenta ainda a seguinte reclamação:

enquanto todo tratado completo de filosofia deve incluir uma teoria da linguagem, esta última jamais apresenta um estudo sobre a tradução encarada como *operação linguística*, embora específica e corrente, quiçá reveladora com relação à linguagem e sem dúvida com relação ao pensamento. Até mesmo os grandes trabalhos recentes de síntese sobre a linguística permanecem mudos a este respeito. Silencia-se quanto à

tradução como fenômeno e como problema distinto da linguagem¹⁷⁵ (MOUNIN: 1975, p.22; grifos do autor).

Assim, inicia sua investigação sobre as questões teóricas da tradução a partir de análises de filósofos da linguagem, como Martinet e Bloomfield¹⁷⁶, que servirão de pano de fundo para as discussões propostas ao longo de todo o livro.

O mesmo faz Renér (1989) ao se propor “explorar um novo caminho que conduza a um entendimento mais claro a respeito da teoria e prática da tradução na Europa Ocidental” durante o período clássico até o final do séc. XVIII (RENER: 1989, p.1). Isso, segundo ele, por dois motivos: primeiro porque a tradução, especialmente para o latim, é considerada o primeiro registro literário de algumas culturas europeias. Em segundo lugar, pelo interesse teórico: desde Cícero, as formas de se entender tradução variaram, o que influenciou nos princípios teóricos estabelecidos e no modo como eram postos em prática (RENER: 1989, p.1).

Renér relata que, embora haja inúmeros textos que registram reflexões sobre a prática tradutória, eles criam uma visão segmentada dificultando uma Teoria da Tradução que seja o que se propõe uma teoria, abrangente¹⁷⁷: “Em grande parte, esses estudos se concentraram em uma língua individual, um século particular ou um tradutor específico. Como resultado, acredita-se que exista uma teoria da tradução francesa,

¹⁷⁵ A publicação desse livro em francês, de 1963, precede o trabalho de James S. Holmes, *The name and nature of translation studies*, em 1972, que estabeleceu a tradução enquanto uma disciplina acadêmica independente. Mesmo assim, com as diferentes escolas de pensamento e diferentes campos de investigação, é possível afirmar que, ainda assim pouco foi produzido nesse âmbito. Vê-se, por exemplo, debates acerca de contato entre culturas, o espaço a ser ocupado pelo texto traduzido na língua de chegada, técnicas de tradução, tradução em meios audiovisuais, tradução enquanto um posicionamento político (para discussões éticas, sociais, de gênero, de posicionamento colonialista etc.), ensino de tradução, entre muitos outros. Entretanto, são escassos os autores que dedicam suas reflexões à questão da importância da tradução dentro de uma teoria da linguagem. Para maiores detalhes sobre esse panorama dos Estudos da Tradução vide BASSNETT, S. **Translation Studies**. London & New York: Routledge, 2003; SNELL-HORNBY, M. **The Turns of Translation Studies: New Paradigms Or Shifting Viewpoints?** Amsterdam, Philadelphia: Benjamins Translation Library: 2006.

¹⁷⁶ MARTINET, A. **Eléments de linguistique générale**, P., A. Colin, 1960; BLOOMFIELD, L. **Language**. London: Henderson & Spalding, 1955.

¹⁷⁷ Ainda que realizada em 1989, essa queixa de Renér continua atual; é fato que já se tem uma disciplina que reúne essas discussões e concentra manuais de tradução, de todos, mas a pluralidade continua uma palavra-chave o que faz como que se perca a perspectiva sobre tudo o que já foi dito a respeito de tradução até o momento.

uma inglesa, uma alemã, uma espanhola”¹⁷⁸ (RENER: 1989, p.5). Nesse sentido, buscou-se os “lugares comuns”, ou seja, ações e reflexões compartilhadas pelos tradutores que iam além do período ou da nacionalidade para, afinal, descobrir que “o elemento unificador é uma teoria comum da linguagem e comunicação” associada a uma noção compartilhada sobre tradução (RENER: 1989, p.7).

Essa inovação, como anota Rener, se dá a partir das influências das discussões acerca da linguagem especialmente nos séc. XVII e XVIII, com destaque a Descartes e a Locke pela relação entre pensamento e linguagem proposta. Aarsleff (2006, p.252) afirma ser Locke um dos filósofos mais influentes da modernidade, já que, com ele, iniciou-se a tradição denominada de empirismo¹⁷⁹ britânico. Este pretendeu lançar novos princípios para a compreensão do indivíduo, de sua relação com o mundo, de Deus, da natureza e da sociedade entre outros, os quais foram o foco das investigações daquele autor. Aarsleff comenta que a principal mensagem de Locke era

Libertar-nos do fardo da tradição e da autoridade ambos na teologia e no conhecimento, ao demonstrar que toda a base de nossa conduta adequada no mundo pode ser garantida pela experiência que viermos a ganhar graças às faculdades inatas e aos poderes com os quais nascemos¹⁸⁰. (AARSLEFF: 2006, p.252).

Aarsleff ainda cita nomes – como Condillac, Leibniz, Diderot e Voltaire – que reconheceram (e faziam questão de reconhecer) a importância de Locke desde a filosofia até a literatura e procura entender o que tornou de fato o *Ensaio* tão importante. A relação entre a teoria de Locke e a de Condillac servem-lhe de argumento para tal.

¹⁷⁸ “For the most part, these studies have concentrated their search on an individual language, a particular century, or a specific translation. As a result, one is led to believe that there exists a French, an English, a German, a Spanish theory of translation”.

¹⁷⁹ Como Aarsleff mesmo define, “o Empirismo é também uma forma de filosofia que floresce na comunicação e na discussão, não espera que a verdade surja num piscar de olhos (se algum dia o fizer); e tem pouca estima por alegações de gênios isolados e de meditações especulativas sobre assuntos densos. Preza o bom estilo, certa vivacidade da mente, humor e as gratificações da vida social combinados com a responsabilidade do bem-estar de todos”. (AARSLEFF: 2006, p.261) [Empiricism is also a mode of philosophy that thrives on communication and discussion, does not expect that truth will come in a flash (if it ever comes), and has a low estimate of the claims of isolated genius and of speculative brooding on deep matters. It treasures good style, a certain vivacity of mind, humor, and the gratifications of social life, combined with a sense of responsibility for the welfare of all.]

¹⁸⁰ “His great message was to set us free from the burden of tradition and authority, both in theology and knowledge, by showing that the entire grounds of our right conduct in the world can be secured by the experience we may gain by the innate faculties and powers we are born with”.

Condillac teria sido um grande admirador de Locke especialmente por conta do estudo deste sobre as operações da mente a partir da negação do inatismo¹⁸¹. Entretanto, atribuía um valor diferente às palavras: elas tinham um papel ativo no pensamento, eram também a linguagem do pensamento e não um instrumento externo para que as ideias internas pudessem ser veiculadas aos outros. Por isso, como Aarsleff anota, Condillac – entre outros leitores de Locke – afirmava que o *Ensaio* pecou por apresentar o Livro II antes do Livro III, ou seja, tratar as ideias antes das palavras:

Se ele tivesse invertido a ordem, [...] teria percebido que sua crença no discurso cartesiano da mente iria ao encontro de sua afirmação clara de que as palavras possuem com frequência um papel ativo no pensamento, como quando observou, por exemplo, que, assim como as crianças, aprendemos a maioria das palavras antes de termos experiências que promovem as ideias apropriadas¹⁸². (AARSLEFF: 2001, xvi).

Essa inversão compôs os argumentos inseridos no *Ensaio sobre a origem do conhecimento humano* de Condillac, publicado pela primeira vez em francês em 1746. Dez anos depois foi traduzido para o inglês e tornou-se um dos textos mais influentes do século na França, Escócia e especialmente na Alemanha (AARSLEFF: 2006, p.276). Pensar a linguagem como constitutiva do pensamento, ou seja, entender que usamos a linguagem humana inclusive no discurso mental, tornou possível uma teoria mais global, incluindo áreas ignoradas anteriormente por Locke, especialmente as Artes. Aarsleff explica que

¹⁸¹ Apesar haver quem diga que o *Ensaio sobre a origem do conhecimento humano* de Condillac seria apenas uma versão do *Ensaio* de Locke, Aarsleff é contundente ao considerar essa posição falsa por dois motivos: Condillac, diferente de Locke, não entende as palavras como instrumentos defeituosos que causam um desvio na busca pelo entendimento. Pelo contrário, a fala e as palavras seriam os agentes “do conhecimento e do exercício da razão” (AARSLEFF: 2001, xv). Em segundo lugar, os tópicos sobre os quais Condillac trata não tinham relevância na investigação de Locke, a saber, a música e a poesia. Para aquele, “a origem do conhecimento começa com sentimento, expressão, simpatia e o benefício mútuo de respostas afetivas que surgem na interação social” (Idem, xvi).

¹⁸² “If he had reversed the order, [...] he would have seen that his faith in the Cartesian discourse of the mind clashed with his open admission that words often have an active role in thought, as, for example, when he observed that like children we learn most words before having experiences to provide the appropriate ideas”.

Foi essa criatividade¹⁸³ que incitou a produção de sinais que são as palavras do nosso discurso. A condição crucial para essa inovação foi o que Condillac chamou de linguagem de ação, com a qual entendia a expressão dos estados da mente por meio de gestos espontâneos, incluindo sons vocais que são naturais e, portanto, iguais a todos¹⁸⁴ (AARSLEFF: 2006, p.276).

Assim, Condillac, embora lendo criticamente a posição assumida por Locke, reconhece o vanguardismo das questões sobre a linguagem contidas no *Ensaio* por conta destes três aspectos, já desenvolvidos anteriormente: não há uma conexão natural entre as palavras e seus significados; há uma dimensão pública da linguagem tanto em termos de ela ser empregada socialmente quanto às modificações pelas quais ela passa ao longo dos anos e, o que mais interessa aqui, as consequências dessas constantes modificações que “conferem a cada língua uma qualidade particular e uma dimensão histórica” (AARSLEFF: 2006, xvii). Esse aspecto é o que torna o significado de um discurso instável, já que, não é possível resgatar o contexto em que ele foi proferido, de modo que a leitura de um texto antigo pode gerar interpretações que talvez não ocorressem à época de sua primeira publicação.

Como se vê, os textos subsequentes ao *Ensaio* deram vazão a essa problemática apenas introduzida por Locke. Condillac, por exemplo, introduz as questões relativas à linguagem expressivas, Leibniz, por outro lado, proporá uma análise filológica da linguagem.

Locke e Leibniz, diferente do filósofo francês, foram contemporâneos, entretanto isso não garantiu que estabelecessem um contato, não por falta de tentativas deste último. Segundo relata Aarsleff, Leibniz nunca obteve um retorno de Locke a respeito de suas críticas ao *Ensaio* (AARSLEFF: 1964, p.172)¹⁸⁵. A consequência desse silêncio

¹⁸³ Aarsleff refere-se à criatividade como sendo representada pela origem da linguagem pública compartilhada que compete à epistemologia e à estética, à arte e à ciência, à poesia e à prosa. (AARSLEFF:2006, p.276)

¹⁸⁴ “It was this creativity that prompted the making of the signs that are the words of our discourse. The crucial condition for this innovation was what Condillac called the language of action, by which he meant the expression of states of mind by spontaneous gestures, including vocal sounds, that are natural and thus the same for all”.

¹⁸⁵ Aarsleff comenta que houve várias tentativas de Leibniz em contatar Locke, além de pessoas próximas a este também incentivarem essa conversa, como Molyneux e Burnett. Para maiores detalhes, vide Aarsleff (1964); lá ele cita a introdução ao *Akademie Ausgabe*, coleção contendo toda a obra de Leibniz, que detalha essa história.

seria o *Nouveaux Essais* de Leibniz, escrito entre 1703 e 1704, mas publicado apenas em 1765, “na forma de um diálogo entre o ‘amante da Verdade’ Filateto e o ‘amante de Deus’ Teófilo; este é Leibniz e aquele fala por Locke e corresponde a Pierre Coste”¹⁸⁶ (AARSLEFF: 1964, p.173). Com isso, Leibniz pode comentar os capítulos do *Ensaio* e simular um debate entre os dois; Aarsleff destaca o cuidado daquele na elaboração do *Nouveaux Essais* para que nenhum capítulo fosse excluído desse diálogo, ainda que alguns fossem encurtados (AARSLEFF: 1964, p.173). Entretanto, afirma que Leibniz, assim como os leitores do *Ensaio* do séc. XVIII, tomou a obra como uma investigação que buscava a verdade, o que não procedia pelo fato de que Locke “tinha a convicção de que o conhecimento se acumula por um processo de nos aproxima constantemente da verdade, mas a Verdade nunca é alcançada; o processo nunca acaba”¹⁸⁷ (AARSLEFF: 1964, p.174). Para Aarsleff, também pode ter ocorrido de a *Epístola ao Leitor* não ter sido lida com cuidado – é lá que Locke deixa bem claras as suas intenções –, porque nenhuma o é, segundo ele, o que teria ocasionado a Leibniz pressupor que o *Ensaio* desse conta de um escopo maior do que aquele a que se comprometeu, como reforça:

Ele [o *Ensaio*] não tem a intenção de oferecer um sistema de conhecimento e verdade completo, mas de apresentar uma discussão dos meios a partir dos quais o conhecimento pode ser obtido e assegurado. Sua natureza é essencialmente prática e por essa razão dedica uma atenção especial aos meios pelos quais podemos crer erroneamente que temos determinado conhecimento quando de fato não o temos. É a esse problema que o Livro III, “das palavras”, é massivamente dedicado¹⁸⁸ (AARSLEFF: 1964, p.175).

¹⁸⁶ “Leibniz wrote his *Nouveaux Essais* as a dialogue between a ‘lover of Truth’ and the ‘lover of God’ Theophile; the latter is Leibniz while the former speaks for Locke and corresponds to Pierre Coste”. Pierre Coste foi o tradutor do *Ensaio* para o francês, versão lida por Leibniz. Essa foi a primeira tradução do livro e foi acompanhada de perto pelo próprio Locke.

¹⁸⁷ “Both Boyle and Locke had the conviction that knowledge accumulates by a process that steadily may bring us closer to truth, but the Truth is never achieved ; the process never ends.”

¹⁸⁸ “It does not pretend to offer a complete system of knowledge and truth, but to present a discussion of the ways in which knowledge may be obtained and secured. Its nature is essentially practical, and for that reason it pays much attention to the ways in which we may wrongly come to believe we have certain knowledge when in fact we do not. It is to this problem that Book III “Of Words” is chiefly devoted.”

Um dos exemplos em que esse desencontro ocorre, como Aarsleff aponta, é no trecho em que Locke apresenta a noção da intradutibilidade, III.v.8; este reforça o fato de que é justamente pelo fato de a linguagem ser arbitrária e convencional e não natural, do contrário haveria apenas uma língua na humanidade. Aqui, fica explícita uma diferença entre ambos quanto à linguagem: para Locke, ela é um instrumento criado para transmitir o conhecimento adquirido entre os homens, não há um caminho pré-estabelecido para que isso ocorra, o processo que se trilha por meio do desenvolvimento da linguagem também, portanto, contribuiria na aquisição desse conhecimento (AARSLEFF: 1964, pp.177-9). Já Leibniz assume uma perspectiva filológica de modo a revelar uma interdependência entre as ideias e as palavras, o que o torna um inatista¹⁸⁹. Look (2013) explica que, para Leibniz,

Enquanto a posição empirista consegue explicar a fonte de verdades contingentes, não é capaz de explicar adequadamente a origem e o caráter de verdades necessárias. Pois os sentidos jamais conseguiriam atingir a universalidade de qualquer verdade necessária, no máximo, conseguem fornecer-nos os meios para produzir uma indução relativamente forte. Ao invés disso, é o próprio entendimento, Leibniz afirma, que é a fonte de tais verdades e que garante suas necessidades. Enquanto não estamos conscientes de todas as nossas ideias a todo o momento – fato demonstrado pela função e papel da memória –, certas ideias ou verdades estão em nossas mentes como disposições ou tendências. Isso é o que é significado por uma ideia inata ou uma verdade inata (LOOK:2013, s/p)¹⁹⁰.

Leibniz, portanto, reforça a importância da etimologia colocando Adão como o maior filósofo, pois o ato (primeiro) de nomear é um ato criativo e de controle: ao atribuir um nome, torna-se a coisa conhecida. Essa atribuição perpassaria o crivo da afetividade, criando uma relação entre som e coisa e que serviria para explicar a origem

¹⁸⁹ Retoma-se a diferença já citada no capítulo 4 desta dissertação, quanto à análise sincrônica e diacrônica da linguagem assumidas respectivamente por Locke e Leibniz.

¹⁹⁰ “while the empiricist position can explain the source of contingent truths, it cannot adequately explain the origin and character of necessary truths. For the senses could never arrive at the universality of any necessary truth; they can, at best, provide us with the means of making a relatively strong induction. Rather, it is the understanding itself, Leibniz claims, which is the source of such truths and which guarantees their very necessity. While we are not aware of all our ideas at any time – a fact demonstrated by the function and role of memory – certain ideas or truths are in our minds as dispositions or tendencies. This is what is meant by an innate idea or an innate truth.”

da linguagem, já que há uma carga simbólica compartilhada entre os humanos que está além de línguas específicas (AARSLEFF: 1964, pp.179-185; KULTAD&CARLIN: 2013). Esse olhar etimológico ganhou bastante espaço no período romântico, pois vai ao encontro da noção de que o gênio de uma nação é revelado no gênio da linguagem (AARSLEFF: 2006, p.272)¹⁹¹.

Apesar disso, há aspectos com os quais Leibniz e Locke concordam e que, talvez, perpetuaram, ainda que indiretamente a influência de Locke pelos séculos seguintes, a saber: ambos afirmam que o homem é um ser social cujo vínculo é criado pela linguagem; esta, por sua vez, teria duas funções fundamentais, a memória e a comunicação dos pensamentos¹⁹². Por fim, concordam em que a linguagem deve funcionar de forma clara e rápida (AARSLEFF: 1964, pp.183-188). Obviamente que a importância de Leibniz ultrapassa este pequeno espaço a ele dedicado; para esta pesquisa, porém, basta notar de que maneira seu papel foi crucial na propagação da teoria da linguagem de Locke para os românticos e especialmente para os filósofos que seriam cruciais para os Estudos da Tradução¹⁹³.

Percebe-se, então, as dimensões que assumem os argumentos de Locke, isso apenas a partir da teoria da linguagem analisada e, dela, das questões sobre tradução. Pelo que foi apresentado nesta dissertação, há, de fato, uma relação muito próxima entre a tradução e a linguagem, por extensão, o pensamento. Desde a *Epístola ao Leitor*, como se viu no último capítulo, Locke faz questão de anotar a importância que a tradução exerce quando se discute a linguagem.

É claro que ele está imerso na língua inglesa, é claro, como já apresentado, que seu interesse é muito mais amplo do que propor uma teoria da linguagem – o que ele, retomando, alega não ser seu intuito –, contudo, ele mesmo admite não ser possível falar sobre o entendimento humano – aspecto necessário para suas considerações

¹⁹¹ É interessante observar que tanto Leibniz fomentou essa postura romântica com uma investigação filológica da linguagem, pois acredita numa relação afetiva com a linguagem, que seria “o espelho da alma” (AARSLEFF: 1964, p.188), quanto Locke com a noção de intradutibilidade. Esta posição revelaria que cada língua possui seu próprio gênio, refletem a coletividade de uma nação, de modo que não é possível verter um texto escrito num idioma noutro (AARSLEFF: 2006, p.275)

¹⁹² Embora, como já dito, a função da memória – o registro dos pensamentos – seja distinta entre os dois filósofos, eles concordam esta estar a serviço das palavras.

¹⁹³ Schleiermacher, por exemplo, discute, em diversas leituras, como Leibniz entende a linguagem ao discordar de sua proposta de uma linguagem universal. A entrada na *Stanford Encyclopaedia of Philosophy* sobre Schleiermacher já é um bom ponto de partida para essa aproximação.

políticas – sem passar por uma reflexão sobre a linguagem, sem passar por uma reflexão sobre as palavras. Da mesma forma, não é possível escapar da discussão sobre tradução, seja ela entendida como comunicação, como verbalização dos pensamentos ou como o ato de verter as palavras de uma língua em outra.

Locke trata da linguagem – não lhe interessa se é a língua inglesa, francesa, latina ou grega. Ele propõe exatamente esse exercício de pensar as nossas ações a respeito do uso da linguagem e dos abusos que cometemos independentemente do idioma. Assim, é possível, numa dissertação escrita em português, analisar a tradução em sua prática a partir dos conceitos propostos na teoria em língua inglesa. É a tradução que coloca, como já apontou Mounin, as línguas em contato e é dessa forma que é possível contribuir com as reflexões acerca da linguagem.

Abrindo-se mão da discussão da linguagem preferindo aspectos mais amplos, a tradução se esvazia e os discursos se tornam obscuros, apenas dotados da intenção de impressionar, mas se resumem a sons vazios, sem significado.

8 REFERÊNCIAS

AARSLEFF, H. Leibniz on Locke on Language. In: **American Philosophical Quarterly**, v. 1, n. 3: 1964. (pp. 165-188).

_____. Locke's Reputation in Nineteenth-Century England. In: **The Monist**. Vol. 55, No. 3, British Philosophy in the 19th Century (JULY, 1971) (pp. 392-422).

_____. John Wilkins. In : Gillispie, Charles Coulston (dir.). **Dictionary of Scientific Biography**. Nova Iorque : Scribner, 1976. (pp. 361-381).

_____. Locke's influence. In: CHAPPELL, V. (org.) **The Cambridge Companion to Locke**. Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 2006. (pp. 252 – 289)

_____. Introduction to the Essay on the Origin of Human Knowledge. In: CONDILLAC, E.B. **Essay on the Origin of Human Knowledge**. Cambridge, New York & Port Melbourne: Cambridge University: 2001. (tradução: Hans Aarsleff)

ALBIR, A. H. **Traducción y Traductología: Introducción a la Traductología**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2008.

ANSTEY,P. & BURROWS, J. John Locke, Thomas Sydenham, and the Authorship of Two Medical Essays. In: **Electronic British Library Journal**, 2009, article 3, 42 p.

ARNAULD, A. & NICOLE, P. **Logic, or, The art of thinking : being the Port-Royal logic**. Edimburgo: Sutherland and Knox.

ASHWORTH, E.J. Locke on Language. In: **Canadian Journal of Philosophy**. v.14, n.1, mar., 1984. (pp. 45-73).

AUROUX, S. **A filosofia da linguagem**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998. (trad. José Horta Nunes)

AUSTIN, J.L. **How to do things with words**. London: Oxford University Press, 1962.

AYERS, M. R. **Locke: Epistemology and Ontology**. Taylor & Francis e-Library, 2005.

_____. Review: John Locke: An Essay concerning Human Understanding by Peter H. Nidditch. In: **Philosophy**. Vol. 52, No. 200 (Apr., 1977). (pp. 227-230)

_____. Locke Versus Aristotle on Natural Kinds In: **The Journal of Philosophy**, v. 78, n. 5: 1981. (pp. 247-272).

_____. Ordinary Objects, Ordinary Language, and Identity. In: **The Monist: an international quarterly journal of general philosophical inquiry** v. 88, n. 4: 2005. (pp. 534-570).

_____. **Locke: ideias e coisas**. (Col. Grandes Filósofos) São Paulo: Editora Unesp, 2000. (Trad. José Oscar de Almeida)

AYERS, M; SNOWDON, P. What Is Realism? In: **Proceedings of the Aristotelian Society, Supplementary Volumes**, v. 75: 2001, pp.91-110.

CANDLISH, S. The Stanford Encyclopedia of Philosophy's entry on Private Language, 2014. (Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/private-language/>>, último acesso: 21/01/17)

COXITO, A.A. Luis A. Vernei e John Locke: Linguagem e Comunicação. In: **Revista Filosófica de Coimbra**, n. 8, 1995 (pp. 283-312)

CROMBIE, A.C. Marin Mersenne. In : Gillispie, Charles Coulston (dir.). **Dictionary of Scientific Biography**. New York: Scribner, 1976 (pp. 316-322).

ECO,U. **Quase a mesma coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2007. (trad. Eliana Aguiar)

GIVÓN, T. Mind, code and context. In: **Essays in Pragmatics**. London, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1989 (pp. 323-343)

GUYER, P. Locke's philosophy of language. In: CHAPPELL, V. (org.) **The Cambridge Companion to Locke**. Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1994. (pp. 115 – 145)

HARRIS, R.; TAYLOR,T. **Landmarks in Linguistic Thought Volume I: The Western Tradition from Socrates to Saussure**. 2ed. London & New York: Routledge, 1997 (pp. 125 – 151)

HINTINKKA, J. **Knowledge and Belief: an introduction to the logic of the two notions**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1962

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: BROWER, R. (org.) **On translation**. New York: Oxford University Press, 1966 (pp. 232-239)

JENKINS, J. J. **Understanding Locke**. Edinburgh: Edinburgh University Press: 1985.

JOLEY, N. **Locke: his philosophical thought**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

KRETZMANN, N. The Main Thesis of Locke's Semantic Theory. In: PARRET, H. (ed.) **History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics**. Berlin & New York: de Gruyter, 1976. (pp. 330-347)

KULSTAD, M. & CARLIN, L. The Stanford Encyclopedia of Philosophy's entry on Leibniz's Philosophy of Mind, 2013. (Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/leibniz-mind/#LanMin>>, último acesso: 21/01/17)

LOCKE, J. **An Essay concerning the human knowledge**. Oxford: Clarendon Press, Oxford University Press, 1979.

_____. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1999. (Trad. Eduardo Abranches de Soveral)

_____. Ensaio acerca do entendimento humano. In: **Coleção Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Trad. Anuar Aiex)

_____. **Ensayo sobre el entendimiento humano**. Madrid: S.L. Fondo de Cultura Económica de España: 2005. (Trad. Edmundo O'Gorman)

_____. **Ein Versuch über den menschlichen Verstand**. Disponível em: <<http://www.zeno.org/Philosophie/M/Locke,+John/Versuch+Über+den+menschlichen+Verstand>> (último acesso: 31/01/2017). (Trad. Julius Heinrich von Kirchmann em 1872/73)

_____. **Draft A do Ensaio sobre o entendimento humano**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013. (Trad. João Paulo Pimenta)

_____. **Drafts for the Essay concerning human understanding, and other philosophical writings.** (ed. Peter H. Nidditch and G.A.J. Rogers) Oxford Clarendon Press, 1990.

LOOK, B. C. Leibniz and Locke on Natural Kinds. In: **Branching Off: The Early Moderns in Quest for the Unity of Knowledge**, ed. Vlad Alexandrescu, Bucharest: Zeta Books, 2009, pp. 380-406.

_____. The Stanford Encyclopedia of Philosophy's entry on Leibniz, 2013. (Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/leibniz/>>, último acesso: 21/01/17)

LOWE, E. J. **Guidebook to Locke Human Understanding.** London: Routledge, 2002.

LYCAN, W. G. **Philosophy of Language: A Contemporary Introduction.** 2ed. New York & Oxom: Routledge, 2008.

MILTON, J.R. Locke's Life and Times. In: CHAPPELL, V. (org.) **The Cambridge Companion to Locke.** Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1994. (pp. 5-25)

MOUNIN, G. **Os problemas teóricos da tradução.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1975 (trad. Heloysa de Lima Dantas).

MUNTZ, M. The private language argument. In: **Contemporary Analytic Philosophy.** New Jersey: Prentice Hall College Div, 1981 (pp. 307-315).

NABOKOV, V. The servile path. In: BROWER, R. (org.) **On translation.** New York: Oxford University Press, 1966 (pp. 97-110)

NIDA, E. Principles of translation as exemplified by Bible translating. In: BROWER, R. (org.) **On translation.** New York: Oxford University Press, 1966 (pp. 11-31)

_____. **Contexts in translating.** Amsterdam, Philadelphia: Benjamins Translation Library, 2001.

NIDDITCH, P.H. **Foreword to An Essay concerning the human knowledge.** Oxford: Clarendon Press, Oxford University Press, 1979. (pp. i-xxvi)

NUCHELMAS, G; BOS, E.P. **Studies on the History of Logic and Semantics, 12th-17th Centuries (Collected Studies Series, 560)**. Burlington & London: Variorum, 1996. (pp.54-70)

OTT, W. R. Locke's Argument from Signification. **Locke Studies** 2, 2002. (pp.145–76)
 _____. **Locke's Philosophy of Language**. New York: Cambridge University Press, 2004.

_____. Locke on Language. In: **Philosophy Compass** 3/2, 2008. (pp.291-300)

PARRET, H. (ed.). **History of linguistic thought and contemporary linguistics**. Berlin, New York: de Gruyter, 1976.

PRITCHARD, T. Locke and the primary signification of words: an approach to word meaning. In: **British Journal for the History of Philosophy**, v. 21, May 2013. (pp. 486-506)

QUINE, W.V. Meaning and translation. In: BROWER, R. (org.) **On translation**. New York: Oxford University Press, 1966 (pp. 148-172)

RENNER, F. M. **Interpretatio: Language and translation from Cicero to Tytler**. Amsterdam, 1989.

RICKEN, U. **Linguistics, Anthropology and Philosophy in the French Enlightenment: A contribution to the history of the relationship between language theory and ideology (History of Linguistic Thought)**. London e New York: Routledge, 2003.

SOUBBOTNIK, M.A. Significação e retificação e o discurso público (trad. Daniel Quaresma F. Soares). In: **Analytica. Revista de filosofia**. v7. N.2, 2003 (pp.89-112)

UZGALIS, W. **Locke's Essay concerning human understanding: a reader's guide**. London & New York: Continuum, 2007.

_____. The Stanford Encyclopedia of Philosophy's entry on Locke, 2012. (Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/locke/>>, último acesso: 21/01/17)

YOLTON, J. W. **A Locke Dictionary**. Oxford & Cambridge: Blackwell Publishers, 1993.

_____. **The two intellectual worlds of John Locke: man, person, and spirits in the Essay**. New York: Cornell University Press, 2004.

APÊNDICE e ANEXO

Observação: Para a melhor visualização da tradução, cada parágrafo em português é seguido do mesmo trecho na língua de partida. Desse modo, o apêndice e o anexo compartilham o mesmo espaço.

Ensaio Sobre o Entendimento Humano

Livro III: das palavras

Capítulo I – das palavras ou da linguagem em geral

III.i.1 *O homem é capaz de formar sons articulados.* Deus, ao projetar o homem para ser uma criatura sociável, fê-lo não apenas com um desejo e uma necessidade de compartilhar uma vida em comum com os da sua espécie, mas também o dotou da linguagem, a qual se tornou o grande instrumento e o vínculo coletivo da sociedade. O homem, portanto, teve seus órgãos talhados pela natureza de tal forma que pudessem estruturar sons articulados, a que chamamos palavras. Porém, isso não bastava para produzir linguagem, já que os papagaios, e vários outros pássaros, são ensinados a proferir sons articulados suficientemente distintos entre si, mas que de modo algum são capazes de uma linguagem.

III.i.1 *Man fitted to form articulate sounds.* God, having designed man for a sociable creature, made him not only with an inclination, and under a necessity to have fellowship with those of his own kind, but furnished him also with language, which was to be the great instrument and common tie of society. Man, therefore, had by nature his organs so fashioned, as to be fit to frame articulate sounds, which we call words. But this was not enough to produce language; for parrots, and several other birds, will be taught to make articulate sounds distinct enough, which yet by no means are capable of language.

III.i.2 *E usar esses sons como sinais de ideias.* Além de sons articulados, portanto, foi também necessário que o homem fosse capaz de usar esses sons como sinais de

concepções internas; e torná-los marcas para as ideias dentro da sua própria mente; por meio dessas, aqueles mesmos sons poderiam ser conhecidos por outros, e os pensamentos da mente dos homens, transmitidos entre eles.

III.i.2 *To use these sounds as signs of ideas.* Besides articulate sounds, therefore, it was further necessary that he should be able to use these sounds as signs of internal conceptions; and to make them stand as marks for the ideas within his own mind, whereby they might be made known to others, and the thoughts of men's minds be conveyed from one to another.

III.i.3 *E torná-los sinais gerais.* Entretanto, isso não foi suficiente para tornar as palavras úteis tal como deveriam ser. Não basta, para a perfeição da linguagem, que os sons possam converter-se em sinais de ideias, a não ser que esses sinais possam ser utilizados de modo a abranger diversas coisas particulares. Pois, a multiplicação de palavras confundiria o uso destas, caso cada coisa particular necessitasse de um nome distinto que a significasse. Para remediar essa inconveniência, a linguagem teve ainda mais um aperfeiçoamento: o uso de termos gerais, ou seja, uma só palavra serve de marca para uma imensidão de existências particulares. Esse uso de sons, cuja excelência é tamanha, foi obtido somente pela diferença das ideias das quais eles se tornaram sinais: os nomes tornaram-se gerais para representarem ideias gerais; e mantiveram-se particulares, quando as ideias por eles representadas são particulares.

III.i.3 *To make them general signs.* But neither was this sufficient to make words so useful as they ought to be. It is not enough for the perfection of language, that sounds can be made signs of ideas, unless those signs can be so made use of as to comprehend several particular things: for the multiplication of words would have perplexed their use, had every particular thing need of a distinct name to be signified by. To remedy this inconvenience, language had yet a further improvement in the use of general terms, whereby one word was made to mark a multitude of particular existences: which advantageous use of sounds was obtained only by the difference of the ideas they were made signs of: those names becoming general, which are made to stand for general ideas, and those remaining particular, where the ideas they are used for are particular.

III.i.4 *E fazer os nomes significarem a ausência de ideias positivas.* Além desses nomes que representam ideias, há outras palavras que os homens usam não para significar

alguma ideia, mas o desejo ou a ausência de algumas ideias, simples ou complexas, ou todas as ideias juntas; como *nihil* em latim e, em inglês, *ignorance* ou *barrenness* (ignorância ou esterilidade). Não se pode dizer que todas essas palavras negativas ou privativas não pertencem a, ou não significam, nenhuma ideia, pois, dessa forma, seriam sons perfeitamente insignificantes; muito pelo contrário, relacionam-se a ideias positivas, e significam sua ausência.

III.i.4 *To make them signify the absence of positive ideas.* Besides these names which stand for ideas, there be other words which men make use of, not to signify any idea, but the want or absence of some ideas, simple or complex, or all ideas together; such as are nihil in Latin, and in English, ignorance and barrenness. All which negative or privative words cannot be said properly to belong to, or signify no ideas: for then they would be perfectly insignificant sounds; but they relate to positive ideas, and signify their absence.

III.i.5 *As palavras, em última análise, derivam das ideias sensíveis, as quais significam.*

Podemos nos aproximar um pouco mais da origem de todas as nossas noções e nossos conhecimentos se repararmos como as nossas palavras são dependentes das ideias sensíveis comuns, das quais essas palavras usadas para representar ações e noções bastante desprovidas de sentido, surgem. Então, a partir das ideias sensíveis óbvias, suas significações são deslocadas para outras mais abstrusas e elas forçadas a representar ideias que não chegam ao conhecimento de nossos sentidos. Por exemplo, “imaginar”, “apreender”, “abranger”, “aderir”, “conceber”, “insinuar”, “repugnar”, “perturbação”, “tranquilidade” etc. são todas palavras tomadas de operações das coisas sensíveis e aplicadas a certos modos de pensar. “Espírito”, em sua significação primária, é “sopro”; “anjo”, um mensageiro. E não tenho dúvidas de que, se pudéssemos rastreá-los até sua fonte, encontraríamos, em todas as línguas, nomes usados para representarem coisas que não se enquadram nos nossos sentidos com seu primeiro surgimento derivado das nossas ideias sensíveis. Por isso, podemos ser levados a supor que tipo de noções foram, e de onde derivaram, o que preencheu as mentes dos primeiros iniciantes das línguas e como a natureza, até mesmo no nome das coisas, inconscientemente sugeriu aos homens os originais e os princípios de todo conhecimento deles. Por outro lado, encontrar nomes que possibilitasse aos outros

conhecerem quaisquer operações sentidas em si mesmos, ou quaisquer outras ideias que passaram despercebidas pelos seus sentidos, obrigá-los-ia a emprestarem palavras das ideias de sensação usualmente conhecidas. Desse modo, a concepção dessas operações que eles experimentaram em si mesmos, mas sem qualquer manifestação externa sensível, seria facilitada para os outros. E, assim, quando eles conhecessem e concordassem com nomes para significar essas operações internas de suas próprias mentes, estariam suficientemente equipados a tornar conhecidas por meio de palavras todas as suas outras ideias; já que elas consistem apenas em percepções sensíveis externas ou em operações internas a suas mentes sobre elas. Pois não temos, como já se provou, nenhuma ideia, senão o que originalmente provém tanto de objetos sensíveis externos, quanto do que sentimos dentro de nós, a partir dos mecanismos interiores do nosso espírito, dos quais temos consciência dentro de nós mesmos.

III.i.5 *Words ultimately derived from such as signify sensible ideas.* It may also lead us a little towards the original of all our notions and knowledge, if we remark how great a dependence our words have on common sensible ideas; and how those which are made use of to stand for actions and notions quite removed from sense, have their rise from thence, and from obvious sensible ideas are transferred to more abstruse significations, and made to stand for ideas that come not under the cognizance of our senses; v.g. to imagine, apprehend, comprehend, adhere, conceive, instil, disgust, disturbance, tranquillity, &c., are all words taken from the operations of sensible things, and applied to certain modes of thinking. Spirit, in its primary signification, is breath; angel, a messenger: and I doubt not but, if we could trace them to their sources, we should find, in all languages, the names which stand for things that fall not under our senses to have had their first rise from sensible ideas. By which we may give some kind of guess what kind of notions they were, and whence derived, which filled their minds who were the first beginners of languages, and how nature, even in the naming of things, unawares suggested to men the originals and principles of all their knowledge: whilst, to give names that might make known to others any operations they felt in themselves, or any other ideas that came not under their senses, they were fain to borrow words from ordinary known ideas of sensation, by that means to make others the more easily to conceive those operations they experimented in themselves, which made no outward sensible appearances; and then, when they had got known and agreed names to signify those internal operations of their own minds, they were sufficiently furnished to make known by words all their other ideas; since they could consist of nothing but either of outward sensible perceptions, or of the inward operations of their minds about them; we having, as has been proved, no ideas at all, but what originally come either from sensible objects without, or what we feel within ourselves, from the inward workings of our own spirits, of which we are conscious to ourselves within.

III.i.6 *Distribuição dos temas a serem tratados.* Porém, para melhor entender o uso e a força da linguagem, como subserviente à instrução e ao conhecimento, será conveniente considerar:

Primeiro: a que se aplicam os nomes, imediatamente, no uso da linguagem.

Segundo: dado que todos os nomes (com a exceção dos nomes próprios) são gerais e, por isso, não representam essa ou aquela única coisa em particular, mas grupos e categorias de coisas, será necessário considerar, num próximo nível, o que os grupos e os tipos (*sorts* e *kinds*), ou, se preferirem os nomes latinos, *species* e *genera* das coisas são, em que consistem e como são formulados. Depois que a devida atenção a isso for dada (como deve ser), estaremos em melhores condições de encontrar o uso correto das palavras; as vantagens naturais e os defeitos da linguagem; e os remédios que devem ser usados a fim de evitar as inconveniências de obscuridade ou incerteza na significação das palavras. Sem isso, é impossível discursar com clareza ou ordem sobre aquilo que tange o conhecimento. Este, num geral relacionado a proposições mais universais, possui uma conexão muito mais estreita com as palavras do que talvez se suspeite.

Essas considerações, portanto, deverão ser o foco dos próximos capítulos.

III.i.6 *Distribution of subjects to be treated of.* But to understand better the use and force of Language, as subservient to instruction and knowledge, it will be convenient to consider:

First, To what it is that names, in the use of language, are immediately applied.

Secondly, Since all (except proper) names are general, and so stand not particularly for this or that single thing, but for sorts and ranks of things, it will be necessary to consider, in the next place, what the sorts and kinds, or, if you rather like the Latin names, what the Species and Genera of things are, wherein they consist, and how they come to be made. These being (as they ought) well looked into, we shall the better come to find the right use of words; the natural advantages and defects of language; and the remedies that ought to be used, to avoid the inconveniences of obscurity or uncertainty in the

signification of words: without which it is impossible to discourse with any clearness or order concerning knowledge: which, being conversant about propositions, and those most commonly universal ones, has greater connexion with words than perhaps is suspected.

These considerations, therefore, shall be the matter of the following chapters.

Capítulo II – da significação das palavras

III.ii.1 *As palavras são sinais sensíveis, necessários para a comunicação de ideias.* Embora o homem possua uma grande variedade de pensamentos, dos quais outros e ele mesmo podem se beneficiar e gozar, todos eles estão dentro de seu próprio peito, invisíveis e escondidos de outros; tampouco podem manifestar-se por conta própria. E, como o conforto e o progresso da sociedade não poderiam existir sem a comunicação dos pensamentos, foi necessário que o homem encontrasse sinais sensíveis externos, por meio dos quais essas ideias invisíveis, das quais seus pensamentos são feitos, pudessem tornar-se conhecidas por outros. Para esse propósito, em termos de abundância e celeridade, não houve nada mais apropriado do que esses sons articulados os quais ele se viu capaz de produzir com tanta facilidade e variedade. Dessa forma, devemos compreender como as palavras, que se adaptaram tão bem a esse propósito, vieram a ser utilizadas pelos homens como sinais de suas ideias; mas não por alguma conexão natural que há entre sons articulados particulares e certas ideias - senão, haveria apenas uma única língua entre todas as pessoas - mas por uma imposição espontânea em que uma determinada palavra se torna arbitrariamente a marca de uma determinada ideia. O uso das palavras consiste, portanto, em que sejam marcas sensíveis das ideias; e as ideias por elas representadas são sua própria e imediata significação.

III.ii.1 Words are sensible signs, necessary for communication of ideas. Man, though he have great variety of thoughts, and such from which others as well as himself might receive profit and delight; yet they are all within his own breast, invisible and hidden from others, nor can of themselves be made to appear. The comfort and advantage of society not being to be had without communication of thoughts, it was necessary that man

should find out some external sensible signs, whereof those invisible ideas, which his thoughts are made up of, might be made known to others. For this purpose nothing was so fit, either for plenty or quickness, as those articulate sounds, which with so much ease and variety he found himself able to make. Thus we may conceive how words, which were by nature so well adapted to that purpose, came to be made use of by men as the signs of their ideas; not by any natural connexion that there is between particular articulate sounds and certain ideas, for then there would be but one language amongst all men; but by a voluntary imposition, whereby such a word is made arbitrarily the mark of such an idea. The use, then, of words, is to be sensible marks of ideas; and the ideas they stand for are their proper and immediate signification.

III.ii.2 *As palavras, em sua significação imediata, são os sinais sensíveis das ideias daquele que as usa.* Posto que o uso que os homens fazem dessas marcas consiste tanto em registrar os próprios pensamentos, como assistência à sua própria memória, quanto, por assim dizer, em expressar suas ideias e expô-las à visão dos demais, as palavras, em sua significação primeira ou imediata, nada representam além das ideias na mente daquele que as usa, por mais imperfeita ou descuidada que seja a forma como essas ideias são colhidas das coisas as quais elas deveriam simbolizar. Quando um homem fala para outro, é para que ele possa ser entendido: e a finalidade do discurso é que esses sons, enquanto marcas, possam tornar suas ideias conhecidas ao ouvinte. Aquilo, então, de que as palavras são marcas são as ideias do falante: não é possível ninguém usá-las, de imediato, como marcas de qualquer outra coisa a não ser das ideias que ele mesmo teve. Pois isso seria fazê-las sinais das suas próprias concepções e, ainda assim, usá-las em outras ideias, o que seria convertê-las, ao mesmo tempo, em sinais e não-sinais de suas ideias e, como resultado, não possuiriam nenhuma significação. Porque as palavras são sinais espontâneos, não podem ser sinais espontâneos, determinados por quem se serve deles, de coisas que ele mesmo desconheça. Isso seria convertê-las em sinais de nada, sons sem significação. Um homem não pode fazer com que suas palavras se tornem sinais de qualidades encontradas nas coisas nem de concepções encontradas na mente de outros, sendo que ele, em si mesmo, não tem nenhuma delas. Até que ele tenha ideias próprias, não pode esperar que essas correspondam às concepções de outro homem; tampouco poderá usar sinais de outro homem para elas; ou usar quaisquer sinais para elas, pois, assim, elas seriam sinais daquilo que ele não sabe, o que, na verdade, equivale a ser

sinal de nada. Mas, quando ele expõe para si as ideias de outro homem por meio de algumas das suas próprias; consente-se em atribuir a elas os mesmos nomes dados por outros homens, é ainda às suas próprias ideias, às ideias que ele tem, e não às ideias que ele não tem.

III.ii.2 Words, in their immediate signification, are the sensible signs of his ideas who uses them. The use men have of these marks being either to record their own thoughts, for the assistance of their own memory or, as it were, to bring out their ideas, and lay them before the view of others: words, in their primary or immediate signification, stand for nothing but the ideas in the mind of him that uses them, how imperfectly soever or carelessly those ideas are collected from the things which they are supposed to represent. When a man speaks to another, it is that he may be understood: and the end of speech is, that those sounds, as marks, may make known his ideas to the hearer. That then which words are the marks of are the ideas of the speaker: nor can any one apply them as marks, immediately, to anything else but the ideas that he himself hath: for this would be to make them signs of his own conceptions, and yet apply them to other ideas; which would be to make them signs and not signs of his ideas at the same time, and so in effect to have no signification at all. Words being voluntary signs, they cannot be voluntary signs imposed by him on things he knows not. That would be to make them signs of nothing, sounds without signification. A man cannot make his words the signs either of qualities in things, or of conceptions in the mind of another, whereof he has none in his own. Till he has some ideas of his own, he cannot suppose them to correspond with the conceptions of another man; nor can he use any signs for them of another man; nor can he use any signs for them: for thus they would be the signs of he knows not what, which is in truth to be the signs of nothing. But when he represents to himself other men's ideas by some of his own, if he consent to give them the same names that other men do, it is still to his own ideas; to ideas that he has, and not to ideas that he has not.

III.ii.3 *Exemplos disso.* O supracitado é tão necessário no uso da linguagem que, nesse aspecto, o sábio e o ignorante, o letrado e o iletrado, usam as palavras que proferem (independentemente do significado) da mesma forma. Elas, na boca de qualquer homem, representam as ideias que ele tem e as que expressaria por elas. Uma criança, ao notar apenas a cor amarela fortemente reluzente do metal que ouve ser chamado "ouro", usa essa palavra "ouro" somente para a sua ideia daquela cor e para nada mais. E, por isso, chama de "ouro" a mesma cor presente na cauda de um pavão. Outra criança que tenha observado melhor esse metal, adiciona ao amarelo reluzente uma grande densidade e, então, o som "ouro", quando o usa, representa uma ideia complexa de uma substância de um amarelo reluzente e bem densa. Uma terceira

criança adiciona a essas qualidades a fusibilidade: assim, a palavra "ouro" significa para esta um corpo, reluzente, amarelo, fusível e bem pesado. Mais outro acrescenta maleabilidade. Cada uma delas utiliza a palavra "ouro" da mesma maneira sempre que tiverem a oportunidade de empregá-la para exprimir a ideia à qual se aplica. É evidente, contudo, que cada uma pode usá-la somente referindo-se à própria ideia; não é possível fazer com que ela represente um sinal de uma ideia complexa específica se ela não a possui em sua mente.

III.ii.3 *Examples of this.* This is so necessary in the use of language, that in this respect the knowing and the ignorant, the learned and the unlearned, use the words they speak (with any meaning) all alike. They, in every man's mouth, stand for the ideas he has, and which he would express by them. A child having taken notice of nothing in the metal he hears called gold, but the bright shining yellow colour, he applies the word gold only to his own idea of that colour, and nothing else; and therefore calls the same colour in a peacock's tail gold. Another that hath better observed, adds to shining yellow great weight: and then the sound gold, when he uses it, stands for a complex idea of a shining yellow and a very weighty substance. Another adds to those qualities fusibility: and then the word gold signifies to him a body, bright, yellow, fusible, and very heavy. Another adds malleability. Each of these uses equally the word gold, when they have occasion to express the idea which they have applied it to: but it is evident that each can apply it only to his own idea; nor can he make it stand as a sign of such a complex idea as he has not.

III.ii.4 *Amiúde, as palavras fazem referência, em segredo, em primeiro lugar às ideias que deveriam estar na mente dos outros homens.* Porém, apesar de as palavras, tal como usadas pelos homens, poderem significar apenas própria e imediatamente as ideias que estão na mente do falante, em seus pensamentos, no entanto, atribuem uma referência privada a duas outras coisas. Primeiro, eles creem que suas palavras são também marcas das ideias nas mentes de outros homens com quem se comunicam. De outro modo, falariam em vão e não poderiam entender-se, se os sons que aplicam para uma ideia fossem os que o ouvinte aplicasse a outra ideia, o que seria falar duas línguas. Mas, a esses homens não costuma caber a análise de se a ideia que eles e outros com quem conversam têm em mente é a mesma; dão-se por satisfeitos ao crerem usar a palavra, como imaginam, na acepção comum daquela língua, estando convictos, assim, de que a ideia que transformam em sinal daquela palavra é

precisamente a mesma que os homens versados daquele país usam para aquele nome.

III.ii.4 *Words are often secretly referred first to the ideas supposed to be in other men's minds.* But though words, as they are used by men, can properly and immediately signify nothing but the ideas that are in the mind of the speaker; yet they in their thoughts give them a secret reference to two other things. First, They suppose their words to be marks of the ideas in the minds also of other men, with whom they communicate: for else they should talk in vain, and could not be understood, if the sounds they applied to one idea were such as by the hearer were applied to another, which is to speak two languages. But in this men stand not usually to examine, whether the idea they, and those they discourse with have in their minds be the same: but think it enough that they use the word, as they imagine, in the common acceptance of that language; in which they suppose that the idea they make it a sign of is precisely the same to which the understanding men of that country apply that name.

III.ii.5 *À realidade das coisas.* Segundo, porque não se supõe que os homens falem apenas da própria imaginação, mas de coisas tal como elas realmente são, por isso creem, com frequência, assim, que as palavras se referem também à realidade das coisas. Contudo, isso é mais relativo às substâncias e aos seus nomes em particular - da mesma forma que o parágrafo anterior refira-se talvez às ideias simples e aos modos mistos. Nós falaremos dessas duas maneiras diferentes de emprego das palavras mais detidamente, quando viermos a tratar em particular dos nomes dos modos mistos e das substâncias. Entretanto, permito-me dizer aqui que esse uso das palavras é pervertido e traz uma obscuridade inevitável e uma confusão sempre que as fazemos representar qualquer coisa que não sejam essas ideias que temos em nossas mentes.

III.ii.5 *To the reality of things.* Secondly, Because men would not be thought to talk barely of their own imagination, but of things as really they are; therefore they often suppose the words to stand also for the reality of things. But this relating more particularly to substances and their names, as perhaps the former does to simple ideas and modes, we shall speak of these two different ways of applying words more at large, when we come to treat of the names of mixed modes and substances in particular: though give me leave here to say, that it is a perverting the use of words, and brings unavoidable obscurity and confusion into whenever we make them stand for anything but those ideas we have in our own minds.

III.ii.6 *As palavras, em seu uso, incitam de pronto as ideias de seus objetos.* No que se refere às palavras é válido também considerar, em primeiro lugar, que elas são, de imediato, os sinais das ideias dos homens e, nesse sentido, os instrumentos por meio dos quais eles comunicam suas percepções e expressam a outro esses pensamentos e essas imaginações que têm dentro de seus próprios peitos. Pelo uso constante, então, ocorre de haver uma conexão estreita entre certos sons e as ideias que eles representam, apenas ao ouvir os nomes, certas ideias são quase que imediatamente incitadas como se fossem os próprios objetos, que são suscetíveis a gerá-las, que na realidade afetassem os sentidos. O que acontece manifestamente em todas as qualidades sensíveis óbvias, e em todas as substâncias que frequente e familiarmente nos ocorrem.

III.ii.6 *Words by use readily excite ideas of their objects.* Concerning words, also, it is further to be considered: First, that they being immediately the signs of men's ideas, and by that means the instruments whereby men communicate their conceptions, and express to one another those thoughts and imaginations they have within their own their own breasts; there comes, by constant use, to be such a connexion between certain sounds and the ideas they stand for, that the names heard, almost as readily excite certain ideas as if the objects themselves, which are apt to produce them, did actually affect the senses. Which is manifestly so in all obvious sensible qualities, and in all substances that frequently and familiarly occur to us.

III.ii.7 *As palavras são usadas amiúde sem significação, e por quê.* Em segundo lugar, é preciso observar que, mesmo quando a significação própria e imediata das palavras são as ideias na mente do falante, ainda assim, por conta de um uso que se nos torna familiar desde o berço, acabamos aprendendo certos sons articulados com certa perfeição, e os temos prontamente na ponta da língua e sempre à mão da nossa memória; não somos, porém, sempre cuidadosos ao analisar ou associar suas significações com a mesma perfeição. Com frequência, ocorre que os homens, mesmo esforçando-se em uma consideração mais atenciosa, acabam depositando seus pensamentos mais nas palavras do que nas coisas. Mais ainda, porque as palavras são em sua maioria apreendidas antes de se saber as ideias as quais representam, algumas pessoas, não apenas as crianças, mas os homens, falam, por isso, diversas palavras de forma não muito diferente dos papagaios, pelo simples fato de terem

aprendido aqueles sons e de terem sido acostumadas à eles. Contudo, assim como as palavras servem para utilização e significação, também, nessa proporção, há uma conexão constante entre o som e a ideia e uma indicação de que uma representa a outra; sem esse uso, as palavras não são passariam de um monte de barulho insignificante.

III.ii.7 *Words are often used without signification, and why.* Secondly, That though the proper and immediate signification of words are ideas in the mind of the speaker, yet, because by familiar use from our cradles, we come to learn certain articulate sounds very perfectly, and have them readily on our tongues, and always at hand in our memories, but yet are not always careful to examine or settle their significations perfectly; it often happens that men, even when they would apply themselves to an attentive consideration, do set their thoughts more on words than things. Nay, because words are many of them learned before the ideas are known for which they stand: therefore some, not only children but men, speak several words no otherwise than parrots do, only because they have learned them, and have been accustomed to those sounds. But so far as words are of use and signification, so far is there a constant connexion between the sound and the idea, and a designation that the one stands for the other; without which application of them, they are nothing but so much insignificant noise.

III.ii.8 *Sua significação é completamente arbitrária, não consequência de uma conexão natural.* Como foi dito, as palavras, por conta de um emprego prolongado e familiar, vêm a incitar nos homens certas ideias de forma tão constante e pronta, que eles tendem a crer que há uma conexão natural entre elas. Porém, é evidente que significam somente as ideias peculiares dos homens, e isso por uma imposição perfeitamente arbitrária. Nesse sentido, elas não são capazes de incitar em outros (mesmo que usem a mesma língua) as mesmas ideias de que acreditamos serem seus sinais. Cada homem possui uma liberdade tão inviolável de fazer com que as palavras representem quaisquer ideias que desejar, que ninguém tem o poder de fazer com que outros tenham as mesmas ideias em suas mentes que ele tem, quando eles utilizam aquelas mesmas palavras que ele. E, por isso, até o grande Augusto, em posse daquele poder que dominou o mundo, reconheceu que não poderia gerar uma nova palavra em latim: o que era o mesmo que dizer que ele não poderia arbitrariamente decretar de qual ideia um som deveria ser sinal nas bocas e na língua comum de seus súditos. É verdade, o

uso coletivo, por um tácito consenso, destina certos sons a certas ideias em todas as línguas, o que limita tanto a significação desse som que, a não ser que um homem o use para a mesma ideia, ele não falará com propriedade. E, permita-me adicionar que, a não ser que as palavras de um homem incitem as mesmas ideias no ouvinte, as quais ele representa por meio daquelas mesmas palavras quando fala, ele não falará de modo inteligível. Porém, sejam quais forem as consequências do emprego distinto que qualquer homem faça das palavras, não importa se a partir de seus significados gerais, ou a partir dos sentidos particulares da pessoa a quem ele as endereça, uma coisa é certa, sua significação, na utilização que ele faz delas, é limitada às suas ideias, e elas não podem ser sinais de nada mais.

III.ii.8 *Their signification perfectly arbitrary, not the consequence of a natural connexion.* Words, by long and familiar use, as has been said, come to excite in men certain ideas so constantly and readily, that they are apt to suppose a natural connexion between them. But that they signify only men's peculiar ideas, and that by a perfect arbitrary imposition, is evident, in that they often fail to excite in others (even that use the same language) the same ideas we take them to be signs of: and every man has so inviolable a liberty to make words stand for what ideas he pleases, that no one hath the power to make others have the same ideas in their minds that he has, when they use the same words that he does. And therefore the great Augustus himself, in the possession of that power which ruled the world, acknowledged he could not make a new Latin word: which was as much as to say, that he could not arbitrarily appoint what idea any sound should be a sign of, in the mouths and common language of his subjects. It is true, common use, by a tacit consent, appropriates certain sounds to certain ideas in all languages, which so far limits the signification of that sound, that unless a man applies it to the same idea, he does not speak properly: and let me add, that unless a man's words excite the same ideas in the hearer which he makes them stand for in speaking, he does not speak intelligibly. But whatever be the consequence of any man's using of words differently, either from their general meaning, or the particular sense of the person to whom he addresses them; this is certain, their signification, in his use of them, is limited to his ideas, and they can be signs of nothing else.

Capítulo III – dos termos gerais

III.iii.1 *A maior parte das palavras são termos gerais.* Posto que todas as coisas que existem são particulares, talvez seja razoável pensar que as palavras, que devem ser compatíveis às coisas, também deveriam sê-lo – quero dizer, em sua significação; entretanto, o que encontramos é exatamente o contrário. A grande maioria das palavras

que constituem todas as línguas são termos gerais, o que não é efeito de negligência ou acaso, mas de razão e necessidade.

III.iii.1 *The greatest part of words are general terms.* All things that exist being particulars, it may perhaps be thought reasonable that words, which ought to be conformed to things, should be so too,- I mean in their signification: but yet we find quite the contrary. The far greatest part of words that make all languages are general terms: which has not been the effect of neglect or chance, but of reason and necessity.

III.iii.2 *É impossível que toda coisa particular deveria ter uma nome para si.* Em primeiro lugar, é impossível que toda coisa particular possa ter um nome peculiar distinto. Pois, como a significação e o emprego das palavras depende da conexão que a mente cria entre suas ideias e os sons que utiliza como sinais delas, é necessário, na atribuição de nomes a coisas, que a mente tenha ideias distintas dessas mesmas coisas e retenha também os nomes particulares que pertencem a cada uma delas, com sua adequação peculiar a essa ideia. Entretanto, está além do poder da capacidade humana forjar e reter ideias distintas de todas as coisas particulares as quais encontramos: todos os pássaros e todas as bestas que o homem já viu; toda árvore e planta que afetou seus sentidos não encontrariam espaço na mais capacitada compreensão. Se for tomado como exemplo de memória prodigiosa o fato de alguns generais serem capazes de chamar cada soldado em seus exércitos por seus nomes próprios, nós encontraremos facilmente a razão por que os homens nunca tentaram atribuir nomes a cada ovelha de seus rebanhos, ou corvos que sobrevoam suas cabeças, muito menos chamar cada folha das plantas ou grão de areia que apareceu em seus caminhos, por um nome peculiar.

III.iii.2 *That every particular thing should have a name for itself is impossible.* First, It is impossible that every particular thing should have a distinct peculiar name. For, the signification and use of words depending on that connexion which the mind makes between its ideas and the sounds it uses as signs of them, it is necessary, in the application of names to things, that the mind should have distinct ideas of the things, and retain also the particular name that belongs to every one, with its peculiar appropriation to that idea. But it is beyond the power of human capacity to frame and retain distinct ideas of all the particular things we meet with: every bird and beast men saw; every tree and plant that affected the senses, could not find a place in the most capacious understanding. If it be looked on as an instance of a prodigious memory, that

some generals have been able to call every soldier in their army by his proper name, we may easily find a reason why men have never attempted to give names to each sheep in their flock, or crow that flies over their heads; much less to call every leaf of plants, or grain of sand that came in their way, by a peculiar name.

III.iii.3 *E seria inútil, se fosse possível.* Em segundo lugar, se fosse possível, ainda assim seria inútil, porque não serviria ao principal propósito da linguagem. Os homens amontoariam em vão nomes de coisas particulares, que de nada lhes serviriam na comunicação de seus pensamentos. Os homens aprendem nomes, os usam em conversas com outros, somente para que possam ser entendidos. Isso só acontece quando, pelo emprego ou por consenso, o som que eu produzo por meio dos órgãos do discurso incita, na mente da pessoa que o escuta, a ideia que eu aplico a ele na minha, quando o pronuncio. Isso não pode ocorrer com nomes aplicados a coisas particulares, se delas eu mesmo só tenho na minha mente suas ideias. Os seus nomes não seriam significantes ou inteligíveis a outro que não estivesse familiarizado com todas essas mesmas coisas particulares que me chamaram a atenção.

III.iii.3. And would be useless, if it were possible. Secondly, If it were possible, it would yet be useless; because it would not serve to the chief end of language. Men would in vain heap up names of particular things, that would not serve them to communicate their thoughts. Men learn names, and use them in talk with others, only that they may be understood: which is then only done when, by use or consent, the sound I make by the organs of speech, excites in another man's mind who hears it, the idea I apply it to in mine, when I speak it. This cannot be done by names applied to particular things; whereof I alone having the ideas in my mind, the names of them could not be significant or intelligible to another, who was not acquainted with all those very particular things which had fallen under my notice.

III.iii.4 *Um nome distinto para cada coisa particular não se adéqua à ampliação do conhecimento.* Em terceiro lugar, mesmo que se admita ser exequível, (o que eu não creio que seja), um nome distinto para cada coisa particular não seria de grande utilidade no aprimoramento do conhecimento, o qual, apesar de fundado nas coisas particulares, se expande para concepções de ordem geral, às quais as coisas são reduzidas em grupos sob nomes gerais e a estes são subordinadas. Esses grupos integram um determinado perímetro demarcado pelos nomes que lhes pertencem e não se multiplicam, a todo o momento, para além daquilo que a mente pode comportar ou o

uso pode exigir. Por isso, os homens se detiveram, na maioria dos casos, nesses nomes gerais, porém, não a ponto de não conseguirem distinguir coisas particulares, atribuindo-lhes nomes apropriados, quando a conveniência demandar. E, por essa razão, na sua própria *species*, com a qual mais se relacionam e na qual têm com frequência a oportunidade de mencionar pessoas particulares, os homens fazem uso de nomes próprios; nela, indivíduos distintos possuem denominações distintas.

III.iii.4 *A distinct name for every particular thing, not fitted for enlargement of knowledge.* Thirdly, But yet, granting this also feasible, (which I think is not), yet a distinct name for every particular thing would not be of any great use for the improvement of knowledge: which, though founded in particular things, enlarges itself by general views; to which things reduced into sorts, under general names, are properly subservient. These, with the names belonging to them, come within some compass, and do not multiply every moment, beyond what either the mind can contain, or use requires. And therefore, in these, men have for the most part stopped: but yet not so as to hinder themselves from distinguishing particular things by appropriated names, where convenience demands it. And therefore in their own species, which they have most to do with, and wherein they have often occasion to mention particular persons, they make use of proper names; and there distinct individuals have distinct denominations.

III.iii.5 *Quais coisas possuem nomes próprios, e por quê.* Além de pessoas, também países, cidades, rios, montanhas e outras distinções espaciais semelhantes comumente receberam nomes peculiares. Isso pela mesma razão acima, já que são coisas as quais os homens costumam marcar com frequência e, por assim dizer, apresentar aos outros em suas conversas com eles. Não tenho dúvidas de que, se tivéssemos o porquê de mencionar cavalos particulares com a mesma frequência que temos de mencionar homens particulares, teríamos nomes próprios tão familiares para um quanto para outro, e Bucéfalo seria uma palavra tão utilizada quanto Alexandre. E, por isso, vemos que, entre jóqueis, os cavalos possuem nomes próprios pelos quais são conhecidos e distintos, assim como geralmente ocorre com seus assistentes; pois, entre eles, é frequente a necessidade de mencionar esse ou aquele cavalo quando ele está fora de vista.

III.iii.5 *What things have proper names, and why.* Besides persons, countries also, cities, rivers, mountains, and other the like distinctions of place have usually found peculiar names, and that for the same reason; they being such as men have often an occasion to mark particularly, and, as it were, set before others in their discourses with

them. And I doubt not but, if we had reason to mention particular horses as often as we have to mention particular men, we should have proper names for the one, as familiar as for the other, and Bucephalus would be a word as much in use as Alexander. And therefore we see that, amongst jockeys, horses have their proper names to be known and distinguished by, as commonly as their servants: because, amongst them, there is often occasion to mention this or that particular horse when he is out of sight.

III.iii.6 *Como palavras gerais são geradas.* O próximo item a ser considerado é como as palavras gerais vêm a ser geradas. Pois, já que todas as coisas que existem são unicamente particulares, de que forma chegamos aos termos gerais; ou ainda, onde encontramos essas naturezas gerais que eles teoricamente representam? As palavras convertem-se em gerais por se tornarem sinais de ideias gerais: e as ideias se tornam gerais quando se suprime as circunstâncias de tempo e de espaço e de quaisquer outras ideias que podem determiná-las a essa ou àquela existência particular. Por meio dessa forma de abstração, é possível capacitá-las a representarem mais de um indivíduo, cada um dos quais tendo em si uma conformidade àquela ideia abstrata, pertencendo (como chamamos) àquele grupo.

III.iii.6 *How general words are made.* The next thing to be considered is,- How general words come to be made. For, since all things that exist are only particulars, how come we by general terms; or where find we those general natures they are supposed to stand for? Words become general by being made the signs of general ideas: and ideas become general, by separating from them the circumstances of time and place, and any other ideas that may determine them to this or that particular existence. By this way of abstraction they are made capable of representing more individuals than one; each of which having in it a conformity to that abstract idea, is (as we call it) of that sort.

III.iii.7. *Isso é demonstrado pelo modo como ampliamos nossas ideias complexas desde a infância.* Entretanto, para que isso possa ser deduzido de maneira um pouco mais clara, talvez não seja equivocado rastrear nossas noções e nossos nomes desde suas origens e observar de que maneira avançamos e por meio de quais passos ampliamos nossas ideias desde a nossa primeira infância. Não há nada mais evidente do que o fato de as ideias que as crianças formam das pessoas com quem conversam (para nos restringirmos apenas a esse exemplo) serem, como as próprias pessoas, somente particulares. As ideias da ama de leite e da mãe estão bem delimitadas na mente delas e, tal qual suas imagens, simbolizam somente esses indivíduos. Os nomes

que elas inicialmente lhes deram estão limitados a esses indivíduos; e os nomes "ama de leite" e "mamãe", que as crianças usam, destinam-se a essas pessoas. Posteriormente, em virtude do tempo e de uma maior familiaridade, elas percebem que existem inúmeras outras coisas no mundo que, por certas relações entre forma e diversas outras qualidades em comum, se assemelham com seus pais e suas mães e aquelas pessoas com as quais estão acostumadas. As crianças formam uma ideia por meio da qual verificam a participação desses vários particulares; e à qual dão, como outras pessoas, o nome "homem", por exemplo. E, desse modo, obtêm um nome geral e uma ideia geral de onde elas não criam nada novo, apenas abandonam a ideia complexa que têm de Peter e James, Mary e Jane, que é peculiar a cada um e retêm somente o que é comum a todos.

III.iii.7. *Shown by the way we enlarge our complex ideas from infancy.* But, to deduce this a little more distinctly, it will not perhaps be amiss to trace our notions and names from their beginning, and observe by what degrees we proceed, and by what steps we enlarge our ideas from our first infancy. There is nothing more evident, than that the ideas of the persons children converse with (to instance in them alone) are, like the persons themselves, only particular. The ideas of the nurse and the mother are well framed in their minds; and, like pictures of them there, represent only those individuals. The names they first gave to them are confined to these individuals; and the names of nurse and mamma, the child uses, determine themselves to those persons. Afterwards, when time and a larger acquaintance have made them observe that there are a great many other things in the world, that in some common agreements of shape, and several other qualities, resemble their father and mother, and those persons they have been used to, they frame an idea, which they find those many particulars do partake in; and to that they give, with others, the name man, for example. And thus they come to have a general name, and a general idea. Wherein they make nothing new; but only leave out of the complex idea they had of Peter and James, Mary and Jane, that which is peculiar to each, and retain only what is common to them all.

III.iii.8. *E ampliar ainda mais as nossas ideias complexas por meio de um contínuo abandono de propriedades nelas contidas.* Do mesmo modo que as crianças adquirem o nome e a ideia geral de "homem", avançam a nomes e a noções mais gerais. Pois, ao observarem que várias coisas diferem da ideia que têm de homem e que, portanto, não podem ser compreendidos dentro desse nome, ainda assim possuem certas qualidades que concordam com "homem". Dessa forma, mantêm somente essas qualidades e unem-nas a uma só ideia; geram novamente outra ideia e ainda mais geral, a qual, ao

receberem um nome, convertem-se em um termo de uma extensão mais abrangente. Tal nova ideia é criada não por alguma nova adição, mas unicamente como antes, pelo abandono da forma e de algumas outras propriedades significadas pelo nome “homem” e, mantendo somente um corpo com vida, sentidos e movimentação espontânea, compreendido sob o nome “animal”.

III.iii.8. *And further enlarge our complex ideas, by still leaving out properties contained in them.* By the same way that they come by the general name and idea of man, they easily advance to more general names and notions. For, observing that several things that differ from their idea of man, and cannot therefore be comprehended under that name, have yet certain qualities wherein they agree with man, by retaining only those qualities, and uniting them into one idea, they have again another and more general idea; to which having given a name they make a term of a more comprehensive extension: which new idea is made, not by any new addition, but only as before, by leaving out the shape, and some other properties signified by the name man, and retaining only a body, with life, sense, and spontaneous motion, comprehended under the name animal.

III.iii.9 *Naturezas gerais não passam de ideias abstratas e parciais de outras mais complexas.* Creio ser tão evidente que esse seja o meio pelo qual os homens geraram ideias gerais pela primeira vez, e atribuíram nomes gerais a elas que não é necessária nenhuma prova além da reflexão acerca do próprio homem, ou de outros, e dos procedimentos usuais de suas mentes quanto ao conhecimento. E quem acredita que naturezas ou noções gerais sejam qualquer outra coisa que não ideias abstratas e parciais de outras mais complexas - tomadas inicialmente de existências particulares - não saberá, temo, onde encontrá-las. Faça com que qualquer um ponha à prova a ideia dele de “homem” e depois me diga, em que ela difere daquela de Peter e Paul, ou a ideia dele de “cavalo” da de Bucéfalo, senão por causa da exclusão algo que é peculiar a cada indivíduo e pela conservação apenas das ideias complexas particulares com as quais as várias existências particulares concordam? Se, das ideias complexas significadas pelos nomes “homem” e “cavalo”, exclui-se apenas esses particulares em que eles diferem e conserva-se somente esses em que concordam, e, a partir desses, gera-se uma ideia complexa nova distinta e atribui-se-lhe o nome “animal”, obtém-se um termo mais geral que abrange, junto com “homem”, outras várias criaturas. Exclua da ideia de animal sentido e movimento espontâneo e a ideia complexa restante, gerada a partir das ideias simples de corpo, vida e nutrição, obter-se-á uma mais geral,

sob o termo mais abrangente *vivens*. E, para não me alongar por muito mais tempo nesse ponto, tão evidente em si mesmo, a mente prossegue da mesma forma até “corpo”, “substância” e, por fim, a “ser”, “coisa” e esses termos universais que representam qualquer uma de nossas ideias. Concluindo: todo esse mistério de *genera* e *species*, que gera tanto ruído nas escolas e aos quais se dá, com justiça, tão pouca atenção, não passa de ideias abstratas, mais ou menos abrangentes, com nomes afixados a elas. Em tudo o que foi mencionado, isto é constante e invariável: que cada termo mais geral representa uma ideia que não é senão uma parte de qualquer uma dessas contida sob ele.

III.iii.9 *General natures are nothing but abstract and partial ideas of more complex ones.* That this is the way whereby men first formed general ideas, and general names to them, I think is so evident, that there needs no other proof of it but the considering of a man's self, or others, and the ordinary proceedings of their minds in knowledge. And he that thinks general natures or notions are anything else but such abstract and partial ideas of more complex ones, taken at first from particular existences, will, I fear, be at a loss where to find them. For let any one effect, and then tell me, wherein does his idea of man differ from that of Peter and Paul, or his idea of horse from that of Bucephalus, but in the leaving out something that is peculiar to each individual, and retaining so much of those particular complex ideas of several particular existences as they are found to agree in? Of the complex ideas signified by the names man and horse, leaving out but those particulars wherein they differ, and retaining only those wherein they agree, and of those making a new distinct complex idea, and giving the name animal to it, one has a more general term, that comprehends with man several other creatures. Leave out of the idea of animal, sense and spontaneous motion, and the remaining complex idea, made up of the remaining simple ones of body, life, and nourishment, becomes a more general one, under the more comprehensive term, *vivens*. And, not to dwell longer upon this particular, so evident in itself; by the same way the mind proceeds to body, substance, and at last to being, thing, and such universal terms, which stand for any of our ideas whatsoever. To conclude: this whole mystery of *genera* and *species*, which make such a noise in the schools, and are with justice so little regarded out of them, is nothing else but abstract ideas, more or less comprehensive, with names annexed to them. In all which this is constant and unvariable, That every more general term stands for such an idea, and is but a part of any of those contained under it.

III.iii.10 *Por que genus é usualmente empregado em definições.* Isso deve nos mostrar a razão pela qual, ao definir palavras, o que nada mais é senão declarar sua significação, empregamos o *genus*, ou a palavra geral seguinte que a abranja. Isso não ocorre por uma necessidade, mas apenas para poupar o trabalho de enumerar as

várias ideias simples as quais a palavra geral seguinte ou *genus* representa; ou, talvez, às vezes, por vergonha de não ser capaz de fazê-lo. Porém, apesar de definir por meio de *genus* ou *differentia* (peço licença para utilizar esses termos técnicos, embora originalmente em latim, já que eles se adéquam da forma mais devida às noções para as quais eles são usados), afirmo que, apesar de a definição por *genus* ser o caminho mais curto, ainda assim creio que haja dúvidas quanto a ele ser o melhor. Disto tenho certeza: não é o único, portanto, não é totalmente necessário. A definição reduz-se a fazer com que outro entenda, por meio de palavras, qual ideia o termo definido representa, logo, uma definição é mais bem criada ao enumerar aquelas ideias simples que são combinadas na significação do termo definido. E se, ao invés de tal enumeração, os homens se acostumaram a utilizar o termo geral seguinte, não o foi por necessidade, ou para um maior esclarecimento, mas pelo bem da rapidez e da mensagem emitida. Creio, portanto, que, aquele que desejou saber que ideia a palavra “homem” representou - se fosse necessário dizer que “homem” era uma substância sólida, alongada, com vida, sentidos, movimento espontâneo e faculdade de raciocinar - não duvido que o termo “homem” seria igualmente entendido, caso a ideia que ele representa fosse aludida de forma tal como quando ele é definido sendo um animal racional: o que, por meio de várias definições de animal, *vivens* e *corpus*, se reduz àquelas ideias enumeradas. Eu, ao explicar o termo “homem”, segui a definição usual das escolas, a qual, embora não seja a mais exata, ainda serve bem o suficiente ao meu propósito atual. Nesse caso, é possível verificar o que propiciou essa regra que afirma que uma definição deve consistir de *genus* e *differentia*; e isso basta para mostrar-nos a pouca necessidade dessa regra ou a vantagem em sua observação estrita. Onde, as definições, tal como foi dito, são apenas a explicação de uma palavra por meio de várias outras, de modo que o significado ou ideia que ela representa seja certamente conhecida, as línguas, portanto, não são constituídas sempre de acordo com as regras da lógica, de modo que cada termo pode ter sua significação expressa de forma exata e clara por duas outras. A experiência nos convence suficientemente do contrário; ou então, aqueles que criaram essa regra a criaram mal, já que eles nos forneceram tão poucas definições em conformidade a ela. Mas mais sobre definições falaremos no próximo capítulo.

III.iii.10. *Why the genus is ordinarily made use of in definitions.* This may show us the reason why, in the defining of words, which is nothing but declaring their signification, we make use of the genus, or next general word that comprehends it. Which is not out of necessity, but only to save the labour of enumerating the several simple ideas which the next general word or genus stands for; or, perhaps, sometimes the shame of not being able to do it. But though defining by genus and differentia (I crave leave to use these terms of art, though originally Latin, since they most properly suit those notions they are applied to), I say, though defining by the genus be the shortest way, yet I think it may be doubted whether it be the best. This I am sure, it is not the only, and so not absolutely necessary. For, definition being nothing but making another understand by words what idea the term defined stands for, a definition is best made by enumerating those simple ideas that are combined in the signification of the term defined: and if, instead of such an enumeration, men have accustomed themselves to use the next general term, it has not been out of necessity, or for greater clearness, but for quickness and dispatch sake. For I think that, to one who desired to know what idea the word man stood for; if it should be said, that man was a solid extended substance, having life, sense, spontaneous motion, and the faculty of reasoning, I doubt not but the meaning of the term man would be as well understood, and the idea it stands for be at least as clearly made known, as when it is defined to be a rational animal: which, by the several definitions of animal, vivens, and corpus, resolves itself into those enumerated ideas. I have, in explaining the term man, followed here the ordinary definition of the schools; which, though perhaps not the most exact, yet serves well enough to my present purpose. And one may, in this instance, see what gave occasion to the rule, that a definition must consist of genus and differentia; and it suffices to show us the little necessity there is of such a rule, or advantage in the strict observing of it. For, definitions, as has been said, being only the explaining of one word by several others, so that the meaning or idea it stands for may be certainly known; languages are not always so made according to the rules of logic, that every term can have its signification exactly and clearly expressed by two others. Experience sufficiently satisfies us to the contrary; or else those who have made this rule have done ill, that they have given us so few definitions conformable to it. But of definitions more in the next chapter.

III.iii.11 *Geral e universal são criaturas do entendimento, e não pertencem à real existência das coisas.* Para retornar às palavras gerais: é evidente, pelo que foi dito, que geral e universal não pertencem à existência real das coisas, mas são as invenções e criaturas do entendimento, produzidas por ele para sua própria utilização e dizem respeito somente a sinais, sejam palavras ou ideias. As palavras são gerais, como foi dito, quando usadas como sinais de ideias gerais; e como tal são aplicáveis indiferentemente a diversas coisas particulares. E as ideias são gerais quando são estabelecidas como representantes de diversas coisas particulares. A universalidade,

porém, não pertence às próprias coisas, as quais são todas elas particulares em sua existência, inclusive aquelas palavras e ideias que, em sua significação, são gerais. Por isso, quando abandonamos os particulares, os gerais que sobram são somente criaturas de nossa fabricação; sua natureza geral resume-se à capacidade que lhes é atribuída pelo entendimento de significar ou simbolizar diversos particulares. Pois a significação que eles possuem é apenas uma relação que, por meio da mente humana, lhes é adicionada.

III.iii.11. *General and universal are creatures of the understanding, and belong not to the real existence of things.* To return to general words: it is plain, by what has been said, that general and universal belong not to the real existence of things; but are the inventions and creatures of the understanding, made by it for its own use, and concern only signs, whether words or ideas. Words are general, as has been said, when used for signs of general ideas, and so are applicable indifferently to many particular things; and ideas are general when they are set up as the representatives of many particular things: but universality belongs not to things themselves, which are all of them particular in their existence, even those words and ideas which in their signification are general. When therefore we quit particulars, the generals that rest are only creatures of our own making; their general nature being nothing but the capacity they are put into, by the understanding, of signifying or representing many particulars. For the signification they have is nothing but a relation that, by the mind of man, is added to them.

III.iii.12 *As ideias abstratas são as essências de genera e species.* O próximo item, portanto, a ser considerado é que tipo de significação as palavras gerais possuem. Pois, é evidente que elas não significam uma coisa em particular, do contrário, elas não seriam termos gerais, mas nomes próprios. Por outro lado, é igualmente evidente que elas não significam uma pluralidade, senão “homem” e “homens” significariam o mesmo; e a distinção de números (como os gramáticos os chamam) seria supérflua e inútil. Ologo, o que as palavras gerais significam é um grupo de coisas; e cada uma delas o faz sendo um sinal de uma ideia abstrata na mente. À medida que as coisas existentes concordam com essa ideia, então elas são ordenadas sob aquele nome, ou, o que dá no mesmo, pertencem àquele grupo. Por conta disso, fica evidente que as essências dos grupos, ou, se a palavra latina agradar mais, *species* de coisas, resumem-se a essas ideias abstratas. Pois, como a posse da essência de qualquer *species* é o que faz com que qualquer coisa seja dessa *species* - e, como a conformidade à ideia à qual o nome é anexado é aquilo que dá direito àquele nome - a

posse da essência e a posse dessa conformidade devem necessariamente ser a mesma, já que pertencer a qualquer *species* e ter o direito ao nome dessa *species* é uma coisa só. Por exemplo, ser um homem, ou da *species* homem e ter o direito ao nome “homem” é a mesma coisa. Novamente, ser um homem, ou da *species* “homem” e ter a essência de um homem é a mesma coisa. Agora, já que nada pode ser um homem, ou ter direito ao nome “homem”, se não se conformar à ideia abstrata representada pelo nome “homem”, tampouco qualquer coisa pode ser um homem, ou ter o direito à *species* “homem”, se não tiver a essência dessa *species*, segue que a ideia abstrata daquilo que o nome representa e a essência da *species* são uma e a mesma. Daí é fácil observar que as essências dos grupos de coisas e, consequentemente, o agrupamento das coisas é obra do entendimento que abstrai e gera essas ideias gerais.

III.iii.12 *Abstract ideas are the essences of genera and species.* The next thing therefore to be considered is, What kind of signification it is that general words have. For, as it is evident that they do not signify barely one particular thing; for then they would not be general terms, but proper names, so, on the other side, it is as evident they do not signify a plurality; for man and men would then signify the same; and the distinction of numbers (as the grammarians call them) would be superfluous and useless. That then which general words signify is a sort of things; and each of them does that, by being a sign of an abstract idea in the mind; to which idea, as things existing are found to agree, so they come to be ranked under that name, or, which is all one, be of that sort. Whereby it is evident that the essences of the sorts, or, if the Latin word pleases better, species of things, are nothing else but these abstract ideas. For the having the essence of any species, being that which makes anything to be of that species; and the conformity to the idea to which the name is annexed being that which gives a right to that name; the having the essence, and the having that conformity, must needs be the same thing: since to be of any species, and to have a right to the name of that species, is all one. As, for example, to be a man, or of the species man, and to have right to the name man, is the same thing. Again, to be a man, or of the species man, and have the essence of a man, is the same thing. Now, since nothing can be a man, or have a right to the name man, but what has a conformity to the abstract idea the name man stands for, nor anything be a man, or have a right to the species man, but what has the essence of that species; it follows, that the abstract idea for which the name stands, and the essence of the species, is one and the same. From whence it is easy to observe, that the essences of the sorts of things, and, consequently, the sorting of things, is the workmanship of the understanding that abstracts and makes those general ideas.

III.iii.13 *Elas são a habilidade do entendimento, mas têm suas bases na similitude das coisas.* Que não me tomem como tendo esquecido, menos ainda negado, que a Natureza, na produção de coisas, fá-las muitos semelhantes: não há nada mais óbvio, especialmente na raça dos animais e em todas as coisas propagadas por semente. Ainda assim, creio que podemos afirmar que seu agrupamento sob nomes é obra do entendimento, valendo-se da similitude que observa existir entre as coisas para gerar ideias abstratas gerais, e montá-las na mente com nomes a elas afixados como padrões ou formas (pois, nesse sentido, a palavra “forma” tem uma significação bastante própria) com os quais concordam enquanto coisas particulares existentes, logo, acabam por pertencer àquela *species*, possuir aquela denominação, ou serem inseridas naquela *classis*. Pois, quando dizemos “isso é um homem, aquilo, um cavalo”; “isso é justiça, aquilo, crueldade”; “isso é um relógio, aquilo é uma alavanca¹⁹⁴”, que outra coisa fazemos senão ordenar coisas sob diferentes nomes específicos, na proporção em que concordam com aquelas ideias abstratas, das quais tornamos esses nomes os sinais? E quais são as essências dessas *species* delimitadas e marcadas por nomes senão aquelas ideias abstratas na mente, que são, por assim dizer, os laços entre coisas particulares que existem e os nomes sob os quais eles devem ser ordenados? E quando os nomes gerais possuem alguma conexão com seres particulares, essas ideias abstratas são o meio que os une: de modo que as essências das *species*, tal como distintas e denominadas por nós, não são nem poderão ser qualquer coisa senão essas mesmas ideias abstratas que temos em nossas mentes. Desse modo, as supostas essências reais das substâncias, se diferentes das nossas ideias abstratas, não podem ser as essências das *species* sob as quais nós ordenamos as coisas. Pois duas *species* não podem ser uma, da mesma forma que duas essências diferentes não podem ser a essência de uma *species*. E gostaria que me dissessem quais são as alterações que podem ou não podem ser efetuadas num cavalo ou no

¹⁹⁴ Locke usa o termo “jack”, muito produtivo na língua inglesa, com diversas possibilidades de significados. Como a intenção no trecho parece criar oposições entre elementos que possam compartilhar alguma qualidade, optou-se por “alavanca” em oposição a “relógio”. Procurou-se obedecer a origem do termo, referindo-se a “pequenez” de acordo com o dicionário Oxford: “The word also denoted various devices saving human labour, as though one had a helper (jack (sense 1, jack sense 3, jack sense 9, jack sense 10), and in compounds such as jackhammer and jackknife); the general sense ‘labourer’ arose in the early 18th century [...]. Since the mid 16th century a notion of ‘smallness’ has arisen, hence jack.” (Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/jack>>, último acesso: 06/02/17)

chumbo sem que nenhum deles pertença a outra *species*? Se determinarmos a *species* das coisas de acordo com as nossas ideias abstratas, fica fácil solucionar essa questão. Porém, se alguém tomar como base as essências, supostas, reais, ele, suponho, estará num beco sem saída; e jamais será capaz de saber precisamente quando alguma coisa cessará de pertencer à *species* de um cavalo ou chumbo.

III.iii.13 *They are the workmanship of the understanding, but have their foundation in the similitude of things.* I would not here be thought to forget, much less to deny, that Nature, in the production of things, makes several of them alike: there is nothing more obvious, especially in the race of animals, and all things propagated by seed. But yet I think we may say, the sorting of them under names is the workmanship of the understanding, taking occasion, from the similitude it observes amongst them, to make abstract general ideas, and set them up in the mind, with names annexed to them, as patterns or forms, (for, in that sense, the word form has a very proper signification,) to which as particular things existing are found to agree, so they come to be of that species, have that denomination, or are put into that classis. For when we say this is a man, that a horse; this justice, that cruelty; this a watch, that a jack; what do we else but rank things under different specific names, as agreeing to those abstract ideas, of which we have made those names the signs? And what are the essences of those species set out and marked by names, but those abstract ideas in the mind; which are, as it were, the bonds between particular things that exist, and the names they are to be ranked under? And when general names have any connexion with particular beings, these abstract ideas are the medium that unites them: so that the essences of species, as distinguished and denominated by us, neither are nor can be anything but those precise abstract ideas we have in our minds. And therefore the supposed real essences of substances, if different from our abstract ideas, cannot be the essences of the species we rank things into. For two species may be one, as rationally as two different essences be the essence of one species: and I demand what are the alterations [which] may, or may not be made in a horse or lead, without making either of them to be of another species? In determining the species of things by our abstract ideas, this is easy to resolve: but if any one will regulate himself herein by supposed real essences, he will, I suppose, be at a loss: and he will never be able to know when anything precisely ceases to be of the species of a horse or lead.

III.iii.14 *Cada ideia abstrata distinta é uma essência distinta.* Quem ponderar que pelo menos as ideias complexas são, com frequência, em vários homens, diferentes coleções de ideias simples não ficará surpreso se eu disser que essas essências, ou ideias abstratas (as quais são as medidas do nome e as fronteiras da *species*), são obra do entendimento. Onde, o que é “cobiça” para um homem, não necessariamente o é para outro. Ou melhor, até mesmo nas substâncias, cujas ideias abstratas parecem

ser retiradas das próprias coisas, elas não são constantemente as mesmas; não, nem naquela *species* que nos é mais conhecida, e com a qual temos a mais íntima familiaridade: já foi mais de uma vez duvidado se o feto nascido de uma mulher é “homem”, na mesma medida em que foi debatido se aquele deveria ou não ser alimentado e batizado. Isso não seria possível, se a ideia abstrata ou essência à qual o nome “homem” pertencia fosse obra da natureza, e não uma coleção indefinida e variada de ideias simples, que o entendimento reúne e, por meio da abstração, anexa um nome a ela. Desse modo, em verdade, toda ideia abstrata distinta é uma essência distinta: e os nomes que representam essas ideias distintas são os nomes de coisas essencialmente diferentes. Logo, um círculo é essencialmente diferente de uma oval assim como uma ovelha de uma cabra - e chuva é essencialmente diferente de neve assim como água de terra, já que essa ideia abstrata, que é a essência, é impossível de ser comunicada a outro. E, assim, quaisquer duas ideias abstratas, que em qualquer parte varia de uma para outra, com dois nomes distintos anexados a elas, constituem dois grupos distintos, ou se preferir, *species*, tão diferente essencialmente quanto quaisquer outras duas as mais remotas ou opostas do mundo.

III.iii.14 *Each distinct abstract idea is a distinct essence.* Nor will any one wonder that I say these essences, or abstract ideas (which are the measures of name, and the boundaries of species) are the workmanship of the understanding, who considers that at least the complex ones are often, in several men, different collections of simple ideas; and therefore that is covetousness to one man, which is not so to another. Nay, even in substances, where their abstract ideas seem to be taken from the things themselves, they are not constantly the same; no, not in that species which is most familiar to us, and with which we have the most intimate acquaintance: it having been more than once doubted, whether the foetus born of a woman were a man, even so far as that it hath been debated, whether it were or were not to be nourished and baptized: which could not be, if the abstract idea or essence to which the name man belonged were of nature's making; and were not the uncertain and various collection of simple ideas, which the understanding put together, and then, abstracting it, affixed a name to it. So that, in truth, every distinct abstract idea is a distinct essence; and the names that stand for such distinct ideas are the names of things essentially different. Thus a circle is as essentially different from an oval as a sheep from a goat; and rain is as essentially different from snow as water from earth: that abstract idea which is the essence of one being impossible to be communicated to the other. And thus any two abstract ideas, that in any part vary one from another, with two distinct names annexed to them, constitute

two distinct sorts, or, if you please, species, as essentially different as any two of the most remote or opposite in the world.

III.iii.15 *Várias significações da palavra “essência”.* Porém, já que as essências das coisas são acreditadas por alguns (e não sem razão) como sendo completamente desconhecidas, não seria inadequado ponderar as várias significações da palavra “essência”.

Essências reais. Em primeiro lugar, essência deve ser tomada pelo puro ser de qualquer coisa, em razão do qual ele é o que é. E, assim, a constituição interna real, porém geralmente desconhecida (em substâncias), das coisas, de que suas qualidades descobríveis dependem, pode ser chamada de sua essência. Essa é a definição original própria da palavra, como é evidente a partir de sua formação; *essentia*; em sua notação primitiva, significando, devidamente, ser. E, nesse sentido, ainda é usada quando falamos da essência de coisas particulares, sem atribuir-lhes qualquer nome.

Essências nominais. Em segundo lugar, o aprendizado e a discussão das escolas se ocuparam bastante de *genus* e *species*; a palavra “essência” quase perdeu sua significação primária e, ao invés da constituição real das coisas, foi usada quase totalmente como constituição artificial de *genus* e *species*. É verdade, usualmente presume-se uma constituição real dos grupos de coisas; e não há dúvidas de que deve haver uma constituição real, da qual qualquer coleção de ideias simples coexistindo deve depender. Porém, é evidente que as coisas são ordenadas sob nomes dentro de grupos ou *species*, somente quando concordam com certas ideias abstratas, às quais anexamos aqueles nomes, a essência de cada *genus*, ou grupo, vem a ser nada além dessa ideia abstrata que o nome geral, ou grupal (se me for permitido chamar assim a partir de grupo, tal como faço com geral de *genus*), representa. E isso, deveremos descobrir, será o que é importado pela palavra “essência” em seu uso mais familiar.

Esses dois grupos de essências, eu presumo, não devem ser inadequadamente nomeadas, uma essência real e a outra, nominal.

III.iii.15 *Several significations of the word “essence.”* But since the essences of things are thought by some (and not without reason) to be wholly unknown, it may not be amiss to consider the several significations of the word essence.

Real essences. First, Essence may be taken for the very being of anything, whereby it is what it is. And thus the real internal, but generally (in substances) unknown constitution of things, whereon their discoverable qualities depend, may be called their essence. This is the proper original signification of the word, as is evident from the formation of it; *essentia*, in its primary notation, signifying properly, being. And in this sense it is still used, when we speak of the essence of particular things, without giving them any name.

Nominal essences. Secondly, The learning and disputes of the schools having been much busied about genus and species, the word essence has almost lost its primary signification: and, instead of the real constitution of things, has been almost wholly applied to the artificial constitution of genus and species. It is true, there is ordinarily supposed a real constitution of the sorts of things; and it is past doubt there must be some real constitution, on which any collection of simple ideas co-existing must depend. But, it being evident that things are ranked under names into sorts or species, only as they agree to certain abstract ideas, to which we have annexed those names, the essence of each genus, or sort, comes to be nothing but that abstract idea which the general, or sortal (if I may have leave so to call it from sort, as I do general from genus), name stands for. And this we shall find to be that which the word essence imports in its most familiar use.

These two sorts of essences, I suppose, may not unfitly be termed, the one the real, the other nominal essence.

III.iii.16 *Constante conexão entre nome e essência nominal.* Entre a essência nominal e o nome há uma conexão tão próxima, que o nome de qualquer grupo de coisas não pode ser atribuído a qualquer ser particular que não o que possua essa essência, por meio da qual responde aquela ideia abstrata de que aquele nome é o sinal.

III.iii.16 *Constant connexion between the name and nominal essence.* Between the nominal essence and the name there is so near a connexion, that the name of any sort of things cannot be attributed to any particular being but what has this essence, whereby it answers that abstract idea whereof that name is the sign.

III.iii.17 *Suposição de que species são distinguidas por suas essências reais é inútil.* No que concerne às essências reais de substâncias corpóreas (para mencionar apenas essas) há, se não me equivoco, duas opiniões. Uma é daqueles que, utilizando a palavra “essência” para aquilo que não sabem, presumem certo número dessas essências, de acordo com as quais todas as coisas naturais são geradas e das quais todos eles fazem parte exatamente e, assim, se convertem nessa ou naquela *species*. A outra opinião, e a mais racional, é a de quem reconhece que todas as coisas naturais

têm uma constituição real, mas desconhecida, de suas partes insensíveis; é delas que decorrem as qualidades sensíveis que nos servem para distinguir estas mesmas coisas umas das outras, de acordo com a possibilidade de ordená-las em grupos, sob denominações comuns. A primeira dessas opiniões, que presume essas essências como certo número de formas ou moldes, em que todas as coisas naturais que existem são dispostas e fazem parte igualmente, confundiu, imagino, bastante o conhecimento sobre coisas naturais. A frequente produção de monstros, em todas as *species* de animais, e de crianças trocadas¹⁹⁵ [changeling], e outras questões singulares do nascimento humano, carregam consigo dificuldades que não são possíveis de ser baseadas nessa hipótese; já que é tão impossível que duas coisas compartilhem exatamente a mesma essência real tenham propriedades diferentes quanto duas figuras compartilhando a mesma essência real de um círculo tenham propriedades diferentes. Entretanto, se não houvesse outra razão contra isso, ainda assim a suposição de essências não pode ser conhecida. Apesar disso, naquilo em que se distinguem as *species* de coisas, é tão completamente inútil e inservível a qualquer parte do nosso conhecimento, que somente isso seria o suficiente para afastá-lo e contentarmo-nos com tais essências dos grupos ou *species* das coisas tal como vêm ao alcance do nosso conhecimento, o que, quando ponderado seriamente, será descoberto, como eu disse, como sendo nada além daquelas ideias abstratas às quais anexamos nomes gerais distintos.

III.iii.17 *Supposition, that species are distinguished by their real essences, useless.* Concerning the real essences of corporeal substances (to mention these only) there are, if I mistake not, two opinions. The one is of those who, using the word essence for they know not what, suppose a certain number of those essences, according to which all natural things are made, and wherein they do exactly every one of them partake, and so become of this or that species. The other and more rational opinion is of those who look on all natural things to have a real, but unknown, constitution of their insensible parts; from which flow those sensible qualities which serve us to distinguish them one from another, according as we have occasion to rank them into sorts, under common denominations. The former of these opinions, which supposes these essences as a certain number of forms or moulds, wherein all natural things that exist are cast, and do equally partake, has, I imagine, very much perplexed the knowledge of natural things.

¹⁹⁵ No folclore europeu e na crença popular, uma criança trocada (em francês *changelin* ou *changeon*, e, em inglês, *changeling*) é a prole de uma fada, troll ou outra criatura lendária que foi deixada secretamente em troca de uma criança humana.

The frequent productions of monsters, in all the species of animals, and of changelings, and other strange issues of human birth, carry with them difficulties, not possible to consist with this hypothesis; since it is as impossible that two things partaking exactly of the same real essence should have different properties, as that two figures partaking of the same real essence of a circle should have different properties. But were there no other reason against it, yet the supposition of essences that cannot be known; and the making of them, nevertheless, to be that which distinguishes the species of things, is so wholly useless and unserviceable to any part of our knowledge, that that alone were sufficient to make us lay it by, and content ourselves with such essences of the sorts or species of things as come within the reach of our knowledge: which, when seriously considered, will be found, as I have said, to be nothing else but, those abstract complex ideas to which we have annexed distinct general names.

III.iii.18 *Essências nominal e real são as mesmas em ideias e modos simples, diferentes em substâncias.* As essências são ,então, distintas entre nominal e real; mais adiante observaremos que, nas *species* de ideias de modos simples, são sempre as mesmas; porém em substâncias são sempre bastante diferentes. Logo, uma figura ocupando um espaço entre três linhas é tanto a essência real quanto a nominal de um triângulo: essa não é apenas a ideia abstrata da própria coisa, mas também a base de onde todas as propriedades emanam e na qual todas elas são incorporadas. Porém, isso é muito diferente quando se trata daquela parcela de matéria que gera o anel no meu dedo, em que essas duas essências são aparentemente diferentes. Pois é da constituição real de suas partes insensíveis que dependem todas essas propriedades de cor, peso, fusibilidade, não volatilidade etc. que encontramos no ouro, mas cuja constituição desconhecemos, de modo que, não tendo a menor ideia dela, não temos qualquer nome que seja seu sinal. Ainda assim, é sua cor, peso, fusibilidade, não volatilidade etc. que o tornam ouro, ou lhe dão o direito a esse nome, que é, portanto, sua essência nominal. Nada pode ser chamado de ouro senão o que possui uma conformidade de qualidades com aquela ideia abstrata complexa na qual o nome é incorporado. Porém, sobre essa distinção de essências, dado que pertence particularmente a substâncias, teremos, quando chegar o momento de refletir sobre seus nomes, oportunidade de discorrer mais detidamente.

III.iii.18 *Real and nominal essence the same in simple ideas and modes, different in substances.* Essences being thus distinguished into nominal and real, we may further observe, that, in the species of simple ideas and modes, they are always the same; but in substances always quite different. Thus, a figure including a space between three

lines, is the real as well as nominal essence of a triangle; it being not only the abstract idea to which the general name is annexed, but the very *essentia* or being of the thing itself; that foundation from which all its properties flow, and to which they are all inseparably annexed. But it is far otherwise concerning that parcel of matter which makes the ring on my finger; wherein these two essences are apparently different. For, it is the real constitution of its insensible parts, on which depend all those properties of colour, weight, fusibility, fixedness, &c., which are to be found in it; which constitution we know not, and so, having no particular idea of, having no name that is the sign of it. But yet it is its colour, weight, fusibility, fixedness, &c., which makes it to be gold, or gives it a right to that name, which is therefore its nominal essence. Since nothing can be called gold but what has a conformity of qualities to that abstract complex idea to which that name is annexed. But this distinction of essences, belonging particularly to substances, we shall, when we come to consider their names, have an occasion to treat of more fully.

III.iii.19. *Essências ingendráveis e incorruptíveis.* Pode-se, ademais, por aquilo que nos foi dito referente a essências, verificar que tais ideias abstratas, com nomes para elas tal como viemos falando são essências, i. é, que elas são todas ingendráveis e incorruptíveis. Ora, isso não pode ser o caso das verdadeiras constituições das coisas, que começam e terminam com elas. Todas as coisas que existem, excetuando seu Autor, são passíveis de mudanças, especialmente aquelas coisas com as quais estamos acostumados e as quais ordenamos em conjuntos com certos nomes ou insígnias. Desse modo, aquilo que hoje era grama, será amanhã a carne de uma ovelha e, dentro de alguns dias, tornar-se-á parte de um homem: em todas essas, e em mudanças semelhantes, é evidente que sua essência real – ou seja, essa constituição da qual as propriedades dessas várias coisas dependeram – é destruída e perece com elas. Porém, se as essências são tomadas por ideias estabelecidas na mente, com nomes incorporados a elas, deveriam manter-se solidamente as mesmas, independentemente das mutações passíveis de ocorrer nas substâncias particulares. Pois, não importa o que será de Alexandre e Bucéfalo, as ideias às quais “homem” e “cavalo” são incorporados devem permanecer as mesmas. Desse modo, as essências dessas *species* são preservadas íntegras e perenes, não importando as mudanças que ocorram a quaisquer ou a todos os indivíduos dessas *species*. Assim, a essência de uma *species* subsiste e se conserva inalterável, mesmo sem a existência de um único indivíduo desse grupo. Mesmo de no presente não houvesse qualquer círculo existindo em nenhum lugar no mundo, (assim como talvez essa figura não exista em lugar

nenhum determinado exatamente), ainda assim a ideia incorporada a esse nome não cessaria de ser o que é, tampouco cessaria de servir como um padrão para determinar quais das figuras particulares que encontramos têm ou não o direito ao nome “círculo” e, portanto, mostrar quais delas, possuindo essa essência, fariam parte dessa *species*. E, apesar de nunca existir ou ter existido na natureza um animal como um unicórnio ou um peixe como uma sereia, supondo que esses nomes representem ideias complexas que não contenham em si qualquer inconsistência, a essência de uma sereia é tão inteligível quanto a de um homem; e a ideia de um unicórnio tão certa, sólida e permanente quanto a de um cavalo. Do que foi dito, é evidente que a doutrina de imutabilidade das essências prova que elas -as serem são somente ideias abstratas e que está baseada na relação estabelecida entre elas e certos sons como seus sinais; e sempre será verdade, desde que o mesmo nome possa ter a mesma significação.

III.iii.19. *Essences ingenerable and incorruptible.* That such abstract ideas, with names to them, as we have been speaking of are essences, may further appear by what we are told concerning essences, viz. that they are all ingenerable and incorruptible. Which cannot be true of the real constitutions of things, which begin and perish with them. All things that exist, besides their Author, are all liable to change; especially those things we are acquainted with, and have ranked into bands under distinct names or ensigns. Thus, that which was grass today is to-morrow the flesh of a sheep; and, within a few days after, becomes part of a man: in all which and the like changes, it is evident their real essence—i.e. that constitution whereon the properties of these several things depended—is destroyed, and perishes with them. But essences being taken for ideas established in the mind, with names annexed to them, they are supposed to remain steadily the same, whatever mutations the particular substances are liable to. For, whatever becomes of Alexander and Bucephalus, the ideas to which man and horse are annexed, are supposed nevertheless to remain the same; and so the essences of those species are preserved whole and undestroyed, whatever changes happen to any or all of the individuals of those species. By this means the essence of a species rests safe and entire, without the existence of so much as one individual of that kind. For, were there now no circle existing anywhere in the world, (as perhaps that figure exists not anywhere exactly marked out), yet the idea annexed to that name would not cease to be what it is; nor cease to be as a pattern to determine which of the particular figures we meet with have or have not a right to the name circle, and so to show which of them, by having that essence, was of that species. And though there neither were nor had been in nature such a beast as an unicorn, or such a fish as a mermaid; yet, supposing those names to stand for complex abstract ideas that contained no inconsistency in them, the essence of a mermaid is as intelligible as that of a man; and the idea of an unicorn as certain, steady, and permanent as that of a horse. From what has been said, it is evident, that the doctrine of the immutability of essences proves them to be only abstract ideas; and is founded on the relation established between them and certain sounds as

signs of them; and will always be true, as long as the same name can have the same signification.

III.iii.20 *Recapitulação.* Para concluir. É isso o que eu, em resumo, diria, a saber, que todo o grande negócio de *genera* e *species*, e suas essências, equivale a não mais que isto: que os homens, ao gerarem ideias abstratas e instalarem-nas em suas mentes com nomes incorporados a elas, de fato habilitam, assim, a si mesmos a considerar as coisas, e a debater sobre elas como se estas estivessem, por assim dizer, reunidas em maços, para um aprimoramento e uma comunicação mais fáceis e ligeiros de seu conhecimento, o qual, de outro modo, avançaria vagarosamente se suas palavras e pensamentos estivessem confinados somente a particulares.

III.iii.20 *Recapitulation.* To conclude. This is that which in short I would say, viz. that all the great business of genera and species, and their essences, amounts to no more but this:- That men making abstract ideas, and settling them in their minds with names annexed to them, do thereby enable themselves to consider things, and discourse of them, as it were in bundles, for the easier and readier improvement and communication of their knowledge, which would advance but slowly were their words and thoughts confined only to particulars.

Capítulo IV – dos nomes das ideias simples

III.iv.1 *Os nomes das ideias simples, dos modos e das substâncias possuem, cada um, algo de peculiar. Apesar de todas as palavras, tal como mostrei, não significaram imediatamente nada além das ideias na mente do falante, ainda assim, sob uma inspeção mais aproximada, deveremos descobrir que os nomes das ideias simples, dos modos simples (entre os quais eu também abarco as relações) e das substâncias naturais possuem, cada um deles, algo de peculiar e de diferente do outro. Por exemplo:*

III.iv.1 *Names of simple ideas, modes, and substances, have each something peculiar.* Though all words, as I have shown, signify nothing immediately but the ideas in the mind of the speaker; yet, upon a nearer survey, we shall find the names of simple ideas, mixed modes (under which I comprise relations too), and natural substances, have each of them something peculiar and different from the other. For example:

III.iv.2 *Os nomes das ideias simples, e das substâncias, indicam existência real.* Em primeiro lugar, os nomes das ideias simples e das substâncias, com as ideias abstratas na mente que elas de imediato significam, indicam também alguma existência real, de onde foi derivado seu padrão original. Porém, os nomes dos modos mistos confinam-se à ideia que está na mente, e não conduzem os nossos pensamentos mais adiante; como veremos mais detidamente no próximo capítulo.

III.iv.2 *Names of simple ideas, and of substances intimate real existence.* First, the names of simple ideas and substances, with the abstract ideas in the mind which they immediately signify, intimate also some real existence, from which was derived their original pattern. But the names of mixed modes terminate in the idea that is in the mind, and lead not the thoughts any further; as we shall see more at large in the following chapter.

III.iv.3 *Os nomes das ideias simples e dos modos significam sempre tanto a essência real quanto a nominal.* Em segundo lugar, os nomes das ideias simples e dos modos significam sempre tanto a essência real quanto a nominal de sua *species*. Porém, os nomes das substâncias naturais raramente significam, se o fazem, qualquer outra coisa que não seja apenas as essências nominais dessas *species*, como mostraremos nos capítulo que trata dos nomes das substâncias em particular.

III.iv.3 *Names of simple ideas and modes signify always both real and nominal essences.* Secondly, The names of simple ideas and modes signify always the real as well as nominal essence of their species. But the names of natural substances signify rarely, if ever, anything but barely the nominal essences of those species; as we shall show in the chapter that treats of the names of substances in particular.

III.iv.4 *Os nomes das ideias simples são indefiníveis.* Em terceiro lugar, os nomes das ideias simples não são capazes de qualquer definição; os nomes de todas as ideias complexas, sim. Ainda não foi, que eu saiba, observado por ninguém quais as palavras que são capazes de ser definidas, e quais não. Essa lacuna é (como sou dado a pensar), não raro, propicia grandes querelas e obscuridades nas conversas dos homens: uns exigem definições de termos que não podem ser definidos e outros creem que não se darão por satisfeitos com uma explicação feita por uma palavra mais geral, ou por outra que lhe restrinja o significado, (ou para falar em termos técnicos, por um

genus e uma diferenciação), mesmo quando, depois dessa definição, gerada de acordo com as regras, aqueles que a ouvem não obtêm uma concepção mais clara do significado da palavra daquela que tinham antes. Isso, pelo menos é o que creio, que é mostrar quais as palavras que são e quais não são capazes de definições, e em que consiste uma boa definição, não está completamente além do nosso propósito atual, e talvez traga muito mais luz à natureza desses sinais e de nossas ideias, de modo que merecem uma consideração mais particular.

III.iv.4 *Names of simple ideas are undefinable.* Thirdly, The names of simple ideas are not capable of any definition; the names of all complex ideas are. It has not, that I know, been yet observed by anybody what words are, and what are not, capable of being defined; the want whereof is (as I am apt to think) not seldom the occasion of great wrangling and obscurity in men's discourses, whilst some demand definitions of terms that cannot be defined; and others think they ought not to rest satisfied in an explication made by a more general word, and its restriction, (or to speak in terms of art, by a genus and difference), when, even after such definition, made according to rule, those who hear it have often no more a clear conception of the meaning of the word than they had before. This at least I think, that the showing what words are, and what are not, capable of definitions, and wherein consists a good definition, is not wholly besides our present purpose; and perhaps will afford so much light to the nature of these signs and our ideas, as to deserve a more particular consideration.

III.iv.5 *Se todos os nomes fossem definíveis, seria uma progressão in infinitum.* Não pretendo demorar-me a provar que não é possível que todos os termos sejam definíveis, segundo essa progressão *in infinitum*, ao que visivelmente nos conduzirá, se admitirmos que todos os nomes poderiam ser definidos. Ora, se os termos de uma definição fossem ainda definidos por outra, onde enfim parariíamos? Porém, pretendo, a partir da natureza das nossas ideias, e da significação das nossas palavras, demonstrar por que alguns nomes podem, e outros não podem ser definidos, e quais são eles.

III.iv.5 *If all names were definable, it would be a process in infinitum.* I will not here trouble myself to prove that all terms are not definable, from that progress in infinitum, which it will visibly lead us into, if we should allow that all names could be defined. For, if the terms of one definition were still to be defined by another, where at last should we stop? But I shall, from the nature of our ideas, and the signification of our words, show why some names can, and others cannot be defined; and which they are.

III.iv.6 *O que é uma definição.* Creio haver concordância no fato de que uma definição nada mais é do que mostrar a acepção de uma palavra por meio de outros termos não sinônimos. A acepção das palavras resume-se às ideias que elas devem representar para aquele que as utiliza; logo, a acepção de qualquer termo é mostrada, ou a palavra é definida, quando, por meio de outras palavras, a ideia da qual essa mesma palavra se torna o sinal e a qual é incorporada à mente do falante é, por assim dizer, representada, ou colocada diante da visão de outro, e assim sua significação é verificada. Essa é a única utilização e finalidade das definições; e, portanto, a única medida do que é ou não uma boa definição.

III.iv.6 *What a definition is.* I think it is agreed, that a definition is nothing else but the showing the meaning of one word by several other not synonymous terms. The meaning of words being only the ideas they are made to stand for by him that uses them, the meaning of any term is then showed, or the word is defined, when, by other words, the idea it is made the sign of, and annexed to, in the mind of the speaker, is as it were represented, or set before the view of another; and thus its signification is ascertained. This is the only use and end of definitions; and therefore the only measure of what is, or is not a good definition.

III.iv.7 *Ideias simples, por que são indefiníveis.* Tomando o que foi dito como premissa, digo que os nomes das ideias simples, e somente esses, são incapazes de serem definidos. A razão disso é esta: que os vários termos de uma definição, ao significarem várias ideias, não podem, nenhum deles, de modo algum, simbolizar uma ideia que não possui uma estrutura. Portanto, uma definição, que não é propriamente outra coisa senão mostrar a acepção de uma palavra por meio de várias outras que individualmente não significam a mesma coisa, não pode ter cabimento em se tratando dos nomes das ideias simples.

III.iv.7 *Simple ideas, why undefinable.* This being premised, I say that the names of simple ideas, and those only, are incapable of being defined. The reason whereof is this, That the several terms of a definition, signifying several ideas, they can all together by no means represent an idea which has no composition at all: and therefore a definition, which is properly nothing but the showing the meaning of one word by several others not signifying each the same thing, can in the names of simple ideas have no place.

III.iv.8 *Exemplos: definições escolásticas de movimento.* A inobservância dessa diferenciação nas nossas ideias, e seus nomes, produziu nas escolas tentativas ridículas de definições para algumas dessas ideias simples. É fácil observar como até mesmo os mestres de definições preferiram deixar intocadas a maior parte das ideias simples, por verificarem que isso era impossível. Que outro jargão mais refinado poderia a sagacidade humana inventar além desta definição: “O ato de um ser em potência, na medida em que está em potência”? Ela desorientaria qualquer homem racional, para quem essa definição já não fosse conhecida por sua famosa absurdidade, ao tentar adivinhar a qual palavra se refere a presumida explicação. Se Cícero, questionando um holandês sobre o que seria “beweeginge”, recebesse essa explicação em sua própria língua, que seria “actus entis in potentia quatenus in potentia”, pergunto se alguém poderia imaginar que ele teria entendido o que a palavra “beweeginge” significa, ou teria adivinhado que ideia um holandês usualmente possuiria em mente, e significaria para outro, quando ele utilizasse aquele som.

III.iv.8 *Instances: scholastic definitions of motion.* The not observing this difference in our ideas, and their names, has produced that eminent trifling in the schools, which is so easy to be observed in the definitions they give us of some few of these simple ideas. For, as to the greatest part of them, even those masters of definitions were fain to leave them untouched, merely by the impossibility they found in it. What more exquisite jargon could the wit of man invent, than this definition:- “The act of a being in power, as far forth as in power”; which would puzzle any rational man, to whom it was not already known by its famous absurdity, to guess what word it could ever be supposed to be the explication of. If Tully, asking a Dutchman what beweeginge was, should have received this explication in his own language, that it was “actus entis in potentia quatenus in potentia”; I ask whether any one can imagine he could thereby have understood what the word beweeginge signified, or have guessed what idea a Dutchman ordinarily had in his mind, and would signify to another, when he used that sound?

III.iv.9 *Definições modernas de movimento.* Tampouco os filósofos modernos, que se empenharam em livrar-se dos jargões das escolas, e em falar inteligivelmente, tiveram mais sucesso em definir as ideias simples, seja explicando suas causas, ou qualquer outra coisa. Que mais fazem os atomistas, que definem movimento como “o trânsito de um lugar para outro”, do que colocar uma palavra sinônima do lugar de outra? Pois, o que seria “trânsito” senão movimento? E, se eles fossem questionados sobre o que é trânsito, que melhor forma teriam de definir senão por movimento? Ora, não seria tão

adequado e significativo dizer “trânsito é o movimento de um lugar para outro”, quanto dizer, “movimento é o trânsito etc.”? Isso é traduzir, e não definir, quando trocamos duas palavras de mesma significação uma pela outra. Quando uma é mais bem entendida que outra, pode ser útil para descobrir que ideia a desconhecida representa, mas está muito longe de uma definição, a não ser que digamos que toda palavra em inglês no dicionário seja a definição da palavra latina que lhe corresponda, e que “movimento” [motion] é a definição de *motus*. Tampouco, “a sucessiva aplicação de partes das superfícies de um corpo às de outro”, que os cartesianos nos oferecem, provará se uma melhor definição de movimento, quando bem examinada.

III.iv.9 *Modern definitions of motion.* Nor have the modern philosophers, who have endeavoured to throw off the jargon of the schools, and speak intelligibly, much better succeeded in defining simple ideas, whether by explaining their causes, or any otherwise. The atomists, who define motion to be "a passage from one place to another," what do they more than put one synonymous word for another? For what is passage other than motion? And if they were asked what passage was, how would they better define it than by motion? For is it not at least as proper and significant to say, Passage is a motion from one place to another, as to say, Motion is a passage, &c.? This is to translate, and not to define, when we change two words of the same signification one for another; which, when one is better understood than the other, may serve to discover what idea the unknown stands for; but is very far from a definition, unless we will say every English word in the dictionary is the definition of the Latin word it answers, and that motion is a definition of *motus*. Nor will the "successive application of the parts of the superficies of one body to those of another," which the Cartesians give us, prove a much better definition of motion, when well examined.

III.iv.10 *Definições de luz.* “o ato de ser transparente, na medida em que é transparente”, é outra definição peripatética de uma ideia simples, que, apesar de não mais absurda que a anterior de movimento, ainda trai sua inutilidade e insignificância de forma mais evidente: porque a experiência facilmente convencerá qualquer um de que ela não fará com que a acepção da palavra “luz” (que ela finge definir) seja de modo algum compreendida por um cego. Entretanto, a definição de movimento não parece, num primeiro olhar, tão inútil, porque escapa a esse meio de julgamento. Para essa ideia simples, que ingressa na mente pelo tato e também pela visão, é impossível encontrar alguém que só consiga adquirir a ideia de movimento apenas por meio da definição desse nome. Aqueles que nos falam que luz é uma grande quantidade de

pequenos glóbulos, colidindo energicamente no fundo do olho, dizem de forma mais inteligível do que as escolas; mas, ainda assim, essas palavras, nunca tão bem entendidas, não tornariam a ideia que a palavra “luz” representa mais conhecidas a um homem que não a apreendeu antes, do que se alguém lhe falasse que luz não é nada mais do que uma reunião de pequenas bolas de tênis, as quais fadas rebatem o dia inteiro com raquetes contra a fronte de alguns homens, enquanto não o fazem a outros. Admitindo que essa explicação seja verdadeira, se não tivéssemos a ideia da causa da luz tão exata, sua ideia não nos daria a ideia mesma de luz com maior clareza, já que é uma percepção tão particular em nós, do que a ideia da figura e movimento de um pedaço afiado de aço nos daria sobre a ideia da dor que ela é capaz de nos causar. De fato, a causa de qualquer sensação e a própria são duas ideias opostas em todas as ideias simples de sentido; e são tão opostas e diferentes entre si que não pode haver duas outras que o sejam mais. E, portanto, nem mesmo se os glóbulos de Descartes tivessem colidido por tanto tempo na retina de um homem cego por amaurose, ele teria qualquer ideia de luz, ou qualquer coisa que se lhe aproximasse, embora entendesse muito bem o que eram os pequenos glóbulos, e o que era colidir num outro corpo. E, portanto, os cartesianos distinguem muito bem entre essa luz que é a causa da sensação correspondente em nós e a ideia que é produzida em nós por ela, e é o que devidamente é luz.

III.iv.10 *Definitions of light.* "The act of perspicuous, as far forth as perspicuous," is another Peripatetic definition of a simple idea; which, though not more absurd than the former of motion, yet betrays its uselessness and insignificancy more plainly; because experience will easily convince any one that it cannot make the meaning of the word light (which it pretends to define) at all understood by a blind man, but the definition of motion appears not at first sight so useless, because it escapes this way of trial. For this simple idea, entering by the touch as well as sight, it is impossible to show an example of any one who has no other way to get the idea of motion, but barely by the definition of that name. Those who tell us that light is a great number of little globules, striking briskly on the bottom of the eye, speak more intelligibly than the Schools: but yet these words never so well understood would make the idea the word light stands for no more known to a man that understands it not before, than if one should tell him that light was nothing but a company of little tennis-balls, which fairies all day long struck with rackets against some men's foreheads, whilst they passed by others. For granting this explication of the thing to be true, yet the idea of the cause of light, if we had it never so exact, would no more give us the idea of light itself, as it is such a particular perception in us, than the idea of the figure and motion of a sharp piece of steel would give us the idea of that pain

which it is able to cause in us. For the cause of any sensation, and the sensation itself, in all the simple ideas of one sense, are two ideas; and two ideas so different and distant one from another, that no two can be more so. And therefore, should Descartes's globules strike never so long on the retina of a man who was blind by a gutta serena, he would thereby never have any idea of light, or anything approaching it, though he understood never so well what little globules were, and what striking on another body was. And therefore the Cartesians very well distinguish between that light which is the cause of that sensation in us, and the idea which is produced in us by it, and is that which is properly light.

III.iv.11 *Explica-se melhor por que as ideias simples são indefiníveis.* As ideias simples, como foi mostrado, podem somente ser captadas por aquelas impressões que os próprios objetos geram nas nossas mentes, pelas devidas vias adequadas para cada grupo. Se elas não são recebidas dessa maneira, todas as palavras no mundo, utilizadas para explicar ou definir quaisquer de seus nomes, jamais serão capazes de produzir em nós as ideias que representam. As palavras são sons, logo, não podem produzir em nós outras ideias simples senão as desses sons; tampouco incitar qualquer ideia em nós, senão em virtude da conexão espontânea que se sabe existir entre eles e essas ideias simples das quais o emprego coletivo tornou-os um sinal. Quem pensa o contrário, que teste se quaisquer palavras podem dar-lhe o gosto de um abacaxi, e fazer com que ele possua a ideia verdadeira do sabor maravilhoso dessa afamada fruta. Na medida em que lhe é dito que esses gosto é semelhante a outros cujas ideias ele já possui em sua mente, gravados lá por objetos sensíveis, não estranhos ao seu paladar, ele poderá aproximar-se a essa semelhança em sua mente. Isso não é obter essa ideia por definição, mas incitar em nós outras ideias simples por meio dos seus nomes conhecidos; o que ainda será bem diferente do verdadeiro gosto daquela mesma fruta. Em luzes e cores, e em todas as outras ideias simples, é a mesma coisa: pois a significação de sons não é natural, mas somente imposta e arbitrária. E nenhuma definição de luz ou de vermelho é mais adequada ou mais capaz de produzir em nós uma dessas ideias, do que o próprio som “luz” ou “vermelho”. Pois, esperar produzir uma ideia de luz ou de cor por meio de um som, seja ele qual for, é como esperar que os sons sejam visíveis, ou cores audíveis; e fazer com que as orelhas realizem o trabalho de todos os outros sentidos. Isso é o mesmo que dizer que degustamos, cheiramos e vemos por meio das orelhas: um tipo de filosofia digna apenas de Sancho

Pança, o qual possuía a faculdade de ver Dulcineia por ouvir dizer. E, portanto, aquele que antes não recebeu em sua mente, pela devida via, a ideia simples que qualquer palavra representa, jamais virá a saber a sua significação por meio de quaisquer outras palavras ou sons, sejam eles quais forem, e unidas de acordo com quaisquer regras de definição. O único meio é ao aplicar o objeto mesmo aos seus sentidos; e, dessa maneira, produzir uma ideia em si mesmo para a qual já aprendeu um nome. Um homem cego estudioso, que pesquisou compulsiva e intensamente sobre objetos visíveis, e utilizou a explicação de seus livros e amigos, para entender aqueles nomes de luz e de cores que com frequência apareciam em seu caminho, jactou-se um dia de que agora ele entendia o que “escarlate” significava. A respeito disso, seu amigo exigiu saber, o que escarlate era; o cego respondeu que era como o som de uma trombeta. Somente esse tipo de entendimento do nome de qualquer outra ideia simples terá quem espera obtê-lo por meio de uma definição, ou de outras palavras empregadas para explicá-la.

III.iv.11 *Simple ideas, why undefinable, further explained.* Simple ideas, as has been shown, are only to be got by those impressions objects themselves make on our minds, by the proper inlets appointed to each sort. If they are not received this way, all the words in the world, made use of to explain or define any of their names, will never be able to produce in us the idea it stands for. For, words being sounds, can produce in us no other simple ideas than of those very sounds; nor excite any in us, but by that voluntary connexion which is known to be between them and those simple ideas which common use has made them the signs of. He that thinks otherwise, let him try if any words can give him the taste of a pine-apple, and make him have the true idea of the relish of that celebrated delicious fruit. So far as he is told it has a resemblance with any tastes whereof he has the ideas already in his memory, imprinted there by sensible objects, not strangers to his palate, so far may he approach that resemblance in his mind. But this is not giving us that idea by a definition, but exciting in us other simple ideas by their known names; which will be still very different from the true taste of that fruit itself. In light and colours, and all other simple ideas, it is the same thing: for the signification of sounds is not natural, but only imposed and arbitrary. And no definition of light or redness is more fitted or able to produce either of those ideas in us, than the sound light or red, by itself. For, to hope to produce an idea of light or colour by a sound, however formed, is to expect that sounds should be visible, or colours audible; and to make the ears do the office of all the other senses. Which is all one as to say, that we might taste, smell, and see by the ears: a sort of philosophy worthy only of Sancho Panza, who had the faculty to see Dulcinea by hearsay. And therefore he that has not before received into his mind, by the proper inlet, the simple idea which any word stands for, can never come to know the signification of that word by any other words or sounds whatsoever, put together according to any rules of definition. The only way is, by

applying to his senses the proper object; and so producing that idea in him, for which he has learned the name already. A studious blind man, who had mightily beat his head about visible objects, and made use of the explication of his books and friends, to understand those names of light and colours which often came in his way, bragged one day, That he now understood what scarlet signified. Upon which, his friend demanding what scarlet was? The blind man answered, It was like the sound of a trumpet. Just such an understanding of the name of any other simple idea will he have, who hopes to get it only from a definition, or other words made use of to explain it.

III.iv.12 *O oposto ocorre nas ideias complexas, visto por meio do exemplos de uma estátua e um arco-íris.* O caso é bem distinto quando das ideias complexas: por serem constituídas de várias simples, está no poder das palavras, que representam as várias ideias que geram essa composição, gravar ideias complexas na mente em que nunca esteve antes e, dessa forma, tornar seus nomes entendidos. Nessas coleções de ideias específicas, agregar um nome, definição, ou um ensinamento da significação de uma palavra por meio de várias outras, é oportuno, e pode fazer com que entendamos os nomes das coisas que jamais viriam ao alcance dos nossos sentidos, e estructuremos ideias adequadas a elas na mente de outros homens, quando usam aqueles nomes - contanto que nenhum dos termos da definição represente alguma ideia simples, que ele, a quem a explicação é feita, ainda nunca obteve em seu pensamento. Assim, a palavra “estátua” pode ser explicada a um homem cego por meio de outras palavras, quando “pintura” não o faz; já que seus sentidos já lhe concederam a ideia de figura, mas não de cores, coisa que as palavras, portanto, não são capazes de incitar nele. Isso rendeu o prêmio ao pintor, não ao escultor: ambos competiam pela excelência de sua arte, o escultor gabou-se de que a sua era a preferida, pois possuía um maior alcance, até mesmo quem perdeu a vista poderia apreender sua excelência. O pintor concordou em submeter-se ao julgamento de um homem cego. Este foi trazido onde havia uma estátua feita por um, e uma pintura feita por outro; ele primeiro foi conduzido à estátua, cujos contornos do rosto e do corpo ele traçou com suas mãos e, com grande admiração, aplaudiu a habilidade do artífice. Entretanto, ao ser conduzido à pintura, e ao ter suas mãos colocadas sobre ela, foi-lhe dito que primeiro tocava a cabeça, depois a testa, os olhos, o nariz etc., enquanto suas mãos percorriam as partes da imagem na tela, sem notar a mínima distinção. A respeito disso, clamou que certamente aquilo deveria inevitavelmente ser uma amostra de uma habilidade muito

admirável e divina, pois retratava para eles todas aquelas partes que ele não era capaz de sentir e de tampouco apreender.

III.iv.12 *The contrary shown in complex ideas, by instances of a statue and rainbow.* The case is quite otherwise in complex ideas; which, consisting of several simple ones, it is in the power of words, standing for the several ideas that make that composition, to imprint complex ideas in the mind which were never there before, and so make their names be understood. In such collections of ideas, passing under one name, definition, or the teaching the signification of one word by several others, has place, and may make us understand the names of things which never came within the reach of our senses; and frame ideas suitable to those in other men's minds, when they use those names: provided that none of the terms of the definition stand for any such simple ideas, which he to whom the explication is made has never yet had in his thought. Thus the word statue may be explained to a blind man by other words, when picture cannot; his senses having given him the idea of figure, but not of colours, which therefore words cannot excite in him. This gained the prize to the painter against the statuary: each of which contending for the excellency of his art, and the statuary bragging that his was to be preferred, because it reached further, and even those who had lost their eyes could yet perceive the excellency of it. The painter agreed to refer himself to the judgment of a blind man; who being brought where there was a statue made by the one, and a picture drawn by the other; he was first led to the statue, in which he traced with his hands all the lineaments of the face and body, and with great admiration applauded the skill of the workman. But being led to the picture, and having his hands laid upon it, was told, that now he touched the head, and then the forehead, eyes, nose, &c., as his hand moved over the parts of the picture on the cloth, without finding any the least distinction: whereupon he cried out, that certainly that must needs be a very admirable and divine piece of workmanship, which could represent to them all those parts, where he could neither feel nor perceive anything.

III.iv.13 *As cores são indefiníveis pelo cego de nascença.* Aquele que utilizaria a palavra “arco-íris” a quem conhece todas aquelas cores, mas mesmo assim jamais viu tal fenômeno, definiria, ao enumerar o desenho, a extensão, a posição, e ordem das cores, tão bem essa palavra que ela poderia ser perfeitamente entendida. Entretanto, essa definição, mesmo com tamanha exatidão e perfeição, jamais faria um homem cego compreendê-la, porque várias das ideias simples que compõem essa complexa, por serem aquelas tais que ele nunca assimilou por meio de sensação e experiência, nenhuma palavra seria capaz de incitá-las em sua mente.

III.iv.13 *Colours indefinable to the born-blind.* He that should use the word rainbow to one who knew all those colours, but yet had never seen that phenomenon, would, by enumerating the figure, largeness, position, and order of the colours, so well define that

word that it might be perfectly understood. But yet that definition, how exact and perfect soever, would never make a blind man understand it; because several of the simple ideas that make that complex one, being such as he never received by sensation and experience, no words are able to excite them in his mind.

III.iv.14 *As ideias complexas são definíveis somente quanto as ideias simples das quais consistem foram obtidas da experiência.* As ideias simples, como foi mostrado, podem somente ser obtidas por meio da experiência desses objetos que são propícios a produzir em nós essas percepções. Quando, dessa forma, abastecemos nossas mentes com essas ideias, e sabemos os nomes para elas, então estamos em condições de definir, e, por definição, entender, os nomes das ideias complexas que são produzidos para elas. Mas, quando algum termo representa uma ideia simples que um homem ainda nunca possuiu em sua mente, é impossível, por meio de qualquer palavra torná-lhe sua aceção conhecida. Quando algum termo representa uma ideia com a qual um homem está acostumado, porém é ignorante ao fato de que esse termo é seu sinal, então outro nome para a mesma ideia, com que ele foi habituado, pode fazer com que ele entenda sua aceção. Entretanto, em momento algum, nenhum nome de qualquer ideia simples dispõe de uma definição.

III.iv.14 *Complex ideas definable only when the simple ideas of which they consist have been got from experience.* Simple ideas, as has been shown, can only be got by experience from those objects which are proper to produce in us those perceptions. When, by this means, we have our minds stored with them, and know the names for them, then we are in a condition to define, and by definition to understand, the names of complex ideas that are made up of them. But when any term stands for a simple idea that a man has never yet had in his mind, it is impossible by any words to make known its meaning to him. When any term stands for an idea a man is acquainted with, but is ignorant that that term is the sign of it, then another name of the same idea, which he has been accustomed to, may make him understand its meaning. But in no case whatsoever is any name of any simple idea capable of a definition.

III.iv.15 *Os nomes das ideias simples têm aceção menos duvidosa do que aquelas dos modos mistos e das substâncias.* Em quarto lugar, muito embora os nomes das ideias simples não tenham o auxílio da definição para determinar sua significação, isso não lhes impede de serem geralmente menos duvidosos e incertos do que aqueles dos modos mistos e das substâncias; por representarem apenas uma percepção, os

homens, na maior parte das vezes, concordam fácil e perfeitamente com sua significação; e há pouco espaço para erro e querela sobre sua acepção. Quem, uma vez sabendo que “alvura” é o nome daquela cor que ele observou na neve ou no leite, não empregará erroneamente sua acepção, desde que retenha essa ideia; e, se ocorre de perdê-la completamente, não será fácil confundir seu sentido, porém notará que não o compreende. Não há uma multiplicidade de ideias simples a serem unidas, que gere a dubiedade nos nomes dos modos mistos, tampouco uma essência real hipotética, porém desconhecida, com propriedades dependentes dela cujo número preciso também é desconhecido, que é o que gera a dificuldade nos nomes das substâncias. Porém, por outro lado, nas ideias simples toda a significação dos nomes é conhecida de uma só vez, não consistem em partes, que sendo inseridas mais ou menos, pode variar a ideia, e dessa forma tornar o nome obscuro, ou incerto.

III.iv.15 *Names of simple ideas of less doubtful meaning than those of mixed modes and substances.* Fourthly, But though the names of simple ideas have not the help of definition to determine their signification, yet that hinders not but that they are generally less doubtful and uncertain than those of mixed modes and substances; because they, standing only for one simple perception, men for the most part easily and perfectly agree in their signification; and there is little room for mistake and wrangling about their meaning. He that knows once that whiteness is the name of that colour he has observed in snow or milk, will not be apt to misapply that word, as long as he retains that idea; which when he has quite lost, he is not apt to mistake the meaning of it, but perceives he understands it not. There is neither a multiplicity of simple ideas to be put together, which makes the doubtfulness in the names of mixed modes; nor a supposed, but an unknown, real essence, with properties depending thereon, the precise number whereof is also unknown, which makes the difficulty in the names of substances. But, on the contrary, in simple ideas the whole signification of the name is known at once, and consists not of parts, whereof more or less being put in, the idea may be varied, and so the signification of name be obscure, or uncertain.

III.iv.16 *As ideias simples possuem poucos graus na linea predicamentali.* Em quinto lugar, deve-se, ademais, ser observado no que concerne às ideias simples e aos seus nomes, que elas, contudo, possuem poucos graus na *linea predicamentali*, (tal como a chamam), desde as *species* mais inferiores até o *summum genus*. A razão disso é que das *species* mais inferiores, por serem apenas uma mera ideia simples, nada pode ser retirado que, dessa forma, havendo-se eliminado a diferença, a faça concordar com

alguma outra coisa em uma ideia comum a ambas. Essa coisa, possuindo um nome, é o *genus* das outras duas: por exemplo, não há nada que possa ser retirado da ideia de branco ou de vermelho que faça com que concordem em um aspecto em comum, e assim possuir um nome geral; como no caso de racionalidade, ao ser retirada da ideia complexa de “homem”, faz com que ela concorde com brutamontes na ideia mais geral e nome de “animal”. E, portanto, quando, para evitar enumerações desagradáveis, os homens abrangessem branco e vermelho em conjunto, e outras várias dessas ideias simples, sob um nome geral, eles se disporiam a fazer isso por meio de uma palavra que denotasse somente o meio pelo qual foram internalizados na mente. Porque, quando branco, vermelho e amarelo são todos abrangidos sob o *genus* ou nome “cor”, significa não mais do que serem essas ideias produzidas na mente somente por meio da visão, e ingressarem somente através dos olhos. E quando fossem estruturar um termo ainda mais geral para abranger tanto cores quanto sons, e as ideias simples semelhantes, eles o fariam com uma palavra que significa tudo o que entra na mente por meio de um sentido só. E, assim, a qualidade do termo geral, em sua aceitação usual, abrange cores, sons, gostos, cheiros e qualidades tangíveis, com a distinção de extensão, número, movimento, prazer, e dor, o que gera as impressões na mente e apresenta suas ideias por meio de mais sentidos do que apenas um.

III.iv.16 *Simple ideas have few ascents in linea praedicamentali.* Fifthly, This further may be observed concerning simple ideas and their names, that they have but few ascents in linea praedicamentali, (as they call it,) from the lowest species to the summum genus. The reason whereof is, that the lowest species being but one simple idea, nothing can be left out of it, that so the difference being taken away, it may agree with some other thing in one idea common to them both; which, having one name, is the genus of the other two: v.g. there is nothing that can be left out of the idea of white and red to make them agree in one common appearance, and so have one general name; as rationality being left out of the complex idea of man, makes it agree with brute in the more general idea and name of animal. And therefore when, to avoid unpleasant enumerations, men would comprehend both white and red, and several other such simple ideas, under one general name, they have been fain to do it by a word which denotes only the way they get into the mind. For when white, red, and yellow are all comprehended under the genus or name colour, it signifies no more but such ideas as are produced in the mind only by the sight, and have entrance only through the eyes. And when they would frame yet a more general term to comprehend both colours and sounds, and the like simple ideas, they do it by a word that signifies all such as come into the mind only by one sense. And so the general term quality, in its ordinary acceptation, comprehends colours, sounds, tastes, smells, and tangible qualities, with distinction from extension,

number, motion, pleasure, and pain, which make impressions on the mind and introduce their ideas by more senses than one.

III.iv.17 *Os nomes das ideias simples não são arbitrários, mas tomados de forma perfeita da existência das coisas.* Em sexto lugar, os nomes das ideias simples, substâncias e modos mistos possuem também esta diferença: os dos modos mistos representam ideias perfeitamente arbitrárias; os das substâncias não perfeitamente, pois referem-se a um padrão, embora com alguma liberdade; e os das ideias simples são tomados perfeitamente da existência das coisas e de forma alguma são arbitrários. Veremos nos próximos capítulos qual diferença isso gera nas significações de seus nomes.

- Modos simples. Os nomes dos modos simples diferem pouco dos das ideias simples.

III.iv.17 Names of simple ideas not arbitrary, but perfectly taken from the existence of things. Sixthly, The names of simple ideas, substances, and mixed modes have also this difference: that those of mixed modes stand for ideas perfectly arbitrary; those of substances are not perfectly so, but refer to a pattern, though with some latitude; and those of simple ideas are perfectly taken from the existence of things, and are not arbitrary at an. Which, what difference it makes in the significations of their names, we shall see in the following chapters.

-Simple modes. The names of simple modes differ little from those of simple ideas.

Capítulo V – dos nomes dos modos mistos e de relações

III.v.1 *Os modos mistos representam tanto ideias abstratas quanto nomes gerais.* Dado que os nomes dos modos mistos são gerais, esses representam, como foi visto, grupos ou *species* de coisas, cada qual com sua essência peculiar. As essências dessas *species*, portanto, como também já foi dito, são apenas as ideias abstratas na mente, às quais o nome é anexado. Até aqui, os nomes e as essências dos modos mistos têm apenas aquilo que é comum a outras ideias; contudo, se os investigarmos com um

pouco mais de esmero, descobriremos que há algo de peculiar neles que talvez valha nossa atenção.

III.v.1 *Mixed modes stand for abstract ideas, as other general names.* The names of mixed modes, being general, they stand, as has been shewed, for sorts or species of things, each of which has its peculiar essence. The essences of these species also, as has been shewed, are nothing but the abstract ideas in the mind, to which the name is annexed. Thus far the names and essences of mixed modes have nothing but what is common to them with other ideas: but if we take a little nearer survey of them, we shall find that they have something peculiar, which perhaps may deserve our attention.

III.v.2 *Em primeiro lugar, as ideias abstratas por eles representadas são geradas pelo entendimento.* A primeira particularidade que eu pretendo observar é que as ideias abstratas, ou, se preferir, as essências das várias *species* de modos mistos, são geradas pelo entendimento. Nisso diferem daquelas das ideias simples: para este grupo, a mente não tem o poder para gerar uma dessas, recebe apenas o que lhe é apresentado pela existência real das coisas que operam sobre aquela.

III.v.2 *First, The abstract ideas they stand for are made by the understanding.* The first particularity I shall observe in them, is, that the abstract ideas, or, if you please, the essences, of the several species of mixed modes, are made by the understanding, wherein they differ from those of simple ideas: in which sort the mind has no power to make any one, but only receives such as are presented to it by the real existence of things operating upon it.

III.v.3 *Em segundo lugar, são geradas de forma arbitrária se sem padrão.* A seguir, é possível notar que essas essências das *species* dos modos mistos não são apenas geradas pela mente, mas geradas de forma muito arbitrária, geradas sem padrões ou referência a qualquer existência real. Nisso diferem das de substâncias, as quais carregam consigo a hipóteses de algum ser real, do qual são tomadas e com o qual estão em conformidade. Porém, em suas ideias complexas de modos mistos, a mente toma a liberdade de não respeitar exatamente a existência das coisas. Ela une e retém coleções, como outras tantas ideias específicas distintas; enquanto outras que, outrossim, ocorrem frequentemente na natureza e são evidentemente sugeridas por coisas externas são negligenciadas, sem nomes particulares ou especificações.

Tampouco a mente, nessas essências dos modos mistos, bem como na ideia complexa de substâncias, examina-as a partir da existência real das coisas; ou verifica-as a partir de padrões que contenham tais composições particulares na natureza. Para saber se suas ideias de adultério ou de incesto estão corretas, iria um homem buscá-las em qualquer parte entre as coisas existentes? Ou elas seriam verdadeiras porque alguém foi testemunha dessas ações? Não; mas é suficiente que os homens tenham reunido aquela coleção em uma ideia complexa de modo a torná-la um arquétipo e ideia específica, não importa se cada uma das ações tenha sido cometida *in rerum natura* ou não.

III.v.3 *Secondly, made arbitrarily, and without patterns.* In the next place, these essences of the species of mixed modes are not only made by the mind, but made very arbitrarily, made without patterns, or reference to any real existence. Wherein they differ from those of substances, which carry with them the supposition of some real being, from which they are taken, and to which they are conformable. But, in its complex ideas of mixed modes, the mind takes a liberty not to follow the existence of things exactly. It unites and retains certain collections, as so many distinct specific ideas; whilst others, that as often occur in nature, and are as plainly suggested by outward things, pass neglected, without particular names or specifications. Nor does the mind, in these of mixed modes, as in the complex idea of substances, examine them by the real existence of things; or verify them by patterns containing such peculiar compositions in nature. To know whether his idea of adultery or incest be right, will a man seek it anywhere amongst things existing? Or is it true because any one has been witness to such an action? No: but it suffices here, that men have put together such a collection into one complex idea, that makes the archetype and specific idea, whether ever any such action were committed in *rerum natura* or no.

III.v.4 *Como isso acontece.* Para entender isso bem, devemos considerar em que consiste a geração dessas ideias complexas – que não é em gerar uma ideia nova, mas agrupar aquelas que a mente já possui antes. Nesse sentido, a mente realiza três operações, a saber: em primeiro lugar, escolhe um certo número de ideias; em segundo lugar, conecta-as e reúne-as em uma única ideia; em terceiro lugar, prende-as a um nome. Se examinarmos como a mente procede nessa situação e a liberdade com que trata esse procedimento, observaremos com facilidade como essas essências das *species* dos modos mistos são obra da mente; e, por consequência, que as próprias *species* são produtos humanos claramente arbitrários.

III.v.4 *How this is done.* To understand this right, we must consider wherein this making of these complex ideas consists; and that is not in the making any new idea, but putting together those which the mind had before. Wherein the mind does these three things: First, It chooses a certain number; Secondly, It gives them connexion, and makes them into one idea; Thirdly, It ties them together by a name. If we examine how the mind proceeds in these, and what liberty it takes in them, we shall easily observe how these essences of the species of mixed modes are the workmanship of the mind; and, consequently, that the species themselves are of men's making.

III.v.5 *A ideia precede com frequência a existência, isso é evidentemente arbitrário.* Não se pode duvidar de que essas ideias de modos mistos são geradas a partir de uma coleção espontânea de ideias, reunidas na mente, independentemente de qualquer padrão original na natureza. Porém, é preciso, então, considerar que esse tipo de ideias complexas pode ser gerado, abstraído e ter um nome atribuído, e assim constituir uma *species*, antes da existência de algum indivíduo dessa mesma *species*. Quem duvida de que é possível formar nas mentes dos homens as ideias de sacrilégio ou de adultério, e atribuir-lhes nomes de modo que essas *species* de modos mistos sejam estabelecidas antes mesmo de essas ações serem cometidas, e serem igualmente debatidas e refletidas e terem verdades descobertas, enquanto não possuíam qualquer existência até então, além da do entendimento, da mesma forma como agora em que ações desse topi são praticadas na realidade? Nesse sentido, fica claro como os grupos de modos mistos são criaturas do entendimento, o qual lhes é útil para todos os fins da verdade real e do conhecimento, tanto quanto eles realmente existem. E não podemos duvidar de que os legisladores frequentemente criaram leis sobre *species* de ações as quais eram apenas criaturas de seus próprios entendimentos, sem outra existência além de suas mentes. E creio que ninguém possa negar que a ressurreição era uma *species* de modo misto na mente, antes de efetivamente existir.

III.v.5 *Evidently arbitrary, in that the idea is often before the existence.* Nobody can doubt but that these ideas of mixed modes are made by a voluntary collection of ideas, put together in the mind, independent from any original patterns in nature, who will but reflect that this sort of complex ideas may be made, abstracted, and have names given them, and so a species be constituted, before any one individual of that species ever existed. Who can doubt but the ideas of sacrilege or adultery might be framed in the

minds of men, and have names given them, and so these species of mixed modes be constituted, before either of them was ever committed; and might be as well discoursed of and reasoned about, and as certain truths discovered of them, whilst yet they had no being but in the understanding, as well as now, that they have but too frequently a real existence? Whereby it is plain how much the sorts of mixed modes are the creatures of the understanding, where they have a being as subservient to all the ends of real truth and knowledge, as when they really exist. And we cannot doubt but law-makers have often made laws about species of actions which were only the creatures of their own understandings; beings that had no other existence but in their own minds. And I think nobody can deny but that the resurrection was a species of mixed modes in the mind, before it really existed.

III.v.6 *Exemplos: assassinato, incesto, estocada.* A fim de verificar a arbitrariedade com que a mente gera essas essências de modos mistos, podemos tomar como exemplo qualquer um deles praticamente. Uma breve observação bastará para que vejamos que é a mente que combina as várias ideias independentes e dispersas em uma única complexa; e, com o nome comum que lhes atribui, torna-as a essência de uma determinada *species*, sem se regular a partir de qualquer conexão que tenham na natureza. Ora, como que, na natureza, haveria uma maior conexão da ideia de homem com a de matar do que a ideia de ovelha com essa mesma ideia, de modo a tornar-se uma *species* particular de ação, significada pela palavra “assassinato” e a esta última conexão não? Ou ainda, haverá na natureza uma união maior entre a ideia da relação de um pai com matar do que a de um filho ou de um vizinho com esta última ideia, de modo que aquelas ideias sejam combinadas em uma ideia complexa e, dessa forma, tornam-se a essência da *species* distinta denominada “parricídio”; enquanto as outras não geram qualquer forma de *species* distintas? Embora a ideia de matar o pai ou a mãe de um homem tenha se tornado uma *species* distinta da de matar seu filho ou filha, todavia, em alguns outros casos, filho e filha são incluídos, em conjunto com pai e mãe, e são abrangidos na mesma *species*, como no caso de “incesto”. Assim, a mente, com os modos mistos, une de forma arbitrária em ideias complexas como lhe for conveniente as ideias simples, enquanto mantém dispersas outras que têm entre si igual união na natureza e nunca as combina em uma ideia, porque não carecem de um nome. É evidente, portanto, que a mente, por livre escolha, atribui uma conexão a certo número de ideias as quais não possuem, na natureza, maior relação do que aquelas por ela excluídas. De outra forma, qual a razão para que a parte da arma com que se

inicia um ferimento receba atenção para gerar a *species* distinta “estocada” e o formato e o material da arma sejam ignorados? Não digo que não há razão para tal, como veremos a seguir, mas afirmo que isso ocorre pela livre escolha da mente, perseguindo seus próprios objetivos; destarte, essas *species* de modos mistos são obra do entendimento. E não há, em suma, nada mais evidente que isto ao estruturar essas ideias: a mente não busca padrões na natureza tampouco refere à existência real das coisas as ideias, mas une-as de modo a melhor suprir seus propósitos sem ater-se a qualquer imitação precisa de algo que realmente exista.

III.v.6 *Instances: murder, incest, stabbing.* To see how arbitrarily these essences of mixed modes are made by the mind, we need but take a view of almost any of them. A little looking into them will satisfy us, that it is the mind that combines several scattered independent ideas into one complex one; and, by the common name it gives them, makes them the essence of a certain species, without regulating itself by any connexion they have in nature. For what greater connexion in nature has the idea of a man than the idea of a sheep with killing, that this is made a particular species of action, signified by the word murder, and the other not? Or what union is there in nature between the idea of the relation of a father with killing than that of a son or neighbour, that those are combined into one complex idea, and thereby made the essence of the distinct species parricide, whilst the other makes no distinct species at all? But, though they have made killing a man's father or mother a distinct species from killing his son or daughter, yet, in some other cases, son and daughter are taken in too, as well as father and mother: and they are all equally comprehended in the same species, as in that of incest. Thus the mind in mixed modes arbitrarily unites into complex ideas such as it finds convenient; whilst others that have altogether as much union in nature are left loose, and never combined into one idea, because they have no need of one name. It is evident then that the mind, by its free choice, gives a connexion to a certain number of ideas, which in nature have no more union with one another than others that it leaves out: why else is the part of the weapon the beginning of the wound is made with taken notice of, to make the distinct species called stabbing, and the figure and matter of the weapon left out? I do not say this is done without reason, as we shall see more by and by; but this I say, that it is done by the free choice of the mind, pursuing its own ends; and that, therefore, these species of mixed modes are the workmanship of the understanding. And there is nothing more evident than that, for the most part, in the framing of these ideas, the mind searches not its patterns in nature, nor refers the ideas it makes to the real existence of things, but puts such together as may best serve its own purposes, without tying itself to a precise imitation of anything that really exists.

III.v.7 *Mas ainda úteis ao propósito da linguagem e não gerados aleatoriamente.* Porém, apesar de essas ideias complexas ou essências de modos mistos dependerem

da mente, e serem geradas por esta com grande liberdade, elas não são geradas aleatoriamente e misturadas sem uma razão clara. Embora essas ideias complexas não sejam sempre copiadas da natureza, elas permanecem sempre adequadas ao fim para o qual as ideias abstratas são geradas; e ainda que sejam combinações produzidas com ideias dispersas o suficiente e tenham entre si tão pouca união quanto várias outras para as quais a mente nunca criará uma conexão que as combine em uma única ideia, elas ainda são geradas para a conveniência da comunicação, que é o principal propósito da linguagem. A linguagem é usada, grosso modo, para significar, por meio de sons breves, com facilidade e eficiência concepções gerais, as quais devem conter não apenas abundância de particulares, mas também uma grande variedade de ideias independentes reunidas em uma única ideia complexa. Na produção de modos mistos, portanto, os homens consideraram apenas aquelas combinações que tiveram oportunidade de mencionar entre si. Essas, eles combinaram em ideias complexas distintas e lhes atribuíram um nome; enquanto que outras, que na natureza possuem uma união semelhante, permanecem dispersas e ignoradas. Pois, para não ir além das próprias ações humanas, se eles produzissem ideias abstratas distintas para todas das variedades que poderiam ser observadas nelas, o número teria de ser infinito; a memória se confundiria com essa abundância além ficar sobrecarregada por um motivo ínfimo. Satisfaz os homens produzirem e nomearem tantas ideias complexas para esses modos mistos quanto creem poder ter nomes para isso nas situações comuns de seus afazeres. Se eles juntarem à ideia de matar a ideia de pai ou mãe, e assim produzem uma *species* diferente de matar o filho ou vizinho de um homem, é devido à hediondez variada do crime. A punição será, dado o assassinio do pai ou da mãe de um homem, diferente daquela a ser infligida ao de um filho ou um vizinho. Por isso, eles julgam necessária a menção por meio de nomes distintos, que é o propósito de produzir essa combinação distinta. Porém, embora as ideias de mãe e filha sejam tratadas de forma tão diferenciada no que concerne à ideia de matar, a que se une uma para produzir uma ideia abstrata distinta com um nome – e, portanto, uma *species* distinta – e outra não, com relação à união carnal, ambas estão contidas em incesto. Isso ainda pela mesma conveniência de expressar sob um mesmo nome, e reconhecer como de

uma *species*, essas misturas turvas que têm uma torpeza peculiar maior que outras. E tudo isso para evitar circunlóquios e descrições tediosas.

III.v.7 *But still subservient to the end of language, and not made at random.* But, though these complex ideas or essences of mixed modes depend on the mind, and are made by it with great liberty, yet they are not made at random, and jumbled together without any reason at all. Though these complex ideas be not always copied from nature, yet they are always suited to the end for which abstract ideas are made: and though they be combinations made of ideas that are loose enough, and have as little union in themselves as several others to which the mind never gives a connexion that combines them into one idea; yet they are always made for the convenience of communication, which is the chief end of language. The use of language is, by short sounds, to signify with ease and dispatch general conceptions; wherein not only abundance of particulars may be contained, but also a great variety of independent ideas collected into one complex one. In the making therefore of the species of mixed modes, men have had regard only to such combinations as they had occasion to mention one to another. Those they have combined into distinct complex ideas, and given names to; whilst others, that in nature have as near a union, are left loose and unregarded. For, to go no further than human actions themselves, if they would make distinct abstract ideas of all the varieties which might be observed in them, the number must be infinite, and the memory confounded with the plenty, as well as overcharged to little purpose. It suffices that men make and name so many complex ideas of these mixed modes as they find they have occasion to have names for, in the ordinary occurrence of their affairs. If they join to the idea of killing the idea of father or mother, and so make a distinct species from killing a man's son or neighbour, it is because of the different heinousness of the crime, and the distinct punishment is, due to the murdering a man's father and mother, different to what ought to be inflicted on the murderer of a son or neighbour; and therefore they find it necessary to mention it by a distinct name, which is the end of making that distinct combination. But though the ideas of mother and daughter are so differently treated, in reference to the idea of killing, that the one is joined with it to make a distinct abstract idea with a name, and so a distinct species, and the other not; yet, in respect of carnal knowledge, they are both taken in under incest: and that still for the same convenience of expressing under one name, and reckoning of one species, such unclean mixtures as have a peculiar turpitude beyond others; and this to avoid circumlocutions and tedious descriptions.

III.v.8 *De modo que as palavras intraduzíveis de vários idiomas são uma prova.* Uma proficiência regular em diferentes línguas bastará para convencer qualquer um quanto a essa verdade, haja vista ser mais do que óbvio haver um grande repertório de palavras em uma língua sem nenhuma correspondência na outra. O que mostra claramente que os habitantes de um país, por seus costumes e modos de vida, tiveram a oportunidade de produzir várias ideias complexas, e dar-lhes nomes, que outros nunca reuniram em

ideias específicas. Isso não poderia ter ocorrido se essas *species* resultassem da obra permanente da natureza e não de agrupamentos produzidos e abstraídos pela mente a fim de nomear e pela conveniência da comunicação. Os termos da nossa lei, os quais não se constituem de sons vazios, dificilmente encontrarão palavras que lhes correspondam no espanhol ou no italiano, línguas bastante ricas; muito menos, creio eu, alguém poderia traduzi-los nas línguas caribenhas ou de Westoe. Da mesma forma, a *versura* dos romanos, ou o *corbã* dos judeus não têm palavras em outras línguas que lhes correspondam. E, a partir do que já foi dito, fica fácil de ver a razão. Ora, se penetrarmos um pouco mais nesse assunto e compararmos com exatidão línguas diferentes, veremos que, apesar de elas possuírem palavras que nas traduções e nos dicionários devem corresponder uma à outra, no entanto, raramente encontra-se um entre dez nomes de ideias complexas, em especial de modos mistos, que represente a mesma e precisa ideia que a palavra expressa nos dicionários. Não há ideias mais comuns e menos compostas que as medidas de tempo, extensão e peso; e os nomes latinos *hora*, *pes*, *libra* são, sem qualquer dificuldade, expressos em inglês pelos nomes *hour* [hora], *foot* [pé] e *pound* [libra]. Ainda assim, não há nada mais evidente do que o fato de que as ideias atribuídas por um romano a esses nomes latinos eram muito diferentes daquelas expressas em inglês por um inglês. Se qualquer um deles viesse a fazer uso das medidas que os usuários da outra língua designaram por meio de seus nomes, ele faria delas um relato totalmente distinto. Essas provas são demasiado evidentes para serem questionadas. E sê-lo-ão muito mais nos nomes de ideias mais abstratas e compostas, como a grande parte das ideias que compõem os discursos de moral, cujos nomes, em sua minoria, correspondem exatamente em toda a extensão de sua significação quando os homens, por curiosidade, comparam-nos com aqueles para os quais estão traduzidos em outras línguas.

III.v.8. *Whereof the intranslatable words of divers languages are a proof.* A moderate skill in different languages will easily satisfy one of the truth of this, it being so obvious to observe great store of words in one language which have not any that answer them in another. Which plainly shows that those of one country, by their customs and manner of life, have found occasion to make several complex ideas, and given names to them, which others never collected into specific ideas. This could not have happened if these species were the steady workmanship of nature, and not collections made and

abstracted by the mind, in order to naming, and for the convenience of communication. The terms of our law, which are not empty sounds, will hardly find words that answer them in the Spanish or Italian, no scanty languages; much less, I think, could any one translate them into the Caribbee or Westoe tongues: and the versura of the Romans, or corban of the Jews, have no words in other languages to answer them; the reason whereof is plain, from what has been said. Nay, if we look a little more nearly into this matter, and exactly compare different languages, we shall find that, though they have words which in translations and dictionaries are supposed to answer one another, yet there is scarce one of ten amongst the names of complex ideas, especially of mixed modes, that stands for the same precise idea which the word does that in dictionaries it is rendered by. There are no ideas more common and less compounded than the measures of time, extension and weight; and the Latin names, hora, pes, libra, are without difficulty rendered by the English names, hour, foot, and pound: but yet there is nothing more evident than that the ideas a Roman annexed to these Latin names, were very far different from those which an Englishman expresses by those English ones. And if either of these should make use of the measures that those of the other language designed by their names, he would be quite out in his account. These are too sensible proofs to be doubted; and we shall find this much more so in the names of more abstract and compounded ideas, such as are the greatest part of those which make up moral discourses: whose names, when men come curiously to compare with those they are translated into, in other languages, they will find very few of them exactly to correspond in the whole extent of their significations.

III.v.9 *Isso revela espécies feitas para comunicação.* A razão por que eu me atenho a isso em particular é que não podemos nos enganar sobre *genera* e *species*, e suas essências, como se fossem coisas produzidas com regularidade e constância pela natureza e tivessem uma existência real de coisas. Elas parecem ser, após uma investigação mais apurada, apenas um artifício do pensamento para a significação mais fácil dessas coleções de ideias à medida que necessita comunicá-las por um termo geral sob o qual diversos particulares, desde que concordem com essa ideia abstrata, podem ser compreendidos. E, se a significação duvidosa da palavra *species* soa dissonante para quem eu digo que *species* de modos mistos são “produzidas pelo entendimento”, ainda acredito, não é possível ninguém negar que é a mente que produz os padrões de agrupamento e nomeação das coisas. Deixo para a consideração quem produz os limites dos grupos ou *species*; já que comigo *species* e grupo não têm outras diferenças além daquelas existentes entre os idiomas latino e inglês.

III.v.9 *This shows species to be made for communication.* The reason why I take so particular notice of this is, that we may not be mistaken about genera and species, and their essences, as if they were things regularly and constantly made by nature, and had a real existence in things; when they appear, upon a more wary survey, to be nothing else but an artifice of the understanding, for the easier signifying such collections of ideas as it should often have occasion to communicate by one general term; under which divers particulars, as far forth as they agreed to that abstract idea, might be comprehended. And if the doubtful signification of the word species may make it sound harsh to some, that I say the species of mixed modes are “made by the understanding”; yet, I think, it can by nobody be denied that it is the mind makes those abstract complex ideas to which specific names are given. And if it be true, as it is, that the mind makes the patterns for sorting and naming of things, I leave it to be considered who makes the boundaries of the sort or species; since with me species and sort have no other difference than that of a Latin and English idiom.

III.v.10 *Nos modos mistos, é o nome que une a combinação de ideias simples, tornando-a uma species.* A relação próxima que há entre *species*, essências e seu nome geral, ao menos nos modos mistos, aparecerá mais adiante quando considerarmos que é o nome que parece preservar essas essências e provê-las de sua duração permanente. Donde, a conexão entre partes soltas dessas ideias complexas feita pela mente - conexão essa que não possui nenhuma fundação particular na natureza - cessaria novamente, se não houvesse algo que de fato as mantivesse, por assim dizer, juntas e impedisse essas partes de dispersarem. Apesar de ser a mente que produz a coleção, é o nome que age como se fosse o laço que a une firmemente. E que enorme variedade de ideias diferentes a palavra *triumphus* agrega e nos transmite como uma única *species*! Não tivesse nunca esse nome sido produzido, ou fosse completamente perdido, sem dúvida teríamos descrições para o que ocorreu naquela ocasião. Ainda assim, creio eu, o que une essas partes diferentes na unidade de uma ideia complexa é aquela mesma palavra a ela anexada, sem a qual as suas várias partes não seriam mais pensadas como produzindo uma só coisa, do mesmo modo aconteceria com qualquer outro evento que, ao realizado apenas uma vez, não fosse unido em uma ideia complexa, sob uma denominação. Quanto, portanto, nos modos mistos, a unidade necessária a qualquer essência depende da mente, e quanto a continuidade e fixação dessa unidade dependem do nome em uso comum a ela

associada, deixo para ser considerado por aqueles que enxergam essências e *species* como coisas reais estabelecidas na natureza.

III.v.10 *In mixed modes it is the name that ties the combination of simple ideas together, and makes it a species.* The near relation that there is between species, essences, and their general name, at least in mixed modes, will further appear when we consider, that it is the name that seems to preserve those essences, and give them their lasting duration. For, the connexion between the loose parts of those complex ideas being made by the mind, this union, which has no particular foundation in nature, would cease again, were there not something that did, as it were, hold it together, and keep the parts from scattering. Though therefore it be the mind that makes the collection, it is the name which is as it were the knot that ties them fast together. What a vast variety of different ideas does the word triumphus hold together, and deliver to us as one species! Had this name been never made, or quite lost, we might, no doubt, have had descriptions of what passed in that solemnity: but yet, I think, that which holds those different parts together, in the unity of one complex idea, is that very word annexed to it; without which the several parts of that would no more be thought to make one thing, than any other show, which having never been made but once, had never been united into one complex idea, under one denomination. How much, therefore, in mixed modes, the unity necessary to any essence depends on the mind; and how much the continuation and fixing of that unity depends on the name in common use annexed to it, I leave to be considered by those who look upon essences and species as real established things in nature.

III.v.11 *Adequado a isso, verificamos que os homens, em se tratando de modos mistos, raramente imaginam ou tomam alguma outra ideia complexa por species desses, além das que são determinadas por um nome: pois eles, como tal specie, produtos exclusivos dos homens a fim de nomear, não são notados, ou têm a existência suposta, a não ser que lhes sejam unidos um nome, como sinal de que o homem combinou em uma única ideia várias dispersas; e, por meio dessa nomeação, há uma união permanente entre as partes, as quais, de outra forma, cessariam de tê-la tão logo a mente colocasse de lado essa ideia abstrata e cessasse, de fato, de pensar nela.* Porém, uma vez que um nome é afixado a ela, de modo que as partes dessa ideia complexa possuam uma união permanente e determinada, a essência é, por assim dizer, então estabelecida e a *species* observada, completa. Afinal, para que a memória se ocuparia de tais composições se não, por abstração, para torná-las gerais? E para que torná-las gerais a não ser que fosse para elas terem nomes gerais, para a

comodidade do discurso e da comunicação? Assim, vemos que matar um homem com uma espada ou uma machadinha não são percebidas como formas distintas de ação, porém, se a ponta da espada perfura um corpo primeiro, entende-se-a como uma *species* diferente, com um nome diferente, como acontece na Inglaterra, em cujo idioma chama-se “stabbing” [estocar]; entretanto, em outro país, em que essa ação não foi especificada por um nome peculiar, não é percebida como uma *species* distinta. Mas em *species* de substâncias corpóreas, apesar de ser a mente que gera a essência nominal, já que é suposto que essas ideias combinadas têm uma união na natureza, independentemente da eventual junção feita pela mente, elas são, por isso, observadas como *species* distintas, sem qualquer operação da mente, seja abstraindo ou atribuindo um nome a essa ideia complexa.

III.v.11 *Suitable to this, we find that men speaking of mixed modes, seldom imagine or take any other for species of them, but such as are set out by name: because they, being of man’s making only, in order to naming, no such species are taken notice of, or supposed to be, unless a name be joined to it, as the sign of man’s having combined into one idea several loose ones; and by that name giving a lasting union to the parts which would otherwise cease to have any, as soon as the mind laid by that abstract idea, and ceased actually to think on it.* But when a name is once annexed to it, wherein the parts of that complex idea have a settled and permanent union, then is the essence, as it were, established, and the species looked on as complete. For to what purpose should the memory charge itself with such compositions, unless it were by abstraction to make them general? And to what purpose make them general, unless it were that they might have general names for the convenience of discourse and communication? Thus we see, that killing a man with a sword or a hatchet are looked on as no distinct species of action; but if the point of the sword first enter the body, it passes for a distinct species, where it has a distinct name, as in England, in whose language it is called stabbing: but in another country, where it has not happened to be specified under a peculiar name, it passes not for a distinct species. But in the species of corporeal substances, though it be the mind that makes the nominal essence, yet, since those ideas which are combined in it are supposed to have an union in nature whether the mind joins them or not, therefore those are looked on as distinct species, without any operation of the mind, either abstracting, or giving a name to that complex idea.

III.v.12 *Não buscamos os originais dos nossos modos mistos mais do que a mente o faz, fato que também prova serem eles obra do entendimento.* Conforme o que já foi dito sobre as essências das *species* dos modos mistos – que elas são criaturas do entendimento não obra da natureza –, de acordo com isso, afirmo, verificamos que

seus nomes conduzem nossos pensamentos ao que está mente, e não mais que isso. Quando falamos de justiça, ou gratidão, não imaginamos nada que exista e que pudéssemos conceber. Porém, nossos pensamentos acabam nas ideias abstratas dessas virtudes, não vão além como o fazem quando falamos de um cavalo ou de ferro, cujas ideias específicas não consideramos apenas na mente, mas como coisas em si que exigem os padrões originais dessas ideias. No caso dos modos mistos, contudo, pelo menos em sua maioria, os quais são entidades morais, consideramos que os padrões originais existem na mente, e a esses referimo-nos a fim de distinguir os seres particulares por meio de nomes. E dessa forma creio que essas essências das *species* dos modos mistos existem por meio de um nome mais particular chamado “noções”, e pertencem, graças a um direito peculiar, ao entendimento.

III.v.12 *For the originals of our mixed modes, we look no further than the mind; which also shows them to be the workmanship of the understanding.* Conformable also to what has been said concerning the essences of the species of mixed modes, that they are the creatures of the understanding rather than the works of nature; conformable, I say, to this, we find that their names lead our thoughts to the mind, and no further. When we speak of justice, or gratitude, we frame to ourselves no imagination of anything existing, which we would conceive; but our thoughts terminate in the abstract ideas of those virtues, and look not further; as they do when we speak of a horse, or iron, whose specific ideas we consider not as barely in the mind, but as in things themselves, which afford the original patterns of those ideas. But in mixed modes, at least the most considerable parts of them, which are moral beings, we consider the original patterns as being in the mind, and to those we refer for the distinguishing of particular beings under names. And hence I think it is that these essences of the species of mixed modes are by a more particular name called notions; as, by a peculiar right, appertaining to the understanding.

III.v.13 *Serem gerados sem padrões pelo entendimento mostra a razão por que são destarte compostos.* Assim, da mesma forma, podemos aprender por que as ideias complexas dos modos mistos são normalmente mais compostas e decompostas que as de substâncias naturais. Por serem obra do entendimento, que busca seus próprios propósitos apenas, e da comodidade de expressar resumidamente essas ideias que deseja tornar conhecidas, esse mesmo entendimento une, sim, com grande liberdade frequentemente em uma ideia abstrata coisas que, em sua natureza, não apresentam coerência. Assim, em um termo, amarra uma grande variedade de ideias compostas e

decompostas. Vide o nome “procissão”: mas que grande mistura ideias independentes de pessoas, hábitos, estreitamentos, ordens, movimentos e sons está contida nessa complexa, que o homem reuniu de forma arbitrária para expressar com esse nome? Enquanto que as ideias complexas de grupos de substâncias são geralmente feitas só de um pequeno número de ideias simples; e nas *species* de animais estes dois, a saber, forma e som, normalmente compõem toda a essência nominal.

III.v.13 *Their being made by the understanding without patterns, shows the reason why they are so compounded.* Hence, likewise, we may learn why the complex ideas of mixed modes are commonly more compounded and decompounded than those of natural substances. Because they being the workmanship of the understanding, pursuing only its own ends, and the conveniency of expressing in short those ideas it would make known to another, it does with great liberty unite often into one abstract idea things that, in their nature, have no coherence; and so under one term bundle together a great variety of compounded and decompounded ideas. Thus the name of procession: what a great mixture of independent ideas of persons, habits, tapers, orders, motions, sounds, does it contain in that complex one, which the mind of man has arbitrarily put together, to express by that one name? Whereas the complex ideas of the sorts of substances are usually made up of only a small number of simple ones; and in the species of animals, these two, viz. shape and voice, commonly make the whole nominal essence.

III.v.14 *Os nomes dos modos mistos representam sempre suas reais essências, as quais são obra das nossas mentes.* Outra coisa que devemos observar daquilo que foi dito é que os nomes dos modos mistos sempre significam (quando possuem uma significação determinada) a essência real de suas *species*. Já que, pelo fato de essas ideias abstratas serem obra da mente e não se referirem a nenhuma existência real das coisas, não se supõe nenhuma outra coisa significada por esse nome, apenas essa ideia complexa que a própria mente formou, o que é tudo o que ela expressaria com aquele nome; e é disso que todas as propriedades das *species* dependem e é somente daí que todas elas brotam. Assim, neles, as essências real e nominal são a mesma, o que, em que isso concerne ao correto conhecimento sobre a verdade geral, veremos a seguir.

III.v.14 *Names of mixed modes stand always for their real essences, which are the workmanship of our minds.* Another thing we may observe from what has been said is, That the names of mixed modes always signify (when they have any determined signification) the real essences of their species. For, these abstract ideas being the workmanship of the mind, and not referred to the real existence of things, there is no supposition of anything more signified by that name, but barely that complex idea the mind itself has formed; which is all it would have expressed by it; and is that on which all the properties of the species depend, and from which alone they all flow: and so in these the real and nominal essence is the same; which, of what concernment it is to the certain knowledge of general truth, we shall see hereafter.

III.v.15 *Por que geralmente se obtém seus nomes antes de suas ideias.* Isso também deve nos mostrar a razão por que, em sua maioria, os nomes dos modos mistos são obtidos antes que as ideias que eles representam sejam perfeitamente conhecidas. Porque só há *species* dos modos observados que possuem um nome, ou ainda porque suas essências são ideias complexas abstratas geradas arbitrariamente pela mente, logo, é conveniente, senão necessário, saber seus nomes antes de se empenhar em estruturar essas ideias complexas. Do contrário, um homem encherá sua cabeça com uma série de ideias complexas abstratas, para as quais outros não tenham atribuído um nome; ele não terá mais o que fazer com elas, apenas deixá-las de lado e esquecer-las novamente. Confesso que, no início das línguas, foi necessário ter a ideia antes da atribuição do nome. E ainda é assim quando da produção de uma nova ideia complexa: alguém, ao atribuir um novo nome, produz também uma nova palavra. Mas isso não diz respeito a línguas fabricadas, as quais são geralmente bem providas de ideias que ocorrem com frequência aos homens e são por eles comunicadas; por isso me questiono se não é comum esse método, de modo que as crianças aprendem os nomes de modos mistos antes de terem suas ideias? Quem, entre mil, é que estrutura as ideias abstratas de glória e de ambição antes mesmo de ouvir seus nomes? Com as ideias simples e as substâncias garanto ser o contrário, por serem ideias com existência e união reais na natureza, as ideias e nomes são obtidos aquelas antes destes, como acontece.

III.v.15 *Why their names are usually got before their ideas.* This also may show us the reason why for the most part the names of mixed modes are got before the ideas they

stand for are perfectly known. Because there being no species of these ordinarily taken notice of but what have names, and those species, or rather their essences, being abstract complex ideas, made arbitrarily by the mind, it is convenient, if not necessary, to know the names, before one endeavour to frame these complex ideas: unless a man will fill his head with a company of abstract complex ideas, which, others having no names for, he has nothing to do with, but to lay by and forget again. I confess that, in the beginning of languages, it was necessary to have the idea before one gave it the name: and so it is still, where, making a new complex idea, one also, by giving it a new name, makes a new word. But this concerns not languages made, which have generally pretty well provided for ideas which men have frequent occasion to have and communicate; and in such, I ask whether it be not the ordinary method, that children learn the names of mixed modes before they have their ideas? What one of a thousand ever frames the abstract ideas of glory and ambition, before he has heard the names of them? In simple ideas and substances I grant it is otherwise, which, being such ideas as have a real existence and union in nature, the ideas and names are got one before the other, as it happens.

III.v.16 *A razão por que eu me estendo nesse assunto.* O que foi dito aqui sobre os modos mistos aplica-se também a relações, como uma pequena variação; sobre estas, cada um perceberá por si mesmo, pouparei esforços de me alongar, especialmente pelo fato de o que eu disse até então relativo às palavras neste Terceiro Livro possivelmente ser considerado por alguns como excedendo o pequeno escopo deste assunto. Admito que seja possível estreitar o direcionamento, mas minha intenção era manter meu leitor numa discussão que me parece nova e um tanto desviante (asseguro que ele não me ocorreu quando comecei a escrever), e que se investigada a fundo e revirada, num aspecto ou outro poderá ir ao encontro dos pensamentos do leitor, e proporcionará ao mais adverso e negligente a reflexão acerca de um fracasso geral, o qual, apesar de ter graves consequências, é pouco notado. Se levarmos em conta a lambança que é feita com as essências e quanto todos os tipos de conhecimento, discursos e conversações são impossibilitados e desordenados por conta do uso descuidado e confuso das palavras, talvez valha a pena mantê-lo em aberto. E perdoe-me se me detive por tanto tempo num debate que creio, portanto, necessitar assimilação, pois os erros dos quais os homens são culpados nesse caso não são apenas os maiores obstáculos ao verdadeiro conhecimento, mas são tomados como se fossem mesmo este. Os homens veriam quão pouca, ou possivelmente nenhuma, razão ou verdade com frequência se mistura a essas opiniões melindrosas que os

engole, se eles apenas conseguissem olhar para além dos sons característicos e percebessem quais ideias são, e quais não são, abrangidas por essas palavras com as quais se armam em todos os aspectos e com as quais atacam com tanta confiança. Quero imaginar que prestei algum serviço à verdade, à paz e ao aprendizado se, por alguma extensão desse assunto, puder fazer com que os homens reflitam sobre o próprio uso da linguagem e dar-lhes razão para crer que, já que é frequente para outros, pode ser-lhes também possível ter em posse, em suas bocas e em seus escritos, palavras muito boas e bem aceitas, mas de significação incerta, de pouca ou nenhuma significação. E, por isso, é razoável tomarem consciência de si sem deixarem de ser resistentes quanto ao exame de outros. Com esse desenho, então, pretendo continuar com o que ainda tenho a dizer sobre esse assunto.

III.v.16 *Reason of my being so large on this subject.* What has been said here of mixed modes is, with very little difference, applicable also to relations; which, since every man himself may observe, I may spare myself the pains to enlarge on: especially, since what I have here said concerning Words in this third Book, will possibly be thought by some to be much more than what so slight a subject required. I allow it might be brought into a narrower compass; but I was willing to stay my reader on an argument that appears to me new and a little out of the way, (I am sure it is one I thought not of when I began to write,) that, by searching it to the bottom, and turning it on every side, some part or other might meet with every one's thoughts, and give occasion to the most averse or negligent to reflect on a general miscarriage, which, though of great consequence, is little taken notice of. When it is considered what a pudder is made about essences, and how much all sorts of knowledge, discourse, and conversation are pestered and disordered by the careless and confused use and application of words, it will perhaps be thought worth while thoroughly to lay it open. And I shall be pardoned if I have dwelt long on an argument which I think, therefore, needs to be inculcated, because the faults men are usually guilty of in this kind, are not only the greatest hindrances of true knowledge, but are so well thought of as to pass for it. Men would often see what a small pittance of reason and truth, or possibly none at all, is mixed with those huffing opinions they are swelled with; if they would but look beyond fashionable sounds, and observe what ideas are or are not comprehended under those words with which they are so armed at all points, and with which they so confidently lay about them. I shall imagine I have done some service to truth, peace, and learning, if, by any enlargement on this subject, I can make men reflect on their own use of language; and give them reason to suspect, that, since it is frequent for others, it may also be possible for them, to have sometimes very good and approved words in their mouths and writings, with very uncertain, little, or no signification. And therefore it is not unreasonable for them to be wary herein themselves, and not to be unwilling to have them examined by others. With this design, therefore, I shall go on with what I have further to say concerning this matter.

Capítulo VI - dos nomes das substâncias

III.vi.1 *Os nomes comuns das substâncias representam grupos.* Os nomes comuns das substâncias, assim como outros termos gerais, representam grupos. Isso significa apenas a criação de sinais dessas ideias complexas com as quais várias substâncias particulares concordam ou podem concordar pelo fato de cuja compreensão ser possível em uma concepção comum e significada por um nome. Disse concordam ou podem concordar: apesar de haver apenas um sol existente no mundo, sua ideia é formada por abstração, de modo que mais substâncias (se houvesse várias) poderiam concordar com ela. Isso corresponderia a um grupo, como se existissem tantos sóis como há estrelas. Não é sem razão que há quem pensa que existem vários sóis e que cada estrela fixa corresponderia à ideia que o nome sol representa, a quem estivesse a uma distância determinada; o que, aliás, pode nos mostrar quanto os grupos, ou, se preferir, *genera* e *species* das coisas (pois esses termos latinos não são para mim nada mais do que a palavra inglesa *sort* [grupo]) dependem dessas coleções de ideias que os homens produziram e não da natureza real das coisas; já que não é impossível que, em termos do discurso, aquilo que é sol para um possa ser uma estrela para outro.

III.vi.1 *The common names of substances stand for sorts.* The common names of substances, as well as other general terms, stand for sorts: which is nothing else but the being made signs of such complex ideas wherein several particular substances do or might agree, by virtue of which they are capable of being comprehended in one common conception, and signified by one name. I say do or might agree: for though there be but one sun existing in the world, yet the idea of it being abstracted, so that more substances (if there were several) might each agree in it, it is as much a sort as if there were as many suns as there are stars. They want not their reasons who think there are, and that each fixed star would answer the idea the name sun stands for, to one who was placed in a due distance: which, by the way, may show us how much the sorts, or, if you please, *genera* and *species* of things (for those Latin terms signify to me no more than the English word *sort*) depend on such collections of ideas as men have made, and not

on the real nature of things; since it is not impossible but that, in propriety of speech, that might be a sun to one which is a star to another.

III.vi.2 *A essência de cada grupo de substância é a nossa ideia abstrata à qual o nome é anexado.* A medida e o limite de cada grupo ou *species*, por meio do qual esse grupo particular é constituído e distinto de outros, é o que chamamos de “essência”, que é basicamente a ideia abstrata à qual o nome é anexado, de modo que tudo contido nessa ideia é essencial a esse grupo. Àquilo que mesmo sendo toda a essência das substâncias naturais que nós conhecemos, ou do qual nos valem para distingui-las em grupos denomino por um nome peculiar, a saber: a “essência nominal”, com o propósito de distingui-la da constituição real das substâncias, da qual depende essa essência nominal e todas as propriedades desse grupo - que, portanto, como já foi dito, pode ser chamada de “essência real”. Por exemplo: a essência nominal do ouro é aquela ideia complexa que a palavra “ouro” representa, que seria, digamos, um corpo amarelo, de uma certa densidade, maleabilidade, fusibilidade e sólido. Contudo, a essência real é a constituição das partes insensíveis desse corpo do qual essas qualidades de todas as outras propriedades do ouro dependem. Em que medida essas duas são diferentes, mesmo sendo chamadas de essência, descobre-se com muita facilidade logo à primeira vista.

III.vi.2 *The essence of each sort of substance is our abstract idea to which the name is annexed.* The measure and boundary of each sort or species, whereby it is constituted that particular sort, and distinguished from others, is that we call its essence, which is nothing but that abstract idea to which the name is annexed; so that everything contained in that idea is essential to that sort. This, though it be all the essence of natural substances that we know, or by which we distinguish them into sorts, yet I call it by a peculiar name, the nominal essence, to distinguish it from the real constitution of substances, upon which depends this nominal essence, and all the properties of that sort; which, therefore, as has been said, may be called the real essence: v.g. the nominal essence of gold is that complex idea the word gold stands for, let it be, for instance, a body yellow, of a certain weight, malleable, fusible, and fixed. But the real essence is the constitution of the insensible parts of that body, on which those qualities and all the other properties of gold depend. How far these two are different, though they are both called essence, is obvious at first sight to discover.

III.vi.3 *As essências real e nominal são diferentes.* Apesar de a combinação de movimentação voluntária, sentido e razão, unidos a um corpo de um certo formato ser a ideia complexa à qual eu e outros anexam o nome “homem” e assim ser chamada a essência nominal da *species*, ninguém poderá dizer que essa ideia complexa é a essência real e a fonte de todas as operações que se pode encontrar nos indivíduos desse grupo. A base de todas essas qualidades que são os ingredientes da nossa ideia complexa é algo um pouco diferente. Se apenas tivéssemos um conhecimento daquela constituição do homem - da qual suas faculdades de movimentação, sensação e raciocínio, além de outros poderes emanam e da qual esse formato regular depende - que os anjos também podem ter, e com certeza a tem Seu Criador, deveríamos ter uma ideia um tanto quanto diferente sobre sua essência do que agora está contido em nossa definição dessa *species*, seja ela qual for. E a nossa ideia sobre qualquer homem individual seria tão diferente quanto o é agora, como é diferente a ideia de quem conhece todas as molas e engrenagens e demais mecanismos interiores ao famoso relógio de Strasburg, da que tem um camponês em contemplação que enxerga tão-só a movimentação da mão, e ouve o relógio bater, e nota apenas algumas das aparências exteriores.

III.vi.3 *The nominal and real essence different.* For, though perhaps voluntary motion, with sense and reason, joined to a body of a certain shape, be the complex idea to which I and others annex the name man, and so be the nominal essence of the species so called: yet nobody will say that complex idea is the real essence and source of all those operations which are to be found in any individual of that sort. The foundation of all those qualities which are the ingredients of our complex idea, is something quite different: and had we such a knowledge of that constitution of man, from which his faculties of moving, sensation, and reasoning, and other powers flow, and on which his so regular shape depends, as it is possible angels have, and it is certain his Maker has, we should have a quite other idea of his essence than what now is contained in our definition of that species, be it what it will: and our idea of any individual man would be as far different from what it is now, as is his who knows all the springs and wheels and other contrivances within of the famous clock at Strasburg, from that which a gazing countryman has of it, who barely sees the motion of the hand, and hears the clock strike, and observes only some of the outward appearances.

III.vi.4 *Nada é essencial aos indivíduos.* Que essa essência, no uso cotidiano dessa palavra, se relaciona aos grupos e que se a considera em seres particulares não mais do que quando organizados em grupos é algo que vem disto: exclua-se as ideias abstratas a partir das quais agrupamos os indivíduos e organizamo-nos em nomes comuns que o pensamento de qualquer coisa essencial a qualquer um deles desaparece instantaneamente. Não temos qualquer noção de um sem o outro, o que mostra claramente a relação dessas partes. É-me necessário que eu seja como sou; Deus e a natureza criaram-me assim, mas não há nada em mim que me seja essencial. Um acidente ou uma doença podem muito bem alterar minha cor ou o meu formato; uma febre ou um colapso podem levar embora minha memória, meu raciocínio ou ambos; uma apoplexia não preserva nenhum sentido, nem entendimento, não, tampouco vida. Outras criaturas do mesmo formato que o meu podem ter sido criadas com mais e melhores, ou menos e piores faculdades que as minhas; e outras podem ter raciocínio e sentidos num formato e corpo muito diferentes do meu. Nada disso é essencial a um ou a outro, ou a qualquer indivíduo, até que a mente se refira a isso como um grupo ou *species* de coisas. Aí então, de acordo com a ideia abstrata desse grupo, encontra-se algo de essencial. Faça com que alguém examine seus próprios pensamentos e ele descobrirá que, tão logo supuser ou falar do essencial, a reflexão de algumas *species*, ou da ideia complexa significada por um nome geral, vem à sua mente - e isso relacionado àquilo a que essa ou aquela qualidade é tida como essencial. E se me for perguntado se me é essencial o raciocínio ou se o é a qualquer outro ser corpóreo particular? Pois digo que não, não mais do que é essencial a essa coisa branca sobre a qual escrevo ter palavras em sua superfície. Mas se esse ser particular for contado como “homem”, e tiver o nome “homem” a ele atribuído, então o raciocínio lhe é essencial, supondo que este seja parte a ideia complexa que o nome “homem” representa. Da mesma forma, é essencial a essa coisa sobre a qual escrevo conter palavras se pretendo atribuir-lhe o nome “tratado” e organizá-la dentro dessa *species*. Portanto, isso de essencial e não essencial se relaciona apenas às nossas ideias abstratas e os nomes a elas anexadas, o que equivale a isto apenas: que qualquer coisa particular não tenha em si essas qualidades contidas na ideia abstrata que qualquer termo geral representa não possa ser organizada dentro daquela *species*

tampouco ser chamada por aquele nome, já que aquela ideia abstrata é a essência precisa daquela *species*.

III.vi.4 *Nothing essential to individuals.* That essence, in the ordinary use of the word, relates to sorts, and that it is considered in particular beings no further than as they are ranked into sorts, appears from hence: that, take but away the abstract ideas by which we sort individuals, and rank them under common names, and then the thought of anything essential to any of them instantly vanishes: we have no notion of the one without the other, which plainly shows their relation. It is necessary for me to be as I am; God and nature has made me so: but there is nothing I have is essential to me. An accident or disease may very much alter my colour or shape; a fever or fall may take away my reason or memory, or both; and an apoplexy leave neither sense, nor understanding, no, nor life. Other creatures of my shape may be made with more and better, or fewer and worse faculties than I have; and others may have reason and sense in a shape and body very different from mine. None of these are essential to the one or the other, or to any individual whatever, till the mind refers it to some sort or species of things; and then presently, according to the abstract idea of that sort, something is found essential. Let any one examine his own thoughts, and he will find that as soon as he supposes or speaks of essential, the consideration of some species, or the complex idea signified by some general name, comes into his mind; and it is in reference to that that this or that quality is said to be essential. So that if it be asked, whether it be essential to me or any other particular corporeal being, to have reason? I say, no; no more than it is essential to this white thing I write on to have words in it. But if that particular being be to be counted of the sort man, and to have the name man given it, then reason is essential to it; supposing reason to be a part of the complex idea the name man stands for: as it is essential to this thing I write on to contain words, if I will give it the name treatise, and rank it under that species. So that essential and not essential relate only to our abstract ideas, and the names annexed to them; which amounts to no more than this, That whatever particular thing has not in it those qualities which are contained in the abstract idea which any general term stands for, cannot be ranked under that species, nor be called by that name; since that abstract idea is the very essence of that species.

III.vi.5 *As únicas essências percebidas por nós em substâncias individuais são aquelas qualidades que lhes dão o direito de receber seus nomes.* Portanto, se a ideia de corpo para algumas pessoas for a mera extensão ou o espaço, então solidez não é essencial a “corpo”; se outros criam a ideia à qual dão o nome “corpo” de solidez e extensão, então solidez é essencial a “corpo”. Donde, isso e apenas isso é considerado essencial, que é parte da ideia complexa que o nome de um grupo representa; sem o qual

nenhuma coisa particular pode ser reconhecida como pertencendo àquele grupo ou tendo o direito àquele nome. Se houvesse uma parcela de matéria que contivesse todas as outras qualidades encontradas no ferro, exceto a sujeição ao imã e também não fosse atraída ou direcionada por ele, será que alguém questionaria se faltaria algo essencial? Seria um absurdo questionar se uma coisa que realmente existe carece de algo essencial. Poderia também ser indagado se isso faria uma diferença essencial ou específica a ela, pelo fato de nós não termos outra medida de essencial ou de específico além das nossas ideias abstratas. E falar de diferenças específicas na natureza sem referência a ideias gerais em nomes é o mesmo que falar de modo ininteligível. Pois eu perguntaria a qualquer um: quanto basta para criar uma diferença essencial na natureza entre dois seres particulares sem ter levado em consideração alguma ideia abstrata que é tida como a essência e o modelo de uma *species*? Deixe-se todos esses padrões e modelos de lado, descobrir-se-á que os seres particulares, considerados apenas em si mesmos, possuem todas as suas qualidades igualmente essenciais; e tudo em cada indivíduo lhe será essencial, ou melhor colocado, nada o será. Apesar de ser razoável indagar se a sujeição ao magneto é essencial ao ferro, creio que seja muito imprópria e insignificante a questão sobre isso ser essencial à parcela particular de matéria com a qual aparo a minha pena, sem considerá-la sob o nome “ferro”, ou sem ser de certa *species*. E se, como foi dito, as nossas ideias abstratas, às quais os nomes foram anexados, forem os limites das *species*, nada que não esteja contido nessas ideias pode ser essencial.

III.vi.5 *The only essences perceived by us in individual substances are those qualities which entitle them to receive their names.* Thus, if the idea of body with some people be bare extension or space, then solidity is not essential to body: if others make the idea to which they give the name body to be solidity and extension, then solidity is essential to body. That therefore, and that alone, is considered as essential, which makes a part of the complex idea the name of a sort stands for: without which no particular thing can be reckoned of that sort, nor be entitled to that name. Should there be found a parcel of matter that had all the other qualities that are in iron, but wanted obedience to the loadstone, and would neither be drawn by it nor receive direction from it, would any one question whether it wanted anything essential? It would be absurd to ask, Whether a thing really existing wanted anything essential to it. Or could it be demanded, Whether this made an essential or specific difference or no, since we have no other measure of

essential or specific but our abstract ideas? And to talk of specific differences in nature, without reference to general ideas in names, is to talk unintelligibly. For I would ask any one, What is sufficient to make an essential difference in nature between any two particular beings, without any regard had to some abstract idea, which is looked upon as the essence and standard of a species? All such patterns and standards being quite laid aside, particular beings, considered barely in themselves, will be found to have all their qualities equally essential; and everything in each individual will be essential to it; or, which is more, nothing at all. For, though it may be reasonable to ask, Whether obeying the magnet be essential to iron? yet I think it is very improper and insignificant to ask, whether it be essential to the particular parcel of matter I cut my pen with; without considering it under the name, iron, or as being of a certain species. And if, as has been said, our abstract ideas, which have names annexed to them, are the boundaries of species, nothing can be essential but what is contained in those ideas.

III.vi.6 *Até mesmo as essências reais de substâncias individuais implicam em grupos potenciais.* É verdade, eu mencionei com frequência que uma essência real é distinta, em substâncias, das ideias abstratas que temos delas, a que dou o nome de essência nominal. Por essa essência real entendo a constituição real de qualquer coisa, que é a base de todas essas propriedades que estão combinadas na essência nominal; e constantemente percebe-se coexistirem nesta, essa constituição específica a qual todas as coisas têm dentro de si, sem qualquer relação com qualquer coisa externa. Entretanto, a essência, mesmo nesse sentido, se relaciona a um grupo e pressupõe uma *species*. Se aquela constituição real é tal de que as propriedades dependem, ela necessariamente pressupõe um grupo de coisas - propriedades pertencentes apenas às *species* e não aos indivíduos. Por exemplo, suponha que a essência nominal de ouro seja um corpo de uma cor e um peso específicos, com maleabilidade e fusibilidade, a essência real é aquela constituição das partes da matéria da qual essas qualidades e sua união dependem; e é também a base de sua solubilidade em *aqua regia* e outras propriedades que acompanham essa ideia complexa. Aqui, há essências e propriedades, porém todas pressupostas de um grupo ou uma ideia geral abstrata considerada imutável; mas não há uma parcela individual de matéria à qual qualquer dessas qualidades são anexadas de modo a lhe serem essenciais ou inseparáveis. Aquilo que é essencial pertence a ela como uma condição que a define nesse ou naquele grupo; exclua, contudo, a consideração quanto a essa organização dentro do

nome de uma ideia abstrata, não haverá, então, nada que seja necessário, nada que seja inseparável. De fato, no que concerne as essências reais das substâncias, supomos apenas suas existências, sem saber o que são com assertividade; aquilo que as prende às *species* é a essência nominal, da qual são a fundamentação pressuposta; e a causa.

III.vi.6 *Even the real essences of individual substances imply potential sorts.* It is true, I have often mentioned a real essence, distinct in substances from those abstract ideas of them, which I call their nominal essence. By this real essence I mean, that real constitution of anything, which is the foundation of all those properties that are combined in, and are constantly found to co-exist with the nominal essence; that particular constitution which everything has within itself, without any relation to anything without it. But essence, even in this sense, relates to a sort, and supposes a species. For, being that real constitution on which the properties depend, it necessarily supposes a sort of things, properties belonging only to species, and not to individuals: v.g. supposing the nominal essence of gold to be a body of such a peculiar colour and weight, with malleability and fusibility, the real essence is that constitution of the parts of matter on which these qualities and their union depend; and is also the foundation of its solubility in aqua regia and other properties, accompanying that complex idea. Here are essences and properties, but all upon supposition of a sort or general abstract idea, which is considered as immutable; but there is no individual parcel of matter to which any of these qualities are so annexed as to be essential to it or inseparable from it. That which is essential belongs to it as a condition whereby it is of this or that sort: but take away the consideration of its being ranked under the name of some abstract idea, and then there is nothing necessary to it, nothing inseparable from it. Indeed, as to the real essences of substances, we only suppose their being, without precisely knowing what they are; but that which annexes them still to the species is the nominal essence, of which they are the supposed foundation and cause.

III.vi.7 *A essência nominal une as species para nós.* A próxima coisa a ser considerada é por quais dessas essências as substâncias são determinadas em grupos ou *species*; e é evidente que é por meio da essência nominal. Pois é exclusivamente isso que o nome, marca do grupo, significa. É impossível, portanto, que qualquer coisa sirva para determinar os grupos de coisas, as quais nós organizamos em nomes gerais, que não aquela ideia para a qual o nome é designado para ser marca; que é aquilo, como já foi mostrado, que chamamos de essência nominal. Por que dizemos que isso é um cavalo

e aquilo uma mula; isso um animal, aquilo uma erva? Como ocorre de uma coisa particular ser desse ou daquele grupo porque possui aquela essência nominal ou, o que é a mesma coisa, concorda com aquela ideia abstrata a que aquele nome é anexado? E a única coisa que eu desejo é que alguém reflita sobre seus próprios pensamentos, quando ouve ou fala esses ou outros nomes de substâncias, a fim de saber que tipos de essências estes representam.

III.vi.7 *The nominal essence bounds the species for us.* The next thing to be considered is, by which of those essences it is that substances are determined into sorts or species; and that, it is evident, is by the nominal essence. For it is that alone that the name, which is the mark of the sort, signifies. It is impossible, therefore, that anything should determine the sorts of things, which we rank under general names, but that idea which that name is designed as a mark for; which is that, as has been shown, which we call nominal essence. Why do we say this is a horse, and that a mule; this is an animal, that an herb? How comes any particular thing to be of this or that sort, but because it has that nominal essence; or, which is all one, agrees to that abstract idea, that name is annexed to? And I desire any one but to reflect on his own thoughts, when he hears or speaks any of those or other names of substances, to know what sort of essences they stand for.

III.vi.8 *A natureza das species, tal qual formamos.* E o fato de que as *species* das coisas não são para nós nada além de sua organização em nomes distintos de acordo com as ideias complexas em nós e não de acordo com essências precisas, distintas, reais nelas fica claro por isto: encontramos vários indivíduos que estão organizados em um grupo, são chamados por um nome comum, e, assim, são recebidos como pertencentes a uma *species*; suas qualidades, porém, dependem de suas constituições reais e são tão diferentes uns dos outros quanto de outros ainda dos quais são dados a divergir especificamente. Isso é fácil de se observar por todos aqueles que se ocupam de corpos naturais - como os químicos que se convencem, a partir de experiências infelizes, quando, às vezes em vão, buscam pelas mesmas qualidades em uma parcela de enxofre, antimônio ou vitríolo que encontraram em outras substâncias. Apesar de serem corpos da mesma *species*, com a mesma essência nominal, encontrados sob o mesmo nome, eles, com frequência, depois de exames a partir de diferentes ângulos, apresentam qualidades tão diferentes uns dos outros de modo a frustrar as

expectativas e o trabalho dos químicos mais precavidos. Mas, se as coisas fossem distintas em *species*, de acordo com suas essências reais, seria tão impossível de encontrar propriedades diferentes em quaisquer duas substâncias individuais da mesma *species*, quanto o é encontrar propriedades diferentes em dois círculos, ou em dois triângulos equiláteros. Isso é propriamente “essência” para nós, aquilo que determina todo particular dessa ou daquela *classis* - ou, o que é o mesmo, desse ou daquele nome geral. Porém, que outra coisa poderia ser se não aquela ideia abstrata à qual o nome é anexado, de onde se tem, de fato, uma referência não tanto à existência das coisas particulares mas às suas denominações gerais?

III.vi.8 *The nature of species, as formed by us.* And that the species of things to us are nothing but the ranking them under distinct names, according to the complex ideas in us, and not according to precise, distinct, real essences in them, is plain from hence:— That we find many of the individuals that are ranked into one sort, called by one common name, and so received as being of one species, have yet qualities, depending on their real constitutions, as far different one from another as from others from which they are accounted to differ specifically. This, as it is easy to be observed by all who have to do with natural bodies, so chemists especially are often, by sad experience, convinced of it, when they, sometimes in vain, seek for the same qualities in one parcel of sulphur, antimony, or vitriol, which they have found in others. For, though they are bodies of the same species, having the same nominal essence, under the same name, yet do they often, upon severe ways of examination, betray qualities so different one from another, as to frustrate the expectation and labour of very wary chemists. But if things were distinguished into species, according to their real essences, it would be as impossible to find different properties in any two individual substances of the same species, as it is to find different properties in two circles, or two equilateral triangles. That is properly the essence to us, which determines every particular to this or that classis; or, which is the same thing, to this or that general name: and what can that be else, but that abstract idea to which that name is annexed; and so has, in truth, a reference, not so much to the being of particular things, as to their general denominations?

III.vi.9 *Não é a essência real, ou a textura das partes, que não conhecemos.* Tampouco podemos organizar e agrupar as coisas, e consequentemente denominá-las (que é afinal a finalidade do agrupamento) por suas essências reais, porque as desconhecemos. Nossas faculdades não conseguem nos levar para além do conhecimento e da distinção das substâncias, apenas até uma coleção dessas ideias

sensíveis que observamos nestas, ações que, embora feita com a maior diligência e exatidão de que somos capazes, são ainda tão distantes da verdadeira constituição interna das quais essas qualidades emanam, quanto, como já aponte, o é a ideia de um camponês sobre os mecanismos daquele famoso relógio em Strasburg, do qual ele apenas enxerga a figura externa e seus movimentos. Não há uma planta ou um animal tão desprezível que não gere confusão ao entendimento mais extenso. Conquanto o uso familiar das coisas que nos rodeiam nos elimine o deslumbramento, ele não remedia nossa ignorância. Quando nos dedicamos a examinar as pedras sobre as quais andamos, ou o ferro com o qual lidamos diariamente, descobrimos prontamente que desconhecemos sua fabricação, tampouco podemos explicar as diferentes qualidades que encontramos neles. É claro que a constituição interna, da qual suas propriedades dependem, nos é desconhecida. Pois, para não exceder as propriedades mais gritantes e óbvias que conseguimos imaginar entre eles, que textura é essa, que essência real é essa que torna o chumbo e o antimônio fusíveis, a madeira e as pedras não? O que torna o chumbo e o ferro maleáveis, o antimônio e as pedras não? E ainda assim, todos sabem como esses exemplos são infinitamente falhos quando relacionados aos mecanismos e às essências reais inconcebíveis das plantas ou dos animais. A obra do todo poderoso e onisciente Deus na grande fábrica do universo, e em cada parte deste, excede mais a capacidade e a compreensão do homem mais inquisitor e inteligente que a melhor estratégia do homem mais engenhoso excede as concepções da mais ignorante entre as criaturas racionais. Assim, é em vão que alegamos arranjar as coisas em grupos e dispô-las em certas classes sob certo nomes, de acordo com suas essências reais, mesmo estando tão distantes de nossa descobertas e de nossa compreensão. Um homem cego pode muito bem agrupar as coisas de acordo com sua cor, aquele que perdeu o olfato pode distinguir igualmente um lírio de uma rosa pelo cheiro ou por essas constituições internas as quais ele ignora. Quem pensa poder distinguir uma ovelha de uma cabra a partir de suas essências reais, que lhes são desconhecidas, pode se deleitar em testar sua habilidade nas *species* chamadas casuares¹⁹⁶ e querequinquis¹⁹⁷; e, de acordo com suas essências

¹⁹⁶ Denominação comum às grandes aves não-voadoras, da fam. dos casuariídeos, gên. Casuarius, com distribuição restrita a Austrália e Nova Guiné, que possuem uma grande crista óssea na fronte, patas com três dedos e cabeça e pescoço sem penas e azuis ou púrpura. (Disponível em:

reais internas, determinar as fronteiras entre essas *species*, sem conhecer a ideia complexa das qualidades sensíveis que cada um desses nomes representa, nos países em que esses animais podem ser encontrados.

III.vi.9 *Not the real essence, or texture of parts, which we know not.* Nor indeed can we rank and sort things, and consequently (which is the end of sorting) denominate them, by their real essences; because we know them not. Our faculties carry us no further towards the knowledge and distinction of substances, than a collection of those sensible ideas which we observe in them; which, however made with the greatest diligence and exactness we are capable of, yet is more remote from the true internal constitution from which those qualities flow, than, as I said, a countryman's idea is from the inward contrivance of that famous clock at Strasburg, whereof he only sees the outward figure and motions. There is not so contemptible a plant or animal, that does not confound the most enlarged understanding. Though the familiar use of things about us take off our wonder, yet it cures not our ignorance. When we come to examine the stones we tread on, or the iron we daily handle, we presently find we know not their make; and can give no reason of the different qualities we find in them. It is evident the internal constitution, whereon their properties depend, is unknown to us: for to go no further than the grossest and most obvious we can imagine amongst them, What is that texture of parts, that real essence, that makes lead and antimony fusible, wood and stones not? What makes lead and iron malleable, antimony and stones not? And yet how infinitely these come short of the fine contrivances and inconceivable real essences of plants or animals, every one knows. The workmanship of the all-wise and powerful God in the great fabric of the universe, and every part thereof, further exceeds the capacity and comprehension of the most inquisitive and intelligent man, than the best contrivance of the most ingenious man doth the conceptions of the most ignorant of rational creatures. Therefore we in vain pretend to range things into sorts, and dispose them into certain classes under names, by their real essences, that are so far from our discovery or comprehension. A blind man may as soon sort things by their colours, and he that has lost his smell as well distinguish a lily and a rose by their odours, as by those internal constitutions which he knows not. He that thinks he can distinguish sheep and goats by their real essences, that are unknown to him, may be pleased to try his skill in those species called cassiowary and querechinchio; and by their internal real essences determine the boundaries of those species, without knowing the complex idea of sensible qualities that each of those names stand for, in the countries where those animals are to be found.

<http://www.aulete.com.br/casuar>; último acesso: 22/01/17). Interessante que o dicionário, além da definição, oferece a ilustração da ave.

¹⁹⁷ Uma pesquisa sobre uma possível definição para esse termo resultou que ele ocorre apenas neste *Ensaio*. Porém, é possível supor que Locke se refira a um animal da família do tatu peludo andino, chamado, em espanhol de “quirquincho andino”.

III.vi.10 *Tampouco a forma substancial, a qual conhecemos menos ainda.* Aqueles, portanto, que foram ensinados que as várias *species* de substâncias tinham formas substanciais internas distintas e que eram essas formas que promoviam a diferença das substâncias em suas verdadeiras *species* e *genera* sofreram um desvio ainda maior do caminho, pois suas mentes se programaram para investigações infrutíferas sobre “formas infrutíferas”, completamente ininteligíveis e sobre as quais temos uma concepção escassa, quando não obscura ou confusa num geral.

III.vi.10 *Not the substantial form, which we know less.* Those, therefore, who have been taught that the several species of substances had their distinct internal substantial forms, and that it was those forms which made the distinction of substances into their true species and genera, were led yet further out of the way by having their minds set upon fruitless inquiries after “substantial forms”; wholly unintelligible, and whereof we have scarce so much as any obscure or confused conception in general.

III.vi.11 *A essência nominal é o único meio pelo qual distinguimos species de substâncias, ainda mais evidente nas nossas ideias de espíritos finitos e de Deus.* Que a nossa organização e distinção das substâncias naturais em *species* consiste nas essências naturais que a mente produz e não nas essências reais encontradas nas próprias coisa é ainda mais evidente quando das nossas ideias sobre os espíritos. Pois a mente apreende, apenas ao refletir sobre suas próprias operações, essas ideias simples que são atribuídas aos espíritos, assim, não tem nem pode ter outra noção de espírito a não ser ao atribuir todas as operações que encontra em si a um grupo de coisas, sem maiores considerações quanto à matéria. E até mesmo a noção mais avançada que temos de Deus se dá pela atribuição das mesmas ideias simples que apreendemos pela reflexão sobre aquilo que encontramos em nós mesmos e as quais concebemos como possuidoras de maior perfeição em si que o seria em sua ausência; ao atribuímos, afirmo, essas ideias simples a Ele de modo ilimitado. Assim, obtendo, por meio da reflexão em nós mesmos, a ideia de existência, conhecimento, poder e prazer - cada qual concluímos ser melhor possuí-las do que carecer delas; e quanto mais as tivermos melhor - unindo todas elas com uma quantidade infinita de cada, obtemos a ideia complexa de um ser eterno, onisciente, onipotente, infinitamente sábio

e feliz. E embora nos digam que há *species* diferentes de anjos, não sabemos como compor ideias específicas distintas deles, não que, por alguma vaidade, afirmar que a existência de mais de uma *species* de espíritos é impossível, mas porque não possuímos (e não somos capazes de compor) mais ideias simples que se aplicam a esses seres além dessas poucas que tiramos de nós mesmos e das ações nas nossas mentes ao pensarmos, deleitarmo-nos e ao movermos várias partes dos nossos corpos. De outra forma, não podemos distinguir umas das outras em nossas concepções as várias *species* de espíritos, apenas mesmo pela atribuição dessas operações e desses poderes que encontramos em nós mesmos a eles num grau maior ou menor; dessa forma não temos ideias específicas muito distintas dos espíritos. Exceto Deus, a quem atribuímos tanto duração quanto todas essas outras ideias com infinitude; aos outros espíritos o fazemos com limitações. Tampouco, como humildemente concebo, entre Deus e eles em nossas ideias estabelecemos alguma diferença na quantidade de ideias simples que encontramos em um e não em outro, apenas mesmo na de infinitude. Todas as ideias particulares de existência, conhecimento, vontade, poder, movimento etc. são ideias derivadas das operações das nossas mentes, assim, atribuímo-las todas a todos os grupos de espíritos, apenas diferindo em grau; o máximo que podemos imaginar, inclusive infinitude, quando fôssemos compor o melhor que poderemos uma ideia de Ser Primordial, que é, sem dúvidas, ainda mais infinitamente distante, na real excelência de sua natureza, o mais elevado e perfeito dos seres que o maior homem, o mais puro serafim, é a parte de matéria mais desprezível e conseqüentemente deve exceder o que nossos entendimentos limitados podem conceber dEle.

III.vi.11 *That the nominal essence is that only whereby we distinguish species of substances, further evident, from our ideas of finite spirits and of God.* That our ranking and distinguishing natural substances into species consists in the nominal essences the mind makes, and not in the real essences to be found in the things themselves, is further evident from our ideas of spirits. For the mind getting, only by reflecting on its own operations, those simple ideas which it attributes to spirits, it hath or can have no other notion of spirit but by attributing all those operations it finds in itself to a sort of beings; without consideration of matter. And even the most advanced notion we have of GOD is but attributing the same simple ideas which we have got from reflection on what we find in ourselves, and which we conceive to have more perfection in them than would

be in their absence; attributing, I say, those simple ideas to Him in an unlimited degree. Thus, having got from reflecting on ourselves the idea of existence, knowledge, power and pleasure — each of which we find it better to have than to want; and the more we have of each the better — joining all these together, with infinity to each of them, we have the complex idea of an eternal, omniscient, omnipotent, infinitely wise and happy being. And though we are told that there are different species of angels; yet we know not how to frame distinct specific ideas of them: not out of any conceit that the existence of more species than one of spirits is impossible; but because having no more simple ideas (nor being able to frame more) applicable to such beings, but only those few taken from ourselves, and from the actions of our own minds in thinking, and being delighted, and moving several parts of our bodies; we can no otherwise distinguish in our conceptions the several species of spirits, one from another, but by attributing those operations and powers we find in ourselves to them in a higher or lower degree; and so have no very distinct specific ideas of spirits, except only of GOD, to whom we attribute both duration and all those other ideas with infinity; to the other spirits, with limitation: nor, as I humbly conceive, do we, between GOD and them in our ideas, put any difference, by any number of simple ideas which we have of one and not of the other, but only that of infinity. All the particular ideas of existence, knowledge, will, power, and motion, &c., being ideas derived from the operations of our minds, we attribute all of them to all sorts of spirits, with the difference only of degrees; to the utmost we can imagine, even infinity, when we would frame as well as we can an idea of the First Being; who yet, it is certain, is infinitely more remote, in the real excellency of his nature, from the highest and perfectest of all created beings, than the greatest man, nay, purest seraph, is from the most contemptible part of matter; and consequently must infinitely exceed what our narrow understandings can conceive of Him.

III.vi.12 *No que concerne aos espíritos finitos, deve haver um número incontável de species em uma gradação ou em séries contínuas.* Não é impossível conceber, tampouco causaria repugnância pensar em que talvez haja várias *species* de espíritos separadas umas das outras e diversificadas entre si graças a propriedades distintas sobre as quais não temos ideias tanto quanto as *species* de coisas sensíveis distinguem-se de acordo com qualidades que conhecemos e observamos. Que deveriam existir mais *species* de criaturas inteligentes acima de nós do que de sensíveis e materiais abaixo de nós se dá, a meu ver, por isto: em todo o mundo corpóreo visível não vemos abismos nem lacunas. De tudo o que se encontra abaixo de nós, a descensão ocorre a passos lentos e em uma série contínua de coisas que, a cada remoção, difere muito pouco entre si. Há peixes com asas que não são estranhos

à região aérea; e há pássaros que habitam as águas, cujo sangue é frio como o dos peixes e cuja carne tem um sabor tão semelhante à destes cujo consumo é permitido aos mais penitentes em dias de vigília. Há animais com um parentesco tão próximo tanto de pássaros quanto de bestas que ficam entre eles: os anfíbios conectam os mundos terrestre e aquático, as focas vivem em terra e no mar, os cetáceos têm sangue quente e vísceras de um porco; isso sem citar o que é relatado de modo assertivo acerca da existência de sereias e tritões. Há alguns brutos que parecem ser dotados de tanto conhecimento e raciocínio quanto aqueles chamados homens; e os reinos animal e vegetal são tão proximamente unidos que, se tomarmos o ser mais inferior na escala de um e o mais superior da do outro, não haverá quase diferença que seja perceptível entre eles, e assim por diante. E, até atingirmos a parte de matéria mais inferior e mais inorgânica, devemos descobrir em todos os lugares que várias *species* estão conectadas e diferem entre si em níveis praticamente insensíveis. E quando levamos em consideração o poder e a sabedoria infinitos do Criador, temos razão em pensar que é adequado à harmonia magnificente do universo, ao grande desígnio e à bondade infinita do Arquiteto que as *species* de criaturas também deveriam, em graus discretos, ascender acima de nós através de Sua perfeição infinita, como vemos descenderem gradualmente abaixo de nós. Isso, se for provável, nos dá razão de nos persuadirmos de que há muito mais *species* de criaturas acima de nós do que abaixo; nós ocupamos, em grau de perfeição, uma posição mais distante da existência infinita de Deus do que do estado mais inferior de existência e que se aproxima muito mais do nada. E ainda assim, não temos ideias distintas claras, pelas razões acima mencionadas, de todas essas *species* distintas.

III.vi.12 *Of finite spirits there are probably numberless species, in a continuous series or gradation.* It is not impossible to conceive, nor repugnant to reason, that there may be many species of spirits, as much separated and diversified one from another by distinct properties whereof we have no ideas, as the species of sensible things are distinguished one from another by qualities which we know and observe in them. That there should be more species of intelligent creatures above us, than there are of sensible and material below us, is probable to me from hence: that in all the visible corporeal world, we see no chasms or gaps. All quite down from us the descent is by easy steps, and a continued series of things, that in each remove differ very little one from the other. There are fishes

that have wings, and are not strangers to the airy region: and there are some birds that are inhabitants of the water, whose blood is cold as fishes, and their flesh so like in taste that the scrupulous are allowed them on fish-days. There are animals so near of kin both to birds and beasts that they are in the middle between both: amphibious animals link the terrestrial and aquatic together; seals live at land and sea, and porpoises have the warm blood and entrails of a hog; not to mention what is confidently reported of mermaids, or sea-men. There are some brutes that seem to have as much knowledge and reason as some that are called men: and the animal and vegetable kingdoms are so nearly joined, that, if you will take the lowest of one and the highest of the other, there will scarce be perceived any great difference between them: and so on, till we come to the lowest and the most inorganical parts of matter, we shall find everywhere that the several species are linked together, and differ but in almost insensible degrees. And when we consider the infinite power and wisdom of the Maker, we have reason to think that it is suitable to the magnificent harmony of the universe, and the great design and infinite goodness of the Architect, that the species of creatures should also, by gentle degrees, ascend upward from us toward his infinite perfection, as we see they gradually descend from us downwards: which if it be probable, we have reason then to be persuaded that there are far more species of creatures above us than there are beneath; we being, in degrees of perfection, much more remote from the infinite being of GOD than we are from the lowest state of being, and that which approaches nearest to nothing. And yet of all those distinct species, for the reasons above said, we have no clear distinct ideas.

III.vi.13 *Prova-se que a essência nominal é aquela das species, tal como as concebemos, como se vê na água e no gelo. Mas voltando às species de substâncias corpóreas. Se eu fosse perguntar a qualquer um se gelo e água seriam duas species distintintas de coisas, não duvido que receberia uma resposta afirmativa; e não se pode negar: quem diz que são duas species distintas está correto ao fazê-lo. Porém, se um inglês criado na Jamaica que talvez nunca tenha ouvido falar em gelo vem para a Inglaterra no inverno, verá que a água colocada em sua bacia à noite estará quase toda congelada pela manhã. Sem saber que há um nome particular para isso, deverá chamá-la de “água endurecida”; aí questiono se ela constitui numa nova species para ele, diferente da água. Creio que nesse caso poder-se-ia responder que não seria para ele uma nova species, não mais do que gelatina congelada, quando fria, é de uma species distinta da mesma gelatina fluida e quente; ou então ouro líquido na fornalha ser considerado de uma species distinta do ouro sólido nas mãos de um artífice. E se*

for assim o raciocínio, fica claro que nossas *species* distintas são apenas ideias complexas distintas, com nomes distintos a elas anexados. É verdade que toda substância existente tem uma constituição particular da qual essas qualidades sensíveis e os poderes que nela observamos depende, a organização, porém, das coisas em *species* (que não passa do agrupamento delas em vários títulos) é feita por nós, de acordo com as ideias que nós temos delas. Isso, apesar de bastar para distingui-las por nomes de modo que possamos falar sobre elas quando não as temos presencialmente ao nosso alcance, pode nos fazer supor que ocorre por conta de suas constituições internas reais e que as coisas que existem são distintas pela natureza em *species*, por meio das essências reais, estando em acordo com as nossa distinção em *species* por meio dos nomes, o que pode nos tornar passíveis de grandes erros.

III.vi.13 *The nominal essence that of the species, as conceived by us, proved from water and ice.* But to return to the species of corporeal substances. If I should ask any one whether ice and water were two distinct species of things, I doubt not but I should be answered in the affirmative: and it cannot be denied but he that says they are two distinct species is in the right. But if an Englishman bred in Jamaica, who perhaps had never seen nor heard of ice, coming into England in the winter, find the water he put in his basin at night in a great part frozen in the morning, and, not knowing any peculiar name it had, should call it hardened water; I ask whether this would be a new species to him, different from water? And I think it would be answered here, It would not be to him a new species, no more than congealed jelly, when it is cold, is a distinct species from the same jelly fluid and warm; or than liquid gold in the furnace is a distinct species from hard gold in the hands of a workman. And if this be so, it is plain that our distinct species are nothing but distinct complex ideas, with distinct names annexed to them. It is true every substance that exists has its peculiar constitution, whereon depend those sensible qualities and powers we observe in it; but the ranking of things into species (which is nothing but sorting them under several titles) is done by us according to the ideas that we have of them: which, though sufficient to distinguish them by names, so that we may be able to discourse of them when we have them not present before us; yet if we suppose it to be done by their real internal constitutions, and that things existing are distinguished by nature into species, by real essences, according as we distinguish them into species by names, we shall be liable to great mistakes.

III.vi.14 *As dificuldades na suposição de certo número de essências reais.* Para distinguir seres substanciais em *species* de acordo com a hipótese comum de que há

certa essências precisas, ou formas de coisas, a partir das quais todos os indivíduos existentes são distintos em *species* pela natureza, as seguintes condições são necessárias:

III.vi.14 *Difficulties in the supposition of a certain number of real essences.* To distinguish substantial beings into species, according to the usual supposition, that there are certain precise essences or forms of things, whereby all the individuals existing are, by nature distinguished into species, these things are necessary:—

III.vi.15 *Uma suposição grosseira.* Em primeiro lugar, deve-se assegurar que a natureza, na produção das coisas, sempre as desenvolve de modo a fazerem parte de certas essências reguladas e estabelecidas, as quais devem ser os modelos de todas as coisas que serão produzidas. Isso, no sentido grosseiro que geralmente é proposto, careceria de uma explicação melhor, antes de ser totalmente aceito.

III.vi.15 *A crude supposition.* First, To be assured that nature, in the production of things, always designs them to partake of certain regulated established essences, which are to be the models of all things to be produced. This, in that crude sense it is usually proposed, would need some better explication, before it can fully be assented to.

III.vi.16 *Nascimentos monstruosos.* Em segundo lugar, seria necessário saber se a natureza sempre se atém àquela essência que desenvolve na produção das coisas. Os nascimentos monstruosos e irregulares que foram observados em diversos grupos de animais sempre nos darão razão de duvidar de uma dessas condições, ou de ambas.

III.vi.16 *Monstrous births.* Secondly, It would be necessary to know whether nature always attains that essence it designs in the production of things. The irregular and monstrous births, that in divers sorts of animals have been observed, will always give us reason to doubt of one or both of these.

III.vi.17 *Seriam os monstros de fato uma species distinta?* Em terceiro lugar, seria preciso determinar se esses a que chamamos de monstros são mesmo uma *species*

distinta, de acordo com a noção escolástica da palavra “*species*”, já que está claro que tudo o que existe tem sua constituição particular. E ainda assim, verificamos que algumas dessas produções monstruosas possuem poucas ou nenhuma dessas qualidades que se supõe resultarem da essência dessa *species* à qual parecem pertencer e acompanhar, partindo de seus descendentes.

III.vi.17 *Are monsters really a distinct species?* Thirdly, It ought to be determined whether those we call monsters be really a distinct species, according to the scholastic notion of the word species; since it is certain that everything that exists has its particular constitution. And yet we find that some of these monstrous productions have few or none of those qualities which are supposed to result from, and accompany, the essence of that species from whence, they derive their originals, and to which, by their descent, they seem to belong.

III.vi.18 *Os homens não têm como saber sobre as essências reais.* Em quarto lugar, a essência real dessas coisas que distinguimos em *species*, e assim distinguimos os nomes, devem ser conhecidas, i. é, devemos ter ideias delas. Entretanto, como somos ignorantes a essas quatro condições, as supostas essências reais das coisas não nos ajudam em nada na distinção das substâncias em *species*.

III.vi.18 *Men can have no ideas of real essences.* Fourthly, The real essences of those things which we distinguish into species, and as so distinguished we name, ought to be known; i.e. we ought to have ideas of them. But since we are ignorant in these four points, the supposed real essences of things stand us not in stead for the distinguishing substances into species.

III.vi.19 *Nossas essências nominais das substâncias não são coleções perfeitas das propriedades que emanam da essência real.* Em quinto lugar, a única ajuda imaginável nesse caso seria que nós deveríamos, depois de compor as ideias complexas perfeitas das propriedades das coisas que emanam de suas respectivas essências reais, distingui-las, por esse motivo, em *species*. Isso tampouco pode ser feito. Pois, como somos ignorantes à própria essência real, é impossível conhecer todas essas

propriedades que emanam daí e são a ela anexadas, uma delas que seja eliminada fará, com certeza, com que concluamos que aquela essência não está lá, portanto, a coisa não pertence àquela *species*. Não podemos nunca saber qual é o número preciso de propriedades que dependem da essência real de ouro; apenas uma que seja excluída, a essência de ouro, e consequentemente o ouro, já não são mais identificados, a não ser que soubéssemos a própria essência real de ouro; e com isso tivéssemos determinado aquela *species*. Pela palavra “ouro” aqui, devo ser entendido como a desenvolver uma peça particular de matéria, como o último guinéu cunhado. Se ele representasse aqui, em sua significação cotidiana, aquela ideia complexa que eu ou qualquer outro designe “ouro”, i. é., a essência nominal de ouro, teríamos um jargão. É tão difícil demonstrar os significados mais variados e as imperfeições das palavras quando temos apenas essas mesma palavras para fazê-lo.

III.vi.19 *Our nominal essences of substances not perfect collections of the properties that flow from their real essences.* Fifthly, The only imaginable help in this case would be, that, having framed perfect complex ideas of the properties of things flowing from their different real essences, we should thereby distinguish them into species. But neither can this be done. For, being ignorant of the real essence itself, it is impossible to know all those properties that flow from it, and are so annexed to it, that any one of them being away, we may certainly conclude that that essence is not there, and so the thing is not of that species. We can never know what is the precise number of properties depending on the real essence of gold, any one of which failing, the real essence of gold, and consequently gold, would not be there, unless we knew the real essence of gold itself, and by that determined that species. By the word gold here, I must be understood to design a particular piece of matter; v.g. the last guinea that was coined. For, if it should stand here, in its ordinary signification, for that complex idea which I or any one else calls gold, i.e. for the nominal essence of gold, it would be jargon. So hard is it to show the various meaning and imperfection of words, when we have nothing else but words to do it by.

III.vi.20 *Por isso os nomes independem das essências reais.* Dito isso, fica claro que a maneira como distinguimos as substâncias em *species* a partir dos nomes em nada se funda em suas essências reais; tampouco podemos fingir organizá-las e determiná-las com exatidão em *species*, de acordo com diferenças essenciais internas.

III.vi.20 *Hence names independent of real essences.* By all which it is clear, that our distinguishing substances into species by names, is not at all founded on their real essences; nor can we pretend to range and determine them exactly into species, according to internal essential differences.

III.vi.21 *Mas representam a coleção de substâncias simples tal qual fizemos o nome representar.* Já que, como foi comentado, necessitamos de palavras gerais, apesar de desconhecermos a essência real das coisas, tudo o que podemos fazer é juntar certo número de ideias simples tal como verificamos, pela verificação, aparecerem juntas nas coisas existentes; e, a partir disso, produzir uma ideia complexa. Apesar de não ser essa a essência real de nenhuma substância que existe é, porém, a essência específica à qual nosso nome pertence e na qual pode ser convertido - assim, por meio disso, podemos ao menos tentar encontrar a verdade sobre essas essências nominais. Por exemplo, há quem diga que a essência do corpo é extensão, se assim o é, não podemos nunca errar ao trocar a essência de algo pela própria coisa. Façamos, então a substituição de corpo por extensão num discurso; e, quando formos dizer que o corpo se move, digamos que a extensão se move: note quão inadequado parecerá. Aquele que disser que uma extensão move por impulso outra extensão, demonstraria o suficiente, pela simples expressão, o absurdo dessa noção. A essência de qualquer coisa em relação a nós é toda a ideia complexa compreendida e marcada por aquele nome; no caso das substâncias, além das várias ideias simples distintas que as formam, aquela confusa de substância, ou a de uma base desconhecida e a causa da união delas é também parte: e, assim, a essência do corpo não é a mera extensão, mas uma coisa sólida extensa. Assim, dizer uma coisa sólida extensa se move, ou impele outra é a mesma coisa - e da mesma forma inteligível - que dizer o corpo se move ou impele. Da mesma forma, dizer que um animal racional é capaz de conversação é a mesma coisa que dizer que um homem o é. Mas ninguém dirá que a racionalidade é capaz de conversação porque ela não forma a essência completa que chamamos de "homem".

III.vi.21 *But stand for such a collection of simple substances, as we have made the name stand for.* But since, as has been remarked, we have need of general words,

though we know not the real essences of things; all we can do is, to collect such a number of simple ideas as, by examination, we find to be united together in things existing, and thereof to make one complex idea. Which, though it be not the real essence of any substance that exists, is yet the specific essence to which our name belongs, and is convertible with it; by which we may at least try the truth of these nominal essences. For example: there be that say that the essence of body is extension; if it be so, we can never mistake in putting the essence of anything for the thing itself. Let us then in discourse put extension for body, and when we would say that body moves, let us say that extension moves, and see how ill it will look. He that should say that one extension by impulse moves another extension, would, by the bare expression, sufficiently show the absurdity of such a notion. The essence of anything in respect of us, is the whole complex idea comprehended and marked by that name; and in substances, besides the several distinct simple ideas that make them up, the confused one of substance, or of an unknown support and cause of their union, is always a part: and therefore the essence of body is not bare extension, but an extended solid thing; and so to say, an extended solid thing moves, or impels another, is all one, and as intelligible, as to say, body moves or impels. Likewise, to say that a rational animal is capable of conversation, is all one as to say a man; but no one will say that rationality is capable of conversation, because it makes not the whole essence to which we give the name man.

III.vi.22 *Nossa ideias abstratas são para nós a medida das species que produzimos: um exemplo disso é o homem.* Existem criaturas no mundo cujo formato se assemelha ao nosso, excetuando o excesso de pelos e a falta de linguagem e racionalidade. Há deficientes entre nós que têm exatamente o mesmo formato que o nosso, mas falta-lhes o raciocínio, e a alguns também linguagem. Há criaturas, como foi dito (*sit fides authorem*, e não parece haver qualquer contradição que o deveria ser), que, com linguagem, e raciocínio, e um formato em outras coisas que concordam com a nossa, têm caudas peludas; outras em que o macho não tem barba e outras ainda em que as fêmeas a possuem. Se for perguntado se todas elas são consideradas “homens” ou não, ou pertencentes à *species* humana, fica claro que a questão se refere apenas à essência nominal: para aqueles a quem a definição da palavra “homem”, ou a ideia complexa significada por aquele nome, é assertiva, esses são homens, outros não. Agora, se a investigação feita se relacionar com a suposta essência real e se a constituição interna e estrutura dessas várias criaturas for especificamente diferente, aí

é-nos totalmente impossível de responder, já que nenhuma parte disso integra nossa ideia específica; temos apenas razão em pensar que naquilo em que as faculdades, ou estrutura externa, sejam muito diferentes, a constituição interna não é exatamente a mesma. Contudo, em vão investiga-se que diferença faz na constituição interna real uma diferença específica; enquanto nossas medidas de *species* forem apenas as nossas ideias abstratas, conhecidas para nós, e não aquela constituição interna, que não faz parte delas. Será que apenas a diferença de pelo na pele deve ser uma marca de uma constituição interna específica diferente entre uma criança trocada e um mandril enquanto concordam em formato e falta de raciocínio e fala? Se será que a falta de raciocínio e de fala não seria um sinal de constituições reais e de *species* diferentes entre uma criança trocada e um homem racional? E por aí vai, se alegarmos que a distinção de *species* e de grupos é estabelecida de forma fixa a partir da estrutura real da constituição secreta das coisas.

III.vi.22 *Our abstract ideas are to us the measures of the species we make: instance in that of man.* There are creatures in the world that have shapes like ours, but are hairy, and want language and reason. There are naturals amongst us that have perfectly our shape, but want reason, and some of them language too. There are creatures, as it is said, (sit fides penes authorem, but there appears no contradiction that there should be such), that, with language and reason and a shape in other things agreeing with ours, have hairy tails; others where the males have no beards, and others where the females have. If it be asked whether these be all men or no, all of human species? it is plain, the question refers only to the nominal essence: for those of them to whom the definition of the word man, or the complex idea signified by the name, agrees, are men, and the other not. But if the inquiry be made concerning the supposed real essence; and whether the internal constitution and frame of these several creatures be specifically different, it is wholly impossible for us to answer, no part of that going into our specific idea: only we have reason to think, that where the faculties or outward frame so much differs, the internal constitution is not exactly the same. But what difference in the real internal constitution makes a specific difference it is in vain to inquire; whilst our measures of species be, as they are, only our abstract ideas, which we know; and not that internal constitution, which makes no part of them. Shall the difference of hair only on the skin be a mark of a different internal specific constitution between a changeling and a drill, when they agree in shape, and want of reason and speech? And shall not the want of reason and speech be a sign to us of different real constitutions and species between a changeling and a reasonable man? And so of the rest, if we pretend that

distinction of species or sorts is fixedly established by the real frame and secret constitutions of things.

III.vi.23 *As species de animais não é distinta por gerações.* E que ninguém venha dizer que o poder de procriação nos animais com a mistura de macho e fêmea, e de disseminação nas plantas pelas sementes, mantém as supostas *species* reais inteiras e distintas. Pois, ao se garantir que isso é verdade, não nos ajudaria mais na distinção das *species* de coisas do que na de tribos de animais e vegetais. O que devemos fazer quanto ao resto? Aqui também não basta; se a história não mente, há mulheres que conceberam de mandris; e quais novas *species* reais, nessa medida, esse tipo de produção gerará na natureza será uma nova questão. E temos razão em pensar que não é impossível, já que as mulas e os jumentos, um nascido da mistura de um burro e uma égua e outro da mistura de um touro e uma égua, são tão frequentes no mundo. Uma vez eu vi uma criatura que nasceu do cruzamento de gato com rato e carregava traços dos dois animais em si - a natureza parece não ter seguido o padrão de nenhum grupo de forma isolada, mas criou uma combinação dos dois num só. Àquilo que se pode acrescentar às produções monstruosas que ocorrem com tanta frequência na natureza pode ser difícil, até mesmo nas raças de animais, para alguém determinar, por meio do pedigree, de qual *species* todos os animais são um cruzamento; ele estaria numa encruzilhada quanto à essência real que acredita ser transmitida por gerações e tem, por isso, o direito a um nome específico. Ademais, se a *species* de animais e de plantas devem ser distintas apenas pela disseminação, será que eu preciso ir às Índias e ver os machos e as fêmeas e a planta de onde certa semente foi colhida para saber se aquilo é um tigre ou isso um chá?

III.vi.23 *Species in animals not distinguished by generation.* Nor let any one say, that the power of propagation in animals by the mixture of male and female, and in plants by seeds, keeps the supposed real species distinct and entire. For, granting this to be true, it would help us in the distinction of the species of things no further than the tribes of animals and vegetables. What must we do for the rest? But in those too it is not sufficient: for if history lie not, women have conceived by drills; and what real species, by that measure, such a production will be in nature will be a new question: and we have

reason to think this is not impossible, since mules and jumarts, the one from the mixture of an ass and a mare, the other from the mixture of a bull and a mare, are so frequent in the world. I once saw a creature that was the issue of a cat and a rat, and had the plain marks of both about it; wherein nature appeared to have followed the pattern of neither sort alone, but to have jumbled them both together. To which he that shall add the monstrous productions that are so frequently to be met with in nature, will find it hard, even in the race of animals, to determine by the pedigree of what species every animal's issue is; and be at a loss about the real essence, which he thinks certainly conveyed by generation, and has alone a right to the specific name. But further, if the species of animals and plants are to be distinguished only by propagation, must I go to the Indies to see the sire and dam of the one, and the plant from which the seed was gathered that produced the other, to know whether this be a tiger or that tea?

III.vi.24 *Não pelas formas substanciais.* Relativo a todo esse assunto, fica claro que é de suas próprias coleções de ideias sensíveis que os homens produzem as essências para os seu vários grupos de substâncias; e que suas estruturas internas reais não são consideradas pela maioria deles quando do agrupamento daquelas. Muito menos foram pensadas quaisquer formas substanciais a não ser para aqueles que, nessa parte do mundo, aprenderam a linguagem das escolas. E, ainda, esses homens ignorantes - que que não têm qualquer pretensão de penetrar nas essências reais tampouco se atormentar com formas substanciais, mas que se conformam em saber umas coisas pelas outras de acordo com suas qualidades sensíveis e, com frequência, estão mais familiarizados com suas diferenças - conseguem distingui-las melhor em seus usos e saber melhor o que esperar de cada uma delas do que aqueles homens doutos que com um piscar de olhos se aprofundam nelas e falam com confiança sobre algo mais oculto e essencial.

III.vi.24 *Not by substantial forms.* Upon the whole matter, it is evident that it is their own collections of sensible qualities that men make the essences of their several sorts of substances; and that their real internal structures are not considered by the greatest part of men in the sorting them. Much less were any substantial forms ever thought on by any but those who have in this one part of the world learned the language of the schools: and yet those ignorant men, who pretend not any insight into the real essences, nor trouble themselves about substantial forms, but are content with knowing things one from another by their sensible qualities, are often better acquainted with their

differences; can more nicely distinguish them from their uses; and better know what they expect from each, than those learned quick-sighted men, who look so deep into them, and talk so confidently of something more hidden and essential.

III.vi.25 *Os nomes específicos que geralmente são feitos pelos homens.* Supondo que as essências reais das substâncias pudessem ser descobertas por aqueles que se dedicariam a essa investigação, mesmo assim, não poderíamos pensar racionalmente que a organização das coisas em nomes gerais tenha sido regulada por essas constituições internas reais, ou qualquer outra coisa além de suas aparências óbvias pelo fato de as línguas, em todos os países, se estabeleceram muito antes das ciências. Assim, não foram filósofos ou lógicos que tiveram uma preocupação sobre formas e essências os criadores de nomes gerais, em usos entre as várias nações humanas. Esses termos mais ou menos abrangentes, em sua maioria, foram dados à luz e tiveram uma significação atribuída por pessoas ignorantes e iletradas, que agruparam e denominaram as coisas de acordo com as qualidades sensíveis que encontraram nelas, para, assim, significá-las, em sua ausência, a outros quando fosse o caso de mencionar um grupo ou uma coisa particular.

III.vi.25 *The specific essences that are commonly made by men.* But supposing that the real essences of substances were discoverable by those that would severely apply themselves to that inquiry, yet we could not reasonably think that the ranking of things under general names was regulated by those internal real constitutions, or anything else but their obvious appearances; since languages, in all countries, have been established long before sciences. So that they have not been philosophers or logicians, or such who have troubled themselves about forms and essences, that have made the general names that are in use amongst the several nations of men: but those more or less comprehensive terms have, for the most part, in all languages, received their birth and signification from ignorant and illiterate people, who sorted and denominated things by those sensible qualities they found in them; thereby to signify them, when absent, to others, whether they had an occasion to mention a sort or a particular thing.

III.vi.26 *E por isso são tão variadas e incertas nas ideias de homens diferentes.* Desde então, é evidente que organizamos e nomeamos as substâncias de acordo com suas essências nominais e não reais; a próxima coisa a ser considerada é como e por quem essas essências são produzidas. Quanto a estas, é evidente que elas são produzidas pela mente, não pela natureza: se fossem obra da Natureza, não poderiam ser tão variadas e diferentes nos mais variados homens, como nos mostra a experiência. Pois, se examinarmos-las, veremos que não há uma essência nominal de qualquer *species* de substâncias que seja igual em todos os homens; não, nem mesmo aquela dentre todas com a qual estamos mais intimamente familiarizados. Não seria possível que a ideia abstrata à qual o nome “homem” é atribuído fosse diferente em vários homens se ela fosse criação da Natureza; de modo que para um fosse *animal rationale* e, para outro, *animal implume bipes latir unguibus*. Aquele que anexa o nome “homem” a uma ideia complexa feita de sentido e movimento espontâneo, junto a um corpo de um determinado formato, possui, assim, uma essência da *species* homem; e aquele que, após uma examinação mais detida, adiciona racionalidade possui uma outra essência da *species* a que chama “homem” - dessa forma, o mesmo indivíduo será um homem de verdade para um, mas não para outro. Creio quase não haver quem permita que essa figura ereta, tão bem conhecida, seja a diferença essencial da *species* homem; todavia, é visível quantos homens não determinam os grupos de animais pela forma não pela ascendência. Já foi mais de uma vez debatido se vários fetos humanos deveriam ser preservados ou batizados apenas por conta de sua configuração externa ser distinta daquela tradicional a crianças, sem saber se eram dotados de razão como infantes arranjados em outra forma - apesar de que alguns, ainda que num formato aprovado, nunca serão dotados de tamanha razão em toda sua vida como o é um macaco, ou um elefante; e nunca darão sinais de que agem de acordo com um espírito racional. Dessa forma, é evidente que a figura exterior, que se demonstra falha, diferente da faculdade da razão, a qual ninguém poderia saber se seria falha antes de seu tempo certo, que se tornou essencial à *species* humana. O douto teólogo e o jurista precisam, nessas situações, renunciar sua definição sagrada de *animal rationale* e substituí-la por outra essência da *species* humana. [Monsieur Menage¹⁹⁸ fornece-nos

¹⁹⁸ Gilles Ménage foi um escolástico francês, nascido em 15 de agosto de 1613 e morto em 23 de julho

um exemplo digno de nota aqui: “Quando o abade de San Martin”, diz ele, “nasceu, tinha um formato tão distante da figura humana, que ele era referido como um monstro. Durante algum tempo a deliberação de batizá-lo ou não foi debatida. Ele o foi e declarado provisoriamente homem [até que o tempo pode provar do que ele era capaz]. A Natureza havia-o moldado tão desfigurado que ele fora chamado, ao longo de toda a sua vida, de Padre Malotru, ou seja, mal formado. Ele era natural de Caen” (Menagiana, 278, 430). Essa criança, como vemos, passou muito perto de ser excluída da *species* humana, apenas por causa de seu formato. Escapou por um triz; fica claro que, se seu formato fosse um pouco mais deformado, ele seria marginalizado, e executado, como algo sem permissão de se passar por um homem. Não pode haver, de todo modo, qualquer razão por que, caso as linhas de seu rosto fossem minimamente alteradas, um espírito racional não poderia se alocar nele, porque um rosto mais alongado, ou um nariz mais achatado, ou uma boca mais larga, não poderia ser constituída, como o resto de sua figura mal formada, daquele espírito, essas partes, que o formaram, desfigurado como era, capaz de ser tornar um dignatário na igreja.]

III.vi.26 *Therefore very various and uncertain in the ideas of different men.* Since then it is evident that we sort and name substances by their nominal and not by their real essences, the next thing to be considered is how, and by whom these essences come to be made. As to the latter, it is evident they are made by the mind, and not by nature: for were they Nature’s workmanship, they could not be so various and different in several men as experience tells us they are. For if we will examine it, we shall not find the nominal essence of any one species of substances in all men the same: no, not of that which of all others we are the most intimately acquainted with. It could not possibly be that the abstract idea to which the name man is given should be different in several men, if it were of Nature’s making; and that to one it should be animal rationale, and to another, animal implume bipes latis unguibus. He that annexes the name to a complex idea, made up of sense and spontaneous motion, joined to a body of such a shape, has thereby one essence of the species man; and he that, upon further examination, adds rationality, has another essence of the species he calls man: by which means the same individual will be a true man to the one which is not so to the other. I think there is scarce any one will allow this upright figure, so well known, to be the essential difference of the

de 1692, conhecido por suas obras filológicas e pelas *Mercuriales*, encontros literários realizados às quartas-ferias, que ele patrocinou durante 30 anos. (Disponível em: <<https://global.britannica.com/biography/Gilles-Menage>>, último acesso: 13/01/2017)

species man; and yet how far men determine of the sorts of animals rather by their shape than descent, is very visible; since it has been more than once debated, whether several human foetuses should be preserved or received to baptism or no, only because of the difference of their outward configuration from the ordinary make of children, without knowing whether they were not as capable of reason as infants cast in another mould: some whereof, though of an approved shape, are never capable of as much appearance of reason all their lives as is to be found in an ape, or an elephant, and never give any signs of being acted by a rational soul. Whereby it is evident, that the outward figure, which only was found wanting, and not the faculty of reason, which nobody could know would be wanting in its due season, was made essential to the human species. The learned divine and lawyer must, on such occasions, renounce his sacred definition of animal rationale, and substitute some other essence of the human species. Monsieur Menage furnishes us with an example worth the taking notice of on this occasion: "When the abbot of Saint Martin," says he, "was born, he had so little of the figure of a man, that it bespoke him rather a monster. It was for some time under deliberation, whether he should be baptized or no. However, he was baptized, and declared a man provisionally till time should show what he would prove. Nature had moulded him so untowardly, that he was called all his life the Abbot Malotru; i.e. ill-shaped. He was of Caen." (Menagiana, 278, 430.) This child, we see, was very near being excluded out of the species of man, barely by his shape. He escaped very narrowly as he was; and it is certain, a figure a little more oddly turned had cast him, and he had been executed, as a thing not to be allowed to pass for a man. And yet there can be no reason given why, if the lineaments of his face had been a little altered, a rational soul could not have been lodged in him; why a visage somewhat longer, or a nose flatter, or a wider mouth, could not have consisted, as well as the rest of his ill figure, with such a soul, such parts, as made him, disfigured as he was, capable to be a dignitary in the church.

III.vi.27 *As essências nominais das substâncias particulares são por natureza indeterminadas e, por isso, variadas de acordo com cada homem.* Em que, então, eu gostaria muito de saber, consistem os limites precisos e inamovíveis dessas *species*? Fica claro, se examinarmos, que não é da Natureza a autoria de tal criação, tampouco do seu estabelecimento entre os homens. A essência real desse ou de qualquer outro grupo de substâncias, é evidente, não nos é conhecida; portanto, são tão indeterminadas nas nossas essências nominais, as quais produzimos por conta própria, que, se vários homens fossem questionados, relativo a um feto mal formado, imediatamente após seu nascimento, se este seria um homem ou não, não há dúvidas

de que respostas diferentes surgiriam. O que não poderia acontecer, se as essências nominais, por meio das quais limitamos e distinguimos as *species* de substâncias, não fossem produzidas pelos homens com alguma liberdade, mas copiadas tal qual os limites precisos estabelecidos pela natureza, por meio dos quais haveriam distinguido todas as substâncias em certas *species*. Quem se comprometeria a resolver a qual *species* aquele monstro, mencionado por Licetus¹⁹⁹ (lib. i. c. 3), com cabeça humana e corpo de suíno, pertenceria? Ou aqueles com corpo de homem e cabeça de bestas como cães, cavalos etc. Se alguma dessas criaturas de fato tivesse vivido, e pudesse falar, a dificuldade teria aumentado. Se a metade de cima tivesse forma humana e a de baixo a de um porco, será que seria considerado assassinio destruir essa criatura? Ou será que o bispo deveria ser consultado para que fosse averiguado se ela era humana o suficiente para ser admitida ao batismo? Foi-me dito que isso ocorreu uma vez na França há alguns anos um caso semelhante. Os limites entre as *species* de animais são-nos tão incertos, nós que não temos outras medidas além das ideias complexas geradas da nossa própria coleção, que ficamos cada vez mais distantes de saber com exatidão o que é um “homem”; apesar de julgado como grande ignorância questionar essa definição. Mesmo assim, creio que posso dizer que os limites precisos dessa *species* estão tão longe de serem determinados - e o número preciso de ideias simples que compõem a essência nominal tão distantes de serem estabelecidas e conhecidas com perfeição - que dúvidas bastante materiais sobre isso ainda surgem. E imagino que nenhuma das definições para a palavra “homem” que possuímos, ou descrições desse tipo de animal, sejam tão perfeitas e exatas de modo a satisfazer uma pessoa inquisidora que aprecia considerar bem as coisas; menos ainda obter um consenso geral e ser aquilo a que todos poderiam se ater quando da decisão de alguns casos e da determinação da vida ou morte, batismo ou não batismo, em produções que podem ocorrer.

III.vi.27 *Nominal essences of particular substances are undetermined by nature, and therefore various as men vary.* Wherein, then, would I gladly know, consist the precise

¹⁹⁹ Fortunio Liceti, nascido em 3 de outubro de 1577 e morto em 17 de maio de 1657, foi um médico e filósofo italiano interessado em anomalias genéticas.
(Disponível em: <<http://brunelleschi.imss.fi.it/itineraries/biography/FortunioLiceti.html>> último acesso: 13/01/2017)

and unmovable boundaries of that species? It is plain, if we examine, there is no such thing made by Nature, and established by her amongst men. The real essence of that or any other sort of substances, it is evident, we know not; and therefore are so undetermined in our nominal essences, which we make ourselves, that, if several men were to be asked concerning some oddly shaped foetus, as soon as born, whether it were a man or no, it is past doubt one should meet with different answers. Which could not happen, if the nominal essences, whereby we limit and distinguish the species of substances, were not made by man with some liberty; but were exactly copied from precise boundaries set by nature, whereby it distinguished all substances into certain species. Who would undertake to resolve what species that monster was of which is mentioned by Licetus (Bk. i. c. 3), with a man's head and hog's body? Or those other which to the bodies of men had the heads of beasts, as dogs, horses, &c. If any of these creatures had lived, and could have spoke, it would have increased the difficulty. Had the upper part to the middle been of human shape, and all below swine, had it been murder to destroy it? Or must the bishop have been consulted, whether it were man enough to be admitted to the font or no? As I have been told it happened in France some years since, in somewhat a like case. So uncertain are the boundaries of species of animals to us, who have no other measures than the complex ideas of our own collecting: and so far are we from certainly knowing what a man is; though perhaps it will be judged great ignorance to make any doubt about it. And yet I think I may say, that the certain boundaries of that species are so far from being determined, and the precise number of simple ideas which make the nominal essence so far from being settled and perfectly known, that very material doubts may still arise about it. And I imagine none of the definitions of the word man which we yet have, nor descriptions of that sort of animal, are so perfect and exact as to satisfy a considerate inquisitive person; much less to obtain a general consent, and to be that which men would everywhere stick by, in the decision of cases, and determining of life and death, baptism or no baptism, in productions that might happen.

III.vi.28 *Mas não tão arbitrárias quanto os modos mistos.* Apesar de essas essências nominais das substâncias serem produzidas pela mente, não são produzidas de forma tão arbitrária quanto as dos modos mistos. Para a produção de qualquer essência nominal é necessário, em primeiro lugar, que as ideias em que ela consiste possuam uma união tal que produza apenas uma ideia, não importa o quão compostas sejam. Em segundo lugar, que as ideias particulares de tal modo unidas sejam exatamente as mesmas, nem mais, nem menos. Pois, se duas ideias abstratas complexas diferirem em número ou em tipos de partes componentes, elas formam duas essências diferentes,

não uma e a mesma. Na primeira dessas, a mente, ao produzir suas ideias complexas de substâncias, apenas segue o que a natureza faz; não reúne nenhuma que não possua uma cuja união é pressuposta na natureza. Ninguém junta a voz da ovelha com a figura de um cavalo, ou a cor do chumbo com o peso e a fixidez do ouro para que forme as ideias complexas de alguma substância real; a não ser que tenha uma mente para encher de quimeras, e um discurso, de palavras ininteligíveis. Os homens, ao observarem que certas qualidades aparecem existindo sempre unidas, copiam a natureza e, a partir de ideias assim juntas, produzem as complexas de substâncias. Pois, apesar de eles poderem gerar as ideias que quiserem, e atribuir-lhes os nomes que desejarem, ainda assim, se for para serem entendidos quando falam de coisas que realmente existem, devem, em algum grau, conformar suas ideias às coisas sobre as quais fariam; de outro modo, a língua humana seria semelhante a Babel - e cada palavra humana, inteligível apenas para si, não mais seria adequada para o diálogo e os afazeres cotidianos da vida, se as ideias as quais essas palavras representam não responderem às aparências comuns e concordâncias das substâncias tal como realmente existem.

III.vi.28 *But not so arbitrary as mixed modes.* But though these nominal essences of substances are made by the mind, they are not yet made so arbitrarily as those of mixed modes. To the making of any nominal essence, it is necessary, First, that the ideas whereof it consists have such a union as to make but one idea, how compounded soever. Secondly, that the particular ideas so united be exactly the same, neither more nor less. For if two abstract complex ideas differ either in number or sorts of their component parts, they make two different, and not one and the same essence. In the first of these, the mind, in making its complex ideas of substances, only follows nature; and puts none together which are not supposed to have a union in nature. Nobody joins the voice of a sheep with the shape of a horse; nor the colour of lead with the weight and fixedness of gold, to be the complex ideas of any real substances; unless he has a mind to fill his head with chimeras, and his discourse with unintelligible words. Men observing certain qualities always joined and existing together, therein copied nature; and of ideas so united made their complex ones of substances. For, though men may make what complex ideas they please, and give what names to them they will; yet, if they will be understood when they speak of things really existing, they must in some degree conform their ideas to the things they would speak of; or else men's language will be like that of Babel; and every man's words, being intelligible only to himself, would

no longer serve to conversation and the ordinary affairs of life, if the ideas they stand for be not some way answering the common appearances and agreement of substances as they really exist.

III.vi.29 *Nossas essências nominais das substâncias consistem, geralmente, em poucas qualidades óbvias observadas nas coisas.* Em segundo lugar, apesar de a mente humana, na produção de suas ideias das substâncias, nunca unir nenhuma delas que já não coexista, ou cuja união seja pressuposta - assim, empresta mesmo essa união da natureza -, o número que ela combina depende de cuidados, diligência e fantasia variados por parte daquele que as produz. Os homens, num geral, contentam-se com algumas poucas qualidades sensíveis óbvias; e com frequência, se não sempre, excluem outras que ocorrem tão fortemente unidas e de modo tão concreto quanto aquelas que selecionam. Há, pois, dois grupos de substâncias sensíveis: um de corpos organizados que se propagam por meio de sementes - nesses é a forma que se nos destaca como a qualidade principal e a parte mais característica que determina a *species*. E, portanto, nos vegetais e nos animais, uma substâncias extensa e sólida com um formato específico geralmente faz as vezes dela. Embora alguns aparentemente privilegiar sua definição *animal rationale*, se houvesse uma criatura com linguagem e razão, mas não compartilhasse a forma humana usual, acredito que ela dificilmente se enquadraria nessa definição de “homem”, não importa o quão racional fosse. E se a jumenta de Balaão tivesse discursado ao longo de sua vida com a mesma racionalidade que o fez uma vez com seu mestre, duvido muito se alguém teria pensado ser ela digna do nome “homem”, ou permitido-lhe pertencer à mesma *species* que ele. Retomando, tanto nos vegetais quanto nos animais é o formato, mas em outros corpos não propagados por semente, é à cor a que nos mais atemos e nos mais deixamos guiar. Assim, onde encontramos a cor de ouro, temos condições de imaginar que todas as outras qualidades compreendidas em nossa ideia complexa também se encontram lá; e tomamos essas duas qualidades óbvias, a saber, formato e cor, como ideias presumíveis de várias *species*, de modo que diante de uma boa imagem, dizemos rapidamente “isso é um leão” e “aquilo é uma rosa”; “isso é uma taça de ouro e aquilo

uma de prata”, tudo a partir dos diferentes formatos e das diferentes cores apresentadas aos olhos com o pincel.

III.vi.29 *Our nominal essences of substances usually consist of a few obvious qualities observed in things.* Secondly, Though the mind of man, in making its complex ideas of substances, never puts any together that do not really, or are not supposed to, co-exist; and so it truly borrows that union from nature: yet the number it combines depends upon the various care, industry, or fancy of him that makes it. Men generally content themselves with some few sensible obvious qualities; and often, if not always, leave out others as material and as firmly united as those that they take. Of sensible substances there are two sorts: one of organized bodies, which are propagated by seed; and in these the shape is that which to us is the leading quality, and most characteristical part, that determines the species. And therefore in vegetables and animals, an extended solid substance of such a certain figure usually serves the turn. For however some men seem to prize their definition of animal rationale, yet should there a creature be found that had language and reason, but partaked not of the usual shape of a man, I believe it would hardly pass for a man, how much soever it were animal rationale. And if Balaam’s ass had all his life discoursed as rationally as he did once with his master, I doubt yet whether any one would have thought him worthy the name man, or allowed him to be of the same species with himself. As in vegetables and animals it is the shape, so in most other bodies, not propagated by seed, it is the colour we must fix on, and are most led by. Thus where we find the colour of gold, we are apt to imagine all the other qualities comprehended in our complex idea to be there also: and we commonly take these two obvious qualities, viz. shape and colour, for so presumptive ideas of several species, that in a good picture, we readily say, this is a lion, and that a rose; this is a gold, and that a silver goblet, only by the different figures and colours represented to the eye by the pencil.

III.vi.30 *Mesmo assim, imperfeitas como são, servem bem à conversação comum.* Apesar de isso ser de muita serventia às concepções grosseiras e confusas, e modos imprecisos de falar e pensar, os homens estão longe de concordar com o número preciso de ideias simples ou qualidades que pertencem a qualquer grupo de ideias significadas por seu nome. Tampouco é de se admirar, já que muito tempo é demandado, bem como esforço e habilidade, investigação rígida e longas examinações para descobrir quais - e quantas - são as ideias simples que são inseparável e constantemente unidas na natureza; e são sempre encontradas juntas no mesmo

objeto. A maioria dos homens, por falta de tempo, inclinação ou diligência para isso, contentam-se, a um nível tolerável, com algumas aparências externas e óbvias das coisas, por meio das quais com presteza distinguem e agrupam-nas para os afazeres comuns da vida. Dessa forma, sem uma examinação mais detida, atribuem-lhes nomes, ou apropriam-se dos nomes já em uso. Para o nível da conversação comum, elas são bastante adequadas como sinais de algumas poucas qualidades coexistentes, mas estão longe de compreender uma significação estabelecida, um número preciso de ideias simples, muito menos todas as que são unidas na natureza. Quem, depois de muito ruído sobre *genus* e *species* e depois tanto palavreiro a respeito de diferenças específicas, levar em consideração o escasso número de palavras cuja definição já estabelecemos, terá razão em imaginar que essas formas em torno das quais foi feito tanto barulho não passam de quimeras, não nos esclarecem as naturezas específicas das coisas. E quem levar em consideração quão distantes estão os nomes das substâncias de possuírem significações com as quais todos que os empregam concordam terá razão ao concluir que, apesar de se esperar que as essências nominais das substâncias sejam copiadas da natureza, elas são todas, ou a maioria delas, muito imperfeitas. Isso porque a composição dessas ideias complexas são, em vários homens, muito diferentes - e, portanto, esses limites das *species* são produções humanas, não da Natureza, se ao menos houver na natureza qualquer tipo de limites prefixados. É verdade que muitas substâncias particulares são de tal modo criadas pela Natureza que apresentam, entre si, uma semelhança e uma concordância, tendo, assim, condições de serem organizadas em grupos. Mas o agrupamento das coisas por nós, ou a produção de determinadas *species*, para o fim de nomeá-las e compreendê-las dentro de termos gerais, não consigo ver como é possível dizer de outra forma: a Natureza estabelece os limites das *species* das coisas, ou, se for assim, nossos limites das *species* não se conformam àqueles da natureza. Nós temos a necessidade de nomes para o uso imediato, mas eles não representam uma descoberta perfeita de todas essas qualidades que seriam a melhor forma de nos mostrar suas maiores diferenças materiais e semelhanças. Entretanto, por conta própria, dividimo-los de acordo com aparências óbvias em *species* as quais nos facilitam, sob nomes gerais, comunicar nossos pensamentos sobre elas. Não temos outro conhecimento a respeito

de qualquer substância a não ser pelas ideias simples que nela se unem; e pela observação de várias coisas particulares que concordam com outras em várias dessas ideias simples, desse modo, tornamos essa coleção nossa ideia específica e atribuímo-lhe um nome geral. Este serve para gravarmos nossos pensamentos e conversarmos com outros, nessas ações, pois, devemos com uma única palavra designar todos os indivíduos que concordam com essa ideia complexa, sem que seja preciso enumerar as ideias simples que a formam - com isso, não perdemos nosso tempo nem fôlego com descrições tediosas: as quais tendem a ocorrer entre aqueles que pretendem falar sobre algum novo grupo de coisas para o qual ainda não há um nome.

III.vi.30 *Yet, imperfect as they thus are, they serve for common converse.* But though this serves well enough for gross and confused conceptions, and inaccurate ways of talking and thinking; yet men are far enough from having agreed on the precise number of simple ideas or qualities belonging to any sort of things, signified by its name. Nor is it a wonder; since it requires much time, pains, and skill, strict inquiry, and long examination to find out what, and how many, those simple ideas are, which are constantly and inseparably united in nature, and are always to be found together in the same subject. Most men, wanting either time, inclination, or industry enough for this, even to some tolerable degree, content themselves with some few obvious and outward appearances of things, thereby readily to distinguish and sort them for the common affairs of life: and so, without further examination, give them names, or take up the names already in use. Which, though in common conversation they pass well enough for the signs of some few obvious qualities co-existing, are yet far enough from comprehending, in a settled signification, a precise number of simple ideas, much less all those which are united in nature. He that shall consider, after so much stir about genus and species, and such a deal of talk of specific differences, how few words we have yet settled definitions of, may with reason imagine, that those forms which there hath been so much noise made about are only chimeras, which give us no light into the specific natures of things. And he that shall consider how far the names of substances are from having significations wherein all who use them do agree, will have reason to conclude that, though the nominal essences of substances are all supposed to be copied from nature, yet they are all, or most of them, very imperfect. Since the composition of those complex ideas are, in several men, very different: and therefore that these boundaries of species are as men, and not as Nature, makes them, if at least there are in nature any such prefixed bounds. It is true that many particular substances are so made by Nature, that they have agreement and likeness one with another, and so afford a foundation of being ranked into sorts. But the sorting of things by us, or the

making of determinate species, being in order to naming and comprehending them under general terms, I cannot see how it can be properly said, that Nature sets the boundaries of the species of things: or, if it be so, our boundaries of species are not exactly conformable to those in nature. For we, having need of general names for present use, stay not for a perfect discovery of all those qualities which would best show us their most material differences and agreements; but we ourselves divide them, by certain obvious appearances, into species, that we may the easier under general names communicate our thoughts about them. For, having no other knowledge of any substance but of the simple ideas that are united in it; and observing several particular things to agree with others in several of those simple ideas; we make that collection our specific idea, and give it a general name; that in recording our thoughts, and in our discourse with others, we may in one short word designate all the individuals that agree in that complex idea, without enumerating the simple ideas that make it up; and so not waste our time and breath in tedious descriptions: which we see they are fain to do who would discourse of any new sort of things they have not yet a name for.

III.vi.31 *As essências das species dentro do mesmo nome são muito diferentes em mentes diferentes.* Contudo, ainda que essas *species* de substâncias sirvam bem nas conversações cotidianas, é evidente que essa ideia complexa, com a qual se verifica concordarem vários indivíduos, é produzida de modo muito diferente por diferentes homens - por alguns de modo mais acurado, por outros, menos. Em alguns, essa ideia complexa contém um maior número de qualidades e, em outros, um menor, assim o é aparentemente tal como a mente a produz. A cor amarelo brilhante é o que faz com que as crianças identifiquem ouro, outros acrescentam peso, maleabilidade e fusibilidade; outros ainda acrescentam outras qualidades que percebem unidas àquela cor amarela, tão constante quanto seu peso e fusibilidade. Todas essas qualidades - e em semelhantes - dão o direito a qualquer um de incluí-las na ideia complexa daquela substância nas quais elas estão unidas umas com as outras. E, portanto, homens diferentes excluem ou incluem em várias ideias simples aquilo que outros não fazem, de acordo com as examinações, habilidades e observações mais variadas daquele objeto. Dessa forma, obtêm diferentes essências de ouro, de autoria própria, necessariamente, não da natureza.

III.vi.31 *Essences of species under the same name very different in different minds.* But however these species of substances pass well enough in ordinary conversation, it is plain that this complex idea, wherein they observe several individuals to agree, is by different men made very differently; by some more, and others less accurately. In some, this complex idea contains a greater, and in others a smaller number of qualities; and so is apparently such as the mind makes it. The yellow shining colour makes gold to children; others add weight, malleableness, and fusibility; and others yet other qualities, which they find joined with that yellow colour, as constantly as its weight and fusibility. For in all these and the like qualities, one has as good a right to be put into the complex idea of that substance wherein they are all joined as another. And therefore different men, leaving out or putting in several simple ideas which others do not, according to their various examination, skill, or observation of that subject, have different essences of gold, which must therefore be of their own and not of nature's making.

III.vi.32 *Quanto mais gerais forem nossas ideias das substâncias, mais incompletas e parciais serão.* Se o número de ideias simples que formam a essência nominal das *species* mais inferiores, ou o primeiro agrupamento dos indivíduos, depende de a mente humana coletá-la com a maior variedade possível, fica ainda mais evidente que assim o fazem nas classes mais abrangentes, as quais, de acordo com os mestres da lógica, são chamadas de *genera*. Essas são ideias complexas designadamente imperfeitas; e é perceptível, logo à primeira vista, que várias dessas qualidades que devem ser encontradas nas próprias são deixadas de fora, de propósito, de ideias gerais. Isso pelo fato de a mente, na produção de ideias gerais que compreendam várias particulares, excluir aquelas de tempo e espaço e outras que as tornam incomunicáveis a mais de um indivíduo; assim, para produzir outras ideias mais gerais, para abrangerem diferentes grupos, exclui as qualidades que as distingue e insere nessa nova coleção apenas as ideias que são comuns a vários grupos. A mesma conveniência que fez com que os homens expressassem vários pedaços de matéria amarela vindos da Guiné e do Peru com um só nome, lhes é ferramenta para a produção de um nome que abranja tanto ouro quanto prata; e outros corpos de diferentes grupos. Isso ocorre com a exclusão das qualidades que são peculiares a cada grupo e com a manutenção de uma ideia complexa feita a partir daquelas comuns a todos. A esse procedimento em específico, anexa-se o nome “metal”, um *genus*, cuja essência é aquela ideia abstrata que contém apenas maleabilidade e fusibilidade, com alguns graus de peso e fixação,

com a qual alguns corpos de vários tipos concordam, é constituído; excluídos ficam a cor e outras qualidades peculiares ao ouro e à prata e aos outros grupos abrangidos pelo nome “metal”. Donde, fica claro que os homens não seguem com precisão os padrões estabelecidos pela natureza quando da produção de suas ideias de substâncias, dado que não há um corpo que possa ser encontrado contendo apenas maleabilidade e fusibilidade, sem as outras qualidades igualmente inseparáveis. Esses homens, porém, ao produzirem suas ideias gerais, buscam muito mais as comodidades da língua, e a rápida transmissão com o uso de sinais breves e compreensíveis, do que a verdadeira e exata natureza das coisas tal como existem. Na construção de suas ideias abstratas, foi esse o principal objetivo buscado, o qual deveu ser guarnecido de um estoque de nomes gerais e compreensíveis em vários diferentes meios. Portanto, isto, nesse negócio todo de *genera* e *species*, o *genus*, ou mais abrangente, é apenas uma concepção parcial daquilo que se encontra na *species* - e a *species*, apenas uma ideia parcial do que se encontra em cada indivíduo. Se, por consequência, alguém pensar que um homem, e um cavalo, e um animal, e uma planta etc. se distinguem de acordo com as essências reais criadas pela natureza, esse deve achar que a natureza é deveras liberal quanto a essas essências reais, criando uma para corpo, outra para um animal, e uma outra ainda para cavalo; e todas essas essências são-nos apresentadas liberalmente com Bucéfalo. Contudo, se considerássemos adequadamente todo o processo nesses *genera* e *species*, ou grupos, descobriríamos que nada novo é produzido, apenas sinais mais ou menos abrangentes, por meio dos quais somos possibilitados a expressar em poucas sílabas um número enorme de coisas particulares, conforme concordam com concepções mais ou menos gerais, as quais construímos para esse propósito. Em tudo isso podemos observar que o termo mais geral é sempre o nome de uma ideia menos complexa - e de que cada *genus* é apenas uma concepção particular -, a *species* contida nele. Assim, se essas ideias abstratas gerais são tomadas como completas, é somente quando numa relação estabelecida entre elas e certos nomes que são empregados para significá-las, jamais em relação a qualquer coisa que exista, criada pela natureza.

III.vi.32 *The more general our ideas of substances are, the more incomplete and partial they are.* If the number of simple ideas that make the nominal essence of the lowest species, or first sorting, of individuals, depends on the mind of man, variously collecting them, it is much more evident that they do so in the more comprehensive classes, which, by the masters of logic, are called genera. These are complex ideas designedly imperfect: and it is visible at first sight, that several of those qualities that are to be found in the things themselves are purposely left out of generical ideas. For, as the mind, to make general ideas comprehending several particulars, leaves out those of time and place, and such other, that make them incommunicable to more than one individual; so to make other yet more general ideas, that may comprehend different sorts, it leaves out those qualities that distinguish them, and puts into its new collection only such ideas as are common to several sorts. The same convenience that made men express several parcels of yellow matter coming from Guinea and Peru under one name, sets them also upon making of one name that may comprehend both gold and silver, and some other bodies of different sorts. This is done by leaving out those qualities, which are peculiar to each sort, and retaining a complex idea made up of those that are common to them all. To which the name metal being annexed, there is a genus constituted; the essence whereof being that abstract idea, containing only malleableness and fusibility, with certain degrees of weight and fixedness, wherein some bodies of several kinds agree, leaves out the colour and other qualities peculiar to gold and silver, and the other sorts comprehended under the name metal. Whereby it is plain that men follow not exactly the patterns set them by nature, when they make their general ideas of substances; since there is no body to be found which has barely malleableness and fusibility in it, without other qualities as inseparable as those. But men, in making their general ideas, seeking more the convenience of language, and quick dispatch by short and comprehensive signs, than the true and precise nature of things as they exist, have, in the framing their abstract ideas, chiefly pursued that end; which was to be furnished with store of general and variously comprehensive names. So that in this whole business of genera and species, the genus, or more comprehensive, is but a partial conception of what is in the species; and the species but a partial idea of what is to be found in each individual. If therefore any one will think that a man, and a horse, and an animal, and a plant, &c., are distinguished by real essences made by nature, he must think nature to be very liberal of these real essences, making one for body, another for an animal, and another for a horse; and all these essences liberally bestowed upon Bucephalus. But if we would rightly consider what is done in all these genera and species, or sorts, we should find that there is no new thing made; but only more or less comprehensive signs, whereby we may be enabled to express in a few syllables great numbers of particular things, as they agree in more or less general conceptions, which we have framed to that purpose. In all which we may observe, that the more general term is always the name of a less complex idea; and that each genus is but a partial conception of the species comprehended under it. So that if these abstract general ideas be thought to be

complete, it can only be in respect of a certain established relation between them and certain names which are made use of to signify them; and not in respect of anything existing, as made by nature.

III.vi.33 *Tudo isso se acomoda para o propósito do discurso.* Isso se ajusta ao verdadeiro objetivo do discurso, que é o meio mais fácil e curto de comunicar as nossas noções. Quem, pois, que falasse sobre as coisas tal como concordam com a ideia complexa de extensão e solidez, precisaria da palavra “corpo” para denotar tudo isso. Aquele que unisse a essa outras ideias significadas pelas palavras “vida”, “sentido”, e “movimento espontâneo”, precisaria da palavra “animal” para significar tudo o que compartilha com essas ideias. E aquele que produziu a ideia complexa de um corpo com vida, sentido e movimento, com a faculdade de razão e uma determinada figura a ele unida precisaria empregar o breve dissílabo “homem”, para expressar todos os particulares que correspondem a essa ideia complexa. É essa a verdadeira ocupação de *genus* e *species* - e isso, os homens fazem sem levar em conta essências reais ou formas substanciais, que não estão ao alcance do nosso conhecimento quando pensamos sobre essas coisas, tampouco na significação das nossas palavras quando dialogamos com outros.

III.vi.33 *This all accommodated to the end of speech.* This is adjusted to the true end of speech, which is to be the easiest and shortest way of communicating our notions. For thus he that would discourse of things, as they agreed in the complex idea of extension and solidity, needed but use the word body to denote all such. He that to these would join others, signified by the words life, sense, and spontaneous motion, needed but use the word animal to signify all which partaked of those ideas, and he that had made a complex idea of a body, with life, sense, and motion, with the faculty of reasoning, and a certain shape joined to it, needed but use the short monosyllable man, to express all particulars that correspond to that complex idea. This is the proper business of genus and species: and this men do without any consideration of real essences, or substantial forms; which come not within the reach of our knowledge when we think of those things, nor within the signification of our words when we discourse with others.

III.vi.34 *Exemplo dos casuares.* Se eu fosse falar com qualquer um sobre um grupo de pássaros que vi recentemente no St. James's Park, com uma altura variando até um

metro e meio e uma cobertura semelhante a penas e pelos de coloração castanho escura, sem asas e em cujo lugar duas ou três ramificações descendo como raminhos de giesta, grandes e longas pernas, os pés são três garras, sem cauda, devo fazer essa descrição para que talvez outros consigam me entender. Entretanto, quando me foi dito que o nome dessa ave é *cassuaris*, devo, então, empregar esse nome em minha falar para representar toda a minha ideia complexa mencionada na descrição, apesar de que essa palavra - agora um nome específico - não suscita em mim um conhecimento maior da essência ou constituição real desse grupo de animais do que me ocorria antes; e eu provavelmente conhecia na mesma medida a natureza dessa *species* de pássaro do que antes de aprender aquele nome, do mesmo modo como ocorre com vários ingleses quando se deparam com cisnes ou garças, que são nomes específicos e bastante conhecidos para grupos de aves comuns à Inglaterra.

III.vi.34 *Instance in Cassowaries.* Were I to talk with any one of a sort of birds I lately saw in St. James's Park, about three or four feet high, with a covering of something between feathers and hair, of a dark brown colour, without wings, but in the place thereof two or three little branches coming down like sprigs of Spanish broom, long great legs, with feet only of three claws, and without a tail; I must make this description of it, and so may make others understand me. But when I am told that the name of it is *cassuaris*, I may then use that word to stand in discourse for all my complex idea mentioned in that description; though by that word, which is now become a specific name, I know no more of the real essence or constitution of that sort of animals than I did before; and knew probably as much of the nature of that species of birds before I learned the name, as many Englishmen do of swans or herons, which are specific names, very well known, of sorts of birds common in England.

III.vi.35 *Os homens determinam os grupos de substâncias que, por sua vez, podem ser agrupados dos modos mais variados.* São essências diferentes que por si só geram *species* diferentes, fica evidente, então, que aqueles que produzem essas ideias abstratas, que são as essências nominais, de fato produzem, por meio delas, as *species*, ou grupos. Se for encontrado um corpo que contenha todas as qualidades do ouro, exceto, maleabilidade, não haveria dúvida de que surgiria a questão se ele seria ouro ou não, i. é, se pertenceria àquela *species*. Somente por meio da ideia abstrata à qual o nome “ouro” foi anexada é que esse ponto seria resolvido: com isso, quem não

incluísse maleabilidade em sua essência nominal entenderia esse corpo como sendo verdadeiramente ouro e como pertencente àquela *species*; outra pessoa, por outro lado, não o consideraria como verdadeiramente ouro - ou como dessa *species* - se incluísse maleabilidade em sua ideia específica. E quem, pergunto aos céus, é aquele que produz essas *species* diversas, mesmo num único e mesmo nome, se não homens que produzem duas ideias abstratas diferentes que não consistem exatamente da mesma coleção de qualidades? Tampouco é mera suposição imaginar que um corpo possa existir contendo todas as outras qualidades óbvias do outro, menos a maleabilidade; já que é evidente que o próprio ouro é, por vezes, tão ávido (como o dizem os artistas) que não resiste ao martelo mais que a um pedaço de vidro. Aquilo que dissemos sobre a inclusão ou exclusão da maleabilidade anexada à ideia complexa de ouro pode ser dito sobre seu peso peculiar, sua fixidez e muitas outras qualidades semelhantes: pois qualquer uma que seja excluída, ou incluída, ainda referir-se-á à ideia complexa à qual o nome é anexado e que gera a *species*. E, como qualquer parcela da matéria corresponde a essa ideia, o nome do grupo pertence-lhe de verdade; e à *species*. Donde, qualquer coisa é ouro verdadeiro, um metal perfeito. Fica claro que toda essa determinação da *species* depende do entendimento do homem na produção dessa ou daquela ideia complexa.

III.vi.35 *Men determine the sorts of substances, which may be sorted variously.* From what has been said, it is evident that men make sorts of things. For, it being different essences alone that make different species, it is plain that they who make those abstract ideas which are the nominal essences do thereby make the species, or sort. Should there be a body found, having all the other qualities of gold except malleableness, it would no doubt be made a question whether it were gold or not, i.e. whether it were of that species. This could be determined only by that abstract idea to which every one annexed the name gold: so that it would be true gold to him, and belong to that species, who included not malleableness in his nominal essence, signified by the sound gold; and on the other side it would not be true gold, or of that species, to him who included malleableness in his specific idea. And who, I pray, is it that makes these diverse species, even under one and the same name, but men that make two different abstract ideas, consisting not exactly of the same collection of qualities? Nor is it a mere supposition to imagine that a body may exist wherein the other obvious qualities of gold may be without malleableness; since it is certain that gold itself will be sometimes so eager, (as artists call it), that it will as little endure the hammer as glass itself. What we

have said of the putting in, or leaving out of malleableness, in the complex idea the name gold is by any one annexed to, may be said of its peculiar weight, fixedness, and several other the like qualities: for whatever is left out, or put in, it is still the complex idea to which that name is annexed that makes the species: and as any particular parcel of matter answers that idea, so the name of the sort belongs truly to it; and it is of that species. And thus anything is true gold, perfect metal. All which determination of the species, it is plain, depends on the understanding of man, making this or that complex idea.

III.vi.36 *A natureza cria a similitude de substâncias.* Resumindo, portanto, é este o caso: a natureza cria muitas coisas particulares que concordam entre si quanto a várias qualidades sensíveis - e é provável que também em sua constituição e estrutura internas -, mas não é essa essência real que as distingue em *species*. É o homem que, valendo-se das qualidades que encontram nelas e com as quais verificam que vários indivíduos concordam, organizam-nas em grupos com o propósito de nomeá-las para a conveniência de sinais abrangentes. Sob estes as coisas individuais são organizadas sob como se fossem regidas por insígnias, de acordo com a conformidade a essa ou àquela ideia abstrata: assim esse é regido pelo azul, aquele pelo vermelho, isso é um homem, aquilo é um mandril; e é nisso, creio eu, em que consiste toda a questão de *genus* e *species*.

III.vi.36 *Nature makes the similitudes of substances.* This, then, in short, is the case: Nature makes many particular things, which do agree one with another in many sensible qualities, and probably too in their internal frame and constitution: but it is not this real essence that distinguishes them into species; it is men who, taking occasion from the qualities they find united in them, and wherein they observe often several individuals to agree, range them into sorts, in order to their naming, for the convenience of comprehensive signs; under which individuals, according to their conformity to this or that abstract idea, come to be ranked as under ensigns: so that this is of the blue, that the red regiment; this is a man, that a drill: and in this, I think, consists the whole business of genus and species.

III.vi.37 *A maneira de organizar seres particulares é obra de homens falíveis, apesar de a natureza criar coisas similares.* Eu, porém, não nego que a natureza, na produção constante de seres particulares, nem sempre os cria novos e variados, mas muito semelhantes e com algum grau de parentesco entre si. Creio, entretanto, ser verdade que os limites entre as *species*, por meio das quais os homens os organizam, são produções humanas, afinal, as essências das *species*, distintas por diferentes nomes, são, como já foi provado, produções humanas e raramente adequadas à natureza interna das coisas das quais são tomadas. Assim, podemos dizer de verdade que essa forma de organizar as coisas é obra dos homens.

III.vi.37 *The manner of sorting particular beings the work of fallible men, though nature makes things alike.* I do not deny but nature, in the constant production of particular beings, makes them not always new and various, but very much alike and of kin one to another: but I think it nevertheless true, that the boundaries of the species, whereby men sort them, are made by men; since the essences of the species, distinguished by different names, are, as has been proved, of man's making, and seldom adequate to the internal nature of the things they are taken from. So that we may truly say, such a manner of sorting of things is the workmanship of men.

III.vi.38 *Cada ideia abstrata, com um nome, gera uma essência nominal.* Algo de que eu não duvido, mas que soará bastante estranho nesta doutrina, é que, daquilo que foi dito, segue que cada ideia abstrata com um nome gera uma *species* diferente. Mas quem pode evitar, se é o desejo da verdade? Pois assim será até que alguém consiga demonstrar-nos que as *species* das coisas são limitadas e distintas por qualquer outra coisa; e permita-nos ver que os termos gerais não significam as nossas ideias abstratas, mas algo diferente delas. Eu saberia com muita dificuldade por que um cão de colo e um cão de caça são *species* tão distintas quanto um *spaniel* e um elefante. Não temos outra ideia a respeito da essência diferente de um elefante e de um *spaniel*, da que temos da essência diferente de um cão de colo e de um cão de caça; toda diferença essencial, por meio da qual conseguimos conhecê-los e distinguir um do outro, consiste apenas na coleção de ideias simples diferente, à qual atribuímos esses nomes diferentes.

III.vi.38 *Each abstract idea, with a name to it, makes a nominal essence.* One thing I doubt not but will seem very strange in this doctrine, which is, that from what has been said it will follow, that each abstract idea, with a name to it, makes a distinct species. But who can help it, if truth will have it so? For so it must remain till somebody can show us the species of things limited and distinguished by something else; and let us see that general terms signify not our abstract ideas, but something different from them. I would fain know why a shock and a hound are not as distinct species as a spaniel and an elephant. We have no other idea of the different essence of an elephant and a spaniel, than we have of the different essence of a shock and a hound; all the essential difference, whereby we know and distinguish them one from another, consisting only in the different collection of simple ideas, to which we have given those different names.

III.vi.39 *Como genera e species relacionam-se à nomeação.* Quanto a produção de *species* e *genera* opera de acordo com nomes gerais, e quanto os nomes gerais são necessários se não para que sejam, e se façam passar por, aqueles, ao menos até que a *species* se preencha, ficará evidente num exemplo bastante familiar - além de tudo o que foi dito acima acerca do gelo e da água. Um relógio silencioso e um barulhento pertencem a uma única *species* àqueles que possuem apenas um nome para eles; quem, porém, atribui “relógio” a um e “carrilhão” a outro, e a cada um ideias complexas distintas, a este eles são de *species* diferentes. Pode ser que se afirme que os mecanismos internos e a constituição são o que se difere nos dois e sobre os quais um relojoeiro conhece claramente. Ainda assim, fica claro que, para aquele, são uma *species*, pois tem à sua disposição apenas um nome para eles. Mas o que basta no mecanismo interno para que se crie uma nova *species*? Há relógios que são feitos de quatro engrenagens, outros com cinco; seria essa uma diferença específica para o artesão? Alguns têm cordas e pesos, outros não; alguns possuem um balanço²⁰⁰ mais folgado, outros são regulados por uma mola em espiral, e outros ainda por pelo de leitão²⁰¹. Seriam algumas dessas, ou todas as qualidades, o suficiente para gerar uma

²⁰⁰ Engrenagem, com dois ou três aros colocada no topo de um eixo oscilante e acoplada a uma fonte de energia, que controla o movimento do relógio. (VINCENT, C.; LEOPOLD, J.H.; SULLIVAN, E. **European Clocks and Watches in The Metropolitan Museum of Art**. New York:MetPublications, 2015. p. 261)

²⁰¹ Dois pelos atrelados a um eixo removível para regular o arco realizado pela engrenagem de balanço. (Idem. p262)

diferença específica para o artífice que conhece cada uma dessas e muitos outros mecanismos diferentes na constituição interna dos relógios? Decerto cada um desses possui uma diferença real do resto, mas a ela ser uma diferença essencial, específica, ou não, concerne apenas à ideia complexa à qual o nome “relógio” é atribuído: contanto que todas elas concordem com a ideia que esse nome representa e esse nome não funcione como um nome genérico - abrangendo em si diferentes *species* - não são essencialmente nem especificamente diferentes. Entretanto, caso alguém deseje fazer divisões diminutas das diferenças que conhece da estrutura interna dos relógios e a essas ideias complexas atribuir nomes que devem prevalecer, aí, sim, serão novas *species* àqueles que possuam essas ideias com nomes respectivos; e, a partir dessas diferenças, distinguir os relógios nesses vários grupos. Nesse caso, “relógio” será um nome genérico. De todo modo, ainda não seriam *species* distintas para homens ignorantes à arte da relojoaria e os mecanismos internos desses objetos, que conhecem bem apenas o formato externo e o tamanho, e a marcação das horas. Para esses, pois, todos esses outros nomes não passariam de sinônimos para a mesma ideia, e significariam apenas “relógio”, e nada além disso. E é assim que penso ocorrer nas coisas naturais. Ninguém duvidará que as engrenagens ou molas (se posso colocar dessa forma) diferem entre si como um homem racional de uma criança trocada não mais do que no formato de um mandril e uma criança trocada. Mas aí a serem diferenças essenciais ou específicas só poderemos saber tomando como base a concordância com ou discordância da ideia complexa que o nome “homem” representa. Apenas de acordo com isso pode-se determinar se um, dois, ou nenhum deles é um homem.

III.vi.39 *How genera and species are related to naming.* How much the making of species and genera is in order to general names; and how much general names are necessary, if not to the being, yet at least to the completing of a species, and making it pass for such, will appear, besides what has been said above concerning ice and water, in a very familiar example. A silent and a striking watch are but one species to those who have but one name for them: but he that has the name watch for one, and clock for the other, and distinct complex ideas to which those names belong, to him they are different species. It will be said perhaps, that the inward contrivance and constitution is different between these two, which the watchmaker has a clear idea of. And yet it is

plain they are but one species to him, when he has but one name for them. For what is sufficient in the inward contrivance to make a new species? There are some watches that are made with four wheels, others with five; is this a specific difference to the workman? Some have strings and physies, and others none; some have the balance loose, and others regulated by a spiral spring, and others by hogs' bristles. Are any or all of these enough to make a specific difference to the workman, that knows each of these and several other different contrivances in the internal constitutions of watches? It is certain each of these hath a real difference from the rest; but whether it be an essential, a specific difference or no, relates only to the complex idea to which the name watch is given: as long as they all agree in the idea which that name stands for, and that name does not as a generical name comprehend different species under it, they are not essentially nor specifically different. But if any one will make minuter divisions, from differences that he knows in the internal frame of watches, and to such precise complex ideas give names that shall prevail; they will then be new species, to them who have those ideas with names to them, and can by those differences distinguish watches into these several sorts; and then watch will be a generical name. But yet they would be no distinct species to men ignorant of clock-work, and the inward contrivances of watches, who had no other idea but the outward shape and bulk, with the marking of the hours by the hand. For to them all those other names would be but synonymous terms for the same idea, and signify no more, nor no other thing but a watch. Just thus I think it is in natural things. Nobody will doubt that the wheels or springs (if I may so say) within, are different in a rational man and a changeling; no more than that there is a difference in the frame between a drill and a changeling. But whether one or both these differences be essential or specifical, is only to be known to us by their agreement or disagreement with the complex idea that the name man stands for: for by that alone can it be determined whether one, or both, or neither of those be a man.

III.vi.40 *As species de coisas artificiais são menos confusas do que as naturais.* De acordo com o que foi dito acima, podemos entender a razão por que, nas *species* de coisas artificiais, geralmente há menos confusão e incerteza do que nas naturais. Ora, uma coisa artificial é produção humana, desenhada por um artífice que conhece bem a ideia e que contém um nome que não se supõe representar nenhuma outra ideia tampouco importar qualquer outra essência do que aquela que há de ser conhecida e apreendida com bastante facilidade. A ideia ou essência de vários grupos de coisas artificiais consiste, em grande parte, apenas na figura determinada de partes sensíveis - às vezes do movimento, dependendo da situação - as quais o artífice modela à

concretude segundo os parâmetros que julga os mais adequados. Logo, não está além das nossas faculdades reter certa ideia disso e, assim, estabelecer a significação dos nomes por meio dos quais as *species* das coisas artificiais são distintas com menos dúvidas, obscuridade e equívoco do que o fazemos com as coisas naturais cujas diferenças e operações dependem de mecanismos fora do alcance das nossas descobertas.

III.vi.40 *Species of artificial things less confused than natural.* From what has been before said, we may see the reason why, in the species of artificial things, there is generally less confusion and uncertainty than in natural. Because an artificial thing being a production of man, which the artificer designed, and therefore well knows the idea of, the name of it is supposed to stand for no other idea, nor to import any other essence, than what is certainly to be known, and easy enough to be apprehended. For the idea or essence of the several sorts of artificial things, consisting for the most part in nothing but the determinate figure of sensible parts, and sometimes motion depending thereon, which the artificer fashions in matter, such as he finds for his turn; it is not beyond the reach of our faculties to attain a certain idea thereof; and so settle the signification of the names whereby the species of artificial things are distinguished, with less doubt, obscurity, and equivocation than we can in things natural, whose differences and operations depend upon contrivances beyond the reach of our discoveries.

III.vi.41 *Coisas artificiais de species distintas.* Perdoe-me se creio que as coisas artificiais possuem *species* distintas, assim como ocorre com as naturais: penso que elas são organizadas em grupos com as mesma clareza e ordem, de acordo com ideias abstratas diferentes e com nomes gerais a elas anexadas, e tão distintas entre si como aquelas das substâncias naturais. Por que, então, não deveríamos entender um relógio e uma pistola como *species* distintas da mesma forma que um cavalo e um cão, já que são expressos em nossas mentes por ideias distintas e, aos outros, por alcunhas distintas?

III.vi.41 *Artificial things of distinct species.* I must be excused here if I think artificial things are of distinct species as well as natural: since I find they are as plainly and orderly ranked into sorts, by different abstract ideas, with general names annexed to them, as distinct one from another as those of natural substances. For why should we

not think a watch and pistol as distinct species one from another, as a horse and a dog; they being expressed in our minds by distinct ideas, and to others by distinct appellations?

III.vi.42 *Somente as substâncias, dentre todas as nossos vários grupos de ideias, possuem nomes próprios.* Ademais deve-se observar acerca das substâncias que somente estas de todos os nossos vários grupos de ideias possuem nomes particulares ou próprios, por meio dos quais somente uma coisa particular é significada. Ora, em ideias simples, modos e relações, raramente ocorre de ser oportuno aos homens pensar sobre esse ou aquele particular em sua ausência. Além disso, grande parte dos modos mistos, sendo ações que perecem ao seu nascimento, não dispõem de uma longa duração como as substâncias, que são os agentes, e nas quais as ideias simples que formam as ideias complexas designadas pelo nome têm uma união perene.

III.vi.42 *Substances alone, of all our several sorts of ideas, have proper names.* This is further to be observed concerning substances, that they alone of all our several sorts of ideas have particular or proper names, whereby one only particular thing is signified. Because in simple ideas, modes, and relations, it seldom happens that men have occasion to mention often this or that particular when it is absent. Besides, the greatest part of mixed modes, being actions which perish in their birth, are not capable of a lasting duration, as substances which are the actors; and wherein the simple ideas that make up the complex ideas designed by the name have a lasting union.

III.vi.43 *As dificuldades em guiar outrem por meio das palavras nos pensamentos sobre coisas despidas das ideias abstratas que atribuímos.* Peço que meu leitor perdoe eu ter divagado tão longamente a respeito desse assunto, e talvez com alguma obscuridade. Faço questão, porém, de que seja considerada tamanha dificuldade que há em guiar outrem por meio das palavras nos pensamentos sobre as coisas, quando as despimos dessas diferenças específicas que a elas atribuímos - coisas essas as quais se não nomeio, não digo nada; e se o faço, com isso, organizo-as num grupo ou noutro e sugiro à mente a ideia abstrata usual daquela *species*, e dessa forma atinjo meu propósito. Pois falar de um homem e deixar de lado, ao mesmo tempo, a significação

comum do nome “homem” - que consiste na nossa ideia complexa normalmente anexada a ele - e pedir ao leitor que considere homem tal como ele é em si mesmo e como ele se distingue de outros em sua constituição interna, ou essência real, ou seja, de acordo com algo que ele desconheça, soa frívolo. Contudo, quem falar sobre as supostas essências reais e *species* das coisas deve fazê-lo, apesar de serem obra da natureza, se o único propósito for entender que não há nada significado pelos nomes gerais por meio dos quais as substâncias são chamadas. Mas, porque é difícil essa empresa, valendo-se de nomes familiares conhecidos, permito-me arriscar um exemplo para tentar esclarecer melhor a atenção diferenciada que a mente dá a nomes e ideias específicos; e demonstrar como as ideias complexas de modos são relacionadas a arquétipos nas mentes de outros seres inteligentes ou, o que dá no mesmo, à significação anexada por outros aos nomes recebidos, e por vezes a nenhum arquétipo. Permito-me também demonstrar como a mente sempre refere suas ideias de substâncias tanto às próprias substâncias, ou à significação de seus nomes, quanto aos arquétipos; e também deixar clara a natureza das *species* ou do agrupamento das coisas, tal como apreendemos e empregamos; e das essências pertencentes a essas *species* - o que talvez seja mais adequado para descobrir a extensão e certeza do nosso conhecimento do que imaginamos de início.

III.vi.43 *Difficult to lead another by words into the thoughts of things stripped of those abstract ideas we give them.* I must beg pardon of my reader for having dwelt so long upon this subject, and perhaps with some obscurity. But I desire it may be considered, how difficult it is to lead another by words into the thoughts of things, stripped of those specifical differences we give them: which things, if I name not, I say nothing; and if I do name them, I thereby rank them into some sort or other, and suggest to the mind the usual abstract idea of that species; and so cross my purpose. For, to talk of a man, and to lay by, at the same time, the ordinary signification of the name man, which is our complex idea usually annexed to it; and bid the reader consider man, as he is in himself, and as he is really distinguished from others in his internal constitution, or real essence, that is, by something he knows not what, looks like trifling: and yet thus one must do who would speak of the supposed real essences and species of things, as thought to be made by nature, if it be but only to make it understood, that there is no such thing signified by the general names which substances are called by. But because it is difficult by known familiar names to do this, give me leave to endeavour by an example to make the different consideration the mind has of specific names and ideas a little more clear;

and to show how the complex ideas of modes are referred sometimes to archetypes in the minds of other intelligent beings, or, which is the same, to the signification annexed by others to their received names; and sometimes to no archetypes at all. Give me leave also to show how the mind always refers its ideas of substances, either to the substances themselves, or to the signification of their names, as to the archetypes; and also to make plain the nature of species or sorting of things, as apprehended and made use of by us; and of the essences belonging to those species: which is perhaps of more moment to discover the extent and certainty of our knowledge than we at first imagine.

III.vi.44 *Exemplos de modos mistos, a saber “kinneah” e “niouph”*²⁰². Suponhamos que Adão, na condição de um adulto, com um bom entendimento, mas num país estranho, com todas as coisas novas e desconhecidas por ele e nenhuma outra faculdade para reter o conhecimento sobre elas do que aquela disponível a homens de sua idade. Ele nota Lameque mais melancólico do que o normal, e imagina que resulte da suspeita de que sua esposa, Ada (a quem ele amava ardentemente), esteja muito afetuosa com outro homem. Adão discorre sobre esses pensamentos com Eva e deseja que esta cuide para que Ada não cometa uma tolice - nessas conversas com Eva, faz uso de duas novas palavras, a saber, “kinneah” e “niouph”. A tempo, o engano de Adão emerge, ele descobre que o problema de Lameque provinha de este ter assassinado um homem. Ainda assim, os dois nomes “kinneah” e “niouph” (um representado a suspeita de um marido acerca da deslealdade de sua esposa, outro o ato de deslealdade) não perderam suas significações distintas. Fica claro, então, que há aqui duas ideias complexas de modos mistos distintas, com nomes anexados, duas *species* distintas de ações essencialmente diferentes. Minha pergunta é em que consistiu as essências dessas duas *species* distintas de ações? E fica claro que consistiu em uma combinação precisa de ideias simples, diferentes num e noutro. Minha pergunta é, seria a ideia complexa na mente de Adão, a qual ele chamou de “kinneah”, adequada ou não? E fica claro que sim, pois era uma combinação de ideias simples, as quais ele, sem levar em conta qualquer arquétipo, sem levar em conta nada que pudesse servir de padrão, uniu espontaneamente, abstraiu e atribuiu o nome de “kinneah” para expressar aos outros com brevidade, por meio daquele único som, todas as ideias

²⁰² Do hebraico, respectivamente, “קינאה” e “ניאוף”, “ciúme” e “adultério” em português.

simples contidas e unidas naquela complexa - segue-se, pois, que sim, era uma ideia adequada. Por escolha própria aquela combinação surgiu e não poderia ser outra coisa, senão perfeita, senão adequada; e não se refere a nenhum outro arquétipo além daquele que deveria representar.

III.vi.44 *Instances of mixed modes named kinneah and niouph.* Let us suppose Adam, in the state of a grown man, with a good understanding, but in a strange country, with all things new and unknown about him; and no other faculties to attain the knowledge of them but what one of this age has now. He observes Lamech more melancholy than usual, and imagines it to be from a suspicion he has of his wife Adah, (whom he most ardently loved) that she had too much kindness for another man. Adam discourses these his thoughts to Eve, and desires her to take care that Adah commit not folly: and in these discourses with Eve he makes use of these two new words kinneah and niouph. In time, Adam's mistake appears, for he finds Lamech's trouble proceeded from having killed a man: but yet the two names kinneah and niouph, (the one standing for suspicion in a husband of his wife's disloyalty to him; and the other for the act of committing disloyalty), lost not their distinct significations. It is plain then, that here were two distinct complex ideas of mixed modes, with names to them, two distinct species of actions essentially different; I ask wherein consisted the essences of these two distinct species of actions? And it is plain it consisted in a precise combination of simple ideas, different in one from the other. I ask, whether the complex idea in Adam's mind, which he called kinneah, were adequate or not? And it is plain it was; for it being a combination of simple ideas, which he, without any regard to any archetype, without respect to anything as a pattern, voluntarily put together, abstracted, and gave the name kinneah to, to express in short to others, by that one sound, all the simple ideas contained and united in that complex one; it must necessarily follow that it was an adequate idea. His own choice having made that combination, it had all in it he intended it should, and so could not but be perfect, could not but be adequate; it being referred to no other archetype which it was supposed to represent.

III.vi.45 *Essas palavras, "kinnea" e "niouph", gradualmente caíram no uso comum e, por isso, o caso mudou um pouco de forma.* Os filhos de Adão eram dotados das mesmas faculdades e, com isso, tinham também o mesmo poder de gerar as ideias complexas de modos mistos que quisessem em suas mentes, abstraí-las e produzir os sons que quisessem para servir-lhe de sinais. Porém, o emprego dos nomes para tornar as nossas ideias, dentro de nós, conhecidas aos outros, não pode ser feito, a não ser que

o mesmo sinal representasse a mesma ideia em duas pessoas que comunicariam seus pensamentos e conversariam entre si. Aqueles, dos filhos de Adão, portanto, que se depararam com essas palavras “kinneah” e “niouph” num emprego familiar, não poderiam tomá-las por sons insignificantes, deveriam, sim, concluir que representam algo, certas ideias, ideias abstratas, sendo aquelas nomes gerais cujas ideias abstratas seriam as essências das *species* distintas por esses nomes. Se, com isso, eles tivessem a intenção de empregar essas palavras como nomes de *species* já estabelecidas e com as quais concordam, seriam obrigados a conformar as ideias em suas mentes, significadas por esses nomes, às ideias que elas representam nas mentes de outros homens, bem como a seus padrões e arquétipos. De outra forma, de fato, suas ideias de modos complexos poderiam incorrer à inadequação, já que apresentariam o quadro de não se conformarem exatamente às ideias nas mentes de outros homens (especialmente àquelas ideias que consistem em combinações de muitas ideias simples), quando do emprego dos mesmos nomes. Conquanto haja normalmente um remédio à mão - perguntar pelo significado de qualquer palavra que não entendemos àquele que a emprega -, é do mesmo modo impossível saber com certeza o que as palavras “ciúme” e “adultério” representam na mente de outro homem, com quem discorreria sobre elas, assim como é impossível, no início das línguas, saber o que “kinneah” e “niouph” representavam na mente de outro homem sem alguma explicação; mesmo elas sendo sinais espontâneos em todos.

III.vi.45 *These words, kinneah and niouph, by degrees grew into common use, and then the case was somewhat altered.* Adam’s children had the same faculties, and thereby the same power that he had, to make what complex ideas of mixed modes they pleased in their own minds; to abstract them, and make what sounds they pleased the signs of them: but the use of names being to make our ideas within us known to others, that cannot be done, but when the same sign stands for the same idea in two who would communicate their thoughts and discourse together. Those, therefore, of Adam’s children, that found these two words, kinneah and niouph, in familiar use, could not take them for insignificant sounds, but must needs conclude they stood for something; for certain ideas, abstract ideas. they being general names; which abstract ideas were the essences of the species distinguished by those names. If, therefore, they would use these words as names of species already established and agreed on, they were obliged to conform the ideas in their minds, signified by these names, to the ideas that they

stood for in other men's minds, as to their patterns and archetypes; and then indeed their ideas of these complex modes were liable to be inadequate, as being very apt (especially those that consisted of combinations of many simple ideas) not to be exactly conformable to the ideas in other men's minds, using the same names; though for this there be usually a remedy at hand, which is to ask the meaning of any word we understand not of him that uses it: it being as impossible to know certainly what the words jealousy and adultery stand for in another man's mind, with whom I would discourse about them; as it was impossible, in the beginning of language, to know what kinneah and niouph stood for in another man's mind, without explication; they being voluntary signs in every one.

III.vi.46 *Exemplos de uma species de substância chamada “zahab”*²⁰³. Consideremos, agora, seguindo o mesmo modelo, os nomes das substâncias em sua primeira aplicação. Um dos filhos de Adão, vagando pelas montanhas, divisou uma substância brilhosa que agradou seus olhos. À casa levou esse objeto para a consideração de Adão, que descobriu-o duro, de cor amarelo-brilhante e de grande e excessiva densidade. Essas, talvez, de início, sejam todas as qualidades que ele notou; e ao abstrair essa ideia complexa - a qual consiste em uma substância de um brilho amarelo peculiar e de uma densidade muito elevada, se for levado em conta todo o seu volume - , atribuiu-lhe o nome “zahab”, para denominar e marcar todas as substâncias que contenham em si essas qualidades. Fica evidente, agora, que, nesse caso, Adão age de modo algo diferente do que antes, ao formar as ideias de modos mistos às quais atribuiu os nomes “kinneah” e “niouph”. Lá, ele uniu as ideias de acordo com a própria imaginação apenas, não se valeu da existência de nada; e a elas deu nomes para denominar todas as coisas que deveriam concordar necessariamente com essas ideias abstratas, sem levar em conta se alguma dessas coisas de fato existiam ou não - o padrão era sua própria produção. Por outro lado, ao formar sua ideia sobre essa nova substância, ele seguiu outro curso: aqui havia um padrão criado pela natureza e, portanto, ao criar uma representação dessa substância para si, a partir da ideia que tinha dela, mesmo em sua ausência, não acrescentou nenhuma ideia simples à sua complexa que não tenha se originado da percepção que teve da própria coisa. Ele

²⁰³ Do hebraico “זהב”, que significa “ouro” em português.

cuida para que sua ideia esteja de acordo com esse arquétipo e pretende que o nome represente uma ideia igualmente adequada.

III.vi.46 *Instances of a species of substance named Zahab.* Let us now also consider, after the same manner, the names of substances in their first application. One of Adam's children, roving in the mountains, lights on a glittering substance which pleases his eye. Home he carries it to Adam, who, upon consideration of it, finds it to be hard, to have a bright yellow colour, and an exceeding great weight. These perhaps, at first, are all the qualities he takes notice of in it; and abstracting this complex idea, consisting of a substance having that peculiar bright yellowness, and a weight very great in proportion to its bulk, he gives the name zahab, to denominate and mark all substances that have these sensible qualities in them. It is evident now, that, in this case, Adam acts quite differently from what he did before, in forming those ideas of mixed modes to which he gave the names kinneah and niouph. For there he put ideas together only by his own imagination, not taken from the existence of anything; and to them he gave names to denominate all things that should happen to agree to those his abstract ideas, without considering whether any such thing did exist or not; the standard there was of his own making. But in the forming his idea of this new substance, he takes the quite contrary course; here he has a standard made by nature; and therefore, being to represent that to himself, by the idea he has of it, even when it is absent, he puts in no simple idea into his complex one, but what he has the perception of from the thing itself. He takes care that his idea be conformable to this archetype, and intends the name should stand for an idea so conformable.

III.vi.47 *Esse pedaço de matéria, denominado “zahab” por Adão, é um tanto diferente do que ele já viu antes.* Ninguém há de negar, assim acredito, que seja uma *species* distinta e que possua uma essência peculiar; e que o nome “zahab” seja a marca dessa *species* e um nome pertencente a todas as coisas que compartilham essa essência. Entretanto, é evidente nesse caso que a essência que Adão fez ser representada pelo nome “zahab” não passa de um corpo duro, brilhante, amarelo e muito pesado. A mente inquisidora humana, não satisfeita com esse conhecimento de, se me permite dizer, qualidades superficiais, coloca Adão a examinar essa matéria mais profundamente. Dessa forma, ele bate e dá pancadas com pederneiras a fim de verificar o que pode haver em seu interior: ele nota que ela cede às batidas, mas não quebra facilmente em pedaços; ele nota ainda que essa matéria enverga sem se partir. Não deveria, portanto,

ser adicionada a ductilidade à sua ideia inicial, de modo a integrar a essência da *species* representada pelo nome “zahab”? Tentativas posteriores revelam fusibilidade e fixidez. Não deveriam também elas, pelo mesmo motivo das outras, ser integradas à ideia complexa significada pelo nome “zahab”? Se não, que razão haveria para preferir uma qualidade à outra? Se for assim, então todas as outras propriedades, descobertas graças a novas investidas nessa matéria, devem, pelo mesmo motivo, fazer parte dos ingredientes da ideia complexa representada pelo nome “zahab” e, dessa forma, compor a essência da *species* marcada por esse nome. Porque essas propriedades são infinitas, fica evidente que a ideia criada seguindo esse modelo, por esse arquétipo, será sempre inadequada.

III.vi.47 This piece of matter, thus denominated zahab by Adam, being quite different from any he had seen before, nobody, I think, will deny to be a distinct species, and to have its peculiar essence: and that the name zahab is the mark of the species, and a name belonging to all things partaking in that essence. But here it is plain the essence Adam made the name zahab stand for was nothing but a body hard, shining, yellow, and very heavy. But the inquisitive mind of man, not content with the knowledge of these, as I may say, superficial qualities, puts Adam upon further examination of this matter. He therefore knocks, and beats it with flints, to see what was discoverable in the inside: he finds it yield to blows, but not easily separate into pieces: he finds it will bend without breaking. Is not now ductility to be added to his former idea, and made part of the essence of the species that name Zahab stands for? Further trials discover fusibility and fixedness. Are not they also, by the same reason that any of the others were, to be put into the complex idea signified by the name zahab? If not, what reason will there be shown more for the one than the other? If these must, then all the other properties, which any further trials shall discover in this matter, ought by the same reason to make a part of the ingredients of the complex idea which the name zahab stands for, and so be the essence of the species marked by that name. Which properties, because they are endless, it is plain that the idea made after this fashion, by this archetype, will be always inadequate.

III.vi.48 *As ideias abstratas de substâncias são sempre imperfeitas, e por isso variadas.* Mas isso não é tudo. Segue também o fato de os nomes das substâncias terem, como na verdade o têm, e além disso pressuporem a posse de, diferentes significações, à medida que são empregados por diferentes homens, o que restringiria o uso da língua.

Ora, se cada qualidade distinta que fosse descoberta em qualquer matéria por qualquer um tivesse necessariamente de integrar a ideia complexa significada pelo nome comum a ela atribuído, só se pode concluir que os homens devem pressupor que a mesma palavra signifique coisas diferentes em diferentes homens - afinal, não poderiam colocar em dúvida o fato de que homens diferentes podem ter descoberto várias qualidades em substâncias de igual denominação, sobre as quais outros desconhecem.

III.vi.48 *The abstract ideas of substances always imperfect, and therefore various.* But this is not all. It would also follow that the names of substances would not only have, as in truth they have, but would also be supposed to have different significations, as used by different men, which would very much cumber the use of language. For if every distinct quality that were discovered in any matter by any one were supposed to make a necessary part of the complex idea signified by the common name given to it, it must follow, that men must suppose the same word to signify different things in different men: since they cannot doubt but different men may have discovered several qualities, in substances of the same denomination, which others know nothing of.

III.vi.49 *Por isso, para se fixar suas species nominais, uma essência real é demandada.* Para que isso seja evitado, os homens, então, supuseram uma essência real que pertence a todas as *species*, de onde todas essas qualidades fluem e é representada pelo nome da *species*. Eles, porém, não tinham conhecimento dessa essência real nas substâncias e suas palavras significavam apenas as ideias que possuíam. Ou seja, essa tentativa é apenas colocar o nome ou som no lugar e na posição da coisa com essa essência real, sem saber qual é essa essência real; e é isso o que os homens fazem quando falam das *species* das coisas supondo serem criações da natureza e distintas pelas essências reais.

III.vi.49 *Therefore to fix their nominal species, a real essence is supposed.* To avoid this therefore, they have supposed a real essence belonging to every species, from which these properties all flow, and would have their name of the species stand for that. But they, not having any idea of that real essence in substances, and their words signifying nothing but the ideas they have, that which is done by this attempt is only to put the name or sound in the place and stead of the thing having that real essence, without

knowing what the real essence is, and this is that which men do when they speak of species of things, as supposing them made by nature, and distinguished by real essences.

III.vi.50 *Tal suposição é inútil.* Vamos, pois, considerar que, quando afirmamos que “todo ouro é estável”, tanto podemos significar que estabilidade é parte da definição, i. é, parte da essência nominal representada pelo nome “ouro”; e assim essa afirmação “todo ouro é estável” contém apenas a significação do termo “ouro”; quanto podemos significar que estabilidade, sem ser parte da definição de “ouro”, é uma propriedade dessa mesma substância. Nesse último caso, fica claro que a palavra “ouro” ocupa o lugar de uma substância e possui a essência real de uma *species* de coisas criada pela natureza. Assim, essa forma de substituição tem uma significação tão confusa e incerta que, embora essa proposição - “ouro é estável” - seja nesse sentido uma afirmação de algo real, é uma verdade que sempre ser-nos-á falha em sua aplicação particular, dessa forma não há uma emprego real ou uma certeza. Ora, que seja sempre verdade que todo ouro - tudo que possua a essência real de ouro - é estável, qual é a utilidade disso se não sabemos, nesse sentido, o que vem a ser ou não ouro? Pois, se não sabemos a essência real de ouro, é impossível que pudéssemos conhecer que parcela de matéria contém essa essência e assim se é ouro de verdade ou não.

III.vi.50 *Which supposition is of no use.* For, let us consider, when we affirm that “all gold is fixed,” either it means that fixedness is a part of the definition, i.e., part of the nominal essence the word gold stands for; and so this affirmation, “all gold is fixed,” contains nothing but the signification of the term gold. Or else it means, that fixedness, not being a part of the definition of the gold, is a property of that substance itself: in which case it is plain that the word gold stands in the place of a substance, having the real essence of a species of things made by nature. In which way of substitution it has so confused and uncertain a signification, that, though this proposition —“gold is fixed”— be in that sense an affirmation of something real; yet it is a truth will always fail us in its particular application, and so is of no real use or certainty. For let it be ever so true, that all gold, i.e. all that has the real essence of gold, is fixed, what serves this for, whilst we know not, in this sense, what is or is not gold? For if we know not the real essence of gold, it is impossible we should know what parcel of matter has that essence, and so whether it be true gold or no.

III.vi.51 *Conclusão.* Para concluir: a liberdade que Adão teve de partida para produzir quaisquer ideias complexas de modos mistos sem seguir nenhum padrão além de seus pensamentos é a mesma que têm todos os homens desde sempre. E a mesma necessidade de conformar suas ideias de substâncias às coisas externas a ele, como arquétipos criados pela natureza, aos quais Adão foi submetido, se não o fez deliberadamente, é igual a todos os homens, também desde sempre. Também, a mesma liberdade que Adão teve de afixar um novo nome a qualquer ideia é igual para todos os outros (especialmente os iniciadores da línguas, se pudermos imaginar algo assim), apenas com esta diferença: em locais em que os homens já tiverem estabelecido uma língua entre si, as significações das palavras são alteradas muito temerosa e raramente. Isso, porque os homens já são guarnecidos de nomes para suas ideias e o uso comum já possui nomes conhecidos apropriados a certas ideias; uma aplicação afetada ou mal sucedida deles só pode soar ridículo. Aquele que tiver novas noções poderá se arriscar eventualmente na cunhagem de novos termos para expressá-las, mas isso é visto como uma ousadia e não há certezas de que o uso comum incorporará o termo como corrente. Mas na comunicação com outros, é necessário que adaptemos as ideias que fazemos as palavras vulgares de quaisquer línguas representarem às suas próprias e conhecidas significações (ponto sobre o qual já discorri largamente), ou então dar a conhecer essa nova significação que empregamos.

III.vi.51 *Conclusion.* To conclude: what liberty Adam had at first to make any complex ideas of mixed modes by no other pattern but by his own thoughts, the same have all men ever since had. And the same necessity of conforming his ideas of substances to things without him, as to archetypes made by nature, that Adam was under, if he would not wilfully impose upon himself, the same are all men ever since under too. The same liberty also that Adam had of affixing any new name to any idea, the same has any one still, (especially the beginners of languages, if we can imagine any such); but only with this difference, that, in places where men in society have already established a language amongst them, the significations of words are very warily and sparingly to be altered. Because men being furnished already with names for their ideas, and common use having appropriated known names to certain ideas, an affected misapplication of them cannot but be very ridiculous. He that hath new notions will perhaps venture

sometimes on the coining of new terms to express them: but men think it a boldness, and it is uncertain whether common use will ever make them pass for current. But in communication with others, it is necessary that we conform the ideas we make the vulgar words of any language stand for to their known proper significations, (which I have explained at large already), or else to make known that new signification we apply them to.

Capítulo VII – das partículas

III.vii.1 *As partículas conectam partes de sentenças ou sentenças completas.* Além das palavras que são os nomes das ideias na mente, há muitas outras que são utilizadas para significar a conexão que a mente faz das ideias, ou das proposições, entre si. A mente, ao comunicar seus pensamentos aos outros, precisa não apenas de sinais para as ideias que ela tem, mas também de outros para mostrar ou anunciar alguma ação particular por si só que, naquele momento, se relaciona àquelas ideias. Ela o faz de várias maneiras, por exemplo, “é” e “não é” são as marcas gerais para a mente afirmar ou negar. Além de afirmação e negação, sem as quais não há verdade ou falsidade nas palavras, a mente, ao declarar seus sentimentos aos outros, conecta parte de proposições, bem como sentenças inteiras, entre si com suas várias relações e dependências para produzir um discurso coerente.

III.vii.1 *Particles connect parts, or whole sentences together.* Besides words which are names of ideas in the mind, there are a great many others that are made use of to signify the connexion that the mind gives to ideas, or to propositions, one with another. The mind, in communicating its thoughts to others, does not only need signs of the ideas it has then before it, but others also, to show or intimate some particular action of its own, at that time, relating to those ideas. This it does several ways; as Is, and Is not, are the general marks, of the mind, affirming or denying. But besides affirmation or negation, without which there is in words no truth or falsehood, the mind does, in declaring its sentiments to others, connect not only the parts of propositions, but whole sentences one to another, with their several relations and dependencies, to make a coherent discourse.

III.vii.2 *A arte do bem falar consiste no uso correto das partículas.* Geralmente as palavras por meio das quais a mente significa que tipo de conexão faz das várias

afirmações e negações, que ela une em uma reflexão ou narração contínua, são chamadas de partículas: e é no emprego correto destas em que consiste particularmente a clareza e a beleza de um bom estilo. Para o bem pensar, não basta que um homem tenha ideias claras e distintas em seus pensamentos, tampouco que observe a concordância ou discordância entre algumas delas. Ele deve pensar seguindo uma linha de raciocínio e observar a dependência que há entre seus pensamentos e reflexões. E, a fim de expressar bem tais pensamentos metódicos e racionais, ele deve possuir palavras que mostrem que tipo de conexão, restrição, distinção, oposição, ênfase etc. ele atribui a cada parte respectiva de seu discurso. Cometer erros em alguma delas é confundir ao invés de informar seu ouvinte. É por isso que essas palavras, que não são em si nomes de nenhuma ideia, são de constante uso e tão indispensáveis à linguagem; e contribuem tanto para que os homens se expressem bem.

III.vii.2 *In right use of particles consists the art of well-speaking.* The words whereby it signifies what connexion it gives to the several affirmations and negations, that it unites in one continued reasoning or narration, are generally called particles: and it is in the right use of these that more particularly consists the clearness and beauty of a good style. To think well, it is not enough that a man has ideas clear and distinct in his thoughts, nor that he observes the agreement or disagreement of some of them; but he must think in train, and observe the dependence of his thoughts and reasonings upon one another. And to express well such methodical and rational thoughts, he must have words to show what connexion, restriction, distinction, opposition, emphasis &c., he gives to each respective part of his discourse. To mistake in any of these, is to puzzle instead of informing his hearer: and therefore it is, that those words which are not truly by themselves the names of any ideas are of such constant and indispensable use in language, and do much contribute to men's well expressing themselves.

III.vii.3 *Elas mostram que tipo de relação a mente cria em seus próprios pensamentos.* Talvez esse tópico da gramática tenha sido tão negligenciado quanto outros cultivados com demasiado zelo. É fácil os homens escreverem, um após o outro, de casos e gêneros, modos e tempos, gerúndios e supinos, nesses e em outros tópicos houve muito zelo empregado. As próprias partículas, em algumas línguas, foram organizadas com uma demonstração de exatidão, dentro de suas várias ordenações. Embora preposições e conjunções sejam nomes bastante conhecidos na gramática, e as

partículas contidas neles cuidadosamente organizadas em suas subdivisões distintas, quem quiser demonstrar um emprego correto das partículas e qual sua significação e força, deve se esforçar mais, adentrar em seus próprios pensamentos e observar bem as várias posturas que sua mente assume ao discursar.

III.vii.3 *They show what relation the mind gives to its own thoughts.* This part of grammar has been perhaps as much neglected as some others over-diligently cultivated. It is easy for men to write, one after another, of cases and genders, moods and tenses, gerunds and supines: in these and the like there has been great diligence used; and particles themselves, in some languages, have been, with great show of exactness, ranked into their several orders. But though prepositions and conjunctions, &c., are names well known in grammar, and the particles contained under them carefully ranked into their distinct subdivisions; yet he who would show the right use of particles, and what significancy and force they have, must take a little more pains, enter into his own thoughts, and observe nicely the several postures of his mind in discoursing.

III.vii.4 *Todas elas são marcas de alguma ação ou de algum prenúncio da mente.* Também não satisfaz traduzi-las, como costuma ocorrer em dicionários, por palavras em outras línguas que mais se aproximam de sua significação, para explicar essas palavras: normalmente o que é significado por elas é difícil de entender tanto numa quanto noutra língua. Todas elas são marcas de alguma manifestação ou de algum prenúncio da mente. Por isso, para que se possa entendê-las corretamente, é preciso estudar com cuidado os diferentes pontos de vista, as várias posturas, posições, variações, limitações e exceções e vários outros pensamentos da mente para os quais não temos um nome, ou o temos de modo muito deficiente. Deles há uma grande variedade, muitos excedendo o número de partículas que grande parte das línguas têm para expressá-las: não surpreende que grande parte dessas partículas possua várias significações, às vezes, até quase opostas. Em hebraico, há uma partícula que se constitui de apenas uma letra, para a qual são reconhecidas, se me recordo bem, setenta – estou certo de que são acima de cinquenta – significações variadas.

III.vii.4 *They are all marks of some action or intimation of the mind.* Neither is it enough, for the explaining of these words, to render them, as is usual in dictionaries, by words of another tongue which come nearest to their signification: for what is meant by them is

commonly as hard to be understood in one as another language. They are all marks of some action or intimation of the mind; and therefore to understand them rightly, the several views, postures, stands, turns, limitations, and exceptions, and several other thoughts of the mind, for which we have either none or very deficient names, are diligently to be studied. Of these there is a great variety, much exceeding the number of particles that most languages have to express them by: and therefore it is not to be wondered that most of these particles have divers and sometimes almost opposite significations. In the Hebrew tongue there is a particle consisting of but one single letter, of which there are reckoned up, as I remember, seventy, I am sure above fifty, several significations.

III.vii.5 Exemplo de “mas” [but]. “Mas” é uma das partículas mais conhecidas em nosso idioma. Por isso, quem diz que é uma conjunção adversativa e que corresponde a “sed” em latim ou a “mais” em francês acredita que a explicou bem o suficiente. Porém, a mim ela sugere manifestar várias relações que a mente faz entre as várias proposições ou partes delas que ela une com esse monossílabo.

Primeiro, “mas para não dizer mais”, aqui ela manifesta uma interrupção da mente no curso que seguia, antes de chegar ao fim dele totalmente.

Segundo, “mas eu não vi mais que duas plantas”, aqui mostra que a mente limita o sentido ao que é expresso, com uma negação de todos os outros.

Terceiro, “você reza, mas não é porque Deus te levaria à verdadeira religião”.

Quarto, “mas para que Ele confirmasse você em sua própria”. O primeiro desses “mas” manifesta a hipótese na mente de algo outro que deveria ser, o último mostra que a mente produz uma oposição direta entre esse e o que vem antes.

Quinto, “todos os animais têm sentido, mas um cão é um animal”: aqui ele significa pouco mais do que a última proposição ser unida à primeira, com a proposição menor em um silogismo.

III.vii.5 Instance in “but.” “But” is a particle, none more familiar in our language: and he that says it is a discretive conjunction, and that it answers to sed Latin, or mais in French, thinks he has sufficiently explained it. But yet it seems to me to intimate several relations the mind gives to the several propositions or parts of them which it joins by this monosyllable.

First, “But to say no more”: here it intimates a stop of the mind in the course it was going, before it came quite to the end of it.

Secondly, “I saw but two plants”; here it shows that the mind limits the sense to what is expressed, with a negation of all other.

Thirdly, “You pray; but it is not that God would bring you to the true religion.”

Fourthly, “But that he would confirm you in your own.” The first of these buts intimates a supposition in the mind of something otherwise than it should be: the latter shows that the mind makes a direct opposition between that and what goes before it.

Fifthly, “All animals have sense, but a dog is an animal”: here it signifies little more but that the latter proposition is joined to the former, as the minor of a syllogism.

III.vii.6 *Essa questão sobre o emprego das partículas é apenas levemente tocado aqui.*

Não duvido de que a essas deve ser acrescido muitas outras significações para essa partícula; se fosse minha responsabilidade examiná-la em toda sua extensão e considerá-la em todas as ocorrências em que é encontrada – se alguém de fato o fizesse –, duvido se em todas as formas de se empregá-la ela mereceria o título de adversativa que os gramáticos lhe atribuem. Entretanto, não planejo uma explicação completa aqui desses tipos de sinais. Os exemplos que forneci podem proporcionar uma reflexão sobre seu emprego e força na linguagem, além de nos levar à contemplação de várias ações de nossas mentes ao discursar, a qual encontrou um meio de se manifestar aos outros com essas partículas, algumas das quais possuem constantemente o sentido de toda uma sentença contida em si, outras em certas construções.

III.vii.6 *This matter of the use of particles but lightly touched here.* To these, I doubt not, might be added a great many other significations of this particle, if it were my business to examine it in its full latitude, and consider it in all the places it is to be found: which if one should do, I doubt whether in all those manners it is made use of, it would deserve the title of discrete, which grammarians give to it. But I intend not here a full explication of this sort of signs. The instances I have given in this one may give occasion to reflect on their use and force in language, and lead us into the contemplation of several actions of our minds in discoursing, which it has found a way to intimate to others by these particles, some whereof constantly, and others in certain constructions, have the sense of a whole sentence contained in them.

Capítulo VIII – dos termos abstratos e concretos

III.viii.1 *Os termos abstratos não dedutíveis uns dos outros e por quê.* As palavras cotidianas da linguagem, e nosso uso comum delas, poderiam nos fornecer uma luz sobre a natureza das nossas ideias se tivessem sido levadas em consideração de forma mais cuidadosa. A mente, como foi mostrado, tem um poder de abstrair suas ideias, dessa forma elas se transformam em essências – essências gerais – e, dessa forma, os tipos de coisas são distintos. Cada ideia abstrata é distinta, logo, uma jamais poderá ser a outra se tomarmos duas delas. A mente, portanto, por seu conhecimento intuitivo, percebe suas diferenças. É por esse motivo que duas ideias completas, nas proposições, podem ser afirmadas uma pela outra. Isso verificamos no emprego comum da linguagem, que não permite com que duas palavras abstratas, ou nomes de ideias abstratas, sejam afirmadas uma pela outra. Ora, não importa quão semelhantes elas pareçam ser, ou quão certo seja que o homem é um animal, ou racional, ou branco, todo mundo, ao ouvir de primeira percebe logo a falsidade destas proposições: humanidade é animalidade, ou racionalidade, ou brancura, e isso é tão evidente quanto quase qualquer uma das máximas permitidas. Todas as nossas afirmações só o são no plano concreto, o que não é o ato de afirmar que uma ideia abstrata é outra, mas uma ideia abstrata unida a outra. Essas ideias abstratas, nas substâncias, podem ser de qualquer tipo, em todo o resto não são mais que relações; e nas substâncias, as mais frequentes são de potencialidades, p. ex. “um homem é branco” significa que a coisa que tem a essência de um homem também tem em si a essência de brancura, o que é apenas uma potencialidade de produzir a ideia de brancura naquele cujos olhos podem descobrir objetos cotidianos. Ou “um homem é racional” significa que a mesma coisa que tem a essência de um homem tem também em si a essência de racionalidade, isto é, a potencialidade de raciocinar.

III.viii.1 *Abstract terms not predictable one of another, and why.* The ordinary words of language, and our common use of them, would have given us light into the nature of our ideas, if they had been but considered with attention. The mind, as has been shown, has a power to abstract its ideas, and so they become essences, general essences, whereby the sorts of things are distinguished. Now each abstract idea being distinct, so that of any two the one can never be the other, the mind will, by its intuitive knowledge, perceive their difference, and therefore in propositions no two whole ideas can ever be affirmed one of another. This we see in the common use of language, which permits not any two abstract words, or names of abstract ideas, to be affirmed one of another. For

how near of kin soever they may seem to be, and how certain soever it is that man is an animal, or rational, or white, yet every one at first hearing perceives the falsehood of these propositions: humanity is animality, or rationality, or whiteness: and this is as evident as any of the most allowed maxims. All our affirmations then are only in concrete, which is the affirming, not one abstract idea to be another, but one abstract idea to be joined to another; which abstract ideas, in substances, may be of any sort; in all the rest are little else but of relations; and in substances the most frequent are of powers: v.g. “a man is white,” signifies that the thing that has the essence of a man has also in it the essence of whiteness, which is nothing but a power to produce the idea of whiteness in one whose eyes can discover ordinary objects: or, “a man is rational,” signifies that the same thing that hath the essence of a man hath also in it the essence of rationality, i.e. a power of reasoning.

III.viii.2 *Elas mostram a diferenças das nossas ideias.* Essa distinção dos nomes nos mostra também a diferença das nossas ideias: pois, se a observarmos, descobriremos que todas as nossas ideias simples contêm nomes abstratos, bem como concretos. Um desses (para falar a língua dos gramáticos) é o substantivo, o outro o adjetivo, como em “brancura”, “branco”, “doçura”, “doce”. O mesmo também ocorre nas nossas ideias de modos e relações como em “justiça”, “justo”, “igualdade”, “igual”, somente com a diferença de que alguns dos nomes concretos de relações entre os homens são em grande parte substantivos como *paternitas*, *pater*, de modo que ficaria fácil entender a razão. Porém, com relação às nossas ideias de substâncias, temos pouquíssimos nomes abstratos, quando o temos. Pois, apesar de as Escolas terem introduzido *animalitas*, *humanitas*, *corporietas* e alguns outros, isso ainda não é nada comparado à infinidade numérica de nomes de substâncias; acerca dos quais os escolásticos não poderiam ter sido mais ridículos quando da tentativa de cunhar nomes para as ideias abstratas – e aqueles poucos nomes que as Escolas forjaram e puseram nas bocas de seus alunos jamais conseguiriam que o emprego comum admitisse-os, tampouco obtiveram a licença da aprovação pública. O que me parece, no mínimo, indicar a confissão de toda a humanidade de que ela não tem a menor ideia das essências reais das substâncias, já que não possui nomes para essas ideias; tê-lo-ia, porém, sem dúvidas, não fosse pela consciência de si mesma de sua ignorância sobre si mesma que a impede de tal insolente tentativa. E por isso, apesar de os homens possuírem ideias o suficiente para distinguir “ouro” de “pedra”, e “metal” de “madeira”, ainda assim se aventuram nos termos de forma muito apreensiva, como em *aurietas* e *saxietas*,

metallietas e *lignietas*, ou seus semelhantes, com que pretendiam representar a essência real dessas substâncias sobre as quais eles sabiam não ter qualquer ideia a respeito. E, de fato, foi apenas a doutrina das formas substanciais, e a audácia de falsos candidatos a um conhecimento que eles não tinham, que cunhou e depois introduziu *animalitas* e *humanitas* e semelhantes, que progrediram muito pouco em comparação a suas Escolas, e jamais conseguiriam tornar-se termos correntes entre homens esclarecidos. De fato, *humanitas* era uma palavra de emprego cotidiano entre os romanos, mas num sentido muito diferente; e não representava a essência abstrata de nenhuma substância, mas o nome abstraído de um modo; e seu concreto era *humanus*, não *homo*.

III.viii.2 *They show the difference of our ideas.* This distinction of names shows us also the difference of our ideas: for if we observe them, we shall find that our simple ideas have all abstract as well as concrete names: the one whereof is (to speak the language of grammarians) a substantive, the other an adjective; as whiteness, white; sweetness, sweet. The like also holds in our ideas of modes and relations; as justice, just; equality, equal: only with this difference, that some of the concrete names of relations amongst men chiefly are substantives; as, paternitas, pater; whereof it were easy to render a reason. But as to our ideas of substances, we have very few or no abstract names at all. For though the Schools have introduced *animalitas*, *humanitas*, *corporietas*, and some others; yet they hold no proportion with that infinite number of names of substances, to which they never were ridiculous enough to attempt the coining of abstract ones: and those few that the schools forged, and put into the mouths of their scholars, could never yet get admittance into common use, or obtain the license of public approbation. Which seems to me at least to intimate the confession of all mankind, that they have no ideas of the real essences of substances, since they have not names for such ideas: which no doubt they would have had, had not their consciousness to themselves of their ignorance of them kept them from so idle an attempt. And therefore, though they had ideas enough to distinguish gold from a stone, and metal from wood; yet they but timorously ventured on such terms, as *aurietas* and *saxietas*, *metallietas* and *lignietas*, or the like names, which should pretend to signify the real essences of those substances whereof they knew they had no ideas. And indeed it was only the doctrine of substantial forms, and the confidence of mistaken pretenders to a knowledge that they had not, which first coined and then introduced *animalitas* and *humanitas*, and the like; which yet went very little further than their own Schools, and could never get to be current amongst understanding men. Indeed, *humanitas* was a word in familiar use amongst the Romans; but in a far different sense, and stood not for the abstract essence of any substance; but was the abstracted name of a mode, and its concrete *humanus*, not *homo*.

Capítulo IX – da imperfeição das palavras

III.ix.1 *As palavras são usadas para o registro e para a comunicação dos nossos pensamentos.* Por tudo o que foi dito nos capítulos anteriores, fica fácil perceber que tipo de imperfeição há na linguagem e como a própria natureza das palavras faz com que a dúvida e a incerteza na significação da maioria delas seja quase que inevitável. A fim de examinar a perfeição ou imperfeição das palavras, é necessário levar em conta, em primeiro lugar, seus usos e seu propósito: pois, como elas estão mais ou menos ajustadas a atingir esse fim, logo, elas são mais ou menos perfeitas. Tivemos com frequência, na primeira parte deste discurso, oportunidade de mencionar um uso duplo das palavras.

Primeiro, um para registrar nossos próprios pensamentos.

Segundo, o outro para comunicar nossos pensamentos aos outros.

III.ix.1 *Words are used for recording and communicating our thoughts.* From what has been said in the foregoing chapters, it is easy to perceive what imperfection there is in language, and how the very nature of words makes it almost unavoidable for many of them to be doubtful and uncertain in their significations. To examine the perfection or imperfection of words, it is necessary first to consider their use and end: for as they are more or less fitted to attain that, so they are more or less perfect. We have, in the former part of this discourse often, upon occasion, mentioned a double use of words.

First, One for the recording of our own thoughts.

Secondly, The other for the communicating of our thoughts to others.

III.ix.2 *Quaisquer palavras servem para o registro.* Relativo ao primeiro desses, que é o registro dos nossos próprios pensamentos para o auxílio da nossa própria memória, de modo que, por assim dizer, falamos conosco, quaisquer palavras serão úteis. Dado que os sons são sinais espontâneos e indiferentes de quaisquer ideias, um homem pode vir a empregar quaisquer palavras que lhe aprazer para significar suas próprias ideias para si mesmo; e não haverá nenhuma imperfeição nelas, se ele empregar o mesmo sinal para a mesma ideia, afinal, não há como não ter sua significação entendida, nisso consiste o emprego correto e a perfeição da linguagem.

III.ix.2 *Any words will serve for recording.* As to the first of these, for the recording our own thoughts for the help of our own memories, whereby, as it were, we talk to ourselves, any words will serve the turn. For since sounds are voluntary and indifferent signs of any ideas, a man may use what words he pleases to signify his own ideas to himself: and there will be no imperfection in them, if he constantly use the same sign for the same idea: for then he cannot fail of having his meaning understood, wherein consists the right use and perfection of language.

III.ix.3 *Comunicação por meio das palavras para fins civis ou filosóficos.* Em segundo lugar, relativo à comunicação por meio das palavras, há também um duplo uso:

I. Civil.

II. Filosófico.

Em primeiro lugar, por seu uso civil entendo a comunicação de pensamentos e de ideias por meio de palavras que podem servir para sustentar conversas e trocas cotidianas sobre situações comuns e conveniências da vida civil, nas sociedades de homens, que se comunicam entre si.

Em segundo lugar, por uso filosófico das palavras entendo o uso que pode servir para transmitir a noção precisa das coisas e para expressar, de modo geral, certas proposições e verdades indubitáveis, das quais a mente pode depender e com as quais poderá se satisfazer em sua busca pelo verdadeiro conhecimento. Esses dois empregos são muito distintos; num deles a falta de exatidão não será tão prejudicial quanto em outro, como veremos a seguir.

III.ix.3 *Communication by words either for civil or philosophical purposes.* Secondly, As to communication by words, that too has a double use.

I. Civil.

II. Philosophical.

First, by their civil use, I mean such a communication of thoughts and ideas by words, as may serve for the upholding common conversation and commerce, about the ordinary affairs and conveniences of civil life, in the societies of men, one amongst another.

Secondly, By the philosophical use of words, I mean such a use of them as may serve to convey the precise notions of things, and to express in general propositions certain and undoubted truths, which the mind may rest upon and be satisfied with in its search after true knowledge. These two uses are very distinct; and a great deal less exactness will serve in the one than in the other, as we shall see in what follows.

III.ix.4 *A imperfeição das palavras revela a dúvida ou ambiguidade de sua significação, que é causada pelo tipo de ideias que representam.* O principal propósito da linguagem na comunicação é o de ser entendido, as palavras, porém, não servem para esse fim nem no discurso civil tampouco no filosófico, se nenhuma delas incita no ouvinte a mesma ideia que representa na mente do falante. Já que os sons não possuem nenhuma conexão natural com nossas ideias, mas uma significação a partir da imposição arbitrária dos homens, a dúvida e a incerteza de sua significação – que é a imperfeição sobre a qual estamos tratando – tem suas causas muito mais nas ideias que elas representam do que em qualquer incapacidade que exista mais em um som do que em outro ao significar alguma ideia: pois nesse aspecto todos são igualmente perfeitos.

O que, portanto, gera a dúvida e a incerteza na significação de algumas palavras mais do que em outras é a diferença das ideias as quais elas representam.

III.ix.4 *The imperfection of words is the doubtfulness or ambiguity of their signification, which is caused by the sort of ideas they stand for.* The chief end of language in communication being to be understood, words serve not well for that end, neither in civil nor philosophical discourse, when any word does not excite in the hearer the same idea which it stands for in the mind of the speaker. Now, since sounds have no natural connexion with our ideas, but have all their signification from the arbitrary imposition of men, the doubtfulness and uncertainty of their signification, which is the imperfection we here are speaking of, has its cause more in the ideas they stand for than in any incapacity there is in one sound more than in another to signify any idea: for in that regard they are all equally perfect.

That then which makes doubtfulness and uncertainty in the signification of some more than other words, is the difference of ideas they stand for.

III.ix.5 *As causas naturais de sua imperfeição, especialmente daquelas que representam modos mistos e nossas ideias de substâncias.* As palavras não possuem uma significação natural, logo, a ideia a qual cada uma representa deve ser aprendida e apreendida por aqueles que pretendem trocar pensamentos e manter um discurso inteligível com outros, em qualquer língua. Contudo, isso é o mais difícil de conseguir, pois,

Em primeiro lugar, as ideias as quais as palavras representam são muito complexas e formadas a partir de um grande número de ideias reunidas.

Em segundo lugar, é fato que as ideias as quais elas representam não possuem uma conexão determinada na natureza e, portanto, nenhum padrão pré-determinado em qualquer lugar existente na natureza para que se retifiquem e se ajustem a partir dele.

Em terceiro lugar, há casos em que a significação da palavra é referida a um padrão, porém esse padrão é de difícil conhecimento.

Em quarto lugar, é fato que a significação da palavra e a essência real da coisa não são exatamente os mesmos.

Essas são as dificuldades que atingem a significação de várias palavras que são inteligíveis. Aquelas que, de modo algum, são inteligíveis, tais como nomes que representam quaisquer ideias simples para as quais um homem não tem os órgãos ou as faculdades para apreendê-las – como o caso das cores para um cego, ou sons para um surdo – não precisam ser mencionadas.

Em todos esses casos encontraremos uma imperfeição nas palavras, que eu pretendo detalhar mais, em sua aplicação particular em nossos vários tipos de ideias; pois, se verificarmos-nas, descobriremos que os nomes dos modos mistos são mais propícios à dúvida e à incerteza pelas duas primeiras razões acima, e os das substâncias, em sua maioria, pelas duas últimas.

III.ix.5 *Natural causes of their imperfection, especially in those that stand for mixed modes, and for our ideas of substances.* Words having naturally no signification, the idea which each stands for must be learned and retained, by those who would exchange thoughts, and hold intelligible discourse with others, in any language. But this is the hardest to be done where,

First, The ideas they stand for are very complex, and made up of a great number of ideas put together.

Secondly, Where the ideas they stand for have no certain connexion in nature; and so no settled standard anywhere in nature existing, to rectify and adjust them by.

Thirdly, When the signification of the word is referred to a standard, which standard is not easy to be known.

Fourthly, Where the signification of the word and the real essence of the thing are not exactly the same.

These are difficulties that attend the signification of several words that are intelligible. Those which are not intelligible at all, such as names standing for any simple ideas which another has not organs or faculties to attain; as the names of colours to a blind man, or sounds to a deaf man, need not here be mentioned.

In all these cases we shall find an imperfection in words; which I shall more at large explain, in their particular application to our several sorts of ideas: for if we examine them, we shall find that the names of Mixed Modes are most liable to doubtfulness and imperfection, for the two first of these reasons; and the names of Substances chiefly for the two latter.

III.ix.6 *Os nomes dos modos mistos são duvidosos.* Em primeiro lugar, as ideias que as palavras representam são muito complexas. Primeiro, os nomes dos modos mistos são, em sua maioria, propícios a uma significação incerta e obscura.

I. Por causa da grande composição dessas ideias complexas. Para que as palavras estejam a serviço do propósito da comunicação, é necessário, como foi dito, que incitem no ouvinte precisamente a mesma ideia que representam na mente do falante. Sem isso, os homens enchem as cabeças uns dos outros com barulhos e sons, e não transmitem seus pensamentos nem expõem suas ideias aos outros, que é o propósito do discurso e da linguagem. Contudo, quando uma palavra representa uma ideia muito complexa que é composta e decomposta, não é fácil para os homens formarem e apreenderem essa ideia com exatidão de modo a fazer com que o nome de uso comum represente precisamente a mesma ideia, sem a mínima variação. Logo, acontece de os nomes para ideias muito compostas dos homens – como a maioria das palavras do âmbito da moral – raramente terem precisamente a mesma significação para dois homens diferentes; já que a ideia complexa de um homem raramente concorda com a de outro, e com frequência discorda da sua própria – daquilo que ele teve ontem ou terá amanhã.

III.ix.6 *The names of mixed modes doubtful.* First, because the ideas they stand for are so complex. First, The names of mixed modes are, many of them, liable to great uncertainty and obscurity in their signification

I. Because of that great composition these complex ideas are often made up of. To make words serviceable to the end of communication, it is necessary, as has been said, that they excite in the hearer exactly the same idea they stand for in the mind of the speaker. Without this, men fill one another's heads with noise and sounds; but convey

not thereby their thoughts, and lay not before one another their ideas, which is the end of discourse and language. But when a word stands for a very complex idea that is compounded and decompounded, it is not easy for men to form and retain that idea so exactly, as to make the name in common use stand for the same precise idea, without any the least variation. Hence it comes to pass that men's names of very compound ideas, such as for the most part are moral words, have seldom in two different men the same precise signification; since one man's complex idea seldom agrees with another's, and often differs from his own — from that which he had yesterday, or will have tomorrow.

III.ix.7 *Segundo, porque não possuem padrões na natureza.* Por não haver padrões na natureza para grande parte dos nomes dos modos mistos a fim de que os homens possam retificar e ajustar sua significação, esses nomes são, por isso, muito variados e duvidosos. Eles são agrupamentos de ideias reunidas pela mente a seu bel-prazer em busca de seus próprios fins para o discurso e adequados às suas próprias noções, de modo que ela os desenvolve não para copiar algo que realmente existe, mas para denominar e organizar as coisas à medida que concordam com os arquétipos ou as formas que ela mesma gerou. Quem primeiro empregou a palavra “falsidade” [sham], ou “ludíbrio” [wheedle], ou “gracejo” [banter]²⁰⁴, reuniu da forma que julgou mais adequada as ideias que fez serem representadas por essas, tal como ocorre com quaisquer novas palavras que são criadas atualmente em qualquer língua, da mesma forma que ocorreu com as mais antigas à época em que foram empregadas pela primeira vez. Os nomes que representam coleções de ideias que a mente gera ao seu bel-prazer, portanto, devem necessariamente ter uma significação duvidosa quando tais coleções não podem ser encontradas constantemente unidas em nenhum lugar na natureza nem quaisquer padrões podem ser expostos a fim de que seja possível aos homens fazerem ajustes. Não é possível saber o que palavras como “assassinato”, ou “sacrilégio” etc. significam pelas próprias coisas: muitas partes dessas ideias complexas podem não ser visíveis na ação em si. A intenção da mente, ou a relação de coisas holísticas – que compõem uma parcela de assassinato ou de sacrilégio – não possuem necessariamente uma conexão com a ação externa e visível daquele que os comete. Puxar o gatilho da arma com a qual o assassinato é cometido é talvez toda a parte

²⁰⁴ De acordo com a nota à tradução portuguesa de Eduardo Abranches Soveral, esses termos eram de uso recente à época de Locke.

visível da ação, que não tem nenhuma conexão com as outras ideias que formam a complexa denominada “assassinato”. Sua união e combinação advêm apenas do entendimento que as une sob um nome; entretanto uni-las sem alguma regra ou algum padrão faz com que a significação do nome que representa tais coleções espontâneas seja com frequência variada na mente de homens distintos, os quais praticamente não possuem uma regra estruturada com que regulem a si e às suas noções no caso dessas ideias arbitrárias.

III.ix.7 *Secondly, because they have no standards in nature.* Because the names of mixed modes for the most part want standards in nature, whereby men may rectify and adjust their significations, therefore they are very various and doubtful. They are assemblages of ideas put together at the pleasure of the mind, pursuing its own ends of discourse, and suited to its own notions, whereby it designs not to copy anything really existing, but to denominate and rank things as they come to agree with those archetypes or forms it has made. He that first brought the word sham, or wheedle, or banter, in use, put together as he thought fit those ideas he made it stand for; and as it is with any new names of modes that are now brought into any language, so it was with the old ones when they were first made use of. Names, therefore, that stand for collections of ideas which the mind makes at pleasure must needs be of doubtful signification, when such collections are nowhere to be found constantly united in nature, nor any patterns to be shown whereby men may adjust them. What the word murder, or sacrilege, &c., signifies can never be known from things themselves: there be many of the parts of those complex ideas which are not visible in the action itself; the intention of the mind, or the relation of holy things, which make a part of murder or sacrilege, have no necessary connexion with the outward and visible action of him that commits either: and the pulling the trigger of the gun with which the murder is committed, and is all the action that perhaps is visible, has no natural connexion with those other ideas that make up the complex one named murder. They have their union and combination only from the understanding which unites them under one name: but, uniting them without any rule or pattern, it cannot be but that the signification of the name that stands for such voluntary collections should be often various in the minds of different men, who have scarce any standing rule to regulate themselves and their notions by, in such arbitrary ideas.

III.ix.8 *O emprego cotidiano, ou a exatidão não são um remédio que satisfaz.* É verdade que o emprego cotidiano, ou seja, a regra de exatidão pode parecer funcionar como um auxílio para estabelecer a significação da linguagem; e é inegável que, em certa medida, o faz. O emprego cotidiano regula muito bem o significado das palavras para a conversa cotidiana, porém, porque ninguém tem autoridade de estabelecer a

significação precisa das palavras ou de determinar a quais ideias elas devem ser anexadas, o emprego cotidiano não basta para ajustá-las aos discursos filosóficos – deve-se levar em conta que são escassos os nomes de qualquer ideia complexa (para não falar das outras) os quais, no emprego cotidiano, não possuem uma grande abrangência e os quais, atendo-se aos laços de exatidão, não podem tornar-se sinal de ideias muito diferentes. Além disso, as regras e medidas de exatidão não são estabelecidas em nenhum lugar – e são motivos constantes de debates, se esse ou aquele modo de empregar uma palavra seria propriedade da fala ou não. Disso tudo, é evidente que os nomes dessas formas de ideias muito complexas não naturalmente passíveis a essa imperfeição - de terem uma significação duvidosa e incerta. Mesmo os homens que têm uma mente para entender o outro nem sempre representam a mesma ideia na relação falante-ouvinte. Apesar de os nomes “glória” e “gratidão” serem os mesmo na boca de vários homens na extensão de todo um país, ainda assim a ideia complexa coletiva que cada um crê, ou pressupõe, entender por esses nomes aparentemente é muito diferente entre homens usando a mesma língua.

III.ix.8 *Common use, or propriety not a sufficient remedy.* It is true, common use, that is, the rule of propriety may be supposed here to afford some aid, to settle the signification of language; and it cannot be denied but that in some measure it does. Common use regulates the meaning of words pretty well for common conversation; but nobody having an authority to establish the precise signification of words, nor determine to what ideas any one shall annex them, common use is not sufficient to adjust them to Philosophical Discourses; there being scarce any name of any very complex idea (to say nothing of others) which, in common use, has not a great latitude, and which, keeping within the bounds of propriety, may not be made the sign of far different ideas. Besides, the rule and measure of propriety itself being nowhere established, it is often matter of dispute, whether this or that way of using a word be propriety of speech or no. From all which it is evident, that the names of such kind of very complex ideas are naturally liable to this imperfection, to be of doubtful and uncertain signification; and even in men that have a mind to understand one another, do not always stand for the same idea in speaker and hearer. Though the names glory and gratitude be the same in every man's mouth through a whole country, yet the complex collective idea which every one thinks on or intends by that name, is apparently very different in men using the same language.

III.ix.9 *A forma como se aprende esses nomes também contribui para a sua dúvida.* Também o modo como os nomes dos modos mistos são normalmente aprendidos não

contribui nem um pouco para aclarar sua significação duvidosa. Se observarmos como as crianças aprendem as línguas, descobriremos que, as pessoas normalmente apresentam-lhes coisas de que querem que tenham a ideia para fazer com que entendam o que representam os nomes de ideias simples e de substâncias. Depois, repetem-lhes o nome que a representa, como “branco”, “doce”, “leite”, “açúcar”, “gato”, “cachorro”. Entretanto, no caso dos modos mistos, especialmente os mais importantes, ou seja, as palavras do âmbito da moral, os sons são, em geral, aprendidos primeiro e depois, para saber qual ideia complexa representam, as crianças se atêm à explicação dos outros ou (o que ocorre com mais frequência) são deixadas à própria observação e sagacidade. Como se vê, há pouca preocupação quanto à busca do significado verdadeiro e preciso dos nomes, assim, essas palavras do âmbito da moral não indicam, na boca da maioria dos homens, mais do que sons vazios. Quando indicam alguma significação, fazem-no, em grande parte dos casos, de forma muito dispersa e indeterminada e, por consequência, obscura e confusa. Mesmo aqueles que determinaram suas noções com mais cuidado dificilmente evitam a inconveniência de elas representarem ideias complexas diferentes daquelas para as quais outros, inclusive homens inteligentes e estudiosos, tornam um sinal. Onde se encontraria um debate controverso ou uma conversa informal sobre honra, fé, graça, religião, igreja etc. em que não se observa diferentes noções que os homens têm delas? Isso demonstra apenas que eles não estão de acordo com a significação dessas palavras, tampouco possuem em suas mentes a mesma ideia complexa as quais aquelas representam, logo, todas as disputas subsequentes nada mais são do que sobre o significado de um som. Dessa forma vemos que, na interpretação de leis – divinas ou humanas –, não há um consenso: comentário gera comentário e explicação abre caminho para explicações e para limitações, distinções, variações sem fim da significação dessas palavras do âmbito da moral. Essas ideias são produções humanas multiplicadas *in infinitum*, porque os homens continuam com o mesmo poder sobre elas. Vários homens que se deram por satisfeitos, à primeira leitura, quanto ao significado de um texto das Escrituras, ou uma cláusula no código se perderam, ao consultarem comentadores, no sentido destes e, por causa dessas elucidações, fizeram surgir ou aumentar suas dúvidas e trouxeram obscuridade sobre o assunto. Não digo isso por considerar

comentários desnecessários, mas para mostrar quão incertos são os nomes dos modos mistos, inclusive na boca daqueles que têm tanto a intenção quanto a faculdade de falar tão claramente quanto a linguagem poderia expressar seus pensamentos.

III.ix.9 *The way of learning these names contributes also to their doubtfulness.* The way also wherein the names of mixed modes are ordinarily learned, does not a little contribute to the doubtfulness of their signification. For if we will observe how children learn languages, we shall find that, to make them understand what the names of simple ideas or substances stand for, people ordinarily show them the thing whereof they would have them have the idea; and then repeat to them the name that stands for it; as white, sweet, milk, sugar, cat, dog. But as for mixed modes, especially the most material of them, moral words, the sounds are usually learned first; and then, to know what complex ideas they stand for, they are either beholden to the explication of others, or (which happens for the most part) are left to their own observation and industry; which being little laid out in the search of the true and precise meaning of names, these moral words are in most men's mouths little more than bare sounds; or when they have any, it is for the most part but a very loose and undetermined, and, consequently, obscure and confused signification. And even those themselves who have with more attention settled their notions, do yet hardly avoid the inconvenience to have them stand for complex ideas different from those which other, even intelligent and studious men, make them the signs of. Where shall one find any, either controversial debate, or familiar discourse, concerning honour, faith, grace, religion, church, &c., wherein it is not easy to observe the different notions men have of them? Which is nothing but this, that they are not agreed in the signification of those words, nor have in their minds the same complex ideas which they make them stand for, and so all the contests that follow thereupon are only about the meaning of a sound. And hence we see that, in the interpretation of laws, whether divine or human, there is no end; comments beget comments, and explications make new matter for explications; and of limiting, distinguishing, varying the signification of these moral words there is no end. These ideas of men's making are, by men still having the same power, multiplied in infinitum. Many a man who was pretty well satisfied of the meaning of a text of Scripture, or clause in the code, at first reading, has, by consulting commentators, quite lost the sense of it, and by these elucidations given rise or increase to his doubts, and drawn obscurity upon the place. I say not this that I think commentaries needless; but to show how uncertain the names of mixed modes naturally are, even in the mouths of those who had both the intention and the faculty of speaking as clearly as language was capable to express their thoughts.

III.ix.10 *Por isso há uma obscuridade inevitável em autores antigos.* Será desnecessário destacar o tipo de obscuridade que isso trouxe aos escritos dos homens que viveram em épocas remotas, e em países diferentes. O modo como inúmeros homens letrados empregam seus pensamentos são provas mais do que suficiente para

demonstrar o tipo de atenção, estudo, sagacidade e reflexão são exigidos para descobrir o verdadeiro significado dos autores antigos. Porém, por não haver escritos que nos despertam o interesse em sermos solícitos com relação ao significado, temos de nos ater àqueles que contêm verdades nas quais somos obrigados a crer, ou leis que devemos obedecer, e que nos lançam inconveniências quando erramos ou cometemos alguma transgressão. Podemos preocuparmo-nos menos com o sentido desses autores, os quais escrevem apenas suas próprias opiniões; não temos mais necessidade em conhecê-las do que eles as nossas. Nossa felicidade ou infelicidade não dependem de seus decretos, podemos, com segurança, ser ignorantes às suas noções; e, por isso, ao lê-los, se não empregam suas palavras com a devida clareza e lucidez, podemos desconsiderá-los e, sem nenhuma desfeita a eles, chegar a uma solução por nós mesmos, *Si non vis intelligi, debes negligi*.

III.ix.10 *Hence unavoidable obscurity in ancient authors.* What obscurity this has unavoidably brought upon the writings of men who have lived in remote ages, and different countries, it will be needless to take notice. Since the numerous volumes of learned men, employing their thoughts that way, are proofs more than enough, to show what attention, study, sagacity, and reasoning are required to find out the true meaning of ancient authors. But, there being no writings we have any great concernment to be very solicitous about the meaning of, but those that contain either truths we are required to believe, or laws we are to obey, and draw inconveniences on us when we mistake or transgress, we may be less anxious about the sense of other authors; who, writing but their own opinions, we are under no greater necessity to know them, than they to know ours. Our good or evil depending not on their decrees, we may safely be ignorant of their notions: and therefore in the reading of them, if they do not use their words with a due clearness and perspicuity, we may lay them aside, and without any injury done them, resolve thus with ourselves, *Si non vis intelligi, debes negligi*.

III.ix.11 *Os nomes das substâncias possuem significação duvidosa porque as ideias que eles representam se relacionam à realidade das coisas.* Se a significação dos nomes de modos mistos é incerta porque não há padrões reais na própria natureza aos quais essas ideias se referem, e a partir das quais podem ser ajustados, os nomes das substâncias possuem uma significação duvidosa por uma razão contrária, i.é, porque se supõe que as ideias que eles representam se conformem com a realidade das coisas e se refiram a padrões criados pela natureza. Com nossas ideias de substâncias não

temos liberdade, como com as dos modos mistos, para estruturar quantas combinações julgamos adequadas para se tornarem notas características de como organizamos e denominamos as coisas. Com aquelas, devemos seguir a natureza, adaptar nossas ideias complexas às essências reais e regular a significação de seus nomes a partir das próprias coisas, se quisermos que os nomes que produzimos sejam sinais delas e as representem. É verdade que no caso das substâncias temos padrões para seguir, porém padrões que tornarão a significação de seus nomes muito incerta: pois os nomes devem conter significados muito instáveis e variados se as ideias que eles representam se referem a padrões além de nós; eles não podem ser de todo conhecidos nem conhecidos imperfeitamente e de forma incerta.

III.ix.11 *Names of substances of doubtful signification, because the ideas they stand for relate to the reality of things.* If the signification of the names of mixed modes be uncertain, because there be no real standards existing in nature to which those ideas are referred, and by which they may be adjusted, the names of substances are of a doubtful signification, for a contrary reason, viz. because the ideas they stand for are supposed conformable to the reality of things, and are referred to as standards made by Nature. In our ideas of substances we have not the liberty, as in mixed modes, to frame what combinations we think fit, to be the characteristical notes to rank and denominate things by. In these we must follow Nature, suit our complex ideas to real existences, and regulate the signification of their names by the things themselves, if we will have our names to be signs of them, and stand for them. Here, it is true, we have patterns to follow; but patterns that will make the signification of their names very uncertain: for names must be of a very unsteady and various meaning, if the ideas they stand for be referred to standards without us, that either cannot be known at all, or can be known but imperfectly and uncertainly.

III.ix.12 *Os nomes de substâncias referidos a essências reais que não podem ser conhecidas.* Os nomes de substâncias possuem, como já demonstrado, uma dupla referência em seu uso comum.

Em primeiro lugar, às vezes eles devem representar – e por isso supõe-se que sua significação deva concordar com – a constituição real das coisas a partir da qual todas as suas propriedades emanam e na qual todas se centram. Porém, essa constituição real, ou (como se é adequado chamar) essência, é-nos completamente desconhecida. Qualquer som que é empregado para representá-la deve possuir uma

aplicabilidade muito incerta, e será impossível saber quais coisas são, ou deverão ser, chamadas por “cavalo” ou “antimônio” quando essas palavras são empregadas para essências reais sobre as quais não temos qualquer ideia. E por isso, nessa suposição – que os nomes de substâncias se referem a padrões que não podem ser conhecidos –, suas significações jamais podem ser ajustadas e estabelecidas por esses padrões.

III.ix.12 *Names of substances referred, to real essences that cannot be known.* The names of substances have, as has been shown, a double reference in their ordinary use.

First, Sometimes they are made to stand for, and so their signification is supposed to agree to, the real constitution of things, from which all their properties flow, and in which they all centre. But this real constitution, or (as it is apt to be called) essence, being utterly unknown to us, any sound that is put to stand for it must be very uncertain in its application; and it will be impossible to know what things are or ought to be called a horse, or antimony, when those words are put for real essences that we have no ideas of at all. And therefore in this supposition, the names of substances being referred to standards that cannot be known, their significations can never be adjusted and established by those standards.

III.ix.13 *Duas qualidades coexistentes são conhecidas apenas de modo imperfeito.* Em segundo lugar, as ideias simples que coexistem em substâncias são aquilo que seus nomes imediatamente significam; essas ideias, unidas nos vários tipos de coisas, são o próprio padrão a que os nomes são referidos, e por meio dos quais suas significações podem ser retificadas da melhor maneira. Entretanto, esses arquétipos servirão adequadamente tanto para esse propósito como para deixar esses nomes sem significações muito variadas e incertas. Porque essas ideias simples que coexistem, e são unidas no mesmo objeto, são muito numerosas e possuem, todas, o mesmo direito de integrar a ideia complexa específica a que o nome específico representará. Os homens, embora proponham a si mesmos considerar exatamente o mesmo objeto, forjam ideias muito diferentes sobre ele; e dessa forma o nome que usam para ele inadvertidamente acaba possuindo, em vários homens, significações bastante diferentes. As qualidades simples que formam as ideias complexas, em sua maioria potencialidades, são quase infinitas, quando das mudanças que podem exercer em ou sofrer de outros corpos. Quem, porém, observar a grande variedade de alterações que qualquer metal de adição pode sofrer, somente pelas diferentes formas de aplicação do

fogo – e o enorme número de mudanças que qualquer um deles sofrerá nas mãos de um químico por meio da aplicação de outros corpos – não achará estranho que eu não considere fáceis de serem reunidas as propriedades de qualquer tipo de corpo e totalmente conhecidas por meio de investigações das quais nossas faculdades são capazes. Elas são, dessa forma, no mínimo tantas que homem nenhum saberia seu número preciso e definido e, por isso, elas são descobertas de formas diferentes por homens diferentes, de acordo com suas habilidades variadas, sua atenção e modo de manejo. Os homens não têm outra escolha senão ter diferentes ideias sobre a mesma substância e, assim, tornar a significação do nome em comum muito variada e incerta. Pelo fato de as ideias complexas de substância serem formadas por aquelas simples que se supõe coexistirem na natureza, qualquer um tem o direito de inserir em suas ideias complexas aquelas qualidades que ele descobriu ocorrerem unidas. Onde, apesar de um se satisfazer, na substância ouro, com cor e peso, outro acredita que solubilidade em água régia deve ser unida com essa cor em sua ideia de outro, como qualquer um julga que deve ocorrer com a fusibilidade. Afinal, solubilidade em água régia é uma qualidade constantemente unida com sua cor e peso tanto quanto fusibilidade ou qualquer outra, logo, outros acrescentam ductibilidade ou não volatilidade etc. tal como ensinado pela tradição ou pela experiência. Quem entre esses homens estabeleceu a significação correta de ouro? Ou quem pode ser o juiz para determinar? Cada um possui seu padrão na natureza ao qual apela e com razão crê ter igual direito de inserir em sua ideia complexa significada pela palavra “ouro” as qualidades que, após um exame, descobriu ocorrem unidas, enquanto outro que não verificou tão bem as exclui; ou ainda um terceiro que realizou outros exames inseriu outras. Se a união na natureza dessas qualidades é a verdadeira base de sua união em uma ideia complexa, então, quem pode dizer que uma delas tem mais direito de ser admitida do que outra? A partir disso segue-se, inevitavelmente, que as ideias complexas de substâncias em homens que usam o mesmo nome para elas serão muito variadas e portanto as significações desses nomes muito incerta.

III.ix.13 *To co-existing qualities, which are known but imperfectly.* Secondly, The simple ideas that are found to co-exist in substances being that which their names immediately signify, these, as united in the several sorts of things, are the proper standards to which

their names are referred, and by which their significations may be best rectified. But neither will these archetypes so well serve to this purpose as to leave these names without very various and uncertain significations. Because these simple ideas that co-exist, and are united in the same subject, being very numerous, and having all an equal right to go into the complex specific idea which the specific name is to stand for, men, though they propose to themselves the very same subject to consider, yet frame very different ideas about it; and so the name they use for it unavoidably comes to have, in several men, very different significations. The simple qualities which make up the complex ideas, being most of them powers, in relation to changes which they are apt to make in, or receive from other bodies, are almost infinite. He that shall but observe what a great variety of alterations any one of the baser metals is apt to receive, from the different application only of fire; and how much a greater number of changes any of them will receive in the hands of a chymist, by the application of other bodies, will not think it strange that I count the properties of any sort of bodies not easy to be collected, and completely known, by the ways of inquiry which our faculties are capable of. They being therefore at least so many, that no man can know the precise and definite number, they are differently discovered by different men, according to their various skill, attention, and ways of handling; who therefore cannot choose but have different ideas of the same substance, and therefore make the signification of its common name very various and uncertain. For the complex ideas of substances, being made up of such simple ones as are supposed to co-exist in nature, every one has a right to put into his complex idea those qualities he has found to be united together. For, though in the substance of gold one satisfies himself with colour and weight, yet another thinks solubility in aqua regia as necessary to be joined with that colour in his idea of gold, as any one does its fusibility; solubility in aqua regia being a quality as constantly joined with its colour and weight as fusibility or any other; others put into it ductility or fixedness, &c., as they have been taught by tradition or experience. Who of all these has established the right signification of the word, gold? Or who shall be the judge to determine? Each has his standard in nature, which he appeals to, and with reason thinks he has the same right to put into his complex idea signified by the word gold, those qualities, which, upon trial, he has found united; as another who has not so well examined has to leave them out; or a third, who has made other trials, has to put in others. For the union in nature of these qualities being the true ground of their union in one complex idea, who can say one of them has more reason to be put in or left out than another? From hence it will unavoidably follow, that the complex ideas of substances in men using the same names for them, will be very various, and so the significations of those names very uncertain.

III.ix.14 *Em terceiro lugar, as qualidades coexistentes só são conhecidas de forma imperfeita.* Além disso, é escassa a existência de qualquer coisa particular que, em alguma de suas ideias simples, não se comunica com uma maior e, em outras, com um menor número de seres particulares: quem poderá determinar, nesse caso, quais são aquelas que devem formar a coleção exata que deve ser significada por um nome

específico? Ou pode, com alguma autoridade, prescrever quais qualidades óbvias ou comuns devem ser excluídas, ou quais mais secretas, ou mais particulares devem ser inseridas na significação do nome de qualquer substância? Tudo isso somado raras vezes ou nunca deixa de produzir, nos nomes de substâncias, essa significação variada e duvidosa que causa tanta incerteza, discussões ou erros quando pensamos sobre seu uso filosófico.

III.ix.14 *Thirdly, to co-existing qualities which are known but imperfectly.* Besides, there is scarce any particular thing existing, which, in some of its simple ideas, does not communicate with a greater, and in others a less number of particular beings: who shall determine in this case which are those that are to make up the precise collection that is to be signified by the specific name? or can with any just authority prescribe, which obvious or common qualities are to be left out; or which more secret, or more particular, are to be put into the signification of the name of any substance? All which together, seldom or never fall to produce that various and doubtful signification in the names of substances, which causes such uncertainty, disputes, or mistakes, when we come to a philosophical use of them.

III.ix.15 *Com essa imperfeição, elas podem ser úteis ao emprego civil, mas não muito ao filosófico.* É verdade que, tanto no diálogo cortês quanto no cotidiano, os nomes gerais das substâncias – regulados em sua significação comum a partir de qualidades óbvias (como formato e desenho em coisas de propagação seminal conhecida e, em outras substâncias, a partir da cor somada a algumas outras qualidades sensíveis) – funcionam bem para designar as coisas sobre as quais se supõe que os homens conversem. Dessa forma eles costumam conceber bem as substâncias significadas pelas palavras “ouro” ou “maçã” de modo a distinguir uma de outra. Contudo, em investigações e debates filosóficos, nos quais é preciso estabelecer verdades gerais, e determinar as consequências em posicionamentos estabelecidos, ver-se-á que a significação precisa dos nomes das substâncias não só não é bem determinada, como também se mostra de difícil empresa. Por exemplo, quem torna maleabilidade, ou algum grau de volatilidade, parte de sua ideia complexa de ouro, poderá fazer proposições acerca de ouro e gerar consequência delas, as quais derivarão verdadeira e claramente de ouro, tomado com aquela significação. Outro homem, entretanto, não poderá ser forçado a admitir essas verdades ou a ser convencido delas, se não assumir

maleabilidade ou o mesmo grau de volatilidade parte daquela ideia complexa que o nome ouro, em seu emprego dele, representa.

III.ix.15 *With this imperfection, they may serve for civil, but not well for philosophical use.* It is true, as to civil and common conversation, the general names of substances, regulated in their ordinary signification by some obvious qualities, (as by the shape and figure in things of known seminal propagation, and in other substances, for the most part by colour, joined with some other sensible qualities), do well enough to design the things men would be understood to speak of: and so they usually conceive well enough the substances meant by the word gold or apple, to distinguish the one from the other. But in philosophical inquiries and debates, where general truths are to be established, and consequences drawn from positions laid down, there the precise signification of the names of substances will be found not only not to be well established, but also very hard to be so. For example: he that shall make malleability, or a certain degree of fixedness, a part of his complex idea of gold, may make propositions concerning gold, and draw consequences from them, that will truly and clearly follow from gold, taken in such a signification: but yet such as another man can never be forced to admit, nor be convinced of their truth, who makes not malleableness, or the same degree of fixedness, part of that complex idea that the name gold, in his use of it, stands for.

III.ix.16 *Exemplo, fluidos.* Essa é uma imperfeição quase que inevitável em quase todos os nomes de substâncias, em quaisquer línguas, com a qual os homens vão se deparar sempre que, ao cruzarem com noções confusas ou dispersas, chegarem a investigações mais rigorosas e densas. Pois então estarão convencidos do quanto a significação dessas palavras é duvidosa e obscura, as quais, num emprego cotidiano pareciam tão exatas e determinadas. Uma vez, estive numa reunião de médicos bastante instruídos e astutos quando por acaso surgiu a questão sobre se algum fluido passava através dos filamentos nervosos. O debate durou um bom tempo por conta da variedade de argumentos de ambos os lados. Eu (que me acostumei a suspeitar de que a maioria das discussões era decorrente da significação das palavras mais do que de fato uma diferença real na concepção das coisas), então, solicitei que, antes que prosseguissem com o debate, primeiro examinassem e, entre eles, determinassem qual o significado da palavra “fluido”. De início ficaram um tanto quanto surpresos com a minha proposta, não fossem tão astutos, teriam tomado-a por uma proposta muito extravagante e frívola, já que não havia um só ali que não julgasse entender perfeitamente o que a palavra fluido representava, a qual eu também creio não ser o

mais complicado dos nomes das substâncias. Eles acederam à minha proposta de bom grado: após um exame descobriram que a significação dessa palavra não estava tão determinada ou certa quanto todos imaginavam. Cada um deles tornou-a um sinal para uma ideia complexa diferente. Isso fez com que percebessem que a principal causa do debate era por conta da significação desse termo e que suas opiniões divergiam muito pouco sobre certa matéria sutil e fluida que passava através dos canais dos nervos – apesar de não ter sido de fácil concordância quanto ao que deveria ser chamado de fluido, coisa que, quando levada em consideração, julgaram não valer a contenda.

III.ix.16 *Instance, liquor.* This is a natural and almost unavoidable imperfection in almost all the names of substances, in all languages whatsoever, which men will easily find when, once passing from confused or loose notions, they come to more strict and close inquiries. For then they will be convinced how doubtful and obscure those words are in their signification, which in ordinary use appeared very clear and determined. I was once in a meeting of very learned and ingenious physicians, where by chance there arose a question, whether any liquor passed through the filaments of the nerves. The debate having been managed a good while, by variety of arguments on both sides, I (who had been used to suspect, that the greatest part of disputes were more about the signification of words than a real difference in the conception of things) desired, that, before they went any further on in this dispute, they would first examine and establish amongst them, what the word liquor signified. They at first were a little surprised at the proposal; and had they been persons less ingenious, they might perhaps have taken it for a very frivolous or extravagant one: since there was no one there that thought not himself to understand very perfectly what the word liquor stood for; which I think, too, none of the most perplexed names of substances. However, they were pleased to comply with my motion; and upon examination found that the signification of that word was not so settled or certain as they had all imagined; but that each of them made it a sign of a different complex idea. This made them perceive that the main of their dispute was about the signification of that term; and that they differed very little in their opinions concerning some fluid and subtle matter, passing through the conduits of the nerves; though it was not so easy to agree whether it was to be called liquor or no, a thing, which, when considered, they thought it not worth the contending about.

III.ix.17 *Exemplo, ouro.* Talvez me ocupe em outro momento em destacar quanto essa questão é a causa da maioria das discussões mais acaloradas. Agora, vamos apenas nos deter um pouco mais no exemplo supracitado da palavra “ouro” e veremos como é difícil determinar de forma exata sua significação. Creio que todos concordam em fazê-la representar um corpo de certa coloração amarelo brilhante, que é a ideia à qual as

crianças anexaram esse nome; a parte amarelo-brilhante da cauda de um pavão é, para elas, o mesmo ouro. Outros, ao descobrir unida a essa cor amarela em certas partes da matéria a fusibilidade, tornaram essa combinação a ideia complexa aquilo que chamam ouro para denotarem certos tipos de substâncias. Dessa forma excluem de ser ouro todos os corpos amarelo-brilhantes que são reduzidos a cinzas com o fogo, e admitem pertencer a essa *species*, ou de ser abrangido pelo nome ouro, somente aquelas substâncias que possuem essa cor amarelo-brilhante que será fundida pelo fogo não reduzida a cinzas. Outro, pela mesma razão, acrescenta o peso que, por ser a qualidade tão automaticamente unida àquela cor quanto sua fusibilidade, crê ter o mesmo direito a ser unido a essa ideia e ser significado por esse nome e, por conseguinte, a outra ideia, feita de corpo, daquela cor e fusibilidade, é imperfeita. Isso segue para todo o resto, de modo que ninguém consegue apresentar uma razão por que algumas das qualidades inseparáveis, que ocorrem sempre unidos na natureza, deveriam ser incluídos na essência nominal e outras descartadas – ou por que a palavra “ouro”, por significar aquele tipo de corpo do qual o anel em seu dedo é feito, deveria determinar esse grupo ao invés de sua cor, peso ou solubilidade em água régia, já que a dissolução por aquele líquido é tão inseparável dele quanto a fusão pelo fogo; e ambas as qualidades são apenas a relação que essa substância tem com outros dois corpos, que têm o poder de operar de forma diferente sobre ela. Ora, que direito tem a fusibilidade de ser parte da essência significada pela palavra “ouro” e solubilidade apenas uma propriedade dela? Ou por que sua cor é parte da essência e sua maleabilidade apenas uma propriedade? O que quero dizer é que essas são apenas propriedades que dependem da real constituição daquela substância; e apenas potencialidades, ativas ou passivas, em relação a outros corpos; ninguém, portanto, tem autoridade de determinar a significação da palavra “ouro” (como referência àquele corpo que existe na natureza) como uma coleção de ideias encontrada nesse corpo mais que outra. Dessa forma, a significação desse nome acaba sendo inevitavelmente muito incerta, porquanto, como foi dito, várias pessoas observam várias propriedades na mesma substância – e creio poder dizer ninguém as observa todas. E, portanto, possuímos apenas descrições imperfeitas das coisas; e as palavras possuem significações muito incertas.

III.ix.17 *Instance, gold.* How much this is the case in the greatest part of disputes that men are engaged so hotly in, I shall perhaps have an occasion in another place to take notice. Let us only here consider a little more exactly the forementioned instance of the word gold, and we shall see how hard it is precisely to determine its signification. I think all agree to make it stand for a body of a certain yellow shining colour; which being the idea to which children have annexed that name, the shining yellow part of a peacock's tail is properly to them gold. Others finding fusibility joined with that yellow colour in certain parcels of matter, make of that combination a complex idea to which they give the name gold, to denote a sort of substances; and so exclude from being gold all such yellow shining bodies as by fire will be reduced to ashes; and admit to be of that species, or to be comprehended under that name gold, only such substances as, having that shining yellow colour, will by fire be reduced to fusion, and not to ashes. Another, by the same reason, adds the weight, which, being a quality as straightly joined with that colour as its fusibility, he thinks has the same reason to be joined in its idea, and to be signified by its name: and therefore the other made up of body, of such a colour and fusibility, to be imperfect; and so on of all the rest: wherein no one can show a reason why some of the inseparable qualities, that are always united in nature, should be put into the nominal essence, and others left out: or why the word gold, signifying that sort of body the ring on his finger is made of, should determine that sort rather by its colour, weight, and fusibility, than by its colour, weight, and solubility in aqua regia: since the dissolving it by that liquor is as inseparable from it as the fusion by fire; and they are both of them nothing but the relation which that substance has to two other bodies, which have a power to operate differently upon it. For by what right is it that fusibility comes to be a part of the essence signified by the word gold, and solubility but a property of it? Or why is its colour part of the essence, and its malleableness but a property? That which I mean is this, That these being all but properties, depending on its real constitution, and nothing but powers, either active or passive, in reference to other bodies, no one has authority to determine the signification of the word gold (as referred to such a body existing in nature) more to one collection of ideas to be found in that body than to another: whereby the signification of that name must unavoidably be very uncertain. Since, as has been said, several people observe several properties in the same substance; and I think I may say nobody all. And therefore we have but very imperfect descriptions of things, and words have very uncertain significations.

III.ix.18 *Os nomes das ideias simples são as menos duvidosas.* De tudo o que foi dito, fica fácil observar o que foi anteriormente comentado, ou seja, que os nomes das ideias simples são, dentre todos os outros, os menos suscetíveis a erros por estes motivos: primeiro, pois as ideias que eles representam, porque são cada uma apenas uma percepção, são muito mais facilmente adquiridas e apreendidas de forma muito mais exata que as mais complexas e, portanto, não são suscetíveis à incerteza que

normalmente acomete esses compostos das substâncias e modos mistos, nos quais o número preciso de ideias simples que os constitui não encontram uma concordância fácil nem prontamente retidas na mente. Segundo, elas nunca se referem a alguma outra essência, apenas àquela percepção que imediatamente significam; tal referência é causa que torna a significação dos nomes de substâncias naturalmente tão confusa e dão vazão a tantos debates. Os homens que não usam suas palavras de forma perversa ou se põem a cavilar de propósito, raramente erram no emprego e na significação do nome das ideias simples, em qualquer língua com a qual estejam acostumados. “Branco” e “doce”, “amarelo” e “amargo” carregam consigo um significado bastante óbvio compreendido com precisão por todos ou cuja ignorância daquele é facilmente notada, para assim buscar informações a respeito. Entretanto, tão facilmente conhecidas não são as coleções exatas das ideias simples que “modéstia” e “frugalidade” representam no emprego de outra pessoa. Ainda que tenhamos condições de pensar que conhecemos bem o suficiente o que é significado por “ouro” ou “ferro”, a ideia complexa exata para as quais outros os tornam um sinal não é tão certa – creio que é muito raro que, entre falante e ouvinte, eles representem a mesma coleção. Isso acaba por, necessariamente, produzir erros e debates em situações em que são usadas em discursos nos quais os homens lidam com proposições universais, que constituiriam verdades universais em suas mentes e levá-los-ia a considerar as consequências que se seguiriam delas.

III.ix.18 *The names of simple ideas the least doubtful.* From what has been said, it is easy to observe what has been before remarked, viz. that the names of simple ideas are, of all others, the least liable to mistakes, and that for these reasons. First, Because the ideas they stand for, being each but one single perception, are much easier got, and more clearly retained, than the more complex ones, and therefore are not liable to the uncertainty which usually attends those compounded ones of substances and mixed modes, in which the precise number of simple ideas that make them up are not easily agreed, so readily kept in mind. And, Secondly, Because they are never referred to any other essence, but barely that perception they immediately signify: which reference is that which renders the signification of the names of substances naturally so perplexed, and gives occasion to so many disputes. Men that do not perversely use their words, or on purpose set themselves to cavil, seldom mistake, in any language which they are acquainted with, the use and signification of the name of simple ideas. White and sweet, yellow and bitter, carry a very obvious meaning with them, which every one precisely comprehends, or easily perceives he is ignorant of, and seeks to be informed. But what

precise collection of simple ideas modesty or frugality stand for, in another's use, is not so certainly known. And however we are apt to think we well enough know what is meant by gold or iron; yet the precise complex idea others make them the signs of is not so certain: and I believe it is very seldom that, in speaker and hearer, they stand for exactly the same collection. Which must needs produce mistakes and disputes, when they are made use of in discourses, wherein men have to do with universal propositions, and would settle in their minds universal truths, and consider the consequences that follow from them.

III.ix.19 *E, próximo a eles, os modos simples.* Seguindo a mesma regra, os nomes dos modos simples estão próximos àqueles das ideias simples, menos suscetíveis a dúvida e incerteza; especialmente aqueles de figura e número, sobre os quais os homens têm ideias bastante claras e distintas. Quem é que, em posse da capacidade de entendê-los, alguma vez confundiu o significado de sete ou de triângulo? Num geral, as classes com ideias menos compostas têm nomes menos duvidosos.

III.ix.19 *And next to them, simple modes.* By the same rule, the names of simple modes are, next to those of simple ideas, least liable to doubt and uncertainty; especially those of figure and number, of which men have so clear and distinct ideas. Who ever that had a mind to understand them mistook the ordinary meaning of seven, or a triangle? And in general the least compounded ideas in every kind have the least dubious names.

III.ix.20 *Os nomes de modos mistos muito compostos e de substâncias são os mais duvidosos.* Normalmente os modos mistos, portanto, que são feitos apenas de umas poucas e óbvias ideias simples, têm nomes de significação não muito incerta. Mas os nomes de modos mistos que abrangem um grande número de ideias simples, como foi mostrado, costumam ter um significado muito duvidoso e incerto. Os nomes das substâncias, por serem anexados a ideias que não são as essências reais nem representações exatas dos padrões a que se referem, são suscetíveis a uma imperfeição e a uma incerteza ainda maiores, em especial quando se trata de seu emprego filosófico.

III.ix.20 *The most doubtful are the names of very compounded mixed modes and substances.* Mixed modes, therefore, that are made up but of a few and obvious simple

ideas, have usually names of no very uncertain signification. But the names of mixed modes which comprehend a great number of simple ideas, are commonly of a very doubtful and undetermined meaning, as has been shown. The names of substances, being annexed to ideas that are neither the real essences, nor exact representations of the patterns they are referred to, are liable to yet greater imperfection and uncertainty, especially when we come to a philosophical use of them.

III.ix.21 *Por que essa imperfeição recai nas palavras.* A maior desordem que acontece nos nossos nomes de substâncias decorre em grande parte da nossa falta de conhecimento e inaptidão de penetrar em suas constituições reais. Assim, pode-se questionar por que julgo ser uma imperfeição das palavras e não do entendimento. Essa objeção parece tão justa que me vi obrigado a dar uma razão por que segui esse método. Devo confessar que, quando iniciei este discurso sobre o entendimento, e um bom tempo depois, não me passou pela cabeça que seria necessária qualquer consideração acerca das palavras. Mas, quando, depois de abordar a origem e a composição de nossas ideias, comecei a examinar a extensão e a certeza de nosso conhecimento, descobri uma ligação tão próxima com as palavras que, a menos que sua força e modo de significação fossem considerados desde o início, pouco poderia ser dito de forma clara e pertinente a respeito do conhecimento, o qual, tratando unicamente da verdade, está sempre encerrado às proposições. E apesar de ele terminar nas coisas, fá-lo, na maioria dos casos, por intermédio das palavras que pareciam pouco separáveis de nosso conhecimento geral. No mínimo, interpunham-se tanto entre nosso entendimento e a verdade que este contemplaria e apreenderia que, semelhante ao meio através do qual os objetos visíveis passam, a obscuridade e a desordem não raramente deitam uma névoa ante nossos olhos e se impõem sobre nossos entendimentos. Se levarmos em conta o quanto é responsabilidade das palavras e de suas significações incertas ou erradas as falácias que os homens atribuem a si e aos outros, e os erros nos debates e nas noções dos homens, teremos razão em pensar que esse não é um pequeno obstáculo no caminho ao conhecimento. Por isso, concluo ser melhor sermos alertados quanto a isso que está longe de ser considerado uma pequena inconveniência; as formas de aprimorá-las tornou-se objeto de estudo dos homens e conquistou a reputação de aprendizado e argúcia, como veremos nos próximos capítulos. Porém, tendo a imaginar que, se as imperfeições da

linguagem fossem avaliadas de forma mais integral como o instrumento do conhecimento, a grande maioria das controvérsias que fazem barulho no mundo cessariam por conta própria; e o caminho para o conhecimento, e talvez também a paz, estaria muito mais aberto do que atualmente.

III.ix.21 *Why this imperfection charged upon words.* The great disorder that happens in our names of substances, proceeding, for the most part, from our want of knowledge, and inability to penetrate into their real constitutions, it may probably be wondered why I charge this as an imperfection rather upon our words than understandings. This exception has so much appearance of justice, that I think myself obliged to give a reason why I have followed this method. I must confess, then, that, when I first began this Discourse of the Understanding, and a good while after, I had not the least thought that any consideration of words was at all necessary to it. But when, having passed over the original and composition of our ideas, I began to examine the extent and certainty of our knowledge, I found it had so near a connexion with words, that, unless their force and manner of signification were first well observed, there could be very little said clearly and pertinently concerning knowledge: which being conversant about truth, had constantly to do with propositions. And though it terminated in things, yet it was for the most part so much by the intervention of words, that they seemed scarce separable from our general knowledge. At least they interpose themselves so much between our understandings, and the truth which it would contemplate and apprehend, that, like the medium through which visible objects pass, the obscurity and disorder do not seldom cast a mist before our eyes, and impose upon our understandings. If we consider, in the fallacies men put upon themselves, as well as others, and the mistakes in men's disputes and notions, how great a part is owing to words, and their uncertain or mistaken significations, we shall have reason to think this no small obstacle in the way to knowledge; which I conclude we are the more carefully to be warned of, because it has been so far from being taken notice of as an inconvenience, that the arts of improving it have been made the business of men's study, and obtained the reputation of learning and subtilty, as we shall see in the following chapter. But I am apt to imagine, that, were the imperfections of language, as the instrument of knowledge, more thoroughly weighed, a great many of the controversies that make such a noise in the world, would of themselves cease; and the way to knowledge, and perhaps peace too, lie a great deal opener than it does.

III.ix.22 *Isso deveria ensinar maior moderação ao impormos nossos sentidos sobre autores antigos.* Tenho certeza de que a significação das palavras em todas as línguas traz inevitavelmente uma grande carga de incerteza aos homens que falam a mesma língua num mesmo país, pois dependem muito de seus pensamentos, suas noções e ideias daquele que as emprega. Isso fica tão evidente nos autores gregos que quem for

atrás de seus escritos encontrará em quase todos eles linguagens diferentes, apesar do emprego das mesmas palavras. Porém, quando dessa dificuldade natural em todos os países, crescem-se ainda os diferentes países e as épocas remotas: os falantes e autores tinham noções, temperamentos, costumes, ornamentos, figuras de linguagem etc. muito diferentes, cada um dos quais influenciou a significação de suas palavras, apesar de agora nos serem desconhecidas e terem se perdido. Seria de bom tom se compartilhássemos nossas interpretações ou más-interpretações desses antigos escritos, o que (excetuando os nomes das ideias simples e algumas coisas bastante óbvias) não é possível sem uma definição constante dos termos, da transmissão do sentido e da intenção do falante, para que não surja dúvida e incerteza ao ouvinte. E em discursos sobre religião, lei e moralidade, que são assunto da mais alta importância, haverá maiores dificuldades.

III.ix.22 *This should teach us moderation in imposing our own sense of old authors.* Sure I am that the signification of words in all languages, depending very much on the thoughts, notions, and ideas of him that uses them, must unavoidably be of great uncertainty to men of the same language and country. This is so evident in the Greek authors, that he that shall peruse their writings will find in almost every one of them, a distinct language, though the same words. But when to this natural difficulty in every country, there shall be added different countries and remote ages, wherein the speakers and writers had very different notions, tempers, customs, ornaments, and figures of speech, &c., every one of which influenced the signification of their words then, though to us now they are lost and unknown; it would become us to be charitable one to another in our interpretations or misunderstandings of those ancient writings; which, though of great concernment to be understood, are liable to the unavoidable difficulties of speech, which (if we except the names of simple ideas, and some very obvious things) is not capable, without a constant defining the terms, of conveying the sense and intention of the speaker, without any manner of doubt and uncertainty to the hearer. And in discourses of religion, law, and morality, as they are matters of the highest concernment, so there will be the greatest difficulty.

III.ix.23 *Especialmente em se tratando das Escrituras do Antigo e do Novo Testamento.*

O enorme volume de intérpretes e comentadores dos Antigo e Novo Testamentos são provas por demais manifestas disso. Apesar de tudo o que foi dito no texto ser de uma verdade infalível, o leitor poder vir a ser – ou melhor, não tem outra escolha que não ser – muito falível no entendimento disso. Tampouco é de se surpreender que a vontade de Deus, com a roupagem das palavras, seja suscetível a essa dúvida e incerteza que

inevitavelmente incorre nesse tipo de transmissão, pois até mesmo Seu filho, embora com uma roupagem carnal, esteve sujeito a todas as fragilidades e inconveniências da natureza humana, excetuando os pecados. E devemos enaltecer sua bondade, afinal ele propagou pelo mundo esse caráter tão puro de suas obras e providências; e deu à humanidade iluminação racional suficiente de modo que aqueles a quem essas palavras escritas nunca chegaram não puderam duvidar (sempre que se propunham à busca) da existência de Deus, ou da obediência a Ele. Desde então, os preceitos da Religião Natural são plenos e muito inteligíveis a toda a humanidade, e raramente geram controvérsia. E outras verdades reveladas, que nos são transmitidas por meio de livros e de linguagens, são suscetíveis às obscuridades e dificuldades cotidianas e naturais que incidem nas palavras. Creio que seria adequado sermos mais cuidadosos e solícitos ao observarmos as primeiras interpretações positivas e imperiosas, e de menor autoridade, ao impormos nossos próprios sentidos e interpretações nas últimas.

III.ix.23 *Epecially of the Old and New Testament Scriptures.* The volumes of interpreters and commentators on the Old and New Testament are but too manifest proofs of this. Though everything said in the text be infallibly true, yet the reader may be, nay, cannot choose but be, very fallible in the understanding of it. Nor is it to be wondered, that the will of God, when clothed in words, should be liable to that doubt and uncertainty which unavoidably attends that sort of conveyance, when even his Son, whilst clothed in flesh, was subject to all the frailties and inconveniences of human nature, sin excepted. And we ought to magnify his goodness, that he hath spread before all the world such legible characters of his works and providence, and given all mankind so sufficient a light of reason, that they to whom this written word never came, could not (whenever they set themselves to search) either doubt of the being of a God, or of the obedience due to him. Since then the precepts of Natural Religion are plain, and very intelligible to all mankind, and seldom come to be controverted; and other revealed truths, which are conveyed to us by books and languages, are liable to the common and natural obscurities and difficulties incident to words; methinks it would become us to be more careful and diligent in observing the former, and less magisterial, positive, and imperious, in imposing our own sense and interpretations of the latter.

Capítulo X - do abuso das palavras

III.x.1 *Abuso condenável das palavras.* Além da imperfeição que ocorre naturalmente na linguagem, e da obscuridade e confusão que são quase impossíveis de se evitar quando do emprego das palavras, há várias faltas intencionais e negligências das quais os homens são os culpados nessa forma de comunicação pelo modo como dispõem esses sinais com menos clareza e distinção em sua significação do que naturalmente o seriam.

III.x.1 *Woeful abuse of words.* Besides the imperfection that is naturally in language, and the obscurity and confusion that is so hard to be avoided in the use of words, there are several wilful faults and neglects which men are guilty of in this way of communication, whereby they render these signs less clear and distinct in their signification than naturally they need to be.

III.x.2 *As palavras, com frequência são empregadas sem ideias claras, ou sem nenhuma ideia.* Em primeiro lugar, o abuso primeiro e mais palpável é o emprego das palavras sem ideias distintas e claras, ou, o que é pior, sem que nada seja significado. Deste último caso, há dois tipos:

I. Há algumas palavras introduzidas no vocabulário sem ideias claras que lhes sejam anexadas, inclusive em sua origem. Alguém pode observar que, em todas as línguas, há certas palavras, se bem examinadas, em cuja origem e em cujo emprego apropriado, que não representam nenhuma ideia clara e distinta. Essas, em sua maioria, foram introduzidas pelas mais variadas seitas religiosas e filosóficas. Seus autores, ou promotores - seja ao afetar sentimentos singulares e fora da área de apreensão comum, seja para sustentar algumas opiniões estranhas ou para tapar algum ponto fraco em suas hipóteses - raras vezes falham ao cunharem novas palavras e como tais, quando examinadas, podem, com toda justiça, ser chamadas de termos insignificantes. Elas ou não tiveram uma coleção de ideias anexadas a si quando foram inventadas pela primeira vez, ou ao menos se bem examinadas, descobrir-se-ão inconsistentes. Não é de se espantar se, no final das contas, no uso vulgar dessa mesma reunião, mantiverem-se como sons vazios, com pouca ou nenhuma significação entre aqueles que creem bastar tê-las constantemente na ponta da língua como símbolo de suas Igrejas ou Escolas, sem necessariamente se preocuparem em

examinar quais seriam de fato as ideias precisas que essas palavras representam. Não creio ser necessário amontoar exemplos aqui, qualquer leitura ou conversação humanas já será o suficiente. Se o leitor deseja estar mais bem equipado, os grandes mestres primorosos desses tipos de termos, a saber, os Escolásticos e Metafísicos (dentro dos quais creio serem abrangidos os filósofos que debatem a natureza e a moral dessas últimas eras), serão de muita valia para uma ilustração.

III.x.2 *Words are often employed without any, or without clear ideas.* First, In this kind the first and most palpable abuse is, the using of words without clear and distinct ideas; or, which is worse, signs without anything signified. Of these there are two sorts:—

I. Some words introduced without clear ideas annexed to them, even in their first original. One may observe, in all languages, certain words that, if they be examined, will be found in their first original, and their appropriated use, not to stand for any clear and distinct ideas. These, for the most part, the several sects of philosophy and religion have introduced. For their authors or promoters, either affecting something singular, and out of the way of common apprehensions, or to support some strange opinions, or cover some weakness of their hypothesis, seldom fail to coin new words, and such as, when they come to be examined, may justly be called insignificant terms. For, having either had no determinate collection of ideas annexed to them when they were first invented; or at least such as, if well examined, will be found inconsistent, it is no wonder, if, afterwards, in the vulgar use of the same party, they remain empty sounds, with little or no signification, amongst those who think it enough to have them often in their mouths, as the distinguishing characters of their Church or School, without much troubling their heads to examine what are the precise ideas they stand for. I shall not need here to heap up instances; every man's reading and conversation will sufficiently furnish him. Or if he wants to be better stored, the great mintmasters of this kind of terms, I mean the Schoolmen and Metaphysicians (under which I think the disputing natural and moral philosophers of these latter ages may be comprehended) have wherewithal abundantly to content him.

III.x.3 *II. Outras palavras às quais as ideias foram anexadas logo de início, mas depois foram empregadas sem um significado distinto.* Há outras pessoas que estendem ainda mais esse abuso: quem tem pouca preocupação em manusear as palavras, as quais, em sua notação primeira, quase não possuem ideias claras e distintas a elas anexadas. Levadas por essa negligência imperdoável, é comum as pessoas empregarem as palavras, que o princípio da exatidão da língua anexou a ideias muito importantes, sem um significado distinto. “Sabedoria”, “glória”, “graça” etc. são palavras bastante frequentes na boca dos homens, entretanto, se grande parte deles for questionada

quanto ao que significam com elas, eles seriam colocados numa posição em que não saberiam o que responder. Uma prova mais do que clara de que, embora tenham aprendido esses sons e os tenham sempre na ponta da língua, não possuem ideias determinadas estabelecidas em suas mentes que deveriam ser expressas aos outros por meio daquelas palavras.

III.x.3 *II. Other words, to which ideas were annexed at first, used afterwards without distinct meanings.* Others there be who extend this abuse yet further, who take so little care to lay by words, which, in their primary notation have scarce any clear and distinct ideas which they are annexed to, that, by an unpardonable negligence, they familiarly use words which the propriety of language has affixed to very important ideas, without any distinct meaning at all. Wisdom, glory, grace, &c., are words frequent enough in every man's mouth; but if a great many of those who use them should be asked what they mean by them, they would be at a stand, and not know what to answer: a plain proof, that, though they have learned those sounds, and have them ready at their tongues ends, yet there are no determined ideas laid up in their minds, which are to be expressed to others by them.

III.x.4 *Isso decorre do fato de os homens aprenderem os nomes antes de conhecerem as ideias a que eles pertencem.* Os homens foram acostumados desde o berço a aprender palavras, que são assimiladas e guardadas com facilidade, antes de saberem ou terem estruturado as ideias complexas às quais foram anexadas, ou que se esperava serem suas representações. E continuam a proceder da mesma maneira ao longo de suas vidas, sem ao menos se esforçarem para estabelecer determinadas ideias em suas mentes. Eles continuam a empregar suas palavras como representantes de noções instáveis e confusas que formulam e contentam-se com as mesmas palavras que as outras pessoas empregam - como se fosse o próprio som delas que carregasse consigo o mesmo significado, constantemente. Conquanto os homens deem conta dessa instabilidade e confusão nos afazeres da vida cotidiana, contexto em que notam a necessidade de serem entendidos e, por isso, produzem sinais até que o sejam, quando refletem sobre seus princípios ou interesses, essa insignificância em suas palavras inunda seus discursos com uma abundância de barulhos e jargões vazios e ininteligíveis, especialmente em questões do âmbito da moral, em que as palavras representam coleções numerosas e arbitrárias de ideias que não são unidas na

natureza de modo regular ou permanente. Quando muito, pensa-se acerca de seus sons vazios ou então nas noções muito obscuras e incertas que são anexadas a elas. Os homens tomam as palavras que vêm empregadas por seus vizinhos e creem não serem estes ignorantes quanto ao que elas representam, assim, usam-nas com confiança, sem se preocuparem a respeito de um significado fixo por meio do qual, além de ser cômodo, têm esta vantagem: nesses discursos, mesmo não estando corretos, tampouco podem ser convencidos de estarem errados. Vê-se que é mesma coisa tentar livrar esses homens, sem noções estabelecidas, de seus enganos do que retirar a habitação de um sem teto. Ao meu ver é assim que ocorre, e cada um deve observar em si mesmo e nos outros se o que afirmei procede ou não.

III.x.4 *This occasioned by men learning names before they have the ideas the names belong to.* Men having been accustomed from their cradles to learn words which are easily got and retained, before they knew or had framed the complex ideas to which they were annexed, or which were to be found in the things they were thought to stand for, they usually continue to do so all their lives; and without taking the pains necessary to settle in their minds determined ideas, they use their words for such unsteady and confused notions as they have, contenting themselves with the same words other people use; as if their very sound necessarily carried with it constantly the same meaning. This, though men make a shift with in the ordinary occurrences of life, where they find it necessary to be understood, and therefore they make signs till they are so; yet this insignificancy in their words, when they come to reason concerning either their tenets or interest, manifestly fills their discourse with abundance of empty unintelligible noise and jargon, especially in moral matters, where the words for the most part standing for arbitrary and numerous collections of ideas, not regularly and permanently united in nature, their bare sounds are often only thought on, or at least very obscure and uncertain notions annexed to them. Men take the words they find in use amongst their neighbors; and that they may not seem ignorant what they stand for, use them confidently, without much troubling their heads about a certain fixed meaning; whereby, besides the ease of it, they obtain this advantage, That, as in such discourses they seldom are in the right, so they are as seldom to be convinced that they are in the wrong; it being all one to go about to draw those men out of their mistakes who have no settled notions, as to dispossess a vagrant of his habitation who has no settled abode. This I guess to be so; and every one may observe in himself and others whether it be so or not.

III.x.5 *Uso instável delas.* Em segundo lugar, outro grande abuso que se faz das palavras é a inconstância de seu emprego. Dificilmente se encontra um discurso escrito

sobre qualquer assunto, ainda mais se for algum tipo de debate, em que não se observa, quando lido com atenção, as mesmas palavras (e aquelas que são normalmente as mais concretas no discurso e em torno da qual um argumento gira) empregadas ora para uma coleção de ideias simples, ora para outra; um verdadeiro abuso da linguagem. As palavras são pretendidas sinais para as minhas ideias, para que estas sejam conhecidas por outros não graças a uma significação natural, mas por uma imposição espontânea, de modo que é uma verdadeira transgressão e um abuso quando as faço representar uma coisa, depois outra. O ato intencional só pode ser imputado apenas a uma grande burrice ou a uma desonestidade maior ainda. E um homem, quando se explica para outro, pode, da mesma maneira, expressar a mesma cifra numérica ora representando uma coleção de unidades, ora outra: a cifra 3 representa às vezes três, às vezes quatro, e, às vezes ainda, oito, tal como procede em seus discursos ou em suas reflexões, em que a mesma palavra representa diferentes coleções de ideias simples. Se assim agem em seus cálculos, pergunto-me quem faria uso delas? Alguém que discorresse sobre as relações e os negócios do mundo e entendesse 8 às vezes por sete e às vezes nove, seguindo o que lhe for mais vantajoso, teria assumido um dos dois nomes que enoja os homens. E ainda, em discussões e atestações de aprendizado, o mesmo tipo de procedimento é empregado comumente como forma de raciocínio e de aprendizado. Para mim, entretanto, soa como uma desonestidade muito maior do que um erro no cálculo da dívida de um devedor; e uma trapaça muito maior, porque a verdade tem muito mais valor e importância do que qualquer quantia de dinheiro.

III.x.5 *Unsteady application of them.* Secondly, Another great abuse of words is inconstancy in the use of them. It is hard to find a discourse written on any subject, especially of controversy, wherein one shall not observe, if he read with attention, the same words (and those commonly the most material in the discourse, and upon which the argument turns) used sometimes for one collection of simple ideas, and sometimes for another; which is a perfect abuse of language. Words being intended for signs of my ideas, to make them known to others, not by any natural signification, but by a voluntary imposition, it is plain cheat and abuse, when I make them stand sometimes for one thing and sometimes for another; the wilful doing whereof can be imputed to nothing but great folly, or greater dishonesty. And a man, in his accounts with another may, with as much fairness make the characters of numbers stand sometimes for one and sometimes for another collection of units: v.g. this character 3, stand sometimes for three, sometimes

for four, and sometimes for eight, as in his discourse or reasoning make the same words stand for different collections of simple ideas. If men should do so in their reckonings, I wonder who would have to do with them? One who would speak thus in the affairs and business of the world, and call 8 sometimes seven, and sometimes nine, as best served his advantage, would presently have clapped upon him, one of the two names men are commonly disgusted with. And yet in arguings and learned contests, the same sort of proceedings passes commonly for wit and learning; but to me it appears a greater dishonesty than the misplacing of counters in the casting up a debt; and the cheat the greater, by how much truth is of greater concernment and value than money.

III.x.6 III. Obscuridade afetada, como entre os peripatéticos e outras vertentes na filosofia. Em terceiro lugar, um outro abuso da linguagem é uma obscuridade afetada, seja empregando palavras antigas com significações novas ou incomuns, seja introduzindo termos novos e ambíguos, sem defini-los; ou ainda unindo-as de forma a confundir seu significado cotidiano. Embora a filosofia peripatética seja a que mais se destaca nesse sentido, outras vertentes também não encontraram um caminho mais claro. Dificilmente se encontra, entre eles, alguém que não esteja enroscado em alguma dificuldade (tão imperfeito é o conhecimento humano), a qual tenta esconder com termos obscuros e confundir a significação das palavras - como uma névoa ante os olhos das pessoas -; essa estratégia evita que suas doutrinas mais frágeis sejam expostas. Termos como “corpo” e “extensão”, em seu uso comum, representam duas ideias distintas; isso é claro a qualquer um que se preze a refletir um pouco sobre isso. Ora, se suas significações fossem as mesmas, seria adequado - e inteligível - dizer “o corpo de uma extensão” tanto quanto “a extensão de um corpo”; e ainda assim há quem julgue necessário confundir suas significações. Com esse abuso, e com as maldades de confundir a significação das palavras, contribuíram a lógica e as ciências liberais, conforme os ensinaram nas escolas. E a admirada “Arte da Disputa” contribuiu muito com a imperfeição natural da linguagem enquanto foi empregada e adaptada a fim de atrapalhar a significação das palavras muito mais do que para descobrir o conhecimento e a verdade acerca das coisas. E quem lançar os olhos nesse conjunto de escritos eruditos descobrirá que há ali palavras muito mais obscuras, incertas e indeterminadas em seus significados do que geralmente o são na conversação cotidiana.

III.x.6 *III. Affected obscurity, as in the Peripatetick and other sects of philosophy.* Thirdly, Another abuse of language is an affected obscurity; by either applying old words to new and unusual significations; or introducing new and ambiguous terms, without defining either; or else putting them so together, as may confound their ordinary meaning. Though the Peripatetick philosophy has been most eminent in this way, yet other sects have not been wholly clear of it. There are scarce any of them that are not cumbered with some difficulties (such is the imperfection of human knowledge,) which they have been fain to cover with obscurity of terms, and to confound the signification of words, which, like a mist before people's eyes, might hinder their weak parts from being discovered. That body and extension in common use, stand for two distinct ideas, is plain to any one that will but reflect a little. For were their signification precisely the same, it would be as proper, and as intelligible to say, "the body of an extension," as the "extension of a body"; and yet there are those who find it necessary to confound their signification. To this abuse, and the mischiefs of confounding the signification of words, logic, and the liberal sciences as they have been handled in the schools, have given reputation; and the admired Art of Disputing hath added much to the natural imperfection of languages, whilst it has been made use of and fitted to perplex the signification of words, more than to discover the knowledge and truth of things: and he that will look into that sort of learned writings, will find the words there much more obscure, uncertain, and undetermined in their meaning, than they are in ordinary conversation.

III.x.7 *A lógica e as disputas contribuíram muito com isso.* Inevitavelmente isso perpetrar-se-á onde se estime o engenho e a sabedoria humanas como habilidades em disputas. E, se a reputação e as recompensas estiverem vinculadas a essas conquistas, as quais, em suma, dependem da fineza e sutileza das palavras, não será de se espantar se o intelecto humano, assim articulado, aturdir, enredar e sutilizar a significação dos sons de modo a nunca faltar sobre o que falar quando da contestação ou defesa de alguma questão. A vitória é concedida não àquele que caminhou em companhia da verdade, mas à última palavra do debate.

III.x.7 *Logic and dispute have much contributed to this.* This is unavoidably to be so, where men's parts and learning are estimated by their skill in disputing. And if reputation and reward shall attend these conquests, which depend mostly on the fineness and niceties of words, it is no wonder if the wit of man so employed, should perplex, involve, and subtilize the signification of sounds, so as never to want something to say in opposing or defending any question; the victory being adjudged not to him who had truth on his side, but the last word in the dispute.

III.x.8 *Diz-se ser "sutileza".* Embora uma habilidade vã - e a qual creio ser o oposto direto às formas de se obter o conhecimento -, ela tem sido aceita até então sob os

nomes laureáveis e estimados de “sutileza” e “agudeza”, além de ser aclamada pelas Escolas e incentivada por uma parcela de homens letrados pelo mundo. Também pudera, já que os filósofos de outrora (refiro-me aos filósofos debatedores e provocadores os quais Lutero com perspicácia e com razão ridiculariza), e os escolásticos desde então, almejando a glória e estima em decorrência de seu conhecimento vasto e universal - muito mais fácil de ser emulado do que realmente adquirido - encontraram nela uma boa oportunidade para cobrir sua ignorância. Assim, fazem uso de uma rede no mínimo curiosa e inexplicável de palavras confusas; buscam para si a admiração de outros com termos obscuros - nada mais oportuno para gerar espanto por não poderem ser entendidos. Por outro lado, a história tem mostrado que esses doutores, tão densos, não eram nem mais sábios nem mais úteis que seus vizinhos; e trouxeram uma vantagem muito ínfima à vida humana e à sociedade nas quais viviam - a não ser que a cunhagem de novas palavras sem que houvessem produzido novas coisas para as quais pudessem empregá-las ou a confusão e obscuridade da significação dos termos antigos de modo a gerar o debate e o questionamento de todas as coisas fosse algo profícuo à vida do homem ou cuja aprovação e recompensa valessem a pena.

III.x.8 *Calling it “subtlety.”* This, though a very useless skill, and that which I think the direct opposite to the ways of knowledge, hath yet passed hitherto under the laudable and esteemed names of subtlety and acuteness, and has had the applause of the schools, and encouragement of one part of the learned men of the world. And no wonder, since the philosophers of old, (the disputing and wrangling philosophers I mean, such as Lucian wittily and with reason taxes), and the Schoolmen since, aiming at glory and esteem, for their great and universal knowledge, easier a great deal to be pretended to than really acquired, found this a good expedient to cover their ignorance, with a curious and inexplicable web of perplexed words, and procure to themselves the admiration of others, by unintelligible terms, the apter to produce wonder because they could not be understood: whilst it appears in all history, that these profound doctors were no wiser nor more useful than their neighbours, and brought but small advantage to human life or the societies wherein they lived: unless the coining of new words, where they produced no new things to apply them to, or the perplexing or obscuring the signification of old ones, and so bringing all things into question and dispute, were a thing profitable to the life of man, or worthy commendation and reward.

III.x.9 *Esse tipo de saber beneficia muito pouco a sociedade.* Embora não houvesse uma prevenção contra esses intelectuais debatedores, esses doutores sabe-tudo, os Governos mundiais deveram sua paz, sua defesa e suas liberdades aos estadistas não escolásticos; e foi dos iletrados e mecânicos depreciados (nome que se tem como opróbrio) que receberam formas de aprimorar artes úteis. Mesmo assim, prevaleceram nessas últimas eras essa ignorância artificial e culta incoerência por conta do interesse e dos artifícios daqueles que não foram capazes de encontrar uma saída mais fácil para esse nível de autoridade e dominação que atingiram do que divertir homens de negócios e ou ignorantes com palavras difíceis ou, empregando palavras engenhosas e despropositadas, com a prática de debates sobre termos ininteligíveis; e prendendo-os perpetuamente nesse labirinto sem fim. Ademais, não há outra forma de admitir ou de defender doutrinas estranhas e absurdas que não ao protegê-las com uma legião de palavras obscuras, duvidosas e indefinidas. Isso aproxima muito mais esses refúgios dos antros de ladrões, ou tocas de raposas do que de fortalezas de guerreiros justos. E, se apresentarem resistência em se retirar desses refúgios, não o fazem pela força que têm em si, mas pelas urzes-brancas e pelos espinhos, e pela obscuridade dos matagais que os ocupam. As inverdades são inaceitáveis na mente humana, logo não há outro tipo de defesa contra o absurdo e a obscuridade.

III.x.9 *This learning very little benefits society.* For, notwithstanding these learned disputants, these all-knowing doctors, it was to the unscholastic statesman that the governments of the world owed their peace, defence, and liberties; and from the illiterate and contemned mechanic (a name of disgrace) that they received the improvements of useful arts. Nevertheless, this artificial ignorance, and learned gibberish, prevailed mightily in these last ages, by the interest and artifice of those who found no easier way to that pitch of authority and dominion they have attained, than by amusing the men of business, and ignorant, with hard words, or employing the ingenious and idle in intricate disputes about unintelligible terms, and holding them perpetually entangled in that endless labyrinth. Besides, there is no such way to gain admittance, or give defence to strange and absurd doctrines, as to guard them round about with legions of obscure, doubtful, and undefined words. Which yet make these retreats more like the dens of robbers, or holes of foxes, than the fortresses of fair warriors: which, if it be hard to get them out of, it is not for the strength that is in them, but the briars and thorns, and the obscurity of the thickets they are beset with. For untruth being unacceptable to the mind of man, there is no other defence left for absurdity but obscurity.

III.x.10 *Entretanto, destrói os instrumentos de conhecimento e comunicação.* Assim, essa ignorância aprendida e essa estratégia de afastar inclusive homens inquisidores do verdadeiro conhecimento foi propagada pelo mundo e que desorientou deveras enquanto alegava informar o entendimento. Vemos que outros homens sábios e bem intencionados, cuja educação e cujas doutrinas não incorporam essa “agudeza”, conseguiram expressar-se de forma inteligível; e em seu emprego pleno das palavras beneficiaram a linguagem. Entretanto, embora homens incultos entendessem bem o suficiente as palavras “branco” e “preto” etc. e tivessem noções constantes quanto às ideias significadas por essas palavras, houve filósofos que tiveram educação e sutileza o bastante para provar que a neve era preta, ou seja, para provar que branco era preto. Por meio disso, tiveram a oportunidade de destruir os instrumentos e meios do discurso, da conversação, da instrução e da sociedade, ao passo que em posse de grande arte e sutileza não fizeram mais do que desorientar e confundir a significação das palavras e assim tornar a linguagem mais inútil do que os defeitos reais dela fizeram; esse foi um dom que os iletrados não desenvolveram.

III.x.10 *But destroys the instruments of knowledge and communication.* Thus learned ignorance, and this art of keeping even inquisitive men from true knowledge, hath been propagated in the world, and hath much perplexed, whilst it pretended to inform the understanding. For we see that other well-meaning and wise men, whose education and parts had not acquired that acuteness, could intelligibly express themselves to one another; and in its plain use make a benefit of language. But though unlearned men well enough understood the words white and black, &c., and had constant notions of the ideas signified by those words; yet there were philosophers found who had learning and subtlety enough to prove that snow was black; i.e. to prove that white was black. Whereby they had the advantage to destroy the instruments and means of discourse, conversation, instruction, and society; whilst, with great art and subtlety, they did no more but perplex and confound the signification of words, and thereby render language less useful than the real defects of it had made it; a gift which the illiterate had not attained to.

III.x.11 *Tão úteis a ponto de confundirem os sons representados pelas letras do alfabeto.* Esses homens estudados instruíram os entendimentos humanos e beneficiaram suas vidas na mesma medida que quem resolveu alterar a significação de

caracteres já conhecidos; e por meio de um mecanismo sutil de aprendizado ultrapassou de longe a capacidade de um iletrado, lento e vulgar, ao demonstrar em sua escrita que poderia trocar A por B, e D por E etc. para a nem um pouco discreta admiração e o proveito de seus leitores. Não faz sentido colocar “preto”, que é uma palavra acordada para representar uma ideia sensível, colocá-la, reitero, no lugar de outra, ou de sua ideia contrária, a saber, chamar “neve” de “preto”. É a mesma coisa que colocar a marca A, um caracter acordado para representar uma modulação do som, gerada por certa movimentação dos órgãos da fala, no lugar de B, caracter acordado para representar outra modulação do som, gerada por outra movimentação dos órgãos da fala.

III.x.11 *As useful as to confound the sounds that the letters of the alphabet stand for.* These learned men did equally instruct men's understandings, and profit their lives, as he who should alter the signification of known characters, and, by a subtle device of learning, far surpassing the capacity of the illiterate, dull, and vulgar, should in his writing show that he could put A for B, and D for E, &c., to the no small admiration and benefit of his reader. It being as senseless to put black, which is a word agreed on to stand for one sensible idea, to put it, I say, for another, or the contrary idea; i.e. to call snow black, as to put this mark A, which is a character agreed on to stand for one modification of sound, made by a certain motion of the organs of speech, for B, which is agreed on to stand for another modification of sound, made by another certain mode of the organs of speech.

III.x.12 *Essa estratégia desnorteou a religião e a justiça.* Essa maldade tampouco parou em gentileza lógicas, ou em especulações curiosas vazias, ela invadiu as grandes questões sobre a vida humana e a sociedade, obscureceu e desnorteou as verdades materiais da lei e da divindade, trouxe confusão, desordem e incerteza às tarefas da humanidade e, se não destruiu, reduziu em grande medida essas duas grandes regras - religião e justiça - ao inútil. De que serviram a maior parte dos comentários e dos debates sobre a leis de Deus e o homem se não para tornar o significado mais duvidoso e para desorientar o sentido? Que efeito tiveram essas distinções estranhas multiplicadas e essas gentilezas agudas se não obscuridade e incerteza, tornando as palavras mais ininteligíveis e o leitor ainda mais perdido? De que outra forma conseguirá esse príncipe, ao se comunicar oralmente ou pela escrita com seus súditos,

ser facilmente entendido ao dar uma ordem comum se não falar com seu povo de acordo com as leis destes? E, como já pontuei antes, não é sempre que acontece de um homem de capacidade normal entender muito bem um texto, ou uma lei, que leu até consultar um especialista ou ir a um conselheiro que, depois de explicar-lhe os escritos integralmente, faz das palavras o que quiser, até não significarem nada.

III.x.12 *This art has perplexed religion and justice.* Nor hath this mischief stopped in logical niceties, or curious empty speculations; it hath invaded the great concerns of human life and society; obscured and perplexed the material truths of law and divinity; brought confusion, disorder, and uncertainty into the affairs of mankind; and if not destroyed, yet in a great measure rendered useless, these two great rules, religion and justice. What have the greatest part of the comments and disputes upon the laws of God and man served for, but to make the meaning more doubtful, and perplex the sense? What have been the effect of those multiplied curious distinctions, and acute niceties, but obscurity and uncertainty, leaving the words more unintelligible, and the reader more at a loss? How else comes it to pass that princes, speaking or writing to their servants, in their ordinary commands are easily understood; speaking to their people, in their laws, are not so? And, as I remarked before, doth it not often happen that a man of an ordinary capacity very well understands a text, or a law, that he reads, till he consults an expositor, or goes to counsel; who, by that time he hath done explaining them, makes the words signify either nothing at all, or what he pleases.

III.x.13 *E que não se passe por aprendizado.* Se essa situação foi gerada por algum interesse mútuo dessas profissões não é de meu interesse; mas quero refletir se não faria bem à humanidade, cuja preocupação é conhecer as coisas como elas são, fazer o que lhe cabe e não gastar a vida falando sobre essas coisas ou atirando palavras aqui e ali, se não seria melhor, repito, se o uso das palavras ocorresse de forma plena e direta e se a linguagem, dada a nós para que aprimorássemos o conhecimento e como laço que une a sociedade, não fosse empregada para escurecer a verdade e descumprir os direitos das pessoas, enevoar e tornar ininteligíveis a moralidade e a religião? Ou ao menos, se for para isso acontecer, não deveria o aprendizado ou o conhecimento funcionar da mesma maneira?

III.x.13 *And ought not to pass for learning.* Whether any by-interests of these professions have occasioned this, I will not here examine; but I leave it to be considered, whether it would not be well for mankind, whose concernment it is to know things as

they are, and to do what they ought, and not to spend their lives in talking about them, or tossing words to and fro; — whether it would not be well, I say, that the use of words were made plain and direct; and that language, which was given us for the improvement of knowledge and bond of society, should not be employed to darken truth and unsettle people's rights; to raise mists, and render unintelligible both morality and religion? Or that at least, if this will happen, it should not be thought learning or knowledge to do so?

III.x.14 *IV. Tomar as palavras pelas coisas.* Em quarto lugar, outro enorme abuso das palavras é tomá-las pelas coisas. Isso afeta particularmente muito mais as que representam as substâncias, embora em graus diferentes recaia sobre todos os nomes em geral. Estão sujeitos a esse abuso aqueles homens que restringem seus pensamentos ao sistema de outro e rendem-se à crença sólida de perfeição de qualquer hipótese adotada; dessa forma acabam persuadidos de que os termos empregados por essa vertente cabem perfeitamente à natureza das coisas, assim eles correspondem à sua essência real. Quem, daqueles criados na filosofia peripatética, não crê que os “Dez Nomes”, sob os quais seguem hierarquizadas as “Dez Categorias”, correspondem em sua totalidade à natureza das coisas? Quem dessa Escola não foi persuadido de que as formas substanciais, almas vegetativas, repúdio ao vácuo, *species* intencionais etc seriam algo real? Essas mesmas palavras, os homens aprenderam-nas quando do imediato ingresso a esse conhecimento e receberam grande ênfase por parte de seus mestres e sistemas mesmo assim, não conseguem rejeitar a opinião de que elas se conformam à natureza e são representações de alguma coisa que realmente existe. Os platônicos se valem da “alma do mundo” e os epicuristas de seu “dever para com o movimento” em seus átomos em repouso. Quase não se encontra uma vertente filosófica que não criou sua própria coleção de termos distintos que não são compreendidos. Todavia, esse palavrório - o qual, na fragilidade do entendimento humano, é tão oportuno na prevenção da ignorância humana e como amparo a seus erros - coloca-se como a parte mais importante da linguagem e os termos mais significativos entre todos, por conta mesmo do emprego comum entre aqueles da mesma tribo. E, se de uma vez por todas os termos “veículos aéreo e etéreo” com a prevalência dessa doutrina são adotados de modo generalizado em todos os lugares, não há dúvida de que eles criariam uma impressão na mente dos

homens a fim de estabelecê-los quanto à realidade dessas coisas, da mesma maneira que as “formas” e “*species* intencionais” peripatéticas já o fizeram antes.

III.x.14 *IV. By taking words for things.* Fourthly, Another great abuse of words, is the taking them for things. This, though it in some degree concerns all names in general, yet more particularly affects those of substances. To this abuse those men are most subject who most confine their thoughts to anyone system, and give themselves up into a firm belief of the perfection of any received hypothesis: whereby they come to be persuaded that the terms of that sect are so suited to the nature of things, that they perfectly correspond with their real existence. Who is there that has been bred up in the Peripatetick philosophy, who does not think the Ten Names, under which are ranked the Ten Predicaments, to be exactly conformable to the nature of things? Who is there of that school that is not persuaded that substantial forms, vegetative souls, abhorrence of a vacuum, intentional species, &c., are something real? These words men have learned from their very entrance upon knowledge, and have found their masters and systems lay great stress upon them: and therefore they cannot quit the opinion, that they are conformable to nature, and are the representations of something that really exists. The Platonists have their soul of the world, and the Epicureans their endeavour towards motion in their atoms when at rest. There is scarce any sect in philosophy has not a distinct set of terms that others understand not. But yet this gibberish, which, in the weakness of human understanding, serves so well to palliate men’s ignorance, and cover their errors, comes, by familiar use amongst those of the same tribe, to seem the most important part of language, and of all other the terms the most significant: and should aerial and aetherial vehicles come once, by the prevalency of that doctrine, to be generally received anywhere, no doubt those terms would make impressions on men’s minds, so as to establish them in the persuasion of the reality of such things, as much as Peripatetick forms and intentional species have heretofore done.

III.x.15 *Exemplo: na matéria.* Uma leitura atenta dos escritores filosóficos desvelaria em grande abundância a quantidade de nomes tomados pelas coisas que acabam por desvirtuar o entendimento, e isso talvez em palavras de cujo mau uso pouco se suspeitaria. Pretendo focar-me em apenas um exemplo, um bastante familiar, por sinal. Quantos debates intrincados já não ocorreram acerca de “matéria”, como se houvesse algo disso de verdade na natureza, distinta de “corpo”? Tanto é que a palavra “matéria” representa uma ideia distinta daquela de “corpo”. Ora, se as ideias representadas por esses dois termos fossem precisamente as mesmas, era possível empregar um pelo outro em diferentes contextos, indistintamente. Mas vemos que, embora seja adequado dizer “há matéria em todos os corpos”, o contrário não ocorre, “ há corpo em todas as

matérias”. Normalmente dizemos “um corpo é maior que outro”, mas soa dissonante (e não creio que seja usado) dizer “uma matéria é maior que outra”. E de onde vem isso, então? A saber, do que foi dito acima: apesar de matéria e corpo não serem distintas na realidade - onde há um, há outro -, matéria e corpo representam duas concepções diferentes; uma é incompleta e parte da outra. Donde, corpo representa uma substância de figura sólida e extensa, da qual a matéria é apenas uma concepção parcial e mais confusa; parece-me que é empregada para a substância e solidez de corpo, excluindo sua extensão e forma. E é por causa disso, quando se fala de matéria, que dizemos sempre no singular, porque em realidade contém estritamente apenas a ideia de uma substância sólida, igual em qualquer lugar, em qualquer lugar uniforme. Essa é nossa ideia de “matéria”, não concebemos - tampouco falamos de -, destarte, diferentes “matérias” no mundo como fazemos com outras solidificações, não obstante concebemos e falamos de diferentes “corpos”, haja vista a extensão e forma poderem variar. Entretanto, dado que solidez não existe sem extensão e forma, não há dúvidas de que assumir “matéria” como nome de algo que realmente existe dentro dessa exatidão produziu esses discursos e debates obscuros e ininteligíveis que encheram as cabeças e os livros dos filósofos quanto a “matéria-prima”. O quanto tal imperfeição ou abuso referem-se a muitos outros termos gerais deixarei em aberto. Penso que, no mínimo, poderia dizer que, teríamos muito menos debates no mundo, se as palavras fossem tomadas por aquilo que elas são: sinais das nossas ideias, apenas, e não das próprias coisas. Ora, quando discutimos sobre “matéria”, ou outro termo semelhante, discutimos, a bem da verdade, apenas sobre a ideia que expressamos com esse som, se aquela ideia precisa concorda com algo que realmente existe na natureza ou não. E se os homens contassem quais ideias representam com suas palavras, não haveria metade da obscuridade e contenda na busca por ou na defesa da verdade que há nisso.

III.x.15 *Instance, in matter.* How much names taken for things are apt to mislead the understanding, the attentive reading of philosophical writers would abundantly discover; and that perhaps in words little suspected of any such misuse. I shall instance in one only, and that a very familiar one. How many intricate disputes have there been about matter, as if there were some such thing really in nature, distinct from body; as it is evident the word matter stands for an idea distinct from the idea of body? For if the

ideas these two terms stood for were precisely the same, they might indifferently in all places be put for one another. But we see that though it be proper to say, There is one matter of all bodies, one cannot say, There is one body of all matters: we familiarly say one body is bigger than another; but it sounds harsh (and I think is never used) to say one matter is bigger than another. Whence comes this, then? Viz. from hence: that, though matter and body be not really distinct, but wherever there is the one there is the other; yet matter and body stand for two different conceptions, whereof the one is incomplete, and but a part of the other. For body stands for a solid extended figured substance, whereof matter is but a partial and more confused conception; it seeming to me to be used for the substance and solidity of body, without taking in its extension and figure: and therefore it is that, speaking of matter, we speak of it always as one, because in truth it expressly contains nothing but the idea of a solid substance, which is everywhere the same, everywhere uniform. This being our idea of matter, we no more conceive or speak of different matters in the world than we do of different solidities; though we both conceive and speak of different bodies, because extension and figure are capable of variation. But, since solidity cannot exist without extension and figure, the taking matter to be the name of something really existing under that precision, has no doubt produced those obscure and unintelligible discourses and disputes, which have filled the heads and books of philosophers concerning *materia prima*; which imperfection or abuse, how far it may concern a great many other general terms I leave to be considered. This, I think, I may at least say, that we should have a great many fewer disputes in the world, if words were taken for what they are, the signs of our ideas only; and not for things themselves. For, when we argue about matter, or any the like term, we truly argue only about the idea we express by that sound, whether that precise idea agree to anything really existing in nature or no. And if men would tell what ideas they make their words stand for, there could not be half that obscurity or wrangling in the search or support of truth that there is.

III.x.16 *Isso faz os erros perdurarem.* Contudo, não importa a inconveniência que surja como consequência desse engano com as palavras, tenho certeza de que, com um uso constante e comum, elas envolvem os homens em noções deveras distantes da verdade das coisas. Seria uma tarefa difícil dissuadir alguém de que as palavras que seu pai, professor, presbítero da paróquia ou um reverendo doutor empregava não significavam nada que existisse de verdade na natureza - quiçá não seja uma das menores causas que levam os homens a abandonar seus erros, mesmo em opiniões puramente filosóficas, em situações nas quais o único interesse é a verdade. As palavras com as quais estão há muito acostumados permanecem firmes em suas mentes, logo, não é de se espantar que as noções errôneas a elas anexadas não sejam removidas.

III.x.16 *This makes errors lasting.* But whatever inconvenience follows from this mistake of words, this I am sure, that, by constant and familiar use, they charm men into notions far remote from the truth of things. It would be a hard matter to persuade any one that the words which his father, or schoolmaster, the parson of the parish, or such a reverend doctor used, signified nothing that really existed in nature: which perhaps is none of the least causes that men are so hardly drawn to quit their mistakes, even in opinions purely philosophical, and where they have no other interest but truth. For the words they have a long time been used to, remaining firm in their minds, it is no wonder that the wrong notions annexed to them should not be removed.

III.x.17 *V. Colocá-las no lugar daquilo que não podem significar.* Em quinto lugar, outro abuso das palavras é colocá-las no lugar de coisas que elas de modo algum significam, ou absolutamente não podem fazê-lo. Devemos observar que nos nomes gerais das substâncias, das quais somente a essência nominal nos é conhecida, quando inserimo-las em proposições e afirmamos ou negamos coisas sobre elas, é comum pressupormos ou pretendermos tacitamente que elas devam representar a essência real de certo grupo de substâncias. Ora, quando um homem diz que ouro é maleável, ele significa e insinua algo além disto: aquilo que denomino “ouro é maleável” (embora de verdade não equivalha mais do que isso). Ele, porém, pode dar a entender também “aquele ouro, i. é, o que possui a essência real de ouro, é maleável”, o que implica em que a maleabilidade depende e é inseparável da essência real de ouro. Mas, para um homem que não sabe em que essa essência real consiste, a conexão em sua mente de maleabilidade não ocorre de fato com uma essência que ele desconhece, somente com o som “ouro” que ele designa para isso. Donde, quando dizemos que *animal rationale* é uma boa definição de um homem e *animal implume bipes latis unguibus* não, fica evidente que pressupomos que o nome “homem” nesse caso representa a essência real de uma *species* e significaria que um “animal racional” descreveria melhor essa essência real do que “um animal bípede com unhas largas, e sem penas”. De outro modo, por que não teria Platão feito a palavra *ανθρωπος* [*anthropos*], ou “homem”, representar sua ideia complexa, formada pela ideia de um corpo, distinto de outros por um formato específico e outras aparências externas, assim como Aristóteles fez com a ideia complexa, à qual atribuiu o nome *ανθρωπος*, ou “homem”, composto de corpo e

faculdade de raciocínio unidas? Ou será que se pressupunha que o nome *ανθρωπος*, ou “homem”, representasse algo diferente daquilo que de fato significa e substituísse alguma outra coisa além da ideia que um homem diria expressar com ela?

III.x.17 *V. By setting them in the place of what they cannot signify.* Fifthly Another abuse of words is the setting them in the place of things which they do or can by no means signify. We may observe that in the general names of substances whereof the nominal essences are only known to us when we put them into propositions, and affirm or deny anything about them, we do most commonly tacitly suppose or intend, they should stand for the real essence of a certain sort of substances. For, when a man says gold is malleable, he means and would insinuate something more than this. That what I call gold is malleable, (though truly it amounts to no more,) but would have this understood, viz. That gold, i.e. what has the real essence of gold, is malleable; which amounts to thus much, that malleableness depends on, and is inseparable from the real essence of gold. But a man, not knowing wherein that real essence consists, the connexion in his mind of malleableness is not truly with an essence he knows not, but only with the sound gold he puts for it. Thus, when we say that animal rationale is, and animal implume bipes latis unguibus is not a good definition of a man; it is plain we suppose the name man in this case to stand for the real essence of a species, and would signify that “a rational animal” better described that real essence than “a two-legged animal with broad nails, and without feathers.” For else, why might not Plato as properly make the word anthropos, or man, stand for his complex idea, made up of the idea of a body, distinguished from others by a certain shape and other outward appearances, as Aristotle make the complex idea to which he gave the name anthropos, or man, of body and the faculty of reasoning joined together; unless the name anthropos, or man, were supposed to stand for something else than what it signifies; and to be put in the place of some other thing than the idea a man professes he would express by it?

III.x.18 *P. ex. Substituí-las pela essência real das substâncias.* É verdade que os nomes das substâncias seriam muito mais úteis e as proposições feitas com eles muito mais certas, se as essências reais das substâncias fossem as ideias em nossas mentes representadas por essas palavras. É exatamente pela falta dessas essências reais que nossas palavras transmitem tão pouco conhecimento ou certeza em nossos discursos acerca delas. Por isso, a mente, a fim de remover ao máximo essa imperfeição, manipula-as, partindo de uma suposição secreta, de modo a representarem uma coisa que contenha essa essência real, como se, com isso, algum tipo de aproximação maior dela pudesse ocorrer. Ora, apesar de a palavra “homem”, ou “ouro”, não significar, de fato, nada além de uma ideia complexa de propriedades unidas e um grupo de

substâncias, é raro alguém, ao fazer uso dessas palavras, pressupor que cada um desses nomes represente com frequência uma coisa possuidora da essência real da qual essas propriedades dependem. Isso não passaria de um abrandamento da imperfeição das nossas palavras, a elas acrescentada por conta de um abuso pleno, quando fôssemos representar uma coisa com elas da qual o nome de que nos valemos de modo algum poderia ser um sinal, se não estivesse em nossa ideia complexa.

III.x.18 *V.g. Putting them for the real essences of substances.* It is true the names of substances would be much more useful, and propositions made in them much more certain, were the real essences of substances the ideas in our minds which those words signified. And it is for want of those real essences that our words convey so little knowledge or certainty in our discourses about them; and therefore the mind, to remove that imperfection as much as it can, makes them, by a secret supposition, to stand for a thing having that real essence, as if thereby it made some nearer approaches to it. For, though the word man or gold signify nothing truly but a complex idea of properties united together in one sort of substances; yet there is scarce anybody, in the use of these words, but often supposes each of those names to stand for a thing having the real essence on which these properties depend. Which is so far from diminishing the imperfection of our words, that by a plain abuse it adds to it, when we would make them stand for something, which, not being in our complex idea, the name we use can no ways be the sign of.

III.x.19 *Todavia, cremos que uma mudança de nossas ideias complexas de substâncias não altera suas species.* É-nos demonstrado por que, nos modos mistos, ao se excluir ou alterar quaisquer das ideias que participam da composição daquela mais complexa, é permitido ser outra coisa, ou seja, pertencer a outra *species*, como fica claro em “homicídio involuntário”, “homicídio culposo”, “assassinato”, “parricídio” etc. A razão para tal consiste em a ideia complexa significada pelo nome ser tanto a essência real quanto a nominal; e não há uma referência secreta desse nome a alguma outra essência senão essa. No caso das substâncias, entretanto, não ocorre dessa forma. Apesar de àquilo chamado “ouro” alguém incorporar à sua ideia complexa o que outro descarta, e vice-versa, não é comum aos homens pensar que, dessa forma, a *species* é alterada: em suas mentes, secretamente, referem-se a esse nome e pressupõem-no anexado a uma essência real imutável de uma coisa existente, da qual

essas propriedades dependem. Quem acrescenta à sua ideia complexa de “ouro” as de fixidez e solubilidade em água régia ainda não adicionada não é visto como alguém que alterou a *species*, apenas como detentor uma ideia mais perfeita ao adicionar uma ideia simples que, de fato, sempre ocorre unida às outras nas quais sua ideia complexa inicial consistia. Essa referência do nome a uma coisa sobre a qual não temos noção, contudo, está longe de ser prestativa, serve apenas para envolver-nos cada vez mais em dificuldades. Ora, por essa tácita referência à essência real dessas *species* de corpos, a palavra “ouro” (a qual, ao representar uma coleção mais ou menos perfeita de ideias simples, funciona bem para designar esse tipo de corpo no discurso civil) acaba por não conter significado algum, sendo empregado para algo sobre o qual não temos qualquer noção, e, assim, não pode significar absolutamente nada se o próprio corpo não estiver presente. Não importa como tudo isso será refletido, se bem considerado, será bem diferente discutir sobre ouro enquanto nome e sobre a parcela no próprio corpo, por exemplo, uma folha de ouro colocada à nossa frente - embora no discurso nos vemos obrigados a substituir o nome pela coisa.

III.x.19 *Hence we think change of our complex ideas of substances not to change their species.* This shows us the reason why in mixed modes any of the ideas that make the composition of the complex one being left out or changed, it is allowed to be another thing, i.e. to be of another species, as is plain in chance-medley, manslaughter, murder, parricide, &c. The reason whereof is, because the complex idea signified by that name is the real as well as nominal essence; and there is no secret reference of that name to any other essence but that. But in substances, it is not so. For though in that called gold, one puts into his complex idea what another leaves out, and vice versa: yet men do not usually think that therefore the species is changed: because they secretly in their minds refer that name, and suppose it annexed to a real immutable essence of a thing existing, on which those properties depend. He that adds to his complex idea of gold that of fixedness and solubility in aqua regia, which he put not in it before, is not thought to have changed the species; but only to have a more perfect idea, by adding another simple idea, which is always in fact joined with those other, of which his former complex idea consisted. But this reference of the name to a thing, whereof we have not the idea, is so far from helping at all, that it only serves the more to involve us in difficulties. For by this tacit reference to the real essence of that species of bodies, the word gold (which, by standing for a more or less perfect collection of simple ideas, serves to design that sort of body well enough in civil discourse) comes to have no signification at all, being put for somewhat whereof we have no idea at all, and so can signify nothing at all, when the body itself is away. For however it may be thought all one, yet, if well considered, it will be found a quite different thing, to argue about gold in name, and about a parcel in

the body itself, v.g. a piece of leaf-gold laid before us; though in discourse we are fain to substitute the name for the thing.

III.x.20 *A causa desse abuso está ligada à suposição de que o trabalho da natureza é sempre regular quando do estabelecimento de limites entre as species.* Penso que o que incita os homens a substituírem seus nomes pelas essências reais das *species* é a suposição acima mencionada de que a natureza trabalha de maneira regular na produção das coisas e estabelece os limites a cada uma dessas *species* ao atribuir precisamente a mesma constituição interna a cada indivíduo que organizamos em um nome geral. Dessa forma, qualquer um que observar suas diferentes qualidades pouco poderá duvidar de que muitos indivíduos chamados pelo mesmo nome são, em suas constituições internas, tão diferentes entre si quanto vários outros que são organizados em nomes específicos diferentes. Essa suposição, porém, de que a mesma e exata constituição interna ocorre sempre com o mesmo nome específico instiga os homens a tomarem esses nomes como os representantes dessas essências reais; ainda que em realidade signifiquem apenas as ideias complexas que eles têm em suas mentes quando as utilizam. Portanto, se puder colocar dessa forma, ao significar uma coisa esperando outra, ou ao colocar uma coisa no lugar de outra, grandes incertezas serão geradas, por conta desse tipo de uso, nos discursos humanos, especialmente daqueles que se imbuíram completamente da doutrina das “formas substanciais”, por meio da qual imaginam com propriedade serem as várias *species* de coisas determinadas e distintas.

III.x.20 *The cause of this abuse, a supposition of nature's working always regularly, in setting boundaries to species.* That which I think very much disposes men to substitute their names for the real essences of species, is the supposition before mentioned, that nature works regularly in the production of things, and sets the boundaries to each of those species, by giving exactly the same real internal constitution to each individual which we rank under one general name. Whereas anyone who observes their different qualities can hardly doubt, that many of the individuals, called by the same name, are, in their internal constitution, as different one from another as several of those which are ranked under different specific names. This supposition, however, that the same precise and internal constitution goes always with the same specific name, makes men forward to take those names for the representatives of those real essences; though indeed they signify nothing but the complex ideas they have in their minds when they use them. So

that, if I may so say, signifying one thing, and being supposed for, or put in the place of another, they cannot but, in such a kind of use, cause a great deal of uncertainty in men's discourses; especially in those who have thoroughly imbibed the doctrine of substantial forms, whereby they firmly imagine the several species of things to be determined and distinguished.

III.x.21 *Esse abuso é dotado de suas suposições falsas.* Independentemente do quão ridículo ou absurdo é ter nossos nomes representando ideias que não temos, ou (que é a mesma coisa) essências que desconhecemos, resultando em tornar nossas palavras sinais de nada, é evidente a qualquer um que pouco reflete sobre o uso feito pelos homens de suas palavras que não há nada mais comum. Quando um homem indaga se isso ou aquilo que vê, seja um mandril, seja um feto monstruoso, é um “homem” ou não, é claro que a questão não é se aquela coisa particular concorda com sua ideia complexa expressa pelo nome “homem”, mas se ela contém em si a essência real de uma *species* de coisas as quais ele pressupõe que seu nome “homem” representa. Nesse emprego dos nomes das substâncias, há três suposições falsas nele contido:

Primeiro, que há certas essências exatas concordando com aquelas da natureza ao gerar todas as coisas particulares, e assim são distintas em *species*. Não há o que se questionar quando se diz que tudo possui uma constituição real, que faz a coisa ser o que é e da qual suas qualidades sensíveis dependem, mas creio que já foi provado que isso não é o que produz a distinção das *species* tal como as organizamos tampouco os limites de seus nomes.

Segundo, isso também insinua explicitamente que teríamos ideias dessas essências propostas. Afinal, que outro propósito haveria em investigar se essa ou aquela coisa possui a essência real da *species* “homem”, se não pressupuséssemos a existência dessa essência específica já conhecida? O que, entretanto, é totalmente falso. Logo, tal aplicação dos nomes como se representassem ideias que não temos, necessariamente, gera uma desordem enorme nos discursos e reflexões sobre eles, além de tornar-se uma grande inconveniência em nossa comunicação por meio das palavras.

III.x.21 *This abuse contains two false suppositions.* But however preposterous and absurd it be to make our names stand for ideas we have not, or (which is all one) essences that we know not, it being in effect to make our words the signs of nothing; yet it is evident to any one who ever so little reflects on the use men make of their words, that there is nothing more familiar. When a man asks whether this or that thing he sees, let it be a drill, or a monstrous foetus, be a man or no; it is evident the question is not, Whether that particular thing agree to his complex idea expressed by the name man: but whether it has in it the real essence of a species of things which he supposes his name man to stand for. In which way of using the names of substances, there are these false suppositions contained:—

First, that there are certain precise essences according to which nature makes all particular things, and by which they are distinguished into species. That everything has a real constitution, whereby it is what it is, and on which its sensible qualities depend, is past doubt: but I think it has been proved that this makes not the distinction of species as we rank them, nor the boundaries of their names.

Secondly, this tacitly also insinuates, as if we had ideas of these proposed essences. For to what purpose else is it, to inquire whether this or that thing have the real essence of the species man, if we did not suppose that there were such a specific essence known? Which yet is utterly false. And therefore such application of names as would make them stand for ideas which we have not, must needs cause great disorder in discourses and reasonings about them, and be a great inconvenience in our communication by words.

III.x.22 *VI. Ao agir partindo do pressuposto de que as palavras que empregamos possuem uma significação certa e evidente, a qual obviamente será entendida por outros.* Em sexto lugar, há ainda um outro abuso das palavras, mais geral, ainda que talvez menos notado, a saber, que os homens, decorrente de um uso prolongado e comum, anexaram a elas certas ideias que lhes parece adequado imaginar que haja uma conexão tão próxima e necessária entre os nomes e a significação na qual os empregam que pressupõem para além disso que não há como não entender qual significado expressam. Por esse motivo alguém pode aquiescer com as palavras emitidas como se não houvesse sombra de dúvidas de que falante e ouvinte teriam obrigatoriamente as mesmas e precisas ideias quando do emprego comum desses sons recebidos. Donde, daí presume-se que quando empregaram qualquer termo em seu discurso, teriam dessa forma, por assim dizer, disposto diante dos outros a mesma coisa sobre a qual falavam. Da mesma forma, estariam tomando as palavras dos outros como se naturalmente representassem aquilo mesmo a que os próprios como de costume aplicam, assim, nunca se preocuparam em explicar suas próprias palavras, ou

em entender de forma clara o significado dos outros. Disso é comum decorrerem barulhos e contendas sem aprimoramento ou informação enquanto os homens assumem as palavras como marcas constantes e regulares de noções acordadas, as quais, de verdade, não passam de sinais voluntários e instáveis de suas próprias ideias. E ainda assim alguns homens estranham se, em conversas ou em debates (situações em que é absolutamente necessário fazê-lo) alguém pergunta pelo significado de seus termos, embora seja possível observar que as discussões diárias nos diálogos evidenciem que há poucos nomes de ideias complexas que quaisquer dois homens empreguem para a exata, mesma e precisa coleção. É difícil nomear uma palavra que não sirva de exemplo aqui. “Vida” é um termo que não poderia ser mais familiar. Qualquer um se sentiria afrontado se fosse perguntado pelo seu significado. Mesmo assim, se vier à baila se uma planta que já está completamente formada dentro da semente tem vida, se o embrião no óvulo antes da gestação, ou um homem desfalecido, sem sentidos ou movimentos, estaria vivo ou não, é fácil perceber que nem sempre uma ideia clara, distinta e estabelecida acompanha o uso de uma palavra tão conhecida quanto “vida”. É comum que, de fato, os homens tenham algumas concepções grosseiras e confusas, às quais aplicam as palavras comuns de suas línguas; tal emprego vacilante de suas palavras lhes serve bem em seus diálogos em suas tarefas cotidianos. Mas não basta quando se trata de investigações filosóficas. Conhecimento e raciocínio requerem ideias precisas e determinadas. E, mesmo que os homens não queira parecer tão inoportunos e tediantes a ponto de não entenderem o que os outros dizem, sem exigirem uma explicação de seus termos, tampouco perturbadoramente críticos a ponto de corrigirem os outros quanto ao emprego das palavras que deles receberam, ainda assim, onde a verdade e o conhecimento são o foco de interesse no caso, não consigo ver que mal há em desejar a explicação das palavras cujos sentidos soam duvidosos, ou por que um homem deveria se envergonhar em reconhecer sua ignorância diante do sentido em que um outro homem emprega suas palavras, já que ele não tem outro meio de saber com certeza se não sendo informado? Esse abuso de tomar as palavras por um acordo de confiança não teve melhor espaço para sua disseminação nem para a de seus efeitos tão nocivos do que entre os homens das letras. A multiplicação e obstinação dos debates, que

provocaram um desgaste no mundo intelectual, ocorre apenas por causa desse mau uso das palavras. Vê-se que, embora se acredite, num geral, que há uma grande diversidade de opiniões no meio de tantas e tão variadas controvérsias com as quais se distrai o mundo, o máximo que consigo identificar entre as práticas de homens letrados, debatedores, de partidos diferentes, quando em suas discussões, é que falam línguas diferentes. Estou em condições de supor que quando algum deles pensa sobre as coisas para além dos termos, e sabe sobre o que pensa, pensam todos a mesma coisa, mesmo que pareça que o que eles possuem seja diferente.

III.x.22 *VI. By proceeding upon the supposition that the words we use have a certain and evident signification which other men cannot but understand. Sixthly, there remains yet another more general, though perhaps less observed, abuse of words; and that is, that men having by a long and familiar use annexed to them certain ideas, they are apt to imagine so near and necessary a connexion between the names and the signification they use them in, that they forwardly suppose one cannot but understand what their meaning is; and therefore one ought to acquiesce in the words delivered, as if it were past doubt that, in the use of those common received sounds, the speaker and hearer had necessarily the same precise ideas. Whence presuming, that when they have in discourse used any term, they have thereby, as it were, set before others the very thing they talked of. And so likewise taking the words of others as naturally standing for just what they themselves have been accustomed to apply them to, they never trouble themselves to explain their own, or understand clearly others' meaning. From whence commonly proceeds noise, and wrangling, without improvement or information; whilst men take words to be the constant regular marks of agreed notions, which in truth are no more but the voluntary and unsteady signs of their own ideas. And yet men think it strange, if in discourse, or (where it is often absolutely necessary) in dispute, one sometimes asks the meaning of their terms: though the arguings one may every day observe in conversation make it evident, that there are few names of complex ideas which any two men use for the same just precise collection. It is hard to name a word which is hard to name a word which will not be a clear instance of this. Life is a term, none more familiar. Any one almost would take it for an affront to be asked what he meant by it. And yet if it comes in question, whether a plant that lies ready formed in the seed have life; whether the embryo in an egg before incubation, or a man in a swoon without sense or motion, be alive or no; it is easy to perceive that a clear, distinct, settled idea does not always accompany the use of so known a word as that of life is. Some gross and confused conceptions men indeed ordinarily have, to which they apply the common words of their language; and such a loose use of their words serves them well enough in their ordinary discourses or affairs. But this is not sufficient for philosophical inquiries. Knowledge and reasoning require precise determinate ideas. And though men will not be so importunately dull as not to understand what others say, without demanding an explication of their terms; nor so troublesomely critical as to correct others in the use of the words they receive from them: yet, where truth and knowledge*

are concerned in the case, I know not what fault it can be, to desire the explication of words whose sense seems dubious; or why a man should be ashamed to own his ignorance in what sense another man uses his words; since he has no other way of certainly knowing it but by being informed. This abuse of taking words upon trust has nowhere spread so far, nor with so ill effects, as amongst men of letters. The multiplication and obstinacy of disputes, which have so laid waste the intellectual world, is owing to nothing more than to this ill use of words. For though it be generally believed that there is great diversity of opinions in the volumes and variety of controversies the world is distracted with; yet the most I can find that the contending learned men of different parties do, in their arguings one with another, is, that they speak different languages. For I am apt to imagine, that when any of them, quitting terms, think upon things, and know what they think, they think all the same: though perhaps what they would have be different.

III.x.23 *Os propósitos da linguagem: Primeiro, transmitir nossas ideias.* A fim de concluir essa consideração acerca da imperfeição e do abuso da linguagem. Os propósitos da linguagem em nossos diálogos com outros são principalmente estes três: Primeiro, fazer com que os pensamentos ou as ideias de um homem possam ser conhecidos. Segundo, fazer isso da forma mais fácil e rápida possível. E terceiro, dessa forma transmitir o conhecimento sobre as coisas: a linguagem ou sofre abusos ou é deficiente quando não cumpre com algum desses três.

Primeiro, as palavras falham no primeiro desses três propósitos e não abrem caminho para as ideias de um homem à vista de outro: 1. Quando os homens possuem palavras em suas bocas sem ideias determinadas em suas mentes das quais são sinais; ou 2. Quando aplicam os nomes comuns recebidos de quaisquer línguas a ideias às quais o uso comum dessa língua não aplica; ou 3. Quando aplicam-nas com muita instabilidade, de modo que num instante representam uma ideia e, com o passar do tempo, outra.

III.x.23 *The ends of language: First, to convey our ideas.* To conclude this consideration of the imperfection and abuse of language. The ends of language in our discourse with others being chiefly these three: First, to make known one man's thoughts or ideas to another; Secondly, to do it with as much ease and quickness as possible; and, Thirdly, thereby to convey the knowledge of things: language is either abused or deficient, when it fails of any of these three.

First, Words fail in the first of these ends, and lay not open one man's ideas to another's view: 1. When men have names in their mouths without any determinate ideas in their

minds, whereof they are the signs: or, 2. When they apply the common received names of any language to ideas, to which the common use of that language does not apply them: or, 3. When they apply them very unsteadily, making them stand, now for one, and by and by for another idea.

III.x.24 *Fazê-lo com rapidez.* Em segundo lugar, a falha humana na transmissão de seus pensamentos com rapidez e facilidade pode ocorrer quando os homens têm ideias complexas sem que tenham nomes distintos para elas. Isso é culpa, às vezes, da própria língua que não contém em si ainda um som que possa ser aplicado a essa significação e, às vezes, do próprio homem que ainda não aprendeu o nome para aquela ideia que pretendia mostrar a alguém.

III.x.24 *To do it with quickness.* Secondly, Men fail of conveying their thoughts with all the quickness and ease that may be, when they have complex ideas without having any distinct names for them. This is sometimes the fault of the language itself, which has not in it a sound yet applied to such a signification; and sometimes the fault of the man, who has not yet learned the name for that idea he would show another.

III.x.25 *Com isso transmitir o conhecimento sobre as coisas.* Terceiro, não há conhecimento sobre as coisas que possa ser transmitido pelas palavras dos homens quando suas ideias não concordam com a realidade das coisas. Embora esse seja um defeito cuja origem se encontra nas nossas ideias, que não se adequam à natureza das coisas como as fariam a atenção, o estudo e o emprego. Essa falha se estende também às nossas palavras quando as utilizamos como sinais para seres reais os quais ainda não existem ou nunca possuíram alguma realidade.

III.x.25 *Therewith to convey the knowledge of things.* Thirdly, There is no knowledge of things conveyed by men's words, when their ideas agree not to the reality of things. Though it be a defect that has its original in our ideas, which are not so conformable to the nature of things as attention, study, and application might make them, yet it fails not to extend itself to our words too, when we use them as signs of real beings, which yet never had any reality or existence.

III.x.26 *Como as palavras dos homens falham nesses três propósitos: Primeiro, quando empregadas sem conterem ideias.* Em primeiro lugar, aquele que tem, em sua mente, palavras de qualquer língua que não contêm ideias distintas para as quais as aplica apenas balbucia sons sem sentido ou significação em suas conversas. Tampouco importa o quão letrado ele pareça ao fazer uso de palavras difíceis ou termos cultos, isso não demonstra um conhecimento mais avançado do que de fato teria no aprendizado daquele que em seus estudos não possui nada além de alguns títulos de livros, sem se apropriar dos conteúdos ali contidos. Ora, todas essas palavras, independentemente do modo como são colocadas num discurso - seguindo as regras de construção gramatical ou a harmonia de períodos bem estruturados - não contribuem em nada além de mais sons vazios.

III.x.26 *How men's words fail in all these: First, when used without any ideas.* First, He that hath words of any language, without distinct ideas in his mind to which he applies them, does, so far as he uses them in discourse, only make a noise without any sense or signification; and how learned soever he may seem, by the use of hard words or learned terms, is not much more advanced thereby in knowledge, than he would be in learning, who had nothing in his study but the bare titles of books, without possessing the contents of them. For all such words, however put into discourse, according to the right construction of grammatical rules, or the harmony of well-turned periods, do yet amount to nothing but bare sounds, and nothing else.

III.x.27 *Quando as ideias complexas não possuem nomes a elas anexados.* Em segundo lugar, aquele que tem ideias complexas sem um nome particular para elas não estaria numa posição melhor do que um livreiro que possui em seu depósito volumes soltos, sem títulos, os quais só poderia fazer com que outros os conheçam mostrando suas folhas uma a uma e comunicando-os apenas em sua totalidade. Esse homem é deficiente em seu discurso, pois faltam-lhe palavras para comunicar suas ideias complexas as quais ele se vê forçado a fazer com que outros as conheçam por meio da enumeração das ideias simples que as compõem. Assim é obrigado a usar vinte palavras para expressar o que outro significa com uma.

III.x.27 *When complex ideas are without names annexed to them.* Secondly, He that has complex ideas, without particular names for them, would be in no better case than a bookseller, who had in his warehouse volumes that lay there unbound, and without titles, which he could therefore make known to others only by showing the loose sheets, and communicate them only by tale. This man is hindered in his discourse, for want of words to communicate his complex ideas, which he is therefore forced to make known by an enumeration of the simple ones that compose them; and so is fain often to use twenty words, to express what another man signifies in one.

III.x.28 *Quando o mesmo sinal não é usado para a mesma ideia.* Terceiro, quem não usa com alguma constância o mesmo sinal para a mesma ideia, mas emprega uma mesma palavra às vezes em uma, às vezes noutra significação, pode ser visto nas escolas e nas conversas como um homem tão justo como o seria nos mercados e comércios quem vende várias coisas com o mesmo nome.

III.x.28 *When the same sign is not put for the same idea.* Thirdly, He that puts not constantly the same sign for the same idea, but uses the same words sometimes in one and sometimes in another signification, ought to pass in the schools and conversation for as fair a man, as he does in the market and exchange, who sells several things under the same name.

III.x.29 *Quando as palavras são desviadas de seu uso comum.* Quarto, quem aplica as palavras de qualquer língua a ideias diferentes daquelas previstas pelo uso comum daquele país, mesmo que seu próprio entendimento esteja inundado de verdade e luz, não conseguirá transmitir muito disso a outros sem definir seus termos. Embora sejam sons comumente conhecidos e penetram facilmente os ouvidos daqueles a eles acostumados, ainda assim, o fato de representarem outras ideias que não aquelas a que geralmente são anexados, e que habitualmente são excitadas na mente dos ouvintes, não os capacita a tornarem conhecidos os pensamentos daquele que os emprega dessa forma.

III.x.29 *When words are diverted from their common use.* Fourthly, He that applies the words of any language to ideas different from those to which the common use of that country applies them, however his own understanding may be filled with truth and light, will not by such words be able to convey much of it to others, without defining his terms. For however the sounds are such as are familiarly known, and easily enter the ears of

those who are accustomed to them; yet standing for other ideas than those they usually are annexed to, and are wont to excite in the mind of the hearers, they cannot make known the thoughts of him who thus uses them.

III.x.30 *Quando são nomes de imaginações fantásticas.* Quinto, quem imaginou para si substâncias que nunca existiram, e encheu sua cabeça com ideias sem qualquer correspondência com a natureza real das coisas e às quais atribui nomes estabelecidos e definidos pode bem encher seu discurso - e talvez a mente de outro - com as imaginações fantásticas de seu próprio cérebro. Por outro lado, distanciar-se-á bastante de um avanço no conhecimento real e verdadeiro ainda que em apenas um degrau.

III.x.30 *When they are names of fantastical imaginations.* Fifthly, He that imagined to himself substances such as never have been, and filled his head with ideas which have not any correspondence with the real nature of things, to which yet he gives settled and defined names, may fill his discourse, and perhaps another man's head with the fantastical imaginations of his own brain, but will be very far from advancing thereby one jot in real and true knowledge.

III.x.31 *Súmula.* Quem tem nomes sem ideias, carece de significado em suas palavras e fala apenas sons vazios. Quem tem ideias complexas sem nomes a elas, carece de liberdade e rapidez para suas expressões, sendo-lhe necessário o emprego de perífrases. Quem emprega suas palavras de forma frouxa e instável não será considerado nem entendido. Quem aplica seus nomes a ideias diferentes do uso comum, carece de estrutura em sua linguagem, e fala de modo verborrágico. E quem tem ideias de substâncias em desacordo com a existência real das coisas, carece dos materiais do verdadeiro conhecimento em seu entendimento, ao invés disso, está em posse de quimeras.

III.x.31 *Summary.* He that hath names without ideas, wants meaning in his words, and speaks only empty sounds. He that hath complex ideas without names for them, wants liberty and dispatch in his expressions, and is necessitated to use periphrases. He that uses his words loosely and unsteadily will either be not minded or not understood. He that applies his names to ideas different from their common use, wants propriety in his language, and speaks gibberish. And he that hath the ideas of substances disagreeing

with the real existence of things, so far wants the materials of true knowledge in his understanding, and hath instead thereof chimeras.

III.x.32 *Quando as palavras dos homens falham ao representarem substâncias.* Em nossas noções relativas às substâncias, somos suscetíveis a todas as inconveniências anteriores: p. ex.; 1. quem emprega a palavra “tarântula” sem qualquer imaginação ou ideia do que é representado por ela pronuncia uma boa palavra, mas não significa absolutamente nada com isso. 2. Quem, num país recém-descoberto, vier a encontrar vários grupos de animais e vegetais até então desconhecidos pode conseguir ideias tão verdadeiras sobre eles como de um cavalo ou de um veado macho, mas apenas pode falar deles apenas por meio de uma descrição, até que empreste o nome usado pelos nativos atribua-lhes ele mesmo um nome. 3. Quem emprega a palavra “corpo” às vezes para extensão pura, às vezes para extensão e solidez juntas, comete uma enorme falácia. 4. Quem atribui o nome “cavalo” àquela ideia à qual o uso comum chama de “mula”, fala de modo impróprio e não será entendido. 5. Quem pensa que o nome “centauro” representa um ser real, engana a si mesmo e confunde as palavras pelas coisas.

III.x.32 *How men's words fail when they stand for substances.* In our notions concerning Substances, we are liable to all the former inconveniences: v.g. he that uses the word tarantula, without having any imagination or idea of what it stands for, pronounces a good word; but so long means nothing at all by it. 2. He that, in a newly-discovered country, shall see several sorts of animals and vegetables, unknown to him before, may have as true ideas of them, as of a horse or a stag; but can speak of them only by a description, till he shall either take the names the natives call them by, or give them names himself. 3. He that uses the word body sometimes for pure extension, and sometimes for extension and solidity together, will talk very fallaciously. 4. He that gives the name horse to that idea which common usage calls mule, talks improperly, and will not be understood. 5. He that thinks the name centaur stands for some real being, imposes on himself, and mistakes words for things.

III.x.33 *E como o fazem quando elas representam modos e relações.* Em modos de relações, num geral, somos suscetíveis apenas às quatro primeiras dessas inconveniências, a saber, 1. Posso ter em minha memória os nomes de modos como “gratidão” ou “caridade” e mesmo assim não possuir nenhuma ideia precisa nos meus

pensamentos anexados a esses nomes. 2. Posso ter ideias sem saber os nomes a que pertencem, ou seja, posso ter a ideia de um homem bebendo até que sua coloração e ser humor se alterem, até que sua língua solte e seus olhos fiquem vermelhos e seus pés não mais lhe obedeam e mesmo assim desconhecer que esse conjunto é chamado de embriaguez. 3. Posso ter as ideias de virtudes ou vícios, e nomes também, mas aplicá-los inadequadamente: quando emprego o nome “frugalidade” àquela ideia que outros chamam e significam por este som, “avareza”. 4. Posso usar qualquer um desses nomes com inconstância. 5. Em modos e relações, contudo, não posso ter ideias em desacordo com a existência das coisas, afinal, os modos são ideias complexas produzidas pela mente ao seu bel prazer; e as relações são apenas um meio de considerar e comparar duas coisas - além de uma ideia de produção própria. Dessa forma, raramente ocorrem em desacordo com alguma coisa existente, haja vista não estão lá na mente como cópias de coisas que a natureza faz com regularidade, nem como propriedades inseparáveis que emanam da constituição interna ou da essência de alguma substância. São antes, por assim dizer, padrões alocados na minha memória com nomes a eles anexados para denominar ações e relações como vêm a existir. Porém, o equívoco é comum quando da minha atribuição errônea às minhas concepções e do emprego das palavras num sentido diferente de outras pessoas: não sou entendido, sugiro com isso possuir ideias equivocadas sobre elas no momento em que atribuo um nome inadequado a elas. Somente se eu reunir nas minhas ideias de modos mistos ou de relações ideias inconsistentes, também encho minha cabeça com quimeras, já que essas ideias, se bem examinadas, não podem existir dessa forma na mente, menos ainda pode-se denominar um ser real a partir delas.

III.x.33 *How when they stand for modes and relations.* In Modes and Relations generally, we are liable only to the four first of these inconveniences; viz. 1. I may have in my memory the names of modes, as gratitude or charity, and yet not have any precise ideas annexed in my thoughts to those names. 2. I may have ideas, and not know the names that belong to them: v.g. I may have the idea of a man's drinking till his colour and humour be altered, till his tongue trips, and his eyes look red, and his feet fail him; and yet not know that it is to be called drunkenness. 3. I may have the ideas of virtues or vices, and names also, but apply them amiss: v.g. when I apply the name frugality to that idea which others call and signify by this sound, covetousness. 4. I may use any of

those names with inconstancy. 5. But, in modes and relations, I cannot have ideas disagreeing to the existence of things: for modes being complex ideas, made by the mind at pleasure, and relation being but by way of considering or comparing two things together, and so also an idea of my own making, these ideas can scarce be found to disagree with anything existing; since they are not in the mind as the copies of things regularly made by nature, nor as properties inseparably flowing from the internal constitution or essence of any substance; but, as it were, patterns lodged in my memory, with names annexed to them, to denominate actions and relations by, as they come to exist. But the mistake is commonly in my giving a wrong name to my conceptions; and so using words in a different sense from other people: I am not understood, but am thought to have wrong ideas of them, when I give wrong names to them. Only if I put in my ideas of mixed modes or relations any inconsistent ideas together, I fill my head also with chimeras; since such ideas, if well examined, cannot so much as exist in the mind, much less any real being ever be denominated from them.

III.x.34 *Sétimo, a linguagem sofre um abuso frequente com discurso figurado.* Posto que engenho e fantasia promovem no mundo um entretenimento com maior facilidade do que a verdade seca e o verdadeiro conhecimento, discursos figurados e alusões serão admitidos apenas com muita dificuldade como uma imperfeição ou abuso na linguagem. Confesso que em conversas nas quais buscamos antes o prazer e o deleite à informação e ao aprimoramento, tais ornamentos emprestados dali raramente são tidos como falhas. Entretanto, se fôssemos falar das coisas tal como são, devemos admitir que toda a arte da retórica, que ultrapassam a ordem e a clareza; e todo emprego artificial e figurado das palavras inventado pela eloquência servem apenas para para insinuar ideias inadequadas, mover as paixões e, por isso, desvirtuar o julgamento. E assim tornam-se fraudes perfeitas, logo, por mais laureável e admissível que possa ser para a oratória vertê-las em arengas e discursos populares, deve-se evitar com toda certeza esse procedimento em discursos que alegam informar ou instruir. E onde o foco está na verdade e no conhecimento, não se pode pensar senão em falha da linguagem ou da pessoa que faz uso das palavras nessas situações. Qual é a sua variedade e como podem fazê-lo será supérfluo para esta discussão, os livros de retórica que abundam no mundo poderão instruir aquele que deseja essa informação - não posse deixar de observar como como são pequenos os cuidados e a preocupação da humanidade para com a preservação e o aprimoramento da verdade e do conhecimento, já que as artes da falácia são endossadas e até preferidas. É

evidente como os homens amam enganar e ser enganados, haja vista que a retórica - esse instrumento poderoso do erro e engano - conta com professores fiéis, é ensinada publicamente e sempre preservou uma grande reputação; não duvido nada de que pensarão na minha tamanha ousadia, para não dizer brutalidade, ao dizer tudo isso contra ela. A eloquência, como o sexo frágil, também possui belezas que prevalecentes para que se diga algo que a contrarie. Buscar falhas nessas artes de engano faz-se em vão; nelas os homens regozijam-se ao serem enganados.

III.x.34 *Seventhly, language is often abused by figurative speech.* Since wit and fancy find easier entertainment in the world than dry truth and real knowledge, figurative speeches and allusion in language will hardly be admitted as an imperfection or abuse of it. I confess, in discourses where we seek rather pleasure and delight than information and improvement, such ornaments as are borrowed from them can scarce pass for faults. But yet if we would speak of things as they are, we must allow that all the art of rhetoric, besides order and clearness; all the artificial and figurative application of words eloquence hath invented, are for nothing else but to insinuate wrong ideas, move the passions, and thereby mislead the judgment; and so indeed are perfect cheats: and therefore, however laudable or allowable oratory may render them in harangues and popular addresses, they are certainly, in all discourses that pretend to inform or instruct, wholly to be avoided; and where truth and knowledge are concerned, cannot but be thought a great fault, either of the language or person that makes use of them. What and how various they are, will be superfluous here to take notice; the books of rhetoric which abound in the world, will instruct those who want to be informed: only I cannot but observe how little the preservation and improvement of truth and knowledge is the care and concern of mankind; since the arts of fallacy are endowed and preferred. It is evident how much men love to deceive and be deceived, since rhetoric, that powerful instrument of error and deceit, has its established professors, is publicly taught, and has always been had in great reputation: and I doubt not but it will be thought great boldness, if not brutality, in me to have said thus much against it. Eloquence, like the fair sex, has too prevailing beauties in it to suffer itself ever to be spoken against. And it is in vain to find fault with those arts of deceiving, wherein men find pleasure to be deceived.

Capítulo XI – dos remédios às imperfeições e aos abusos das palavras anteriores

III.xi.1 *Vale a pena buscar por remédios.* Merecem nossos mais sérios pensamentos as imperfeições naturais das línguas e as a elas acrescentadas que vimos acima detalhadamente. E também o discurso, que é o maior vínculo que mantém a sociedade

unida, e o seu condutor comum, por meio do qual aprimoramentos do conhecimento são transmitidos de um homem a outro, e de uma geração a outra. Isso para considerarmos quais remédios devem ser encontrados para as inconveniências supracitadas.

III.xi.1 *Remedies are worth seeking* The natural and improved imperfections of languages we have seen above at large: and speech being the great bond that holds society together, and the common conduit, whereby the improvements of knowledge are conveyed from one man and one generation to another, it would well deserve our most serious thoughts to consider, what remedies are to be found for the inconveniences above mentioned.

III.xi.2 *Não são fáceis de encontrar.* Não sou tão narcisista de achar que qualquer um pode fingir uma tentativa de reforma perfeita das línguas do mundo, tampouco de seu próprio país, sem fazer o papel de ridículo. Exigir que os homens usem suas palavras constantemente com o mesmo sentido e apenas para ideias determinadas e uniformes seria crer que todos os homens devessem possuir as mesmas noções e falar somente daquilo de que têm ideias claras e distintas – o que não é esperado por ninguém que não seja pedante o suficiente de achar que pode triunfar sobre homens por ser muito sábio ou muito taciturno. E deve ser muito pouco habilitado no mundo aquele que crê que uma língua loquaz deva acompanhar apenas um bom entendimento, ou que os homens falarem muito ou pouco deva ser proporcional apenas ao seu conhecimento.

III.xi.2 *Are not easy to find.* I am not so vain as to think that any one can pretend to attempt the perfect reforming the languages of the world, no not so much as of his own country, without rendering himself ridiculous. To require that men should use their words constantly in the same sense, and for none but determined and uniform ideas, would be to think that all men should have the same notions, and should talk of nothing but what they have clear and distinct ideas of: which is not to be expected by any one who hath not vanity enough to imagine he can prevail with men to be very knowing or very silent And he must be very little skilled in the world, who thinks that a voluble tongue shall accompany only a good understanding; or that men's talking much or little should hold proportion only to their knowledge.

III.xi.3 *Mas são ainda necessários àqueles que buscam a verdade.* Apesar de o mercado e o câmbio deverem ter suas próprias formas de diálogo, e não se furtar aos fofoqueiros de seu antigo privilégio, embora as Escolas e os sofistas talvez se ofendam ao lhes ser oferecido algo que minguem a duração de ou diminua em números suas discussões, creio que aqueles que fingem seriamente buscar ou manter a verdade deveriam ver a si mesmos obrigados a planejar como conseguiriam fazê-lo sem obscuridade, dúvida ou equívoco a que as palavras dos homens são naturalmente suscetíveis se não for tomado o devido cuidado.

III.xi.3 *But yet necessary to those who search after truth.* But though the market and exchange must be left to their own ways of talking, and gossipings not be robbed of their ancient privilege: though the schools, and men of argument would perhaps take it amiss to have anything offered, to abate the length or lessen the number of their disputes; yet methinks those who pretend seriously to search after or maintain truth, should think themselves obliged to study how they might deliver themselves without obscurity, doubtfulness, or equivocation, to which men's words are naturally liable, if care be not taken.

III.xi.4 *O abuso das palavras é a grande causa de erros.* Pois quem considerar bem os erros e a obscuridade, os erros e a confusão, que são disseminados no mundo por conta de um mal emprego das palavras terá razão em duvidar se a linguagem, tal como tem sido utilizada, contribuiu mais para o aprimoramento ou para o atraso do conhecimento entre a humanidade. Quantos haverá que, ao pensarem em coisas, fixariam seus pensamentos apenas nas palavras, especialmente ao dedicarem suas mentes a assuntos morais? E quem, então, pode supor se o resultado de tais contemplações e raciocínios sobre um pouco mais do que sons, enquanto as ideias que afixam a eles são muito confusas e muito instáveis, quando são algo; repito, quem pode supor que tais pensamentos e raciocínios acabam apenas em obscuridade e erro sem qualquer julgamento claro ou conhecimento?

III.xi.4 *Misuse of words the great cause of errors.* For he that shall well consider the errors and obscurity, the mistakes and confusion, that are spread in the world by an ill use of words, will find some reason to doubt whether language, as it has been employed, has contributed more to the improvement or hindrance of knowledge

amongst mankind. How many are there, that, when they would think on things, fix their thoughts only on words, especially when they would apply their minds to moral matters? And who then can wonder if the result of such contemplations and reasonings, about little more than sounds, whilst the ideas they annex to them are very confused and very unsteady, or perhaps none at all; who can wonder, I say, that such thoughts and reasonings end in nothing but obscurity and mistake, without any clear judgment or knowledge?

III.xi.5 *Tornou os homens mais convencidos e intransigentes.* Essa inconveniência no mau emprego das palavras, os homens sofrem em suas próprias meditações privadas, porém, muito mais manifestas são as desordens que decorrem disso nos diálogos, discursos e nas discussões com outros. Pois a linguagem é o grande condutor, por meio do qual os homens transmitem uns aos outros suas descobertas, seus raciocínios e conhecimentos, aquele, então, que faz um mau uso dela, apesar de não corromper as fontes do conhecimento, que estão nas coisas em si, promove, na dimensão de suas condições, uma interrupção ou um bloqueio dos canais por meio dos quais ela é distribuída ao uso público e progresso da humanidade. Quem emprega as palavras sem um significado claro e estável, o que mais faz senão induzir a si mesmo e aos outros ao erro? E quem faz isso deliberadamente deve ser encarado como um inimigo da verdade e do conhecimento. E ainda, quem pode supor que todas as ciências e partes do conhecimento tenham sido tão sobrecarregadas com termos obscuros e equivocados e expressões insignificantes e duvidosas – capazes fazer o mais atento ou perspicaz muito pouco, se não os anula, maior conhecedor ou ortodoxo. Afinal, a sutileza, naqueles que fazem de sua profissão ensinar ou defender a verdade, estabeleceu-se como uma virtude: uma virtude que, de fato, em grande parte consiste apenas no emprego falacioso e ilusório de termos obscuros e enganadores, só está disposta a tornar os homens mais convencidos de sua ignorância e mais intransigentes em seus erros.

III.xi.5 *Has made men more conceited and obstinate.* This inconvenience, in an ill use of words, men suffer in their own private meditations: but much more manifest are the disorders which follow from it, in conversation, discourse, and arguings with others. For language being the great conduit, whereby men convey their discoveries, reasonings, and knowledge, from one to another, he that makes an ill use of it, though he does not

corrupt the fountains of knowledge, which are in things themselves, yet he does, as much as in him lies, break or stop the pipes whereby it is distributed to the public use and advantage of mankind. He that uses words without any clear and steady meaning, what does he but lead himself and others into errors? And he that designedly does it, ought to be looked on as an enemy to truth and knowledge. And yet who can wonder that all the sciences and parts of knowledge have been so overcharged with obscure and equivocal terms, and insignificant and doubtful expressions, capable to make the most attentive or quick-sighted very little, or not at all, the more knowing or orthodox: since subtlety, in those who make profession to teach or defend truth, hath passed so much for a virtue: a virtue, indeed, which, consisting for the most part in nothing but the fallacious and illusory use of obscure or deceitful terms, is only fit to make men more conceited in their ignorance, and more obstinate in their errors.

III.xi.6 *Habitados a contendas acerca dos sons.* Consultemos os livros das mais variadas discussões, lá veremos que o efeito de termos obscuros, instáveis ou equivocados não passa de barulho e de contenda sobre sons, sem demonstrar ou aprimorar o entendimento do homem. Afinal, se não há acordo quanto à ideia, a qual as palavras representam, entre falante e ouvinte, a discussão não recai sobre as coisas, mas sobre os nomes. Por mais frequente que tal palavra cuja significação não é acordada entre eles seja empregada, seus entendimentos não possuem outro objeto com o qual concordam que apenas o som; as coisas sobre as quais pensam naquele momento, e expressas por aquela palavra, são um tanto quanto diferentes.

III.xi.6. *Addicted to wrangling about sounds.* Let us look into the books of controversy of any kind, there we shall see that the effect of obscure, unsteady, or equivocal terms is nothing but noise and wrangling about sounds, without convincing or bettering a man's understanding. For if the idea be not agreed on, betwixt the speaker and hearer, for which the words stand, the argument is not about things, but names. As often as such a word whose signification is not ascertained betwixt them, comes in use, their understandings have no other object wherein they agree, but barely the sound; the things that they think on at that time, as expressed by that word, being quite different.

III.xi.7 *Exemplo, morcego e pássaro.* Se um morcego é um pássaro não se questiona, se um morcego é qualquer outra coisa que não o que ele de fato é, ou possui outras qualidades que de fato possui seria um absurdo extremo duvidar. Entretanto, a questão é (i.) ou entre quem reconhece ter apenas uma ideia imperfeita de um ou ambos os

tipos de coisas os quais esses nomes deveriam representar. Nesse caso haveria uma verdadeira investigação acerca da natureza de um pássaro ou de um morcego de modo a tornar suas ideias ainda imperfeitas sobre esses mais completa, ao se examinar se todas as ideias simples, combinadas, às quais ambos dão o nome de pássaro também podem ser encontradas num morcego. Mas isso é uma questão apenas de investigadores (não debatedores) em que nenhum afirma ou nega, mas examina. Ou (ii.) é uma questão entre debatentes, em que um afirma e outro nega que um morcego é um pássaro. Nesse caso, a questão é meramente sobre a significação de uma das palavras ou ambas: a mesma ideia complexa para a qual atribuem esses dois nomes não é compartilhada por eles. Um sustenta e o outro contesta que esses dois nomes possam ser afirmados um pelo outro. Se eles concordassem na significação desses dois nomes, seria impossível que debatessem sobre ele, pois então veriam claramente (caso tivessem chegado a um acordo) se todas as ideias simples no nome mais geral “pássaro” poderiam ou não ser encontradas na ideia complexa de um morcego. Aí não haveria dúvida se um morcego seria ou não um pássaro. E aqui, gostaria que fosse considerado e examinado com esmero se a maior parte das discussões no mundo não giram apenas em torno das palavras e de suas significações e se, caso os termos os quais se tornam fossem definidos e reduzidos em sua significação (como deve ser quando significam algo) a coleções determinadas das ideias simples eles de fato representam - ou deveriam fazê-lo -, essas discussões cessariam por si e imediatamente desapareceriam. Deixo para ser levado em consideração qual o aprendizado de uma contenda e em que medida é bem aplicada para vantagem daqueles ou de outros cujo objetivo é apenas a frívola ostentação de sons, isso referido àqueles que gastam suas vidas em discussões e contendas. Quando eu vir um desses combatentes despir todos os seus termos de ambiguidade e obscuridade (o que deve ser feito por todos quando do uso das palavras), creio que verei considerá-lo um campeão do conhecimento, da verdade e da paz, não um escravo da glória fútil, da ambição ou de uma ideologia.

III.xi.7. Instance, bat and bird. Whether a bat be a bird or no, is not a question, Whether a bat be another thing than indeed it is, or have other qualities than indeed it has; for that would be extremely absurd to doubt of. But the question is, (1) Either between those

that acknowledged themselves to have but imperfect ideas of one or both of this sort of things, for which these names are supposed to stand. And then it is a real inquiry concerning the nature of a bird or a bat, to make their yet imperfect ideas of it more complete; by examining whether all the simple ideas to which, combined together, they both give the name bird, be all to be found in a bat: but this is a question only of inquirers (not disputers) who neither affirm nor deny, but examine: Or, (2) It is a question between disputants; whereof the one affirms, and the other denies that a bat is a bird. And then the question is barely about the signification of one or both these words; in that they not having both the same complex ideas to which they give these two names, one holds and the other denies, that these two names may be affirmed one of another. Were they agreed in the signification of these two names, it were impossible they should dispute about them. For they would presently and clearly see (were that adjusted between them), whether all the simple ideas of the more general name bird were found in the complex idea of a bat or no; and so there could be no doubt whether a bat were a bird or no. And here I desire it may be considered, and carefully examined, whether the greatest part of the disputes in the world are not merely verbal, and about the signification of words; and whether, if the terms they are made in were defined, and reduced in their signification (as they must be where they signify anything) to determined collections of the simple ideas they do or should stand for, those disputes would not end of themselves, and immediately vanish. I leave it then to be considered, what the learning of disputation is, and how well they are employed for the advantage of themselves or others, whose business is only the vain ostentation of sounds; i.e. those who spend their lives in disputes and controversies. When I shall see any of those combatants strip all his terms of ambiguity and obscurity, (which every one may do in the words he uses himself), I shall think him a champion for knowledge, truth, and peace, and not the slave of vain-glory, ambition, or a party.

III.xi.8 Remédios. Para remediar de alguma forma os defeitos do discurso acima mencionados, além de prevenir as inconveniências que seguem deles, suponho ser de serventia a observação destas regras até que alguém mais capacitado possa julgar seu valor para pensar sobre esse assunto com mais maturidade, e impor suas reflexões ao mundo.

Primeiro remédio: não fazer uso de uma palavra seja que uma ideia esteja a ela anexada.

Em primeiro lugar, um homem deve tomar o cuidado para não utilizar uma palavra sem uma significação, um nome sem uma ideia a qual ele o faz representar. De modo algum essa regra aparentará desnecessária a alguém que já sofreu ao reunir ocorrências de uso de palavras como “instinto”, “simpatia” e “antipatia” etc. no discurso de outros de modo que pudesse facilmente concluir que esses que as utilizaram não possuíam ideias em suas mentes às quais pudessem empregar, mas proferiram-nas

como meros sons; que substituíam o raciocínio em situações semelhantes. Não que essas palavras, e outras similares, tenham significações muito próprias com as quais devem ser empregadas, contudo, porque não há uma conexão natural entre quaisquer palavras e quaisquer ideias, essas e outras devem ser aprendidas por repetição e pronunciadas ou evocadas por homens que não tenha ideias em suas mentes às quais aquelas foram anexadas e as quais eles as fazem representar; isso seria necessário caso os homens desejassem falar com inteligibilidade até mesmo consigo mesmos.

III.xi.8. Remedies. To remedy the defects of speech before mentioned to some degree, and to prevent the inconveniences that follow from them, I imagine the observation of these following rules may be of use, till somebody better able shall judge it worth his while to think more maturely on this matter, and oblige the world with his thoughts on it.

First remedy: To use no word without an idea annexed to it. First, A man shall take care to use no word without a signification, no name without an idea for which he makes it stand. This rule will not seem altogether needless to any one who shall take the pains to recollect how often he has met with such words as instinct, sympathy, and antipathy, &c., in the discourse of others, so made use of as he might easily conclude that those that used them had no ideas in their minds to which they applied them, but spoke them only as sounds, which usually served instead of reasons on the like occasions. Not but that these words, and the like, have very proper significations in which they may be used; but there being no natural connexion between any words and any ideas, these, and any other, may be learned by rote, and pronounced or writ by men who have no ideas in their minds to which they have annexed them, and for which they make them stand; which is necessary they should, if men would speak intelligibly even to themselves alone.

III.xi.9 *Segundo remédio: possuir ideias distintas e determinada anexadas às palavras, especialmente quando dos modos mistos.*

Em segundo lugar, não basta que um homem utilize suas palavras como sinais de algumas ideias. Essas às quais ele anexa aquelas - caso sejam simples - devem ser claras e distintas; se forem complexas devem delimitadas, isto é, a coleção exata de ideias simples estabelecidas na mente, com aquele som a ela anexada, como sinal daquela coleção determinada específica e nenhuma outra. Essa ação é muito necessária em nomes de modos, ainda mais em palavras do âmbito da moral, pois não possuem objetos estabelecidos na natureza, dos quais as ideias são tomadas como

seus originais; o que lhes direciona a uma confusão maior. “Justiça” é uma palavra que se ouve na boca de todo homem, porém, com uma significação muito afrouxada e indeterminada. E será sempre assim, a não ser que algum homem tenha em sua mente uma compreensão distinta das partes componentes de que essa ideia complexa consiste e, ao decompô-la, deve conseguir reduzi-la até finalmente chegar às ideias simples que a constituem. Excetuando essa atitude, um homem emprega a palavra com deficiência, seja ela “justiça”, por exemplo, ou qualquer outra. Não estou dizendo que os homens devem constantemente retomar e fazer esse tipo de análise como um todo toda vez que palavra “justiça” apareça à sua frente, mas isso, pelo menos, é necessário - ou seja, que eles tenham assim examinado a significação desse nome e estabelecido ideias de todas as suas partes em sua mente - a fim de que possam fazê-lo sempre que lhes aprouver. Se alguém que torne sua ideia complexa de justiça certo tratamento da pessoa ou de bens de outrem tal como dita a lei não tiver uma ideia clara e distinta quanto ao que é “lei”, e que é parte de sua ideia complexa de “justiça”, é evidente que sua ideia de justiça será confusa e imperfeita. Essa exatidão poderá, talvez, ser julgada como muito problemática e, portanto, a maioria dos homens poderá crer que pode se eximir de estabelecer as ideias complexas dos modos mistos com tanta assertividade em suas mentes. Ainda assim preciso dizer que, até isso ser feito, não causará espanto tamanha obscuridade e confusão em suas mentes; e tamanha contenda em seus diálogos com outros.

III.xi.9 *Second remedy: To have distinct, determinate ideas annexed to words, especially in mixed modes.*

Secondly, It is not enough a man uses his words as signs of some ideas: those he annexes them to, if they be simple, must be clear and distinct; if complex, must be determinate, i.e. the precise collection of simple ideas settled in the mind, with that sound annexed to it, as the sign of that precise determined collection, and no other. This is very necessary in names of modes, and especially moral words; which, having no settled objects in nature, from whence their ideas are taken, as from their original, are apt to be very confused. Justice is a word in every man's mouth, but most commonly with a very undertermined, loose signification; which will always be so, unless a man has in his mind a distinct comprehension of the component parts that complex idea consists of: and if it be compounded, must be able to resolve it still on, till he at last comes to the simple ideas that make it up: and unless this be done, a man makes an ill use of the word, let it be justice, for example, or any other. I do not say, a man needs stand to recollect, and make this analysis at large, every time the word justice comes in his way:

but this at least is necessary, that he have so examined the signification of that name, and settled the idea of all its parts in his mind, that he can do it when he pleases. If any one who makes his complex idea of justice to be, such a treatment of the person or goods of another as is according to law, hath not a clear and distinct idea what law is, which makes a part of his complex idea of justice, it is plain his idea of justice itself will be confused and imperfect. This exactness will, perhaps, be judged very troublesome; and therefore most men will think they may be excused from settling the complex ideas of mixed modes so precisely in their minds. But yet I must say, till this be done, it must not be wondered, that they have a great deal of obscurity and confusion in their own minds, and a great deal of wrangling in their discourse with others.

III.xi.10 *E ideias distintas e adequadas em palavras que representam substâncias.*

Quanto aos nomes de substâncias, para seu emprego correto, algo a mais faz-se necessário do que apenas ideias determinadas. Nas substâncias, os nomes também devem se conformar às coisas tal como existem; sobre isso, contudo, terei oportunidade de discorrer mais amplamente ao longo do texto. Essa exatidão é absolutamente necessária em investigações que buscam o conhecimento filosófico, e em discussões sobre a verdade. E por que não também ser estendida à conversação cotidiana e afazeres comuns da vida, apesar de achar que isso raramente ocorrerá. Noções vulgares são adequadas a discursos vulgares; e ambos, embora suficientemente confusos, são bastante adequados ao comércio e ao funeral. Comerciantes e amantes, cozinheiros e alfaiates possuem palavras específicas como ferramentas para lidar com seus afazeres cotidianos; e dessa forma acredito que filósofos e debatedores também o teriam, se tivessem uma mente para entender e para serem claramente entendidos.

III.xi.10 *And distinct and conformable ideas in words that stand for substances.* In the names of substances, for a right use of them, something more is required than barely determined ideas. In these the names must also be conformable to things as they exist; but of this I shall have occasion to speak more at large by and by. This exactness is absolutely necessary in inquiries after philosophical knowledge, and in controversies about truth. And though it would be well, too, if it extended itself to common conversation and the ordinary affairs of life; yet I think that is scarce to be expected. Vulgar notions suit vulgar discourses: and both, though confused enough, yet serve pretty well the market and the wake. Merchants and lovers, cooks and tailors, have words wherewithal to dispatch their ordinary affairs: and so, I think, might philosophers and disputants too, if they had a mind to understand, and to be clearly understood.

III.xi.11 *Terceiro remédio: empregar as palavras àquelas ideias às quais o uso comum as anexou.*

Em terceiro lugar, não basta que os homens tenham ideias, ideias determinadas, as quais eles fazem esses sinais representarem, eles devem cuidar também para que suas palavras sejam empregadas o mais próximo possível das ideias que o senso comum anexou a elas. O fato é que as palavras, em especial as das línguas já estruturadas, não pertencem a ninguém em sua privacidade, mas à medida comum do comércio e da comunicação, de modo que não cabe a ninguém alterar ao seu bel-prazer a roupagem que lhes veste tampouco alterar a ideias a elas anexadas. A não ser que haja uma necessidade, aí é caso de a alteração ser manifestada. As intenções dos homens, ao falarem, são - ou deveriam ser - a de serem entendidos, o que não acontecerá sem explicações constantes e outras interrupções irrisórias, quando os homens são seguem o uso comum. É propriedade do discurso permitir a entrada de nossos pensamentos na mente de outros homens com a maior facilidade e rapidez; e portanto merecem parte de nossas atenções e nosso estudo, especialmente em se tratando de palavras do âmbito da moral. O melhor método de aprender o significado próprio e a utilização dos termos é daqueles que parecem ter apresentado as noções do modo mais claro e empregado-as aos seus termos depois da avaliação mais exata e pertinente. Essa maneira de usar as palavras de um homem, de acordo com a propriedade da linguagem, apesar de nem sempre garantir a boa sorte de ser entendido, transfere com mais frequência a culpa disso àquele menos habilidoso na língua que fala, ao não entendê-la quando faz uso dela tal como se deveria.

III.xi.11 *Third remedy: To apply words to such ideas as common use has annexed them to. Thirdly, it is not enough that men have ideas, determined ideas, for which they make these signs stand; but they must also take care to apply their words as near as may be to such ideas as common use has annexed them to. For words, especially of languages already framed, being no man's private possession, but the common measure of commerce and communication, it is not for any one at pleasure to change the stamp they are current in, nor alter the ideas they are affixed to; or at least, when there is a necessity to do so, he is bound to give notice of it. Men's intentions in speaking are, or at least should be, to be understood; which cannot be without frequent explanations, demands, and other the like incommodious interruptions, where men do not follow common use. Propriety of speech is that which gives our thoughts entrance into other men's minds with the greatest ease and advantage: and therefore deserves some part*

of our care and study, especially in the names of moral words. The proper signification and use of terms is best to be learned from those who in their writings and discourses appear to have had the clearest notions, and applied to them their terms with the exactest choice and fitness. This way of using a man's words, according to the propriety of the language, though it have not always the good fortune to be understood; yet most commonly leaves the blame of it on him who is so unskilful in the language he speaks, as not to understand it when made use of as it ought to be.

III.xi.12 *Quarto remédio: declarar o significado com que as utilizamos.*

Em quarto lugar, mas, porque o uso comum não anexou nenhuma significação tão visível às palavras de modo a permitir aos homens ser sabido o que elas representam precisamente e porque os homens, ao aprimorarem seu conhecimento, acabam por terem ideias diferentes daquelas vulgar e comumente recebidas, para as quais precisam ou criar novas palavras (o que raramente os homens se aventuram a fazer por medo de serem julgados culpados de afetação ou vanguardismo) ou empregar antigas em nova significação, depois da observação dessas regras, é por vezes necessário, a fim de ser assertivo na significação das palavras, declarar seu significado, seja no ponto em que o uso comum deixou incerto e vago (o que ocorre com a maioria dos nomes de ideias muito complexas), seja no ponto em que o termo é suscetível a qualquer tipo de dúvida ou engano, pelo fato de ser bastante concreto no discurso para o qual se curva em grande medida.

III.xi.12 *Fourth remedy: To declare the meaning in which we use them.*

Fourthly, But, because common use has not so visibly annexed any signification to words, as to make men know always certainly what they precisely stand for: and because men in the improvement of their knowledge, come to have ideas different from the vulgar and ordinary received ones, for which they must either make new words, (which men seldom venture to do, for fear of being though guilty of affectation or novelty), or else must use old ones in a new signification: therefore, after the observation of the foregoing rules, it is sometimes necessary, for the ascertaining the signification of words, to declare their meaning; where either common use has left it uncertain and loose, (as it has in most names of very complex ideas); or where the term, being very material in the discourse, and that upon which it chiefly turns, is liable to any doubtfulness or mistake.

III.xi.13 *E isso de três maneiras.* Pelo fato de as palavras dos homens representarem ideias dos mais variados tipos, a forma de dar a conhecer as ideias que elas

representam, quando possível, é também diferente. Apesar de a definição ser considerada a maneira mais adequada de se conhecer a significação própria às palavras, há ainda palavras que não serão definidas, tanto quanto há outras cujo significado preciso não são conhecidos por meio da definição; e talvez haja um terceiro grupo de palavras que fazem parte dos dois anteriores, como veremos nos nomes das ideias simples, modos e substâncias.

III.xi.13 *And that in three ways.* As the ideas men's words stand for are of different sorts, so the way of making known the ideas they stand for, when there is occasion, is also different. For though defining be thought the proper way to make known the proper signification of words; yet there are some words that will not be defined, as there are others whose precise meaning cannot be made known but by definition: and perhaps a third, which partake somewhat of both the other, as we shall see in the names of simple ideas, modes, and substances.

III.xi.14 *I. Nas ideias simples, tanto por meio de termos sinônimos quanto pela apresentação de exemplos.* Em primeiro lugar, quando um homem emprega o nome de qualquer ideia simples que ele nota não ser compreendido, ou corre o risco de cometer um equívoco, ele é obrigado, pelas leis da ingenuidade ao final do discurso, a declarar o que pretende significar e tornar conhecida qual ideia pretende representar. Isso, como foi demonstrado, não pode ser feito por definição; e, portanto, quando uma palavra sinônima não serve a esse propósito, há ainda outros meios de consegui-lo. Primeiro, às vezes, nomear um objeto no qual é possível encontrar essa ideia pode fazer com que seu nome seja entendido por aqueles familiarizados com esse objeto e conhecem-no por esse nome. Portanto, para fazer com que um camponês entenda o que cor de folha morta [*feuille morte*] significa, talvez basta dizer-lhe que é a cor das folhas secas que caem no outono. Em segundo lugar, a única maneira segura, porém, de tornar conhecida a significação do nome que qualquer ideia simples é apresentar-lhe aquele objeto que pode gerá-la em sua mente e, de fato, fazer com que ele tenha a ideia a qual a palavra representa.

III.xi.14 *I. In simple ideas, either by synonymous terms, or by showing examples.* First, when a man makes use of the name of any simple idea, which he perceives is not

understood, or is in danger to be mistaken, he is obliged, by the laws of ingenuity and the end of speech, to declare his meaning, and make known what idea he makes it stand for. This, as has been shown, cannot be done by definition: and therefore, when a synonymous word fails to do it, there is but one of these ways left. First, Sometimes the naming the subject wherein that simple idea is to be found, will make its name to be understood by those who are acquainted with that subject, and know it by that name. So to make a countryman understand what *feuillemorte* colour signifies, it may suffice to tell him, it is the colour of withered leaves falling in autumn. Secondly, but the only sure way of making known the signification of the name of any simple idea, is by presenting to his senses that subject which may produce it in his mind, and make him actually have the idea that word stands for.

III.xi.15 II. *Nos modos mistos, por definição.* Em segundo lugar, os modos mistos, em especial aqueles que pertencem à moralidade, são, em sua maioria, certas combinações de ideias reunidas por uma escolha da própria mente e para os quais nem sempre há padrões constantes existentes, a significação de seus nomes não se pode conhecer, como aqueles das ideias simples, por qualquer tipo de demonstração: em contrapartida, podem ser definidos com perfeição e exatidão. Eles são combinações de várias ideias que a mente humana compilou, sem referência a qualquer arquétipo. Por isso os homens podem, se lhes for do agrado, saber exatamente quais ideias constituem cada composição e utilizar essas palavras numa significação determinada e indubitável; além de terem condições de asseverar, se for o caso, o que elas representam. Isso, se bem ponderado, faria grande parte da culpa recair naqueles cujos discursos sobre coisas morais não são muito claros e distintos. Já que a significação precisa dos nomes dos modos mistos ou - o que é o mesmo - a essência real de cada *species* deve ser conhecida, pelo fato de não serem naturais, mas uma criação humana, é uma grande negligência e perversão discursar sobre coisas morais com incerteza e obscuridade. Em se tratando de substância naturais já é mais perdoável, pois é mais difícil evitar termos duvidosos, mas por um motivo algo contrário, como veremos ao longo do texto.

III.xi.15 II. *In mixed modes, by definition.* Secondly, Mixed modes, especially those belonging to morality, being most of them such combinations of ideas as the mind puts together of its own choice, and whereof there are not always standing patterns to be found existing, the signification of their names cannot be made known, as those of

simple ideas, by any showing: but, in recompense thereof, may be perfectly and exactly defined. For they being combinations of several ideas that the mind of man has arbitrarily put together, without reference to any archetypes, men may, if they please, exactly know the ideas that go to each composition, and so both use these words in a certain and undoubted signification, and perfectly declare, when there is occasion, what they stand for. This, if well considered, would lay great blame on those who make not their discourses about moral things very clear and distinct. For since the precise signification of the names of mixed modes, or, which is all one, the real essence of each species is to be known, they being not of nature's, but man's making, it is a great negligence and perverseness to discourse of moral things with uncertainty and obscurity; which is more pardonable in treating of natural substances, where doubtful terms are hardly to be avoided, for a quite contrary reason, as we shall see by and by.

III.xi.16 *Moralidade capaz de demonstração.* Sobre esse aspecto ousou pensar que a moralidade pode ser demonstrada, assim como a matemática, pelo fato de a essência real precisa dessas coisas que as palavras do âmbito da moral representam poder ser totalmente descoberta; nisso consiste o conhecimento perfeito. Não me venha ninguém contestar que os nomes de substâncias são usados com frequência em moralidade tanto quanto os de modos, disso surgirá obscuridade. Pois, no que concerne às substâncias envolvidas em discursos morais, sua natureza diversa não é tão investigada quanto deveria ser. Por exemplo, quando dizemos que o homem é sujeito à lei, não significamos, com “homem”, nada além de uma criatura corpórea racional; a essência real, ou outras qualidades, dessa criatura não é, nesse caso, de modo algum considerada. E, portanto, questões como se uma criança, ou uma criança trocada, é ou não um homem, num sentido físico são tão discutíveis entre os naturalistas quanto possível, mas não tangem o homem moral, como vou denominá-lo, essa ideia imóvel, imutável, um ser corpóreo racional. E é fato que se houvesse um burro ou outra criatura que fizesse o uso da razão num grau tão elevado a ponto de ser capaz de entender sinais gerais e de deduzir consequências a respeito de ideias gerais, ele, sem dúvida alguma, seria sujeito à lei, e nesse sentido ser um homem, não importa que diferisse dos outros sob esse mesmo nome quanto à forma. Os nomes de substâncias, sem empregados como deveriam não importunam a moral mais do que em discursos matemáticos. Se um matemático fala de um cubo ou de um globo de ouro, ou de qualquer outro corpo, ele tem sua ideia clara e estabelecida que não varia, mas que pode ser empregada por engano em um corpo ao qual não pertence.

III.xi.16 *Morality capable of demonstration.* Upon this ground it is that I am bold to think that morality is capable of demonstration, as well as mathematics: since the precise real essence of the things moral words stand for may be perfectly known, and so the congruity and incongruity of the things themselves be certainly discovered; in which consists perfect knowledge. Nor let any one object, that the names of substances are often to be made use of in morality, as well as those of modes, from which will arise obscurity. For, as to substances, when concerned in moral discourses, their divers natures are not so much inquired into as supposed: v.g. when we say that man is subject to law, we mean nothing by man but a corporeal rational creature: what the real essence or other qualities of that creature are in this case is no way considered. And, therefore, whether a child or changeling be a man, in a physical sense, may amongst the naturalists be as disputable as it will, it concerns not at all the moral man, as I may call him, which is this immovable, unchangeable idea, a corporeal rational being. For, were there a monkey, or any other creature, to be found that had the use of reason to such a degree, as to be able to understand general signs, and to deduce consequences about general ideas, he would no doubt be subject to law, and in that sense be a man, how much soever he differed in shape from others of that name. The names of substances, if they be used in them as they should, can no more disturb moral than they do mathematical discourses; where, if the mathematician speaks of a cube or globe of gold, or of any other body, he has his clear, settled idea, which varies not, though it may by mistake be applied to a particular body to which it belongs not.

III.xi.17 *As definições podem tornar claros os discursos morais.* Isso, aliás, já mencionei aqui a fim de demonstrar as consequências que há para os homens, em seu uso dos modos mistos, e conseqüentemente em seus discursos morais como um todo, ao se definir suas palavras quando for oportuno, já que por meio disso um conhecimento moral pode ser trazido à maior clareza e certeza. E só pode ser uma grande falta de engenhosidade (para não dizer pior) recusar fazê-lo dado que uma definição é o único meio pelo qual o significado das palavras do âmbito da moral se pode sabido com certeza, sem que reste qualquer brecha para qualquer tipo de contestação. E, portanto, a negligência e a perversão da humanidade não podem ser perdoadas se o discursos sobre moralidade não são mais claros do que aqueles em filosofia natural: eles são, afinal, sobre ideias na mente, as quais não são falsas ou desproporcionais - não há seres externos para os arquétipos aos quais são referidos e com os quais devem corresponder. É muito mais fácil para os homens estruturarem uma ideia em suas mentes as quais devem ser o padrão daquilo a que darão o nome “justiça”. Com esse

padrão assim desenvolvido, todas as ações que com ele concordam devem ocorrer na forma dessa denominação. É diferente de, ao se ter visto Aristides, delimitar uma ideia que deve, em todas as coisas, ser exatamente igual a ele, que seja como ele é e permitir que os homens criem a ideia que quiserem dele. Porque, primeiro, eles devem conhecer a combinação de ideias que foram compiladas em suas mentes, além disso, devem investigar em toda a natureza, e constituição abstrusa oculta, e as qualidades mais variadas de algo que exista no exterior.

III.xi.17 *Definitions can make moral discourses clear.* This I have here mentioned, by the by, to show of what consequence it is for men, in their names of mixed modes, and consequently in all their moral discourses, to define their words when there is occasion: since thereby moral knowledge may be brought to so great clearness and certainty. And it must be great want of ingenuousness (to say no worse of it) to refuse to do it: since a definition is the only way whereby the precise meaning of moral words can be known; and yet a way whereby their meaning may be known certainly, and without leaving any room for any contest about it. And therefore the negligence or perverseness of mankind cannot be excused, if their discourses in morality be not much more clear than those in natural philosophy: since they are about ideas in the mind, which are none of them false or disproportionate; they having no external beings for the archetypes which they are referred to and must correspond with. It is far easier for men to frame in their minds an idea, which shall be the standard to which they will give the name justice; with which pattern so made, all actions that agree shall pass under that denomination, than, having seen Aristides, to frame an idea that shall in all things be exactly like him; who is as he is, let men make what idea they please of him. For the one, they need but know the combination of ideas that are put together in their own minds; for the other, they must inquire into the whole nature, and abstruse hidden constitution, and various qualities of a thing existing without them.

III.xi.18 *E é a única maneira em que é possível conhecer o significado dos modos mistos.* Outra razão que torna a definição dos modos mistos tão necessária, especialmente em palavras do âmbito da moral é o que eu mencionei há pouco, que é o único meio pelo qual se pode conhecer com certeza o significado da maioria deles. Pois é a mente por si só que coleta as ideias e lhes dá a união de uma ideia, assim, aquelas que eles representam são, em grande parte, ideias cujas partes componentes não existem juntas em nenhum outro lugar, mas pulverizadas e misturadas com outras. E é apenas por meio das palavras, ao enumerarmos as várias ideias simples que a mente uniu, que podemos dar a conhecer ao outros o que seus nomes representam. A

assistência dos sentidos, ao apresentar-nos os objetos sensíveis, não nos ajudará a mostrar as ideias que os nossos nomes desse grupo representam, como o fazem no caso dos nomes de ideias simples sensíveis, e também, em algum grau, naqueles de substâncias.

III.xi.18 *And is the only way in which the meaning of mixed modes can be made known.* Another reason that makes the defining of mixed modes so necessary, especially of moral words, is what I mentioned a little before, viz. that it is the only way whereby the signification of the most of them can be known with certainty. For the ideas they stand for, being for the most part such whose component parts nowhere exist together, but scattered and mingled with others, it is the mind alone that collects them, and gives them the union of one idea: and it is only by words enumerating the several simple ideas which the mind has united, that we can make known to others what their names stand for; the assistance of the senses in this case not helping us, by the proposal of sensible objects, to show the ideas which our names of this kind stand for, as it does often in the names of sensible simple ideas, and also to some degree in those of substances.

III.xi.19 *III. Em substâncias, tanto por demonstração quanto por definição.* Em terceiro lugar, para explicar a significação dos nomes das substâncias - que representam as ideias que temos de suas *species* distintas - ambas as maneiras acima mencionadas, a saber, demonstração e definição, são um requisito que devem ser empregados em muitos casos. Em cada grupo há, comumente, algumas qualidades predominantes às quais pressupomos estarem anexadas as outras ideias que constituem nossa ideia complexa dessa *species*. Por conseguinte, atribuímos um nome específico àquela coisa na qual é possível encontrar essa marca característica que tomamos como a ideia mais distintiva da *species*. Essas ideias predominantes ou características (como as denominarei) nos grupos de animais e vegetais são, em sua maioria, a figura (como já destacado no cpt. vi; par. 29 e no cpt. ix; par.15); e, em corpos inanimados, a cor, e em outros, os dois juntos. Agora,

III.xi.19 *III. In substances, both by showing and by defining.* Thirdly, for the explaining the signification of the names of substances, as they stand for the ideas we have of their distinct species, both the forementioned ways, viz. of showing and defining, are requisite, in many cases, to be made use of. For, there being ordinarily in each sort

some leading qualities, to which we suppose the other ideas which make up our complex idea of that species annexed, we forwardly give the specific name to that thing wherein that characteristical mark is found, which we take to be the most distinguishing idea of that species. These leading or characteristical (as I may call them) ideas, in the sorts of animals and vegetables, are (as has been before remarked, ch. vi. SS 29, and ch. ix. SS 15) mostly figure; and in inanimate bodies, colour; and in some, both together. Now,

III.xi.20 *As ideias das qualidades predominantes das substâncias são mais bem obtidas por demonstração.* Essas qualidades predominantes sensíveis são aquelas que compõem os principais ingredientes das nossas ideias específicas, e consequentemente as partes mais observáveis e invariáveis nas definições dos nossos nomes específicos, bem como atribuídos aos grupos das substâncias que chegam ao nosso conhecimento. Apesar de o som “homem”, por sua própria natureza, poder significar uma ideia complexa feita de animalidade e racionalidade unidas no mesmo objeto, pode também significar qualquer outra combinação. Contudo, utilizada como uma marca para representar um grupo de criaturas que contamos como pertencente ao nosso tipo, talvez a forma exterior seja tão necessária ser considerada na nossa ideia complexa, significada pela palavra “homem”, quanto qualquer outra característica que nela encontramos. Por isso, não será fácil demonstrar por que o *animal implume bipes latis unguibus* de Platão não seria uma boa definição para o nome “homem”, para representar esse grupo de criaturas. Isso ocorre pelo fato de ser a forma, servindo de qualidade predominante, que parece determinar mais essa *species* do que a faculdade de racionalizar, que não é aparente, ou, em alguns casos, nunca aparece. E se não puder ser assim, não sei como poderiam ser perdoados de assassinato quem elimina nascimentos monstruosos (tal como denominamos) por causa de uma forma incomum, sem saber se esses têm uma alma racional ou não - o que não é de fácil distinção entre crianças bem formadas fisicamente e daquelas com alguma deformação, logo que nascem. E quem é que nos participou que uma alma racional não pode habitar morada alguma a não ser que possua um tipo específico de frontispício; ou pode acoplar-se a ela e não formar nenhum tipo de corpo, mas apenas aquele que é apenas uma estrutura externa?

III.xi.20 *Ideas of the leading qualities of substances are best got by showing.* These leading sensible qualities are those which make the chief ingredients of our specific ideas, and consequently the most observable and invariable part in the definitions of our specific names, as attributed to sorts of substances coming under our knowledge. For though the sound man, in its own nature, be as apt to signify a complex idea made up of animality and rationality, united in the same subject, as to signify any other combination; yet, used as a mark to stand for a sort of creatures we count of our own kind, perhaps the outward shape is as necessary to be taken into our complex idea, signified by the word man, as any other we find in it: and therefore, why Plato's animal implume bipes latis unguibus should not be a good definition of the name man, standing for that sort of creatures, will not be easy to show: for it is the shape, as the leading quality, that seems more to determine that species, than a faculty of reasoning, which appears not at first, and in some never. And if this be not allowed to be so, I do not know how they can be excused from murder who kill monstrous births, (as we call them), because of an unordinary shape, without knowing whether they have a rational soul or no; which can be no more discerned in a well-formed than ill-shaped infant, as soon as born. And who is it has informed us that a rational soul can inhabit no tenement, unless it has just such a sort of frontispiece; or can join itself to, and inform no sort of body, but one that is just of such an outward structure?

III.xi.21 *E dificilmente pode se conhecido de outra maneira.* Veja que essas qualidades predominantes são mais bem conhecidas por demonstração e dificilmente podem ser conhecidas de outra maneira. Pois o formato de um cavalo ou um casuar será apenas rude e imperfeitamente impressas na mente por meio de palavras; a visão desses animais será mil vezes mais eficiente. E a ideia da cor particular do ouro não será obtida por nenhuma descrição, apenas pelo frequente exercício da visão, como fica evidente entre aqueles que estão acostumados a esse metal e saberão, com frequência, distinguir o verdadeiro do falso, puro do adulterado, com o bater dos olhos, enquanto outros (que têm bons olhos, mas não desenvolveram a habilidade do uso de perceber a ideia sutil precisa daquele amarelo peculiar) não notarão qualquer diferença. O mesmo pode ser dito daquelas outras ideias simples, peculiares em seus tipos de qualquer substância, para as quais as ideias precisas não há nomes peculiares. O som soante particular que há no ouro, distinto do som de outros corpos, não contém um nome particular a ele anexado que seja mais particular que o amarelo específico que pertence a esse metal.

III.xi.21 *And can hardly be made known otherwise.* Now these leading qualities are best made known by showing, and can hardly be made known otherwise. For the shape of a horse or cassowary will be but rudely and imperfectly imprinted on the mind by words; the sight of the animals doth it a thousand times better. And the idea of the particular colour of gold is not to be got by any description of it, but only by the frequent exercise of the eyes about it; as is evident in those who are used to this metal, who will frequently distinguish true from counterfeit, pure from adulterate, by the sight, where others (who have as good eyes, but yet by use have not got the precise nice idea of that peculiar yellow) shall not perceive any difference. The like may be said of those other simple ideas, peculiar in their kind to any substance; for which precise ideas there are no peculiar names. The particular ringing sound there is in gold, distinct from the sound of other bodies, has no particular name annexed to it, no more than the particular yellow that belongs to that metal.

III.xi.22 *Conhece-se melhor as ideias dos poderes de substâncias por definição.* Mas, porque muitas ideias simples que formam as nossas ideias específicas de substâncias são poderes que não são óbvios aos nossos sentidos nas coisas como costumam aparecer; logo, na significação dos nossos nomes de substâncias, parte da significação será mais bem conhecida pela enumeração dessas ideias simples do que pela apresentação da própria substância. Aquele que tem, pela minha enumeração, as ideias de grande ductibilidade, fusibilidade, fixação e solubilidade em água régia, somada à coloração brilhante do ouro, obtida pela visão, conseguirá ter uma ideia mais perfeita de ouro do que teria ao olhar para uma barra de ouro e, a partir dela, gravar em sua mente apenas as qualidades aparentes. Porém, se a constituição formal dessa coisa brilhante, pesada, dútil (de onde emanam todas essas propriedades) estão disponíveis aos nossos sentidos, como a constituição formal do triângulo, a significação da palavra “ouro” poderia ser tão facilmente acertada quanto a de “triângulo”.

III.xi.22 *The Ideas of the powers of substances are best known by definition.* But because many of the simple ideas that make up our specific ideas of substances are powers which lie not obvious to our senses in the things as they ordinarily appear; therefore, in the signification of our names of substances, some part of the signification will be better made known by enumerating those simple ideas, than by showing the substance itself. For, he that to the yellow shining colour of gold, got by sight, shall, from my enumerating them, have the ideas of great ductility, fusibility, fixedness, and solubility in aqua regia, will have a perfecter idea of gold than he can have by seeing a piece of gold, and thereby imprinting in his mind only its obvious qualities. But if the formal constitution of this shining, heavy, ductile thing, (from whence all these its

properties flow), lay open to our senses, as the formal constitution or essence of a triangle does, the signification of the word gold might as easily be ascertained as that of triangle.

III.xi.23 *Uma consideração sobre o conhecimento de coisas corpóreas dotadas de espíritos separados dos corpos.* Por essa razão, devemos levar em conta quanto todo o nosso conhecimento de coisas corpóreas está fundamentado nos nossos sentidos. É impressionante como não temos noção, a mínima ideia, dos espíritos separados dos corpos (cujo conhecimento e ideias dessas coisas são, com certeza, mais perfeitos que os nossos). Toda a extensão do nosso conhecimento ou imaginação não vai além das nossas ideias limitadas às nossas formas de percepção. Apesar de ainda não se poder duvidar de que os espíritos de uma grau mais elevado que aqueles imersos na carne possam ter ideias da constituição radical das substâncias tão clara quanto a que temos de um triângulo, e assim perceber como todas as suas propriedades e operações emanam daí, a maneira como chegam a esse conhecimento, entretanto, excede nossas concepções.

III.xi.23 *A reflection on the knowledge of corporeal things possessed by spirits separate from bodies.* Hence we may take notice, how much the foundation of all our knowledge of corporeal things lies in our senses. For how spirits, separate from bodies, (whose knowledge and ideas of these things are certainly much more perfect than ours), know them, we have no notion, no idea at all. The whole extent of our knowledge or imagination reaches not beyond our own ideas limited to our ways of perception. Though yet it be not to be doubted that spirits of a higher rank than those immersed in flesh may have as clear ideas of the radical constitution of substances as we have of a triangle, and so perceive how all their properties and operations flow from thence: but the manner how they come by that knowledge exceeds our conceptions.

III.xi.24 *IV Ideias de substâncias devem se conformar às coisas.* Em quarto lugar, apesar de as definições servirem para explicar os nomes de substâncias enquanto representam nossas ideias, não as deixam com uma enorme imperfeição quando representam coisas. Nossos nomes de substâncias são dispostos não apenas para nossas ideias, mas também para representar coisas e, dessa forma, são empregados em seu lugar; sua significação, por fim, deve concordar com a verdade das coisas tanto

quanto com as ideias dos homens. E, portanto, nas substâncias, nem sempre devemos nos acomodar com a ideia complexa ordinária recebida geralmente como a significação daquela palavra, mas ir um pouco além e investigar a natureza e as propriedades das próprias coisas e, dessa forma, aperfeiçoar ao máximo possível nossas ideias sobre suas *species* distintas; ou então aprendê-las tal como são utilizadas para esse tipo de coisas, e são experienciadas nelas. Já que se pretende que seus nomes deveriam representar essas coleções de ideias simples como elas de fato existem nas próprias coisas - e também a ideia complexa na mente de outros homens, a qual, em sua acepção cotidiana, representam - e definir, assim, seus nomes corretamente, é preciso investigar na história natural que suas propriedades serão descobertas, com cuidado e um estudo detalhado. Vale ressaltar que não basta, a fim de evitar inconveniências no discursos e nas discussões sobre corpos naturais e coisas essenciais, ter aprendido por meio da propriedade da linguagem, a ideia comum, embora confusa e muito imperfeita, em que cada palavra é empregada e mantê-las àquela ideia em nosso uso. Devemos, sim, ao familiarizarmo-nos com a história desse grupo de coisas retificar nossas ideias complexas e estabelecê-las como pertencentes cada uma a um nome específico. No discurso com os outros (se acharmos que nos confunde) devemos dizer qual ideia complexa fazemos ser representada por aquele nome. Isso é muito mais necessário ser feito por todos aqueles que buscam o conhecimento e a verdade filosófica enquanto que as crianças, ao lhes serem ensinadas as palavras enquanto têm ainda uma noção imperfeita das coisas, empregam-nas ao acaso e sem muita reflexão; raramente estruturam ideias específicas para serem significadas por elas. Há uma disposição em continuar tal hábito (fácil e que serve de modo suficientemente satisfatório para os afazeres cotidianos da vida e da conversação) quando se tornam homens; e assim se inicia o aprendizado do lado errado: primeiro e com perfeição as palavras, posteriormente, as noções em que empregam essas palavras, por outro lado, muito superficialmente. Dessa forma, ocorre que os homens falam a língua de seu país, i. é, de acordo com as regras gramaticais dessa língua, mas o fazem de modo muito inadequado sobre as próprias coisas. E, ao discutirem com alguém, realizam um progresso muito discreto nas descobertas de verdades úteis, e no conhecimento das coisas, que deve ser encontrado nelas mesmas, não nas nossas imaginações; deste

modo acaba não sendo relevante para o aprimoramento do nosso conhecimento que nomes são dados às coisas.

III.xi.24 *IV Ideas of substances must be conformable to things.* Fourthly, But, though definitions will serve to explain the names of substances as they stand for our ideas, yet they leave them not without great imperfection as they stand for things. For our names of substances being not put barely for our ideas, but being made use of ultimately to represent things, and so are put in their place, their signification must agree with the truth of things as well as with men's ideas. And therefore, in substances, we are not always to rest in the ordinary complex idea commonly received as the signification of that word, but must go a little further, and inquire into the nature and properties of the things themselves, and thereby perfect, as much as we can, our ideas of their distinct species; or else learn them from such as are used to that sort of things, and are experienced in them. For, since it is intended their names should stand for such collections of simple ideas as do really exist in things themselves, as well as for the complex idea in other men's minds, which in their ordinary acceptation they stand for, therefore, to define their names right, natural history is to be inquired into, and their properties are, with care and examination, to be found out. For it is not enough, for the avoiding inconveniences in discourse and arguings about natural bodies and substantial things, to have learned, from the propriety of the language, the common, but confused, or very imperfect, idea to which each word is applied, and to keep them to that idea in our use of them; but we must, by acquainting ourselves with the history of that sort of things, rectify and settle our complex idea belonging to each specific name; and in discourse with others, (if we find them mistake us), we ought to tell what the complex idea is that we make such a name stand for. This is the more necessary to be done by all those who search after knowledge and philosophical verity, in that children, being taught words, whilst they have but imperfect notions of things, apply them at random, and without much thinking, and seldom frame determined ideas to be signified by them. Which custom (it being easy, and serving well enough for the ordinary affairs of life and conversation) they are apt to continue when they are men: and so begin at the wrong end, learning words first and perfectly, but make the notions to which they apply those words afterwards very overtly. By this means it comes to pass, that men speaking the language of their country, i.e. according to grammar rules of that language, do yet speak very improperly of things themselves; and, by their arguing one with another, make but small progress in the discoveries of useful truths, and the knowledge of things, as they are to be found in themselves, and not in our imaginations; and it matters not much for the improvement of our knowledge how they are called.

III.xi.25 *Não é fácil fazê-lo.* Seria, portanto, desejável, que os homens versados em investigações físicas, e familiarizados com os diferentes grupos de corpos naturais, estabelecessem essas ideias simples com aquilo que observam os indivíduos de cada grupo concordar constantemente. Esse ato remediaria uma parcela considerável dessa

confusão que provém do emprego feito por várias pessoas do mesmo nome a uma coleção de um menor ou maior número de qualidades sensíveis à proporção que estão mais ou menos familiarizados com, ou tenham examinado com mais ou menos primor, as qualidades de qualquer grupo de coisas que ocorrem sob uma denominação. Contudo, um dicionário desse tipo, contendo, por assim dizer, uma história natural, requer um trabalho de muitas mãos e um tempo muito extenso, sem falar em custos, esforços e uma sagacidade sempre a ser desejada. Até que isso se realize, devemos contentarmo-nos com as definições dos nomes das substâncias de acordo com o sentido que os homens os empregam. E seria bom, caso fosse oportuno, se eles estivessem em condições para tanto. Isso, porém, geralmente não é feito; ainda assim os homens conversam entre si, e debatem sobre palavras com cujo significado não concordam devido ao equívoco de julgarem que a significação de palavras comuns está determinada incontestavelmente e as ideias precisas que elas representam são perfeitamente conhecidas; e é uma vergonha ser-lhes ignorante. Ambas essas suposições são falsas: os nomes de ideias complexas não possuem significações determinadas estabelecidas, de modo que sejam constantemente utilizadas para as mesmas e precisas ideias. Tampouco é reprovável um homem não ter um conhecimento específico de alguma coisa a não ser pelos meios necessários de se apreendê-lo. Assim, não é um descrédito desconhecer que ideia precisa um som representa na mente de outro homem, sem que este me informe de alguma outra forma que não apenas usando esse som, pois que sem essa declaração, certamente não há outro meio saber isso. De fato, a necessidade de comunicação por meio da linguagem aproxima os homens a um consenso na significação de palavras comuns, dentro de uma extensão tolerável, que pode servir para a conversação cotidiana. Dessa forma, não é possível supor um homem completamente ignorante às ideias que foram anexadas às palavras de uso comum, numa linguagem familiar a ele. Entretanto, o uso comum é uma regra muito incerta, que se reduz, por fim, às ideias de homens particulares e isso é prova de uma padrão muito variável. Porém, se um dicionário como o que eu mencionei acima exigirá muito tempo, custos e esforço para ser esperado nesta era, por outro lado, ainda acho ser razoável propor que as palavras que representam coisas que são conhecidas e distintas por seus formatos externos

deveriam ser expressas por pequenos esboços e impressões feitas delas. Um vocabulário elaborado segundo esse modelo ensinaria talvez com mais facilidade e em menos tempo a verdadeira significação de vários termos, especialmente em línguas de países remotos ou eras remotas; e estabeleceriam ideias mais verdadeiras sobre várias coisas na mente humana cujos nomes lemos em autores antigos do que em todos os grandes e laboriosos comentários de críticos eruditos. Os naturalistas, que tratam de plantas e de animais, encontraram o benefício desse método; e quem tiver a oportunidade de consultá-los terá condições de reconhecer que tem uma ideia muito mais clara de *apium* ou de *ibex* a partir de uma pequena impressão daquela erva ou animal do que o teria a partir de uma longa definição de ambos os nomes. Assim, não teria dúvidas sobre *strigil* e *sistrum* se, ao invés de *currycomb* [raspadeira]²⁰⁵ e *cymbal* [címbalo] (nomes em inglês vertidos pelos dicionários), pudesse ver estampadas nas margens pequenas imagens desses instrumentos tal como eram empregados entre os antigos. *Toga*, *tunica* e *pallium* são palavras facilmente traduzidas por “toga” [gown], “túnica” [coat] e “capa” [cloak], mas nós não temos, com isso, ideias mais verdadeiras sobre a moda dessas vestimentas entre os romanos do que temos dos rostos dos costureiros que as produziram. Coisas como essas, que os olhos distinguem pelo formato, seria melhor introduzidos nas mente com desenhos feitos delas; e a significação dessas palavras mais bem determinada do que outras palavras atribuídas a elas ou empregadas para defini-las. Mas isso é apenas um parênteses.

III.xi.25 *Not easy to be made so.* It were therefore to be wished, That men versed in physical inquiries, and acquainted with the several sorts of natural bodies, would set down those simple ideas wherein they observe the individuals of each sort constantly to agree. This would remedy a great deal of that confusion which comes from several persons applying the same name to a collection of a smaller or greater number of sensible qualities, proportionably as they have been more or less acquainted with, or accurate in examining, the qualities of any sort of things which come under one denomination. But a dictionary of this sort, containing, as it were, a natural history, requires too many hands as well as too much time, cost, pains, and sagacity ever to be hoped for; and till that be done, we must content ourselves with such definitions of the names of substances as explain the sense men use them in. And it would be well,

²⁰⁵ A raspadeira serve para limpar o couro do cavalo de areia, barro, terra e remover pelos mortos. Disponível em: (<https://aprendizequestre.wordpress.com/2012/07/17/para-que-serve-a-raspadeira/> último acesso: 05/01/2017).

where there is occasion, if they would afford us so much. This yet is not usually done; but men talk to one another, and dispute in words, whose meaning is not agreed between them, out of a mistake that the significations of common words are certainly established, and the precise ideas they stand for perfectly known; and that it is a shame to be ignorant of them. Both which suppositions are false; no names of complex ideas having so settled determined significations, that they are constantly used for the same precise ideas. Nor is it a shame for a man not to have a certain knowledge of anything, but by the necessary ways of attaining it; and so it is no discredit not to know what precise idea any sound stands for in another man's mind, without he declare it to me by some other way than barely using that sound, there being no other way, without such a declaration, certainly to know it. Indeed the necessity of communication by language brings men to an agreement in the signification of common words, within some tolerable latitude, that may serve for ordinary conversation: and so a man cannot be supposed wholly ignorant of the ideas which are annexed to words by common use, in a language familiar to him. But common use being but a very uncertain rule, which reduces itself at last to the ideas of particular men, proves often but a very variable standard. But though such a Dictionary as I have above mentioned will require too much time, cost, and pains to be hoped for in this age; yet methinks it is not unreasonable to propose, that words standing for things which are known and distinguished by their outward shapes should be expressed by little draughts and prints made of them. A vocabulary made after this fashion would perhaps with more ease, and in less time, teach the true signification of many terms, especially in languages of remote countries or ages, and settle truer ideas in men's minds of several things, whereof we read the names in ancient authors, than all the large and laborious comments of learned critics. Naturalists, that treat of plants and animals, have found the benefit of this way: and he that has had occasion to consult them will have reason to confess that he has a clearer idea of apium or ibex, from a little print of that herb or beast, than he could have from a long definition of the names of either of them. And so no doubt he would have of strigil and sistrum, if, instead of currycomb and cymbal, (which are the English names dictionaries render them by,) he could see stamped in the margin small pictures of these instruments, as they were in use amongst the ancients. Toga, tunica, pallium, are words easily translated by gown, coat, and cloak; but we have thereby no more true ideas of the fashion of those habits amongst the Romans, than we have of the faces of the tailors who made them. Such things as these, which the eye distinguishes by their shapes, would be best let into the mind by draughts made of them, and more determine the signification of such words, than any other words set for them, or made use of to define them. But this is only by the bye.

III.xi.26 *V. Quinto remédio: utilizar a mesma palavra constantemente no mesmo sentido.*

Quinto, se os homens quiserem se livrar do esforço de explicar o significado de suas palavras, e se não for possível uma definição de seus termos, o mínimo que se pode esperar é que em todos os discursos em que alguém alega instruir ou convencer um outro, a mesma palavra deve ser constantemente utilizada com o mesmo sentido. Se

isso de fato acontecesse (e ninguém pode recusar sem parecer desonesto), a maioria dos livros existentes poderiam ser poupados, muitas das contendas em debates cessariam, vários desses volumes, imersos em palavras ambíguas, num momento empregadas num sentido, e no decorrer, em outro, reduziriam à espessura de uma bússola deveras delgada; e muitas outras obras de filósofos (para não mencionar um em específico) e de poetas caberiam numa noz.

III.xi.26 *V. Fifth remedy: To use the same word constantly in the same sense.* Fifthly, If men will not be at the pains to declare the meaning of their words, and definitions of their terms are not to be had, yet this is the least that can be expected, that, in all discourses wherein one man pretends to instruct or convince another, he should use the same word constantly in the same sense. If this were done, (which nobody can refuse without great disingenuity,) many of the books extant might be spared; many of the controversies in dispute would be at an end; several of those great volumes, swollen with ambiguous words, now used in one sense, and by and by in another, would shrink into a very narrow compass; and many of the philosophers, (to mention no other) as well as poets works, might be contained in a nutshell.

III.xi.27 *Se não forem utilizadas dessa forma, deve-se explicar a variação.* No final das contas, a provisão de palavras é tão ínfima se comparada à infinita variedade de pensamentos que os homens, na falta de termos que se adéquam às suas noções precisas, serão, com frequência, forçados, apesar de toda cautela, a utilizar a mesma palavra em sentidos um tanto diferentes. E apesar quase não haver espaço para digressões sobre uma definição em particular quando da progressão de um discurso, ou de um argumento, por mais que a significação de um termo varie, o teor do discurso, quase em sua totalidade, se nenhuma falácia se desenhar ali, conduzirá confortavelmente leitores sinceros e inteligentes ao seu verdadeiro significado. Porém, quando não for o suficiente para guiar o leitor, cabe ao escritor explicar seu significado e deixar claro em qual sentido ele emprega o termo.

III.xi.27 *When not so used, the variation is to be explained.* But after all, the provision of words is so scanty in respect to that infinite variety of thoughts, that men, wanting terms to suit their precise notions, will, notwithstanding their utmost caution, be forced often to use the same word in somewhat different senses. And though in the continuation of a discourse, or the pursuit of an argument, there can be hardly room to digress into a

particular definition, as often as a man varies the signification of any term; yet the import of the discourse will, for the most part, if there be no designed fallacy, sufficiently lead candid and intelligent readers into the true meaning of it; but where there is not sufficient to guide the reader, there it concerns the writer to explain his meaning, and show in what sense he there uses that term.